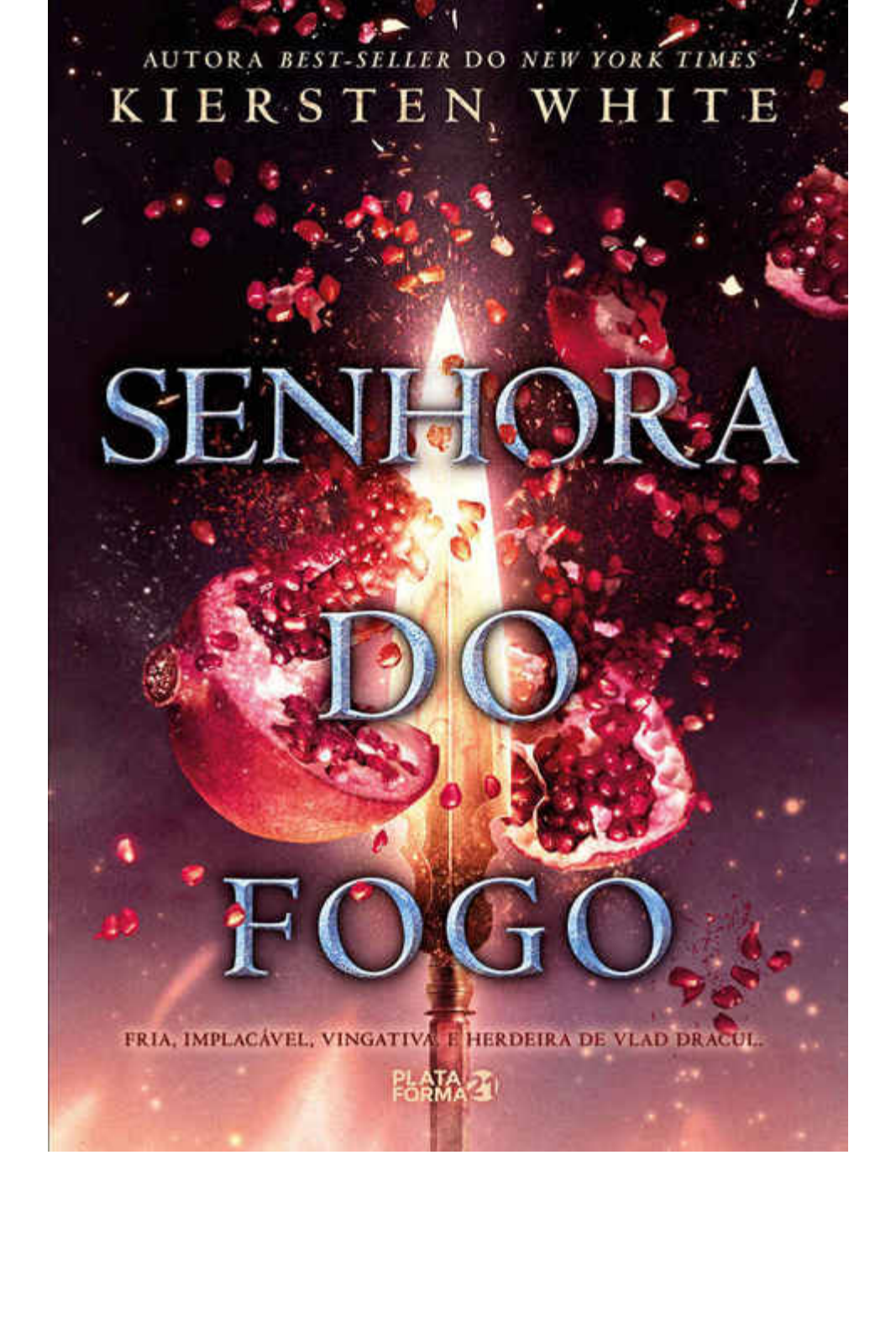


AUTORA BEST-SELLER DO NEW YORK TIMES
KIERSTEN WHITE



SENHORA DO FOGO

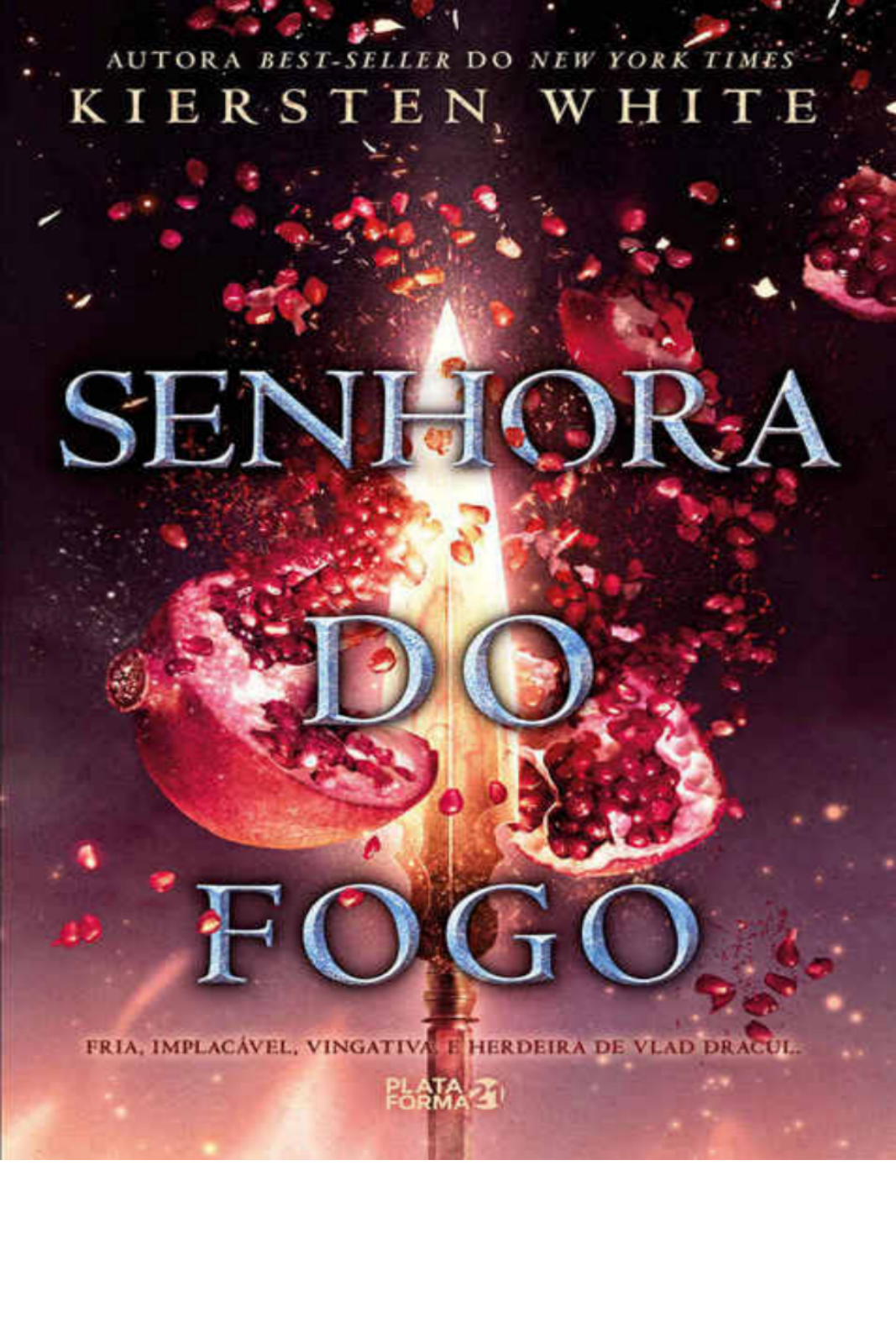
FRIA, IMPLACÁVEL, VINGATIVA E HERDEIRA DE VLAD DRÁCUL.

PLATA
FORMA 3

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

AUTORA BEST-SELLER DO NEW YORK TIMES
KIERSTEN WHITE



SENHORA DO FOGO

FRIA, IMPLACÁVEL, VINGATIVA. E HERDEIRA DE VLAD DRACUL.

PLATA
FORMA 21

Table of Contents

Rosto

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Capítulo 28

Capítulo 29

Capítulo 30

Capítulo 31

Capítulo 32

Capítulo 33

Capítulo 34

Capítulo 35

Capítulo 36

Capítulo 37

Capítulo 38

Capítulo 39

Capítulo 40

Capítulo 41

Capítulo 42

Capítulo 43

Capítulo 44

Capítulo 45

Capítulo 46

Capítulo 47

Capítulo 48

Capítulo 49

Capítulo 50

Senhora do fogo



K I E R S T E N W H I T E

Tradução
Alexandre Boide

**PLATA
FORMA** 

Star Books Digital



<https://t.me/SBDLivros>

<https://t.me/StarBooksDigital>

TÍTULO ORIGINAL *Bright We Burn*

© 2018 by Kiersten Brazier. Direitos de tradução geridos por Taryn Fagerness Agency e Sandra Bruna Agencia Literaria, SL.

Todos os direitos reservados.

© 2018 Vergara & Riba Editoras S.A.

Plataforma21 é o selo jovem da V&R Editoras

EDIÇÃO Fabrício Valério e Flavia Lago

EDITORA-ASSISTENTE Thaíse Costa Macêdo

COLABORAÇÃO Natália Chagas Máximo

PREPARAÇÃO Boris Fatigati

REVISÃO Flávia Yacubian e Marta Almeida de Sá

DIREÇÃO DE ARTE Ana Solt

DIAGRAMAÇÃO Ana Solt

ARTE DE CAPA Sam Weber

DESIGN DE CAPA Alison Impey

MAPA Isaac Stewart

SBD

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

White, Kiersten

Senhora do fogo [livro eletrônico] / Kiersten White ; tradução Alexandre Boide. – São Paulo : Plataforma21, 2018. –
(And I darken ; 3) 2 Mb ; ePub

Título original: *Bright We Burn*

ISBN 978-85-92783-90-7

1. Ficção norte-americana I. Título. II. Série.

1858061 CDD-813

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813

Maria Paula C. Riyuzo - Bibliotecária - CRB-8/7639

Todos os direitos desta edição reservados à
vergara & riba editoras s.a.

Rua Cel. Lisboa, 989 | Vila Mariana

CEP 04020-041 | São Paulo | SP

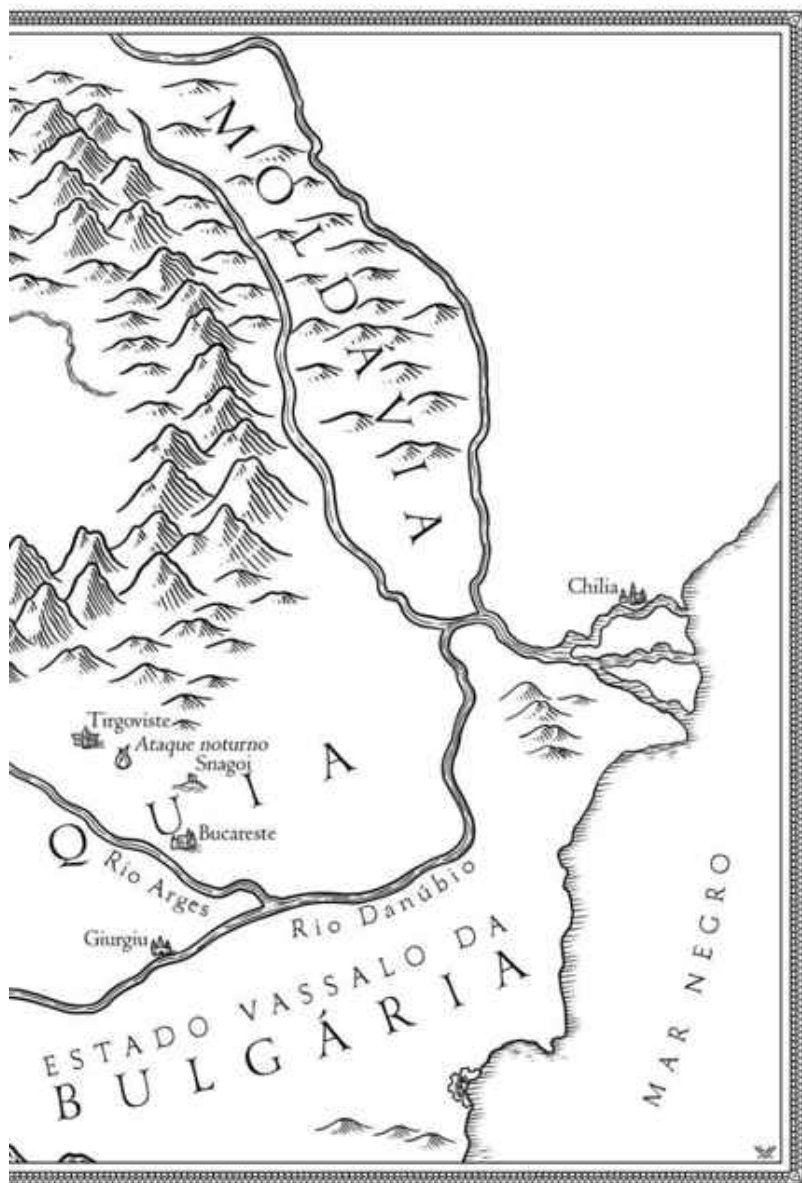
Tel. | Fax: (+ 55 11) 4612-2866

plataforma21.com.br | plataforma21@vreditoras.com.br

Para Wendy Loggia, um raio de sol na forma de
ser humano, que viu estes livros em seu formato
prematureo desde o início e me ajudou em cada
passo no caminho







SUMÁRIO



CAPÍTULOS 1 A 50	I1
EPÍLOGO	377
DRAMATIS PERSONAE	384
GLOSSÁRIO	387
NOTA DA AUTORA	389
AGRADECIMENTOS	390



1454, Valáquia

LADA DRACUL TINHA aberto caminho arrancando sangue e fraturando ossos para chegar ao castelo.

Isso não significava que ela quisesse passar algum tempo por lá. Era um alívio sair da capital. Ela entendia a necessidade de uma sede para instalar seu poder, mas detestava o fato de que fosse Tirgoviste. Era impossível dormir naqueles cômodos de pedra, vazios apesar da presença fantasmal de todos os príncipes que vieram antes dela.

Como ainda faltava muito para chegar até onde estava Nicolae, Lada pretendia acampar naquela noite. A solidão vinha se tornando cada vez mais preciosa – e mais um dos recursos dolorosamente escassos. Porém, um vilarejo um pouco afastado da estrada congelada pela qual viajava atraiu sua atenção. Durante um dos últimos verões antes de ela e Radu serem trocados e entregues aos otomanos, eles viajaram por esse mesmo caminho com seu pai. Foi uma das melhores épocas de sua vida. Apesar de ser inverno no momento, a nostalgia e a melancolia a fizeram diminuir o passo até decidir ficar.

Do lado de fora do vilarejo, ela passou alguns minutos congelantes trocando suas roupas por outras mais comuns que a sua usual seleção de calça e túnica pretas. Era um traje famoso o suficiente para possibilitar que alguém a reconhecesse. Lada pôs uma saia e uma camisa – mas com sua cota de malha por baixo. Isso, sempre. Para olhos destreinados, não havia nada que a destacasse como príncipe.

Ela encontrou abrigo num chalé de pedra. Como não havia terras férteis suficientes ali para os boiardos quererem tomar posse, os camponeses locais podiam ser donos de pequenas porções de terreno. Nada que pudesse fazê-los prosperar, só o bastante para garantir a sobrevivência. Uma mulher mais velha sentou-a junto ao fogo e lhe serviu pão e ensopado, assim que as moedas trocaram de mãos. A hospedeira tinha uma filha, uma criança pequena usando roupas grandes demais, cheias de remendos.

As duas também tinham uma gata, que, apesar da indiferença de

Lada, insistia em se esfregar em sua perna e ronronar. A garotinha também se aproximou.

– O nome dela é Príncipe – a menina contou, acariciando as orelhas do animal.

Lada ergueu uma sobancelha.

– Que nome diferente para uma gata fêmea.

A menina sorriu, mostrando os dentes faltantes.

– Mas as meninas também podem ser príncipes.

– Ah, sim. – Lada precisou segurar o sorriso. – Então, o que você acha da nossa nova príncipe?

– Eu nunca vi pessoalmente. Mas queria. Acho que ela deve ser a menina mais bonita do mundo.

Lada soltou uma risadinha, assim como a mãe da criança. A mulher se acomodou numa cadeira diante dela.

– Eu ouvi dizer que a aparência dela não é das mais interessantes. O que é uma bênção. Assim ela pode se livrar do casamento.

– Ah, é? – Lada remexeu o ensopado. – Você acha melhor se ela não se casar?

A mulher se inclinou para a frente e a encarou.

– Você apareceu aqui sozinha. Uma mulher? Viajando sozinha? Um ano atrás, isso seria impossível. Na última colheita, conseguimos levar nossos produtos para Tirgoviste sem ser extorquidas por ladrões a cada quilômetro de estrada. Faturamos o dobro do habitual. E minha irmã não precisa mais dizer aos filhos que se finjam de burros para não ser recrutados pelas malditas tropas de janízaros do sultão.

Lada assentiu, hesitante.

– Mas a príncipe matou todos aqueles boiardos. E ouvi dizer que é uma degenerada.

A mulher bufou, gesticulando com a mão.

– E o que os boiardos já fizeram de bom para nós? Ela teve suas razões... – Ela se inclinou para a frente tão depressa e com tamanha animação que derramou metade do ensopado, sem ao menos perceber.

– Ouvi dizer que ela está distribuindo terras para todos. Dá para imaginar? Não precisa ser de família de nome, nem de linhagem de boiardos. Ela dá a concessão para quem merece. Então, estou torcendo para que nunca se case. E para que viva cem anos, cuspiendo fogo e bebendo o sangue dos nossos inimigos.

A garotinha pegou a gata e a colocou no colo.

– Quer ouvir a história do cálice de ouro? – ela perguntou, com os olhos brilhando.

Lada sorriu.

– Me conta.

Assim, Lada conheceu novas histórias sobre si mesma, contadas por seu povo. Eram exageradas e forçadas, mas baseadas em coisas que de fato fizera. Pelo avanço de *seu* país e de *seu* povo.

Lada dormiu muito bem nessa noite.

– Você sabia que – Lada falou, examinando o pergaminho nas mãos –, para encerrar uma disputa entre duas mulheres por um bebê, eu cortei a criança ao meio e entreguei metade para cada?

– Foi bem pragmático da sua parte. – Nicolae tinha saído da estrada principal para se encontrar com ela.

Estavam ambos lado a lado, com seus cavalos se esgueirando por entre as árvores cobertas de gelo. Ainda que aquele inverno fosse preferível ao anterior, estranhamente, ela sentia falta da camaradagem que vivenciara nos acampamentos como fugitiva junto com seus homens. No momento, eles estavam espalhados. Todos ocupados com trabalhos importantes para a Valáquia. Caso tivesse a chance de reuni-los, ela faria isso. Estava inclusive ansiosa pelo reencontro com Nicolae.

Ele os guiou até a propriedade que antes pertencia a seu conselheiro, Toma Basarab. Antes do reinado de Lada, Toma estava vivo e saudável, e aquelas estradas eram praticamente intransitáveis sem a proteção de um contingente de guardas armados. Agora, Toma estava morto, e as estradas eram seguras. As duas coisas – a morte de boiardos e a segurança das pessoas – eram marcas do governo de Lada até então.

O ar frio machucava suas narinas de uma forma que ela considerava revigorante e prazerosa. O sol brilhava forte, mas não era suficiente para penetrar o manto de gelo sob o qual a Valáquia dormia. Talvez isso também contribuisse para a segurança das estradas. Ninguém iria querer sair naquele tempo.

Lada preferia o ar livre ao castelo com uma determinação afiada como os pingentes de gelo pelos quais passava.

Ela apontou para o pergaminho com a história sobre seus métodos incomuns de resolver disputas familiares.

– A parte mais ofensiva – ela continuou – é que a narrativa não é nada original. Os transilvânios tiraram essa da Bíblia. O mínimo que poderiam fazer era inventar histórias *novas* sobre mim, em vez de roubar as do rei Salomão.

Lada deveria mandar reproduzir as histórias que sua anfitriã e a filha contaram na noite anterior. Espalhar *aqueles* boatos em vez desses.

Nicolae apontou para a pilha de relatórios que havia entregado.

– Viu a nova xilogravura? Um artista muito talentoso. Está na próxima página.

Ela tentava ver tudo da melhor maneira possível enquanto cavalgava, jogando as páginas no chão à medida que terminava. Não havia visto nada além de calúnias. Nada importante. Nada verdadeiro. Suas luvas grossas não eram apropriadas para manipular as folhas finas, mas ela conseguiu remexer as páginas até encontrar a ilustração.

– Estou comendo carne humana no meio de uma floresta de corpos empalados.

– Isso mesmo! Os costumes alimentares em Tirgoviste mudaram mesmo desde que você me mandou para cá.

Lada ajustou seu chapéu de cetim vermelho, com uma joia em formato estrelado no meio representando a estrela cadente que acompanhou sua ascensão ao trono.

– Ele errou na hora de fazer meu cabelo.

Nicolae estendeu a mão e segurou um de seus longos cachos.

– É difícil capturar uma coisa tão majestosa com ferramentas dessa simplicidade.

– Que falta você me fez, Nicolae. – Seu tom de voz saiu ácido, mas o sentimento era sincero.

Ela precisava dele onde ele estava, mas gostaria de tê-lo ao seu lado.

Ele gesticulou com a mão para a estrela no centro de seu chapéu, com um sorriso.

– Claro que sim. Ouso dizer que sou uma das partes mais radiantes... não. A mais radiante mesmo da sua vida. Como você conseguiu passar esses seis meses longos e apagados sem mim?

– Em paz, já que você perguntou. Em um silêncio abençoado.

– Bom, o forte do Bogdan nunca foi a conversa. – O sorriso de Nicolae se contorceu, deformando sua cicatriz comprida. – Mas você não o mantém por perto para isso.

Lada cerrou os dentes.

– Eu posso *matar* você. Rapidinho. Ou bem, bem devagar.

– Desde que os saxões façam uma gravura sobre a minha morte, eu aceito de bom grado. – Ele coçou o queixo. – Por favor, peça a eles que façam minha cara direito. Um rosto como este não pode ser mal representado.

Mas Nicolae não estava errado sobre Bogdan. Seu companheiro de infância e seu mais ferrenho soldado e apoiador não era muito de falar. Porém, ultimamente, até isso vinha sendo um incômodo. Passar um tempo longe dele fora uma de suas motivações para fazer aquela viagem sozinha. Ela o encontraria no Arges, mas, deliberadamente,

havia lhe dado uma tarefa para afastá-lo de lá antes disso.

Bogdan era como dormir. Necessário. Às vezes, agradável. Ela precisava dele. E, quando não estava disponível, sentia sua falta. Mas, principalmente, gostava do fato de poder contar com ele quando quisesse.

Mehmed jamais toleraria um tratamento assim. Ela fechou a cara, afastando esse pensamento. Mehmed não merecia um lugar em sua cabeça. Era um usurpador por lá, assim como em toda parte.

Eles passaram por um lago congelado, com padrões de gelo contando uma história que Lada não era capaz de ler. Mais adiante, as árvores davam lugar a um terreno cultivável coberto de neve.

– Por que Stefan não ficou depois de entregar as cartas? Ele não sabia que eu chegaria em breve?

– Ele queria voltar para Daciana e as crianças. Provavelmente, ficou com medo de, se visse você antes disso, ser mandado para longe e não ter chance de passar por Tirgoviste.

Lada soltou um grunhido. Era verdade. Ela o queria na Bulgária, ou talvez na Sérvia. Ambos eram Estados vassalos do Império Otomano, e, provavelmente, áreas propícias a partir das quais promover ataques. Não que ela *esperasse* um ataque. Mas estava preparada e, para isso, precisava de Stefan. Ele passara os últimos meses como batedor na Transilvânia e na Hungria, para captar a atmosfera política nesses países, e saber se havia alguma ameaça ao reinado de Lada. Ela queria uma conversa cara a cara. Daciana não deveria ser uma prioridade acima disso. Nada deveria.

Daciana cuidava do dia a dia do castelo, de todos os detalhes mundanos para os quais Lada não dava a mínima. E era grata por isso. Tinha sido muita sorte encontrá-la durante a campanha do ano anterior. Não havia nada no castelo que exigisse a atenção de Stefan. Daciana estava bem, e ocupada. Ele sabia que o melhor a fazer era não perder tempo.

Lada examinou com impaciência os relatórios bem organizados. Stefan havia anotado suas observações e complementado com xilogravuras. Na Hungria, o rei era Matyas. Ele não usava o nome Hunyadi, como o pai, preferia ser chamado de Matyas Corvino. Lada não ficou surpresa. O relacionamento de Matyas com o pai militar era precário. Claro que ele não honraria o homem que lhe abrira o caminho até o trono. E, no fim, Lada ajudara. Traíra o legado de Hunyadi e matara em benefício de Matyas.

E, depois, precisara fazer tudo por sua própria conta da mesma forma, porque nunca recebeu a ajuda prometida. Havia sempre uma dificuldade, uma armadilha invisível que a puxava para trás quando se

aproximava de seus objetivos.

Pelo menos, o reinado de Matyas não estava sendo um mar de rosas. De acordo com o relato de Stefan, ele gastava todo o tempo e dinheiro disponíveis bajulando nobres e tentando comprar sua coroa de volta da Polônia. O rei polonês a havia tomado por questões de *segurança* anos antes, quando o antigo monarca foi morto no campo de batalha. Era um símbolo importante, e Matyas estava ansioso para obter a legitimidade que o objeto lhe daria, considerando sua reivindicação questionável do trono.

Lada ignorou essa informação. Matyas era um tolo se achava que um pedaço de metal lhe daria o que queria, e não estava muito interessada nas maquinações dele, desde que fossem voltadas a outros países. Pelo menos isso servia para mantê-lo distraído. Pelo que Stefan pôde apurar, ele não vinha tramando nada contra Lada, embora ela tivesse se recusado a reconhecer sua autoridade.

As xilografuras mostravam que os transilvânios continuavam a se opor ao seu governo, mas, apesar da extravagância artística, não tinham uma forma de oposição organizada. Não parecia haver nenhuma tentativa de desestabilizar suas forças militares. Stefan mencionou o lado negativo de perdê-los como aliados – durante muito tempo, a Transilvânia serviu como zona de separação entre a Valáquia e a Hungria –, mas não havia nada a fazer. Afinal, Lada passara boa parte do ano queimando as cidades deles. Mas, se não quisessem que isso acontecesse, poderiam ter se tornado seus aliados antes.

Levando tudo em consideração, eram as melhores notícias possíveis naquelas circunstâncias. Mas havia perguntas a fazer a Stefan. E, agora, uma preocupação. Daciana era sua. Stefan era seu. Ela não gostava da ideia de que um colocasse o outro em primeiro lugar.

– E quanto a você? – Ela enfiou os papéis na bolsa.

– Durmo bem à noite, e meu apetite continua o mesmo. Às vezes, sinto uma pontada de melancolia, mas combato isso com caminhadas longas e barris de vinho. – Ele sorriu ao notar a irritação no rosto de Lada. – Ah, não era uma pergunta pessoal? Eu nasci para ser lorde. Essa autoridade toda combina bem comigo. Minhas plantações prosperaram, os campos estão prontos para o degelo e o povo da minha terra está contente. As receitas devem ser robustas este ano. Uma boa notícia para o tesouro real, que está...

– Vazio ainda. E os homens?

Além do terreno destinado ao cultivo, eles haviam separado uma parte da propriedade de Toma Basarab para treinar os soldados de Lada. Não era possível depender apenas dos boiardos e de suas forças

particulares. Era um sistema desorganizado e ineficaz. E que levou à morte príncipe após príncipe ao longo dos tempos.

Mas Lada era príncipe como nenhum outro antes.

Nicolae ajustou o chapéu. No frio, seu nariz ficava vermelho, e sua cicatriz, quase roxa.

– Você estava certa em nos mandar para cá. É mais fácil controlar e disciplinar os homens sem as tentações da cidade. E tudo o que aprendi com os janízaros está sendo colocado em prática. Será o melhor grupo de combatentes que a Valáquia já teve.

Não que fosse uma surpresa, mas Lada ficou satisfeita. Ela sabia que seus métodos eram superiores aos que sempre tinham sido usados. O poder não era dividido entre boiardos egoístas e intrometidos. Ela recompensava o mérito e punia a deslealdade e o crime. Ambas as coisas em público e com grande eficiência. E, pelo que ouviu na noite anterior, sabia que as informações estavam circulando. Seu povo estava motivado.

Eles passaram por dois corpos congelados, pendurados numa árvore. Um tinha uma placa com a palavra DESERTOR. O outro, uma placa com a palavra LADRÃO. Nicolae fez uma careta e olhou para o outro lado. Lada estendeu a mão e endireitou uma das placas.

Ela estava concentrada em tornar as estradas seguras e em preparar o plantio da primavera, além de podar a influência dos boiardos. O trabalho de Nicolae, porém, era igualmente importante para o futuro da Valáquia, e ela investiria nisso tudo o que fosse preciso. Era apenas um tipo diferente de semente para fazer germinar.

Nicolae se espreguiçou, estendendo os braços compridos e bocejando.

– Como estão as coisas na capital? Algum problema com os boiardos? Ouvi dizer que Lucian Basarab anda furioso. – O tom casual de Nicolae era cuidadosamente planejado e executado, como as xilogravuras transilvânicas.

Lada sabia que ele não concordava com suas escolhas no banquete de sangue, nem as perdoava.

Apesar de ela ter matado sobretudo os boiardos dos Danesti, a família responsável em grande parte pelo assassinato de seu pai e de seu irmão mais velho, Toma Basarab também havia sido eliminado. Isso não foi bem digerido pela família Basarab, o que valia também para o irmão dele, o rico e influente Lucian. Mas Lada não se arrependia. Quanto menos boiardos sobrassem para traí-la, tanto melhor. Eles haviam sobrevivido a muitos príncipes. Isso os tornava preguiçosos e confortáveis a respeito de sua condição, convencidos demais da própria importância. Os boiardos agora conviviam com um

temor constante pela própria vida, e, para Lada, isso não era problema. Eles precisavam saber, como todos os outros cidadãos, em que condição estavam: ou serviam à Valáquia, ou morriam.

Mas Nicolae sempre foi a favor de uma abordagem mais delicada. Mais misericordiosa. Em parte, foi por isso que Lada o mandara para lá, embora fosse um de seus melhores homens. Não havia espaço para aqueles conselhos sobre moderação e acomodações. Nada disso era de seu interesse. Se os boiardos tivessem alguma utilidade, podiam ficar onde estavam. Porém, isso era raríssimo.

A misericórdia era um luxo ao qual o reinado de Lada não tinha estabilidade suficiente para se dar. Por ora, ela sabia que o que estava fazendo era necessário e eficaz.

Lada respirou o ar gelado, sentindo o cheiro de madeira queimada, que remetia a aquecimento e comida. Eles cavalgavam pelos campos através da Valáquia que ela libertara dos fracassos do passado.

– Já dei uma resposta às preocupações de Lucian Basarab. Está tudo resolvido. Eu sou muito boa como príncipe.

Nicolae riu.

– Quando não está muito ocupada cortando bebês ao meio.

– Ah, isso quase não me toma tempo. Afinal, eles são umas coisinhas de nada.



Alguns dias depois, satisfeita por Nicolae ter suas tropas sob controle, Lada passeou pelos locais por onde já viajara duas vezes. A primeira, quando menina, com o pai, em sua descoberta do país. E, depois, com seus homens, na investida para retomar sua terra.

Desta vez, estava sozinha. Ela parou numa curva do rio, onde uma caverna escondida camuflava uma passagem secreta para as ruínas da fortaleza da montanha.

Entretanto não havia mais ruínas. O que ela encontraria por lá não era a solidão. Lada escutava os cinzeiros, os gritos dos homens, o clangor das correntes de metal. Enfim, uma promessa estava sendo cumprida: ela havia voltado para reconstruir sua fortaleza.

Lada cavalgava lentamente pela trilha estreita que levava à encosta inclinada da montanha. Naquela manhã, havia vestido sua farda completa, inclusive com o chapéu de cetim vermelho que a marcava como príncipe. Quando passava, seus soldados faziam mesuras. E os trabalhadores e as trabalhadoras se assustavam, correndo para sair do caminho.

Perto do topo, quando as novas muralhas surgiram cinzentas e gloriosas lá no alto, Bogdan apareceu para saudá-la. Ela o deixou ajudá-la a descer da montaria, com as mãos em sua cintura.

– Como é que está tudo? – Lada devorava as muralhas com os olhos.

Seu pingente de prata preenchido por uma flor e um ramo de árvore, um presente de Radu que ela guardou por todos aqueles anos, parecia pesar em seu pescoço, como se sentisse o mesmo alívio por ter voltado para casa.

– Quase terminado.

Um homem acorrentado passou, empurrando um carrinho de mão cheio de pedras. Suas roupas estavam sujas e esfarrapadas, e não lembrava em nada a antiga fineza do traje. Atrás dele, sua esposa e os dois filhos empurravam mais carrinhos. As crianças estavam com uma expressão morta, seguindo em frente como que hipnotizadas. Lucian Basarab ergueu a cabeça, mas não pareceu vê-la. Ele caiu à beira do caminho.

Um dos soldados correu até lá, com um porrete na mão. Lada não sabia se Lucian Basarab havia caído morto ou vivo. Não fazia diferença. Havia coisas mais importantes em questão. Assim como o restante de sua Valáquia, a fortaleza estava sendo refeita em ritmo acelerado, graças ao esforço nada voluntário de seus opositores.

Enfim ela encontrara alguma utilidade para os boiardos.

– Mostre-me a minha fortaleza – Lada pediu, passando por seus inimigos rumo a seu triunfo.

*Constantinopla*

ALGUM DIA, RADU não sentiria falta de uma época quando certas coisas estavam um horror, mas ele nem imaginava o quanto iriam piorar.

Naquele dia, porém, ele era atormentado pelas lembranças de cavalgar por aquela mesma estrada com Nazira e Cipriano ao seu lado. Estava nervosíssimo e assustadíssimo, mas determinado a fazer valer sua presença por lá. A se provar para Mehmed.

Ele sentia pena do homem que saíra naquela cavalgada. E, ao mesmo tempo, sentia saudade dele. Cavalgando em direção à cidade, só conseguia sentir a ausência de Nazira e Cipriano. A ausência da convicção de estar fazendo a coisa certa. A ausência de sua fé em Mehmed. A ausência de sua fé em si mesmo.

Era um caminho dos mais solitários.

Ele não pretendia voltar a Constantinopla. De seu ponto de vista, aquela cidade era um lugar assombrado, e sempre seria. Depois que Mehmed tomou-a, Radu voltou a Edirne na primeira oportunidade. Tanto para escapar como para estar junto de Fatima. A culpa que ele sentia não era nada em comparação ao que devia a ela por ter perdido sua esposa. Para aliviar o sofrimento de Fatima, ele suportava a angústia de estar ao seu lado. Não havia nada mais que pudesse fazer por Nazira.

Apesar de todas as suas cartas – além dos esforços de Kumal e do próprio Mehmed –, não havia notícias. Nazira, Cipriano e o menino Valentim estavam desaparecidos. Radu viu quando se afastaram da cidade em chamas, engolidos pela fumaça e pela distância. Ele os mandara embora para que sobrevivessem, mas temia ter encontrado apenas outra forma para que morressem. Todos os dias, ele rezava para que eles não estivessem entre as milhares de pessoas mandadas para covas sem identificação. Ele não podia suportar a ideia de que aqueles de quem sentia tanta saudade não existiam mais.

Por isso, continuou mandando cartas e manteve-se à espera em sua

casa em Edirne, onde poderia ser facilmente encontrado.

Mas então chegou a carta de Mehmed. Uma carta do sultão nunca era um pedido, era uma ordem. Embora tenha considerado rejeitar o convite para ir a Constantinopla, acabou fazendo o mesmo de sempre: voltou para Mehmed.

Fatima tinha fé suficiente pelos dois de que tudo ficaria bem. Ela esperava na janela da casa em Edirne todos os dias. Radu imaginou-a lá naquele momento, no mesmo lugar onde a deixara. A mulher por acaso aguardaria em vão pelo resto da vida?

Uma carroça no caminho o arrancou de seus pensamentos sombrios. A estrada para Constantinopla estava vazia da última vez, com o espectro da guerra pairando sobre os campos. Agora, o tráfego fluía da cidade como o sangue correndo por uma artéria. Carregando a vida para dentro e para fora com uma pulsação constante. A cidade não era mais um organismo moribundo.

Os portões estavam abertos, como braços se estendendo para dar boas-vindas ou para arrastá-lo para dentro. Radu suprimiu o pânico que surgiu dentro dele ao vê-los assim. Ele passara tanto tempo defendendo-os e, ao mesmo tempo, torcendo para que caíssem, que seu corpo não sabia como reagir ao vê-los funcionando como os portões de uma cidade qualquer.

Muito havia sido feito para consertar as muralhas onde Radu lutara. Pedras novas e reluzentes reergueram as partes que desmoronaram durante o longo cerco. Era como se os eventos da primavera anterior jamais tivessem acontecido. A cidade estava reconstruída, assim como o passado. Refeito. Enterrado.

Radu olhou para o terreno diante das muralhas e se perguntou o que havia sido feito com os cadáveres.

Tantos cadáveres.

– ... Radu Bei!

– Sim? – Radu se desvencilhou de suas memórias funestas, transportado de volta para o dia ensolarado.

Foram necessários alguns momentos de confusão para Radu se dar conta de que o jovem que o abordara era só um menino poucos meses antes. Amal crescera tanto que estava quase irreconhecível.

– Me disseram que você chegaria hoje em algum momento. Fui mandado para escoltá-lo até o palácio.

Radu estendeu a mão para cumprimentar Amal. Seu coração se aliviou ao ver o jovem ali, vivo e saudável. Era um dos três que Radu conseguira salvar dos horrores do cerco.

– Venha – disse Amal, com um sorriso. – Eles estão esperando. Vamos atravessar as muralhas e ir direto para lá.

Radu não sabia se ficava aliviado ou decepcionado. Pensara em passear um pouco pela cidade, mas sabia para onde seu coração o levaria. Uma casa vazia onde ninguém estava à sua espera. Era melhor ir direto ver Mehmed.

– Obrigado – respondeu Radu.

Amal apanhou as rédeas do cavalo de Radu e o conduziu para a área entre os dois muros de defesa da cidade. Radu não queria estar ali. Ele teria preferido ir visitar aqueles fantasmas que, embora melancólicos, ao menos eram tingidos de alguma doçura. Ali, entre os muros, havia apenas fantasmas tingidos de aço e ossos, sangue e traição.

Radu estremeceu, correndo os olhos desde o topo do muro até a ponte à qual eles se direcionavam. O portão que ele destrancara em meio à batalha final, selando o destino de Constantinopla e derrubando a cidade com suas próprias mãos.

– As reformas terminaram só no mês passado. – Amal apontou para as muralhas do outro lado.

Radu olhou para os janízaros mais próximos, se perguntando se aqueles homens haviam feito parte do cerco. Se haviam investido sobre a muralha e conseguido superá-la. O que teriam feito quando entraram na cidade depois de infindáveis dias de espera, motivados pelo ódio e pela frustração?

Incapaz de olhar para as muralhas por mais tempo, ele engoliu um gosto ácido e amargo que lhe subia pela garganta.

– Eu gostaria de fazer o resto do trajeto sozinho. – Radu reassumiu as rédeas da montaria.

– Mas eu me comprometi a...

– Eu conheço o caminho.

Radu ignorou a expressão de pânico de Amal e virou o cavalo. Ele entrou pelo portão principal em meio à multidão de gente e de vida. Pelo menos, era alguma coisa.

Uma vez lá dentro, ele deixou o cavalo vagar um pouco, seguindo o fluxo. Estava desesperado para não se ver sozinho. Havia muito com que se distrair. No passado, aquela parte da cidade estava quase abandonada. Agora, havia janelas abertas, paredes repintadas, plantas crescendo em pequenos vasos. Uma mulher batia a poeira de um tapete, murmurando consiga mesma, enquanto uma criança perseguia um cão com passos trôpegos.

Depois de uma primavera incomumente fria, o inverno estava sendo moderado e agradável. Não parecia mais a mesma cidade desesperada, faminta e desconfiada. Para todo lugar que Radu olhava, havia coisas sendo construídas e reformadas. Não era possível ver

nenhum indício de fogo, nenhuma pista de que uma tragédia havia acometido a cidade, somente a passagem do tempo.

Radu estava tão distraído que perdeu a rua em que deveria entrar e acabou no setor judaico, por onde nunca tinha passado antes. Por lá, também a cidade fervilhava de movimento. Ele parou diante de um prédio em construção.

– O que é isso? – Radu perguntou a um homem que carregava diversas vigas de madeira.

– A nova sinagoga – o sujeito respondeu.

Usava turbante e túnica. Passou as vigas para outro com um quipá na cabeça e brincos de argola nas orelhas.

Radu passeou por aquele setor e, em seguida, viu-se numa área mais familiar. Meninos cercavam uma construção gigantesca que abrigava uma biblioteca deteriorada. Eles se espalhavam pelos degraus, brincando e conversando. Um sino tocou, e os meninos se levantaram num pulo e correram para dentro. Radu se perguntou como seria a vida deles. De onde tinham vindo. O que sabiam sobre o que acontecera para que houvesse uma cidade na qual eles podiam brincar nos degraus da frente de sua escola em segurança. Em paz.

Radu olhou para mais adiante na rua. Caso seguisse por ali, chegaria à Hagia Sophia.

Em vez disso, ele se virou e tomou o caminho do palácio. O passeio tinha sido suficiente para espairecer um pouco. Ele já esperava que fosse ser difícil rever aquelas muralhas. Mas a vitalidade da cidade havia acalmado um pouco seus sentidos. Não era o momento de se arriscar a revisitar a Hagia Sophia.

Amal o esperava perto da entrada do palácio, remexendo as mãos nervosamente. Sem dúvida, Radu complicara sua vida fazendo aquele desvio. Não era culpa de Amal se ele se sentia assim, e Radu estava contente de verdade em ver o menino são e salvo. Ele desceu da montaria e entregou as rédeas para seu antigo ajudante.

– Perdão – pediu Radu. – Esta volta para mim foi... emotiva.

– Eu entendo. – Amal sorriu e, de repente, pareceu ainda mais velho aos olhos de Radu.

Ele havia conseguido proteger os dois jovens herdeiros de Constantino dos horrores da invasão da cidade, mas Amal passou por poucas e boas antes de Radu libertá-lo.

– Eu cuido do seu cavalo. E fui designado como seu servo pessoal enquanto estiver por aqui, se não se importar.

– Nada poderia ser melhor – Radu observou enquanto Amal levava sua montaria, adiando sua entrada no palácio.

Uma pequena movimentação veio em direção a ele. Radu mal teve

tempo de abrir os braços antes de um menino se arremessar neles.

– Radu! Ele falou que você vinha!

Radu se afastou e viu o rosto imaculado de Manuel, um dos dois herdeiros do imperador derrubado Constantino. Radu ficou para trás quando Nazira, Cipriano e Valentim foram embora para salvar os herdeiros de Constantino. Eles eram sua tentativa de redenção por tudo o que fizera no cerco e por todas as pessoas que traiu. Não conseguiu se redimir, mas, ao abraçar Manuel – vivo, saudável e feliz –, Radu sentiu alegria pela primeira vez em meses. Aos risos, Radu o puxou para junto de si e deu um beijo em sua testa.

Em meio a toda a vida que estava de volta à cidade, aquela era a melhor que ele poderia esperar ver.

– Onde está o seu irmão?

Manuel se soltou do abraço e ajustou as roupas. Estava usando túnicas de seda no estilo dos otomanos, bem diferentes dos trajes bizantinos rígidos que costumava usar.

– Murad está lá dentro, esperando. Diz que agora está velho demais para correr.

– Murad? – Radu questionou intrigado. Era o nome do pai de Mehmed.

– Sim. E eu sou Mesih. O sultão me deixou escolher. – Manuel sorriu.

– Vocês mudaram de nome. – Radu franziu a testa.

– A gente achou melhor. É um império novo! Um recomeço. Um renascimento, foi a nossa conclusão.

– Nossa? – Radu questionou.

– Sim, de Murad e minha. E do sultão.

Então, Mehmed falava sério quando disse que os meninos fariam parte de sua corte. Radu ficou feliz de ouvir que a promessa fora mantida. E rebatizar os meninos fazia sentido. Ele mesmo tivera a chance de se ajustar e aceitar sua nova vida quando enfim encontrou seu lugar. Provavelmente era melhor para os meninos se desvencilhar de quem tinham sido, se esquecer do trauma e da perda do passado. Manuel – ou Mesih – com certeza parecia feliz.

Se pelo menos o novo nome de Radu Bei tivesse esse efeito...

Mesih pegou a mão de Radu e o puxou para dentro do palácio. Ele manteve a conversa viva, dizendo a Radu o que esperar para o jantar e perguntando se faria as orações com eles na Hagia Sophia ou se rezaria em outro lugar. Em seguida, continuou falando a respeito de suas aulas, de quais professores mais gostava e que escrevia muito melhor que o irmão.

– Você deve ter reparado como falo bem o turco, com certeza.

Radu deu risada.

– Sim. Me dá vontade de ouvir você falar o dia todo.

E ele achou que isso aconteceria, até que os dois acabaram separados. No entanto, alguma coisa incomodava Radu, como se Mesih ainda continuasse falando sobre suas lições.

Ele percebeu, com uma pontada de alegria e tristeza, o que estava diferente: o menino estava recebendo uma boa educação sem nenhuma crueldade. Não havia visitas do jardineiro-chefe, nem visitas instrutivas às prisões e às câmaras de torturas, nem espancamentos. Não era a mesma experiência de infância que Radu e Lada tiveram sob o jugo do sultão.

Mehmed não era como o pai. Tomara a cidade para torná-la melhor. Tomara os herdeiros do inimigo para incorporá-los à sua família. O medo que Radu sentia de rever seu mais antigo amigo se dissipou. Ainda havia uma grande distância entre eles, mas, pelo menos, Radu não estava errado ao acreditar na capacidade de Mehmed de realizar grandes feitos.

– Está tudo bem, Radu Bei? – Mesih perguntou.

Radu fungou, limpando a garganta.

– Sim, estou bem. Ou pelo menos acho que vou ficar.

*Tirgoviste*

SE LADA IMAGINASSE o volume de pergaminhos que a soterraria, poderia ter escolhido outro título que não o de príncipe. Depois de voltar revitalizada de sua visita à fortaleza, encontrou apenas uma montanha de cartas à sua espera...

Lada grunhiu, inclinando a cabeça para a frente. O pente que Oana passava em seus cabelos ficou preso em um nó.

– Senta direito – repreendeu Oana.

– Eu não quero fazer isso. – Lada fez um gesto vago para a mesa, coberta de coisas que exigiam seu tempo e sua atenção.

– Bom, eu ajudaria, mas não sei ler.

– Sorte sua. – Lada sentou-se no chão ao lado da mesa, jogando uma pilha de missivas no colo. – Vá buscar o Stefan. Vou querer falar com ele se alguma dessas coisas aqui for interessante. – Lada começou a folhear os pergaminhos.

Boiardo pedindo reparação pela morte de um parente: carta arremessada sobre uma pilha num canto.

Boiardo pedindo uma reunião para tratar do confisco de terras por parte de Lada: mesma pilha.

Carta de seu primo Estêvão, rei da Moldávia. Essa ela leu com atenção. Nunca o conhecera, mas ele era dono de uma reputação feroz. Escrevia parabenizando-a por tomar o trono e elogiando os relatórios que recebera mencionando o estado de paz e ordem no reino dela. Não comentou uma linha sobre sua mãe, o que proporcionou a Lada um prazer sombrio por sentir-se vingada. Seu parente no trono era um dos pontos altos da vida triste e solitária que Vassilissa levava, e ele ao menos se dera ao trabalho de citá-la.

Mas o final da carta azedou um pouco sua alegria. *Por favor, tome cuidado para não antagonizar com nossos vizinhos. Me avise quando chegar a um bom termo com o sultão. Estou curioso para saber mais a respeito.*

Fechando a cara, ela jogou a carta na pilha com os pedidos do

boiardo.

– De Matyas Corvino – Stefan avisou, entregando-lhe um pergaminho fino.

Lada não percebera quando ele entrou no recinto, mas não lhe daria o prazer de reagir a essa capacidade de passar despercebido. Ainda estava irritada por Stefan não ter ido encontrá-la na propriedade de Nicolae.

– Leia você. Não quero me dar ao trabalho.

Ela apanhou outra correspondência, mais uma bobagem de um boiardo suplicante.

– Matyas quer encontrá-la. Diz que vocês dois têm muito o que discutir.

– Não quero conversa com ele. Nós dois já conseguimos o que queríamos. No que me diz respeito, nosso relacionamento está encerrado.

– Nós queremos que ele seja nosso aliado. – Stefan estendeu a carta para ela.

– “Nós”? Eu não quero ter nada a ver com ele.

Stefan não baixou a mão, nem alterou sua expressão impassível. Rosnando de irritação, Lada pegou a carta e a colocou perto de si, e não na pilha para queimar.

– Muito bem, então.

Stefan pegou outra carta.

– Esta aqui é de Mara Brankovic. Ela é... – Ele fez uma pausa, esquadrinhando o espaço com os olhos em busca de um dos milhares de fragmentos de informação armazenados em sua memória para ser usados a qualquer momento. – A filha do rei da Sérvia. Viúva do sultão Murad.

Lada abriu essa correspondência com mais curiosidade do que sentira a respeito de qualquer outra. A caligrafia de Mara era perfeita e elegante. Não havia uma mísera gota de tinta fora do lugar. Lada releu a carta para se certificar de que havia entendido.

– Mara foi para Constantinopla e se juntou à corte de Mehmed como *conselheira*. Dá para imaginar uma coisa dessas? Ela estava louca para ir embora de Edirne, e agora voltou ao império por livre e espontânea vontade?

– Nunca ouvi falar de uma mulher estrangeira atuando como conselheira de um sultão.

Lada franziu a testa, repassando as palavras.

– Mas foi inteligente da parte dele. Ela é brilhante. E, como é da realeza sérvia, pode conseguir contatos e acordos melhores em toda a Europa. É uma escolha perfeita para relações internacionais mais

saudáveis. – Lada se inclinou para trás, batendo com a carta na perna. Mehmed obviamente se beneficiaria, mas Mara não era do tipo que se envolvia em situações indesejadas. Seu casamento com Murad fora forçado, mas ela conseguiu extrair o que queria da situação. Inclusive voltar para sua família depois.

Ah. Então era essa a motivação. Ela ainda era jovem e atraente o bastante para um casamento político. Essa mudança e sua nova posição a colocariam fora da esfera de poder do pai. Para todos os propósitos, Mara era uma mulher livre a partir de então. E muito esperta!

– O que ela quer com você? – Stefan perguntou.

– Hã?

Lada ergueu os olhos, interrompendo suas lembranças das refeições que fazia com Mara, durante as quais a mulher lhe ensinava como usar as demandas da sociedade para criar uma posição de estabilidade. Lada não gostava dos métodos dela, mas era impossível negar que a mulher não soubesse o que estava fazendo.

– Ah, me convidou para ir a Constantinopla. Como se fosse uma visita entre amigas. “Venha visitar o palácio! Vamos comer, passear pelos jardins e discutir como deixar Mehmed e seu império de horror continuar a ditar a sua vida!” Só não sei se essa ideia foi dela ou se Mehmed pediu para Mara me escrever, achando que a ligação que tivemos no passado faria algum efeito sobre mim.

Lada não sabia no que preferia acreditar: que Mara estava tentando manipulá-la, o que não seria nem surpresa nem incômodo, ou que Mehmed estava tentando chegar a ela de todas as formas possíveis.

Mas, se fosse esse o caso, com certeza Radu teria aparecido. Ou, no mínimo, entrado em contato por carta. Não recebia notícias dele desde o aviso sobre a queda de Constantinopla e sobre seu novo título de Radu Bei.

Talvez essa ausência significasse que Radu enfim saíra do controle de Mehmed. Porque o sultão jamais abriria mão de uma vantagem como Radu, pelo menos não se tivesse escolha.

– Precisamos escrever para o meu irmão – Lada falou, pegando outra carta.

– Para pedir a ele que venha aqui ajudar?

– Não. – Ela jogou a carta de lado sem ao menos ver. – Já aprendi a lidar com os boiardos sozinha. Não preciso dele para nada. Mas ele pode ser uma fonte útil de informações sobre Mehmed.

Lada era capaz de aceitar essa razão. A outra, não tão importante, era que estava com saudade do irmão. Temera pela vida dele em

Constantinopla, e queria saber o que lhe havia acontecido. Ela não gostava de se sentir assim. Radu era quem sentia nostalgia, quem ficava de luto.

– É do papa – Stefan falou, entregando outra carta. – Está amaldiçoando os infiéis e clamando ao reino dos céus para que destrua o império. E depois pede paz.

– Seria melhor se ele se decidisse. – Lada atirou a carta do papa na pilha das que seriam queimadas. – Queria ter um país sem fronteiras. Como uma ilha.

Ela ficou de pé e examinou o restante das cartas. Pedidos e demandas, alianças e inimizades, as sutilezas da política de mais de uma dezena de países e um império em expansão exigindo sua atenção.

Ela juntou tudo e jogou no fogo, limpando os restos de cinzas de pergaminho e cera das calças.

– Vou até os estúbulos. Está uma ótima tarde para uma cavalgada.

Duas semanas depois, os embaixadores turcos apareceram sem aviso e sem convite, acompanhados por batedores janízaros. Lada deixou alguns de seus homens enfileirados no recinto como demonstração de poder. Estavam em superioridade numérica de três para um em relação aos soldados otomanos.

Lada estava acomodada no trono, com uma perna apoiada sobre o braço, batendo o pé com impaciência e sacudindo-o no ar. Era possível ver pelos olhares confusos e pela postura inquieta dos embaixadores que sua falta de decoro os deixava nervosos.

Ela sorriu.

– Aqui é a Valáquia. Tirem os chapéus em sinal de respeito.

Nem os janízaros, com seus quepes cilíndricos de abas brancas e compridas, nem os embaixadores, com seus turbantes, fizeram menção de obedecer à ordem.

O embaixador que liderava a comitiva, um homem mais velho, de barba branca e olhos espertos, ergueu uma sobancelha em sinal de reprovação.

– Viemos trazer os termos de sua vassalagem a nosso sultão, a Mão de Deus na Terra, o César de Roma, Mehmed, o Conquistador.

Lada batucou com o dedo no queixo, pensativa.

– Mas que fardo, ser a mão de Deus! Qual das duas mãos será? A direita ou a esquerda? Se Mehmed limpasse a bunda com a mão de Deus em vez de usar a própria, seria executado por blasfêmia?

Vários de seus homens caíram na risada, e Lada sentiu seu rosto ficar vermelho de satisfação. Bogdan, porém, desviou os olhos. Ele

detestava quando Lada falava daquela maneira sobre Deus. Era um bom lembrete. Deus não tinha nenhuma serventia para ela, mas, para a maioria das pessoas, sim, e todas as coisas em que havia fé depositada eram uma fonte de poder. Lada vira o que Mehmed fora capaz de fazer por causa de sua crença inabalável. E viu essa mesma crença roubar dela seu irmão. Fé significava poder. Era impossível não levar a sério algo que proporcionava poder sobre os demais. Ela corrigiu sua postura.

– O nosso deus, o verdadeiro Deus da cristandade, não tem forma nem mãos. Nós rejeitamos o título e a autoridade do sultão. Vocês não têm o que fazer aqui. Podem se retirar.

– Tem outra coisa também. – O capitão dos janízaros deu um passo à frente.

Era um homem largo e truncado, que evidenciava seus anos de treinamento marcial a cada movimento. Ela quase se esquecera da perfeição dos janízaros. Eles não eram nada em comparação àquela divisão de elite, soldados treinados desde a infância para ser as armas do sultão. O oficial continuou:

– Na nossa viagem, passamos pela Bulgária. Parece estar havendo conflitos na fronteira. Vários vilarejos valáquios foram queimados.

Lada não conseguia acreditar que estava ouvindo aquilo naquele momento, da boca de um inimigo, e não de seu povo. Era detestável que ele tivesse mais informações a esse respeito do que a ocupante do trono.

– Ainda não recebi relatório nenhum sobre isso.

O homem não alterou sua expressão, afiada e implacável como aço.

– Todos os valáquios foram mortos. Uma infelicidade. Provavelmente, por causa de um mal-entendido. Mas, quando os termos de sua vassalagem forem assinados, a Bulgária vai se tornar uma aliada poderosa, e esses conflitos vão terminar. O sultão oferece proteção aos seus vassalos.

Aquele homem, um turco, achava que poderia aparecer ali e relatar ataques a seu país e o massacre de seu povo como meio para garantir o domínio otomano? Achava que a morte de valáquios de alguma forma favorecia a aliança com aqueles que os estavam matando? Além disso, não fazia o menor sentido que ele recebesse essas informações antes.

A não ser que ele próprio fosse o responsável.

– Você matou a minha gente. – Lada se inclinou para a frente, com um tom de voz gelado.

O janízaro abriu um sorrisinho que não chegou nem perto de

estreitar seus olhos.

– Não. Os búlgaros mataram sua gente numa fronteira sem lei. Os termos do sultão eliminam esse tipo de caos. Um tratado sólido que, se respeitado, vai proteger seu povo.

Lada escancarou seus dentes brancos e miúdos. Não era um sorriso.

– Quem protege meu povo sou eu. E quem vinga sua morte também. Você não tem moral para vir aqui falar comigo sobre respeito. Afinal, ninguém aqui demonstrou respeito por mim, estão todos com a cabeça coberta. – Ela ficou de pé. – Amarrem-nos.

Seus homens logo entraram em ação. O capitão dos janízaros e seus homens resistiram, mas tinham sido obrigados a entrar desarmados na sala do trono. No fim, todos foram subjugados, apesar de ter sido necessários alguma dose de força e narizes quebrados.

O embaixador que liderava a comitiva lançou um olhar de ódio para Lada.

– Você não pode fazer nada contra nós. Não vai querer encarar o risco que isso significa.

– Vocês não se preocuparam com o risco que significava matar minha gente. – Lada retinha de raiva.

Eles vieram ao reino dela e mataram valáquios sob sua proteção. Ao contrário das cartas, um ato como aquele não podia ficar sem resposta. Ela mandaria um recado que ecoaria pelo império de Mehmed e por toda a Europa.

Lada circulou o embaixador com passos lentos e puxou as beiradas de seu turbante.

– Vou ajudar vocês. Se é tão importante manter a cabeça coberta na minha presença, a ponto de desrespeitarem um *príncipe*, então vou dar um motivo para que nunca mais deixem a cabeça desprotegida de novo. – Lada se virou para Bogdan: – Traga-me um martelo e pregos.

Por fim, o embaixador estremeceu. Enfim percebeu como Lada reagia ao desrespeito e à matança de seu povo.

Lada ficou parada num canto da sala do trono enquanto seus homens martelavam pregos na cabeça dos otomanos. Como sempre, ela se obrigou a presenciar a cena. Teria sido mais fácil mandar fazer tudo de forma privada, em alguma masmorra escondida. Mas não. Ela precisava testemunhar as coisas que deveriam ser feitas para garantir a segurança da Valáquia. Aquele era seu fardo, sua responsabilidade.

Os gritos foram altíssimos. Em *flashes* sangrentos e vívidos, ela se recordou de suas várias visitas aos torturadores do sultão, para acompanhar seus trabalhos brutais. O preço da estabilidade era sempre cobrado com sangue, carne, ossos e dor.

Ela assistiu a tudo, mas com distanciamento.

O que havia diante dela não eram homens. Eram objetivos a cumprir.

De repente, Lada sentiu-se aliviada por Radu não estar presente. Era impossível imaginar a expressão no rosto dele se ali estivesse. Ela sempre tentou protegê-lo, porque era sua responsabilidade. Assim como a Valáquia passou a ser. Lada faria o que fosse necessário para proteger seu povo.

Os gritos cessaram, o que era bom. Havia outras coisas a fazer.

– Mandem todos de volta para a Mão de Deus – ela ordenou, olhando para os corpos. Alguns ainda estavam vivos. Era uma situação desagradável, mas eles não durariam muito tempo. – Digam a ele que quem merece respeito aqui sou *eu*.

Lada virou-se para Bogdan, cujas mãos estavam meladas de sangue. Quem limparia seria Oana, a mãe dele. Certas coisas jamais mudavam.

– Mande chamar Nicolae e nossas forças. Temos questões a resolver na Bulgária.

*Constantinopla*

RADU NÃO ESTAVA sentado tão longe de Mehmed como estivera Edirne quando os dois fingiram que ele havia caído em desgraça com o sultão. Mas, ali, ninguém se sentava ao lado de Mehmed. Ele ocupava uma mesa numa plataforma elevada, como o soberano do recinto, apartado de todos.

Radu se sentia grato por não ter passado muito tempo no palácio com Constantino, então aquela sala era uma novidade para ele. Azulejos azuis e dourados cobriam as paredes com estampas florais que se estendiam até o teto, adornado com folhas de ouro. Um lustre pesado estava pendurado no teto. Pelo menos, tinha uma aparência original. Mas Radu achava que, por trás dos azulejos, havia murais religiosos com motivos bizantinos. Mehmed estava reivindicando para si cada canto da cidade, um mosaico por vez.

Radu chegara atrasado – seu desvio pela cidade o havia feito perder o início da refeição –, então, depois de se lavar, assumiu um lugar ao lado de Urbana, sua amiga de longa data, e de uma mulher que se lembrava de ter visto na corte de Murad. Não era comum a presença de tantas mulheres num jantar formal. Murad costumava excluí-las por completo. Mas Radu sentia-se reconfortado e satisfeito por estar perto de Urbana. Ela não fora afetada pelo cerco, a não ser por uma cicatriz de queimadura que desfigurou seu rosto. Ela exalava um leve cheiro de pólvora, e havia manchas escuras nas pontas de todos os seus dedos.

A repulsa de Urbana à comida otomana também parecia inalterada. Ela nutria um fluxo de reclamações constantes em húngaro com as outras mulheres. Radu mantinha o rosto voltado para o prato, determinado a não olhar para Mehmed. Por que o sultão o chamara de volta à cidade? Como seria conversar com ele de novo? Seis meses antes, quando Radu fora embora, Mehmed estava tão ocupado com o planejamento e a execução da reconstrução da cidade que os dois mal se viam. Mehmed teria sentido sua falta?

Radu teria sentido falta de Mehmed?

Quando ergueu os olhos, seu estômago se contraiu e seu pulso disparou ao ver o outro homem. Sim, Radu sentia falta dele. Mas não era a mesma saudade benfazeja que experimentava antes.

Mehmed estava vestido de roxo, com a cabeça coberta por um turbante dourado com um elaborado fecho em ouro e rubi. Tinha vinte e um anos completos, e suas feições se definiam como as de um adulto. Os olhos afiados demonstravam inteligência, sob as sobrancelhas finamente delineadas e acima dos lábios cheios, estáticos e sem expressão. Radu desejava que se curvassem em um sorriso, para que os olhos solenes de Mehmed brilhassem de deleite.

Mas seu amigo Mehmed agora era Mehmed, o sultão. Era como ver um desenho de uma pessoa amada. Ao mesmo tempo em que reconhecia Mehmed, Radu também sentia que havia algo que fora alterado e perdido no processo de passar sua imagem para o papel.

Um criado se ajoelhou ao lado de Radu.

– Permita-me dar as boas-vindas em nome do sultão. Depois do jantar, vou levá-lo até a sala de recepção, onde poderá aguardar por sua audiência. – O servo fez uma mesura e se afastou.

Radu ficou alarmado. Ele jamais tivera *audiências* com Mehmed. Muito menos com a mediação de criados.

Não era assim que Murad comandava sua corte. Os favoritos sempre tiveram permissão para circular ao redor do antigo sultão, para sentar-se ao lado dele. Ele era o centro de tudo, e parecia se deliciar com as festas e os relacionamentos próximos. Mas aquela refeição era uma prova de que Mehmed reinava de uma maneira muito mais formal. Nada de se retirar para o campo para sonhar com filósofos. Nada de permitir que conselheiros como Halil Paxá, executado meses antes numa cerimônia a que Radu não compareceu, e outros como ele ganhassem seu favorecimento e, conseqüentemente, mais poder.

Radu se perguntou se o distanciamento que Mehmed criara em público continuaria quando estivessem a sós, ou se os dois se comunicariam apenas através de mensageiros, permanecendo separados para sempre.

– Como vai sua irmã, Radu Bei?

Radu ergueu os olhos, surpreso. A mulher que fazia parte da corte de Murad se manifestara. Ela era um paradoxo de elegância e severidade. Tudo nela era a última moda nos padrões europeus, desde o vestido elaborado até os cabelos que funcionavam como uma barreira entre sua cabeça e o mundo. Ela se sentava totalmente ereta, com as saias estranhamente espalhadas ao redor do corpo, em vez de

se apoiar sobre os cotovelos como a maioria dos presentes.

– Me desculpe, eu não me lembro do seu nome. – Radu abriu um sorriso constrangido.

– Mara Brankovic. Eu era uma das esposas de Murad.

– Ah, sim! Você negociou os novos termos da vassalagem da Sérvia.

Foi seu último ato antes de partir, usando uma proposta de casamento de Constantino para negociar a liberdade e mais direitos para seu país. Radu a admirava por isso.

Sem perceber o que estava fazendo, Radu se pegou outra vez olhando para Mehmed. Ele forçou seu olhar de volta para Mara.

– O que traz você ao império?

Ela se virou para Mehmed com um olhar afetuoso.

– Um governante que reconhece meu valor. Estou aqui como conselheira para questões europeias. E o ajudo a lidar com os venezianos. E os sérvios, claro. E com um pequeno paisinho problemático que, para você, é muito familiar. Literalmente. – Ela deu uma risadinha da própria piada.

– Então, não está perguntando sobre a minha irmã apenas por cortesia.

– Ah, estou, sim! A cortesia é o aspecto principal da minha função por aqui. – O tom de voz dela era agradavelmente ácido. – É incrível o que se pode conseguir por meio de conversas civilizadas. Além disso, eu gostava muito de Lada. Apesar de ter cometido a tolice de recusar uma aliança conjugal com Mehmed, ela se saiu muito bem.

Radu olhou para seu prato, cheio de pedaços de pão que ele havia picotado com as mãos.

– Muito bem jamais será suficiente para ela.

Mara riu. Urbana chamou sua atenção para comentar como o pão estava horrível, e Radu foi deixado de novo a sós com seus pensamentos. Para sua surpresa, eles não se voltaram para a pessoa posicionada na plataforma elevada.

– Mara – ele interrompeu. – Você tem algum contato no Chipre?

Ela franziu a testa, pensativa.

– Pessoalmente não, mas com certeza conheço alguém que tem. Por quê?

– Estou em busca de informações sobre minha mulher e... meus amigos. Eles fugiram durante a queda da cidade, e não recebi mais notícias deles desde então.

Mara pôs a mão sobre a dele. Seus olhos escuros eram sérios e compassivos.

– Anote os nomes deles e os detalhes mais relevantes. Vou usar

todos os meus recursos disponíveis para achá-los.

– Obrigado – disse Radu. – Eu tenho feito minhas buscas junto com Kumal Paxá e...

– Ele é bem bonito – Urbana fez esse comentário com o mesmo tom que usaria para falar a respeito da qualidade de um metal usado para fabricar canhões ou para falar sobre o clima. – Não parece ser do tipo violento. E já é viúvo faz um bom tempo.

Radu não entendeu direito a mudança de rumo da conversa.

– Você está... interessada nele?

Urbana dirigiu a ele o mesmo olhar enojado com que encarava a carne condimentada com especiarias.

– Para Mara, foi o que eu quis dizer. Não tenho tempo nem serventia para um marido.

Mara encarou Radu com uma expressão sofrida.

– Urbana vive preocupada com o fato de meu tempo para ter filhos estar chegando ao fim. Ela fala bastante nisso. O tempo todo – ela complementou, soltando um suspiro profundo.

Radu quase riu, mas de nervoso, lembrando-se das vezes em que Urbana se metera em sua vida pessoal – e na sua falta de filhos – com Nazira. Sua esposa deveria estar ali, ao seu lado. Não, na verdade, deveria estar ao lado de Fatima. Se não estava, era por culpa sua.

– Você poderia se casar com Radu – Urbana falou, pensativa. – Ele é bem mais novo. Tem o quê, dezoito anos? Mas se casou pela primeira vez bem jovemzinho, então não se incomodaria. Ele é muito gentil, não tem um temperamento difícil. Sempre ouvia as garotas cochichando como ele é bonito, com esses olhos grandes e escuros e o queixo proeminente. – Ela olhou para Radu de um jeito que o deixou bem constrangido. – Acho que até entendo o que elas querem dizer. Ele é alto e saudável, pelo menos. Com a esposa desaparecida, deve estar precisando de companhia.

Radu engasgou com o pedaço de pão que tinha na boca. Ele ficou de pé, incapaz de se manter sentado para uma refeição num lugar que lhe roubara tanta coisa. Se Mehmed o queria lá, ele ficaria. Mas não daria para fingir que estava tudo normal. Não seria possível conversar sobre seu futuro quando o passado ainda estava preso a seu pescoço como o laço de uma forca, sufocando-o de tristeza e arrependimento.

Nesse momento, as portas do salão de banquetes se abriram. Um grupo de homens desarmados entrou, vestidos de forma rústica sob os mantos pretos elegantes, arrastando grandes caixas de madeira. Os janízaros de Mehmed se puseram em prontidão, observando tudo com olhos atentos. Um criado correu para ultrapassá-los e fez uma medida aos pés da plataforma elevada de Mehmed.

– Eles não quiseram esperar – o homem falou, todo trêmulo.

O líder dos homens fez uma mesura também, agitando o braço num gesto exagerado. Suas botas estavam imundas, e as roupas, cobertas de poeira. Deviam ter acabado de chegar à cidade. Olhando com mais atenção, Radu percebeu que, no manto de todos os homens, havia o selo da família Dracul. Era composto de um dragão e uma cruz, retirados da Ordem do Dragão. Não parecia certo ver aquela imagem ali. O emocional já fragilizado de Radu se abalou ainda mais ao se deparar com o símbolo de sua família, de seu passado.

O homem se pronunciou em valáquio, não em turco, como seria mais apropriado.

– Trazemos um presente de Lada Dracul, voivoda da Valáquia, em honra ao sultão. Ela transmite seu respeito e pede ao sultão que, a partir de agora, certifique-se de que seus homens lhe ofereçam o nível de respeito que ela merece como príncipe.

Depois disso, o homem se virou e saiu do recinto. Os demais valáquios o seguiram. Radu olhou para Mehmed, que o encarou, erguendo uma sobrancelha. O sultão otomano não entendia muito bem o idioma valáquio.

– Ele disse que é um presente. De Lada. Ela lhe transmite seu respeito e quer que, a partir de agora, seus homens a respeitem como príncipe.

– O que é? – Mehmed questionou.

Radu sacudiu a cabeça de leve.

– Ele não disse.

Mehmed tinha ficado ainda melhor em esconder suas emoções. Radu ficou sem saber como ele se sentia a respeito da surpresa, ou de Lada. O sultão não revelava nada. Limitou-se a fazer um gesto, e um criado correu com uma alavanca de metal para abrir a tampa da primeira caixa. Assim que fez isso, deu um grito de susto e desgosto, tapando o nariz e a boca com o braço e se afastando.

Mehmed fez menção de descer da plataforma, mas Radu estendeu a mão para impedi-lo.

– Pode deixar. – Ele parou a alguns passos das caixas.

O cheiro que saía de lá bastava para indicar o que sua irmã mandara.

Ele se inclinou para espiar mesmo assim.

Um cadáver o encarou lá de dentro, com sangue seco escorrido sobre o rosto em expressão de agonia. Pelo que Radu podia ver, um objeto metálico pontiagudo tinha sido enfiado em seu crânio por cima do turbante.

Radu se virou para esconder o horror estampado em seu rosto.

Com os olhos voltados para a parede externa, ele recolocou a tampa.

– Esvaziem o salão – ordenou.

Ninguém se moveu.

Mehmed se levantou, gesticulando ativamente. O salão logo foi esvaziado. Restaram apenas os janízaros e um criado particular. Ele desceu da plataforma elevada e se juntou a Radu ao lado da primeira caixa. Havia mais dez. Mehmed estendeu a mão.

– Não – Radu falou. – É melhor você não ver isso.

– São meus embaixadores? – Mehmed quis saber.

– Sim.

Mehmed olhou para a caixa, e depois para as demais.

– E sem nenhuma carta acompanhando.

– Pois é.

Mehmed apontou para um de seus guardas.

– Vão atrás dos homens que trouxeram isto. Quero um relatório completo do que aconteceu.

O janízaro saiu às pressas do salão.

Mehmed se virou, agitando a túnica roxa no ar.

– Vem aqui comigo. – Ele se dirigiu a uma porta privativa, mais afastada. Radu foi atrás.

Pequenas janelas adornadas com pedras preciosas deixavam entrar luz, mas eram pequenas demais para permitir a passagem de alguém. Assim que Radu entrou, Mehmed trancou a porta. Não havia outras saídas.

Radu se viu diante de uma parede em que estava a linda e elaborada tughra de Mehmed, o selo e a assinatura do sultão. Ao redor, havia versos do Corão escritos em árabe.

– Então foi por isso que você me chamou de volta. Por causa dela – Radu falou, sem se virar.

Mehmed hesitou. Radu sentia a presença dele logo atrás de si, à distância de um toque. Mas, então, Mehmed sentou-se com um suspiro em um dos sofás baixos da sala.

– Por essa eu não esperava.

– Não deveria ser surpresa.

– Ela sempre me surpreende.

Radu cerrou os dentes com tanta força que seu maxilar doeu.

– Eu não tenho como ajudá-lo com ela. Não posso, e não quero, ficar entre você e a minha irmã.

Radu virou-se para sair. Mehmed ficou de pé e segurou seu braço. Radu olhou para a mão de Mehmed, com anéis cobertos de pedras preciosas em todos os dedos. Mehmed exalava privilégio e poder. Radu lembrou-se da leveza da infância que compartilharam. Se os dois

meninos que se conheceram ao lado de uma fonte em Edirne, que se uniram contra a crueldade do mundo, vissem um ao outro naquele momento, não se reconheceriam. Os anos passados criaram uma barreira de ouro, seda e poder entre eles.

Mehmed tirou a mão do braço de Radu.

– Eu não chamei você aqui para me ajudar com Lada!

– Então por que foi? – Radu virou-se para ele.

– Porque... – Mehmed envolveu o próprio corpo com os braços, encolhendo-se todo. – Porque estou criando um império, e transformando esta cidade na maior joia do mundo, sendo o sultão de que meu povo precisa. E é uma tarefa solitária. – Sua voz ficou embargada ao pronunciar a última palavra.

A pose do sultão desapareceu, a inteligência calculista que, ao longo do ano anterior, valera-se de Radu sempre como um espião. A intocável Mão de Deus foi substituída pelo menino da fonte. O amigo de Radu dos tempos de menino. O pilar de seu coração. Radu abriu os braços, e Mehmed se arremessou neles, enterrando a cabeça em seu ombro.

Radu o abraçou com força, respirando fundo e soltando suspiros trêmulos.

– Preciso de você – Mehmed sussurrou.

– Eu estou aqui – respondeu Radu.



– Halil conquistou poder demais. – Mehmed estava no chão de seus aposentos particulares, deitado de barriga para cima, olhando para o teto. Radu estava a seu lado, ombro a ombro. Não eram um sultão e um bei. Apenas Mehmed e Radu. – Meu pai era muito permissivo, deixava as outras pessoas se meterem mais do que deveriam na administração do império. Isso só trouxe corrupção, desperdício e fraqueza. Então eu me mantenho a distância, não deixo ninguém falar muito comigo nem ouvir muito o que tenho a dizer. Logo, vou ter um novo palácio, com cômodos concêntricos a partir de um ponto central. Eu vou estar lá, e tudo vai girar ao meu redor. Como sou o centro do império, todos os demais só vão servir ao império por meu intermédio.

– Com certeza, parece uma função bem solitária mesmo – Radu disse baixinho.

– Pois é. E vai continuar sendo. Mas eu não posso pôr minhas necessidades na frente do que o povo precisa. Eles precisam de um sultão forte. Precisam que eu seja a Mão de Deus, não um simples homem. Então tenho que deixar de lado as coisas que quero, meus confortos e meus relacionamentos, para ser o que meu povo merece.

Radu pensou na própria vida, nas coisas que sacrificara para ser a

pessoa de que os outros precisavam. Na maior parte do tempo, de que Mehmed precisava. Seria ele capaz do mesmo que Mehmed? Deixar de lado o que queria, as coisas do coração, pelo bem do império?

Ele fechou os olhos. Não sabia mais qual era o desejo de seu coração. E não era possível deixar para lá algo que ele não conseguia encontrar.

– Quero você aqui comigo – disse Mehmed, interrompendo os pensamentos de Radu. – E que seja um amigo no meio dessa loucura.

Radu sabia que deveria dizer sim. Não poderia arruinar aquela proximidade. Mas já havia passado tempo demais fingindo, e não queria mais fazer isso.

– Você sabe o que as pessoas vão dizer. O que já pensaram antes. Se eu voltar para o seu lado, os velhos boatos espalhados por Halil vão ressurgir. – Radu sentiu a cabeça de Mehmed voltar-se para ele, sentiu os olhos escuros do amigo em seu rosto. Engolindo em seco em meio às emoções que revolviam em seu peito, Radu virou-se para Mehmed, e seus lábios se abriram. Mehmed estava olhando para ele com atenção e curiosidade.

– As pessoas podem dizer o que quiserem. Não podem fazer nada contra mim, e não vou deixar que façam nada contra você.

– E Lada? – Radu perguntou, arrastando a irmã para o espaço de separação que havia entre os dois, no qual ela sempre estivera.

Mehmed franziu a testa e voltou a olhar para o teto, mas envolveu o braço de Radu com o seu. Pareceu um movimento ensaiado, como um passo de dança.

– Nosso destino é nós três ficarmos sempre juntos. Eu estou com você. Ela vai voltar para nós.

– E você quer? Mesmo depois de tudo?

O silêncio de Mehmed serviu como resposta. Ele perdoaria o assassinato de sua comitiva. Radu deveria ficar surpreso. Mas não estava.

– E se ela não voltar?

– Bom... – Mehmed deixou as reticências pairarem no ar por um instante. – Nesse caso, pelo menos eu sempre terei você.

– E eu sou o irmão mais bonito, afinal de contas.

A risada de Mehmed preencheu todo o espaço do cômodo, assim como costumava fazer com Radu, que a sentia correr pelas veias. Mas os sentimentos que experimentava naquele momento eram meros ecos de tempos atrás. E ele não sabia se voltariam a ser como antes.

Mehmed entrelaçou os dedos com os de Radu, que ficou deitado ao seu lado, pensando no tempo que passou imaginando como seria aquela sensação.

Ele estava enganado. O tempo lhe roubara até isso, porque, quando os dedos de Mehmed se juntaram aos seus, ele se lembrou de outros, que contornavam os ferimentos de suas mãos. E de olhos cinzentos, em vez de escuros. Do amor que encontrara depois de perder aquele que foi o seu primeiro.

Mas, agora, Cipriano também estava perdido. Seus sentimentos por Mehmed algum dia voltariam?

Radu gostaria que isso acontecesse?

*Bulgária*

AS CINZAS DO vilarejo eram geladas como o amanhecer ao redor deles. Por toda parte, o chão estava tingido de preto em vez de branco, como se uma neve infernal tivesse caído.

Toda vestida com peles, Lada se agachou. Ela tirou as luvas e passou as mãos pelas cinzas que restavam do vilarejo. Seu vilarejo. Um vilarejo valáquio. Sua mão ficou manchada de preto.

– Quantas pessoas foram mortas? – ela quis saber.

Eles tinham partido imediatamente depois de despachar a comitiva de Mehmed. Ela se dirigiu diretamente à fronteira para se certificar de que nenhum outro lugar seria atacado. No caminho, foi colhendo o depoimento de testemunhas.

Um camponês do vilarejo vizinho coçou a cabeça, olhando para o vazio enquanto calculava mentalmente.

– Uns trezentos?

– Quem é o boiardo responsável por esta região?

Ela deveria saber. Mas só se preocupava com os boiardos quando eles começavam a criar problemas.

– Nunca ouvi falar. – O homem deu de ombros.

Lada olhou para Stefan. Ele fez um aceno e se afastou. Não demoraria a descobrir. E haveria consequências para o boiardo, tanto por falhar em proteger o povo aos seus cuidados como por não ter relatado a ela o ataque. Ela não deveria ficar sabendo disso através do pessoal de Mehmed. Fechando os olhos, tentou imaginar a reação de Mehmed a seu recado. Isso fez um calor e um formigamento se espalhar pelo seu corpo, numa sensação parecida com a ansiedade.

– Está sorrindo por quê? – Bogdan questionou.

Ela abriu os olhos.

– Por nada. – Em seguida, ficou de pé e limpou as mãos na calça. As cinzas, que pareciam pretas sobre a neve, ganharam uma coloração cinzenta contra o tecido escuro. Uma alteração de perspectiva modificava tudo. – Quando Nicolae vai chegar?

– A qualquer momento.

Nicolae estava reunindo todos os seus soldados. Quando chegasse, estaria à frente de mais de três mil homens, além dos suprimentos especiais que vinham sendo acumulados.

Lada cerrou os olhos em direção ao sol nascente, deixando a luz bater em seus olhos.

– Trezentos. Muito bem. Vamos matar três mil deles. Cada valáquio vai ser vingado com dez mortes.

– Vamos ter que entrar bastante no território da Bulgária para matar tanta gente – Bogdan comentou.

– Então é isso que vamos fazer.

Ninguém era capaz de duvidar de sua determinação, de seu comprometimento com o povo. E, dali em diante, ninguém atacaria a Valáquia sem pensar muito bem nas consequências. Haveria muitos corpos, mas ela os encarava como um investimento. Matar milhares para salvar outros milhares.

Dois dias depois, o boiardo que fracassara em proteger seu povo levava as mãos feridas e ensanguentadas ao peito. O buraco que havia cavado, além das outras centenas que fora obrigado a abrir desde que Stefan o trouxera para o acampamento, estava pronto. Dois homens apanharam a estaca e a encaixaram no buraco, deixando-a de pé. O corpo ficou imóvel no topo, como um estandarte macabro para marcar a entrada de Lada na Bulgária.

Ela olhou para a estrada ladeada por uma floresta de lembretes sangrentos.

– Quantos já foram? – ela perguntou a Bogdan, que cavalgava ao seu lado.

– Mil e quinhentos, mil e seiscentos.

Eles haviam invadido os vilarejos da fronteira com a força e a velocidade das águas que estouram uma barragem. Todos em seu caminho foram eliminados, ninguém foi poupado. Mas isso não parecia certo. Pouquíssima gente ali era sua inimiga de verdade. Lada não tinha nenhum apreço pelos búlgaros – que eram fracos demais para escapar do domínio dos otomanos, e, portanto, também tinham sua parcela de culpa –, mas eles não eram turcos. Seu intento de demarcar sua fronteira como um território inviolável estava cumprido. No entanto... ela se perguntava se não haveria mais a afirmar ali.

Uma afirmação de que a proteção dos otomanos não significava nada.

Uma afirmação de que seu jeito de conduzir as coisas era o mais indicado.

– Foram apenas algumas baixas entre os nossos homens. – Nicolae olhou com desgosto e exaustão para as estacas com corpos empalados.

– Ótimo. E a notícia se espalhou?

Ele fez que não com a cabeça.

– Ninguém ficou vivo para fazer o alerta. Meus batedores não relataram nenhuma mobilização das forças turcas nas fortalezas mais próximas.

Lada esfregou os olhos. Estavam irritados por causa da fumaça dos chalés e das lavouras incendiadas.

– Essa é a proteção que a lealdade deles ao sultão proporciona. Como essa gente não consegue enxergar? Por que não percebe que se curvar e rastejar diante de Mehmed não traz nenhum benefício?

– Para o próximo vilarejo? – Bogdan perguntou.

Lada sacudiu negativamente a cabeça.

– Onde estão as tropas dos turcos?

– Eles têm um forte a duas horas de cavalgada daqui. Com uns mil homens de prontidão para agir rápido em caso de problemas na região. E têm outro, com quinhentos homens, a meio dia de cavalgada de lá.

Lada assentiu, virando a montaria e voltando as costas para a estrada ladeada de cadáveres.

– Já chega de matar búlgaros. Quero minhas estacas batizadas com o sangue dos homens de Mehmed.



Tomar a fortificação foi mais fácil do que Lada esperava. As tropas otomanas estacionadas por lá eram formadas por homens preguiçosos, desacostumados a resistir e lutar. Ela mandara seus soldados com treinamento de janízaros na frente. Quando chegaram ao forte, os guardas do portão foram massacrados, e ficou tudo escancarado à espera dela.

Ela perdeu cento e vinte e sete homens, e acrescentou esse número ao total de mortes a vingar.

Antes de empalar os soldados otomanos, porém, eles os deixaram nus. Os guardas na fortificação seguinte abriram os portões sem questionar ao ver as fardas dos soldados otomanos se aproximando pela noite. Lada cavalgava na frente do pelotão, e matou os dois primeiros guardas com as próprias mãos. A maioria dos otomanos estava dormindo, e foi liquidada em meio a um caos de lençóis revirados. Os que acordaram lutaram bem.

Mas os homens dela lutaram melhor ainda.

No dia seguinte, chegaram a uma cidadezinha, constituída quase inteiramente de estruturas de madeira, com uma cerca alta em volta.

Dois portões, um na frente e um nos fundos, controlavam a entrada e a saída das pessoas.

A notícia chegara antes deles. Centenas de búlgaros estavam prostrados de joelhos diante dos portões da cidade.

– Por favor – um homem falou quando Lada se aproximou a cavalo. Ele não a encarou. – Por favor, não mate a gente.

– Quem protege vocês? – ela perguntou, olhando de um lado para o outro com os braços estendidos e as palmas das mãos viradas para cima. – Pensei que este país estivesse sob a proteção do sultão.

O homem estremeceu.

– Ninguém protege a gente.

Lada desceu da montaria e fez um gesto impaciente para que seu interlocutor se levantasse. Ele obedeceu, com os ombros encolhidos e a cabeça calva abaixada em sinal de respeito.

– Vocês são cristãos?

Ele fez que sim com a cabeça.

– E querem proteção?

Ele assentiu de novo, estremeecendo, apesar de ser um dia mais quente, que anunciava a aproximação da primavera.

Lada ergueu o tom de voz.

– Todos os cristãos que moram perto da Valáquia têm proximidade com meu povo. Tenho lavouras, moradias e segurança para quem voltar comigo. É muito mais do que o sultão tem a oferecer.

– Mas nossa cidade... nossas casas.

– Sua cidade e suas casas foram vendidas para o sultão pelo seu príncipe. Assim como a vida de vocês. – Mais uma vez, Lada olhou ao redor. – Não estou vendo nem seu príncipe nem seu sultão aqui. Só eu.

O homem se apressou em assentir.

– Sim, sim. Entre comigo para buscar comida e vinho e eu...

Uma mulher se levantou. Era magra, mas tinha um rosto com feições marcantes e uma presença de espírito mais forte que a do homem, evidente na forma como erguia o queixo e em seu olhar inabalável.

– Não entrem na cidade – ela avisou. – Os soldados infiéis estão à espera para uma emboscada. Eu vi que eles estavam lá quando saí.

O homem calvo soltou um grunhido baixo de desespero. Um cheiro de urina se elevou no ar.

Lada sorriu para a mulher determinada.

– Obrigada. Vou garantir que você tenha uma casa, terras e rebanhos para recomeçar sua vida como valáquia.

A mulher abriu um sorriso solene, baixando a cabeça em sinal de respeito.

Lada examinou a cerca de madeira. Não parecia haver ninguém observando. Provavelmente, estavam todos escondidos. A cidade não dispunha de uma torre de observação.

– Nicolae, assegure o portão de trás. Sem alarde.

Ele partiu a cavalo acompanhado de centenas de homens para circular a cidade. Lada levantou a voz.

– A oferta continua de pé para quem quiser.

Os búlgaros se levantaram do chão. Muitos levavam crianças. Encarando os homens de Lada com cautela, passaram por eles e pegaram a estrada rumo à Valáquia. Ela sabia ser generosa também, e essa notícia se espalharia. Não tão depressa quanto sua reputação de violência, mas cada uma tinha seu mérito.

Lada se virou de novo para o homem.

– Para dentro.

– Eu... me desculpe, eu...

– Volte para a sua cidade.

Ele soltou um soluço breve e apavorado antes de se virar e voltar lentamente para o portão.

– Feche depois de entrar – Lada gritou.

O homem obedeceu, e seus olhos arregalados de terror foram a última coisa que ela viu antes que o portão se fechasse. Lada apontou para lá.

– Vamos ajudar a manter o portão seguro. – Uma dúzia de seus homens se destacou com martelos, pregos e tábuas de madeira maciça. Nicolae estava fazendo o mesmo no outro portão.

– Mandem uma saudação calorosa para eles.

Enquanto as flechas em chamas faziam sua trajetória em arco em direção à cidade de madeira, Lada virou-se para ver os camponeses começarem uma longa caminhada em direção ao novo lar. Proporcionado por ela.



– Quantos mortos? – Lada perguntou a Bogdan cinco noites depois, após atacarem todas as fortificações relevantes dos turcos ao longo da fronteira da Valáquia. Ao redor da fogueira, estavam Nicolae, Stefan, Bogdan, Iskra, a mulher da cidade de madeira que os alertara e que foi nomeada conselheira regional, e alguns de seus homens mais graduados.

Bogdan encolheu os ombros.

– Dois mil búlgaros. Mil otomanos da primeira fortificação. Quinhentos da segunda. Sabe-se lá quantas cidades nós queimamos. Matamos a flechadas pelo menos mil que tentaram pular as muralhas para escapar.

Iskra soltou um grunhido.

– Eles vieram de todas as guarnições ao redor da cidade. Provavelmente dois mil, dois mil e quinhentos.

Bogdan assentiu, contando as cidades nos dedos.

– Então, além disso, atacamos Oblucitza e Novoselo, Rahova, Samovit e Ghighen. Toda a região de Chilia. Somando tudo, uns vinte e cinco mil mortos? A maioria, turcos, mas muitos búlgaros também.

Lada soltou um riso surpreso. Era um número inconcebível. Pelo menos para governantes como Matyas da Hungria, que queria se limitar a jogos políticos, reinar atrás das muralhas, entrar em conflito com cartas, não com armas. Ela, porém, sabia o que era possível conseguir com alguns milhares de homens.

As forças otomanas eram dispersas e indolentes. Desacostumadas a desafios. Se estivessem preparadas, as tropas de Lada seriam dizimadas. Mas não foi difícil abrir caminho pela fronteira da Valáquia com a Bulgária. Ela teve sorte.

Não. Ela foi esperta. Lada sabia que não encontraria facilidades como essas outra vez. No entanto, saberia ser mais esperta que os inimigos. Fazer o inesperado a cada mudança de cenário. O que funcionou uma vez não funcionaria de novo.

– Já basta? – Bogdan questionou, com os dedos ainda estendidos, calculando o volume de terror infligido.

Na verdade, jamais bastaria.

Apenas por ora.

– Sim.

Ela ouviu Nicolae suspirar de alívio.

Ele girou a cabeça de um ombro a outro, coçando o pescoço.

– Vai querer me deixar para trás? – Nicolae questionou. – Es-tamos expandindo o território?

– Não, é uma ação preventiva. Não tenho nenhum interesse em novas conquistas, só em deixar claro que as fronteiras da Valáquia são invioláveis. Ninguém vai atacar meus vilarejos de novo. A não ser que queira guerra.

Nicolae abriu um sorriso exausto.

– Acho que esse recado já foi dado.

– Ótimo. Tenho outros recados para mandar agora. – Lada olhou para o fogo, que devorava a escuridão ao seu redor.

*Constantinopla*

RADU AINDA CONSEGUIA encontrar paz na oração. Durante o cerco, sentiu falta das mesquitas, das rezas dos irmãos de fé em uníssono ao seu redor. Era reconfortante voltar a essa rotina...

Mas ele não conseguia frequentar a Hagia Sophia, mesmo depois de ter sido transformada em uma mesquita. Era um lugar que trazia lembranças demais para que ele conseguisse se concentrar nas orações. Em vez disso, visitava as outras mesquitas espalhadas pela cidade. A maioria era formada por igrejas ortodoxas convertidas, mas alguns novos templos islâmicos estavam sendo construídos. Kumal, seu cunhado, o acompanhava em quase todas as orações e, conforme prometido, Radu também se juntava ao pequeno Murad e a Mesih para rezar.

Ao voltar com eles de uma oração vespertina, Radu ficou surpreso ao encontrar Mehmed. O sultão quase nunca saía às ruas. Radu fez uma mesura profunda. Mehmed fez um sinal para que se aproximasse. Um dos janízaros que o escoltavam desceu da montaria, oferecendo o cavalo para Radu.

– Aonde estamos indo? – Radu perguntou, tomando o cuidado de manter seu cavalo um passo atrás da montaria de Mehmed, para manter as aparências.

Estava em Constantinopla havia uma semana e, embora, em privado, quando o sultão tinha tempo para vê-lo, os dois estivessem próximos como sempre, em público, era importante mostrar distanciamento. Mehmed precisava se manter afastado, acima dos demais. Radu não atrapalharia isso.

– Urbana criou uns novos projetos de canhões que quer me mostrar. Com certeza ela vai gostar de ver você também.

Radu soltou uma risadinha.

– Você não conhece Urbana muito bem, né?

Mehmed virou-se, sorrindo para Radu por cima do ombro.

– Não consigo imaginar que alguém possa não gostar de ver você.

– Seu olhar se manteve fixo no rosto de Radu. No entanto, parecia mais para observar sua reação que para apenas olhá-lo.

Mehmed vinha fazendo isso cada vez mais ultimamente. Dizia alguma coisa agradável, ou o tocava no ombro, na mão ou até no rosto, sempre o estudando com atenção. Catalogando quais atitudes ou palavras provocavam quais reações. Radu não sabia o que pensar a respeito. Por ora, ofereceu um sorriso a Mehmed, que pareceu se contentar.

Durante a semana que passaram juntos, porém, Mehmed não tocara no nome de Lada. Se discutiu o “recado” dela em privado com outros conselheiros, Radu não sabia. Mas parecia, pelo menos momentaneamente, que Mehmed preferira enterrar o assunto junto com os cadáveres mandados por Lada.

Comitivas estrangeiras, com frequência, eram vítimas de atos de agressão entre países. Mehmed matara o enviado de Constantino um ano antes, e Cipriano só foi poupado porque saíra com Radu e Nazira de Edirne, mas Mehmed devia estar incomodado com a situação e intenção por trás do ato. Talvez estivesse planejando algo a que Radu poderia se opor. Ou, talvez, com a conquista de Constantinopla ainda tão recente, só quisesse entrar em conflito com Lada quando fosse absolutamente necessário.

Fosse como fosse, a lembrança do que Radu vira na caixa permaneceu com ele, agitando-se sob sua pele. O prego cravado. O rosto congelado na expressão de agonia da morte. Sua irmã fizera aquilo. E despertaria uma reação. Radu não sabia como se sentiria quando isso acontecesse, tampouco sabia o que desejava que acontecesse.

Ele escolhera o lado de Mehmed no ano anterior, quando Lada pediu sua ajuda. E, ao que parecia, precisaria fazer essa escolha de novo e de novo pelo resto da vida. Radu mudara sua fé, sua vida e até seu nome, mas não tinha como mudar sua irmã nem como se desvencilhar dela.

Ainda estava pensando no problema representado por Lada quando chegaram ao destino. O mundo ao redor parecia rodar. Congelado sobre a montaria, ele olhou para a fundição onde havia passado uma longa noite com Cipriano, derretendo prata e fabricando moedas.

– Radu?

Sobressaltado, ele piscou algumas vezes e se virou para Mehmed, que o encarava cheio de expectativa.

– Parece que você acabou de acordar. – Mehmed apontou para a fundição. – Já conhece esse lugar?

Radu assentiu em silêncio, torcendo para que Mehmed não

perguntasse mais nada.

– O que você fez aqui? – Mehmed se inclinou em direção a Radu. – Não sei quase nada sobre o que aconteceu aqui dentro durante o cerco! Ficamos afastados tantos meses. Quero ouvir tudo. Você sabotou as tentativas dele de construir um arsenal?

Radu esfregou os olhos, cobrindo-os com os dedos por tempo demais para parecer um gesto casual.

– Não. Eles não tinham a menor esperança de que os canhões fossem suficientes para enfrentar você.

– Então, o que fez aqui?

Radu endireitou os ombros, olhando para a porta atrás da qual passara uma noite delirante, quente e confusa com Cipriano. Ele se lembrava do formato dos ombros do outro, das linhas de seu tronco até as calças. As sensações que isso provocou em seu próprio corpo, que ele escondeu atrás da mesa entre os dois. Mas, antes disso, os risos, o divertimento com a situação, agindo às escondidas com sua amada esposa de aparências e o amigo que ambos já estavam traindo.

– Roubamos prata das igrejas e derretemos para fazer moedas.

– Você e Nazira?

– E Cipriano.

Mehmed endireitou-se na sela de forma abrupta, deixando de se inclinar em direção a Radu. O tom de sua voz mudou, assim como sua postura.

– Fazer moedas para quê?

Radu suspirou, tentando esquecer o restante das lembranças.

– Para comprar comida. O povo estava passando fome.

– E como isso ajudou nossa causa?

Radu desceu da montaria e parou, acariciando o flanco do cavalo. Ele não conferiu se Mehmed o estava observando.

– Não ajudou. Nem beneficiou você nem eles. Mas pareceu o certo a fazer no momento.

Radu entrou na fundição, piscando para ajustar os olhos à pouca luminosidade. Ali, seu passado conflituoso, seu presente confuso e seu futuro desconhecido pareciam mais complicados de suportar, o que tornava mais difícil respirar em meio ao ar quente e sufocante.

Assim como a prata que derretia, eliminando suas impurezas, Radu sentia-se desfeito e disforme. Poderia se moldar no formato que quisesse. Poderia ser o grande amigo e confidente de Mehmed. Poderia ser Radu Bei, uma força poderosa dentro do Império Otomano. E, provavelmente, poderia até voltar para Lada e tornar-se o irmão Dracul coadjuvante outra vez.

Mas o molde que desejava de fato, o formato que lhe parecia mais

verdadeiro, não poderia ser assumido. Porque as pessoas com quem gostaria de compartilhar essa forma estavam perdidas para ele. Talvez para sempre.

Lada sempre soube exatamente que forma assumiria. Jamais permitiria que isso fosse determinado pelas pessoas ao redor. Radu, porém, era incapaz de se livrar de sua necessidade de amor e de que as pessoas em sua vida o ajudassem a descobrir o que deveria e poderia ser. Lada moldou a si mesma apesar do ambiente em que foi criada. Radu foi moldado pelas circunstâncias externas.

Radu ficaria na cidade porque Mehmed ainda era responsável por moldar uma parte dele. Porém, não seria capaz de se transformar naquilo que Mehmed queria ou de que precisava. E temia que o calor do fogo revelasse que, na verdade, ele nunca fora prata, e sim somente as impurezas, que se transformaria em cinzas na tentativa desesperada de se transformar em algo de valor.

*Tirgoviste*

LADA ENTROU EM seu salão de recepção com Bogdan às suas costas e Nicolae ao seu lado. Havia dois homens à sua espera. Um era um rei que ela já conhecia. O outro, seu primo.

Matyas Corvino ficou de pé e jogou um pergaminho no chão.

– Sua imprudente monstruosa – ele rosnou.

Lada sorriu.

– Ora, ora – disse o outro homem, Estêvão, o rei da Moldávia, recostado na cadeira de forma casual, com uma perna esticada diante do corpo, encarando Lada com curiosidade. – Prima.

– Primo. – Lada o cumprimentou com um aceno de cabeça.

Ela não sabia muito sobre o homem, além de sua reputação de saber escolher suas brigas e sair vencedor. Mas, imediatamente, gostou mais dele do que de Matyas.

No entanto, por mais que desejasse receber Estêvão a sós, foi bom que os dois reis tivessem chegado ao mesmo tempo. Isso acelerava as coisas.

Estêvão corrigiu a postura.

– Que bom finalmente conhecer você. A sua mãe é...

– Não tenho nada a ver com a minha mãe.

Ela não queria trazer aquela mulher, e sua fraqueza, para a discussão. Estêvão precisava entender que Lada não era nem um pouco parecida com a mulher que a colocara no mundo. Ela sentou-se diante dos dois, como um homem, com as costas retas, as pernas afastadas e os braços cruzados sobre o peito.

Matyas se recostou, com a raiva visível na postura tensa, provavelmente querendo provocar alguma reação. Lada estava determinada a não ceder em nada. Na última vez em que haviam se encontrado, ele era quase rei, enquanto ela lutava pela chance de ser príncipe. Agora era um príncipe, e não permitiria que ele se esquecesse disso.

– Imagino que você tenha recebido a mesma carta que eu – Matyas

disse para Estêvão.

Erguendo uma sobrançelha, Estêvão sacou seu pergaminho, limpou a garganta e leu em voz alta:

– “Eu matei os camponeses, homens e mulheres, jovens e velhos, que viviam em Obucitza e Novoselo, onde o Danúbio desemboca no mar, até Rabova, localizada perto de Chilia...” – Ele fez uma pausa e ergueu os olhos. – Como está Chilia nesta época do ano?

– Bem agradável – Lada respondeu, sem deixar de notar a intenção por trás da pergunta de Estêvão.

Afinal, a Moldávia tinha interesses velados em Chilia, motivo pelo qual ela mencionara a região na carta. Ao longo dos anos, havia passado pelo controle da Bulgária, da Valáquia e da Moldávia. Agora era dela, porque a conquistara à força.

Estêvão levantou uma sobrançelha com uma expressão de divertimento.

– Fico contente em saber. Continuando, mais localidades ao longo do Danúbio e, ah, sim, minha parte preferida: “Matamos vinte e três mil, oitocentos e oitenta e quatro turcos, sem contar aqueles que foram queimados em suas casas ou os turcos cujas cabeças foram decepadas por nossos soldados. Isso, alteza, significa que eu rompi a paz com Mehmed.” – Estêvão baixou a carta, aos risos. – Eu diria que rompeu mesmo.

– Por que você faria isso? – Matyas questionou. – Nós não temos condições de entrar em guerra com os otomanos!

Lada reagiu à intensidade dele com um olhar de frieza.

– Não temos condições de *não* entrar em guerra com eles. Os turcos tomaram nossas fortalezas, nossos vilarejos, nossas terras, nossas crianças. Eu, pessoalmente, não tenho mais como manter o custo do domínio deles. Vou libertar a Valáquia. E provei que é possível. Eles mandam aqui porque permitimos. Já chega.

Estêvão batucou com a carta no joelho.

– Seus números são impressionantes.

– Fiz isso com apenas três mil homens sob o meu comando.

Matyas soltou um grunhido de descrença.

– Em algum dos números você deve estar exagerando, de um lado ou de outro.

Lada sacou uma adaga e limpou as unhas com a ponta da lâmina.

– Nós agimos depressa e os pegamos de surpresa, de fortificação em fortificação. Não encaramos mais de mil homens por vez em nenhuma ocasião. Então não, eu não estou exagerando, e você sabe que é verdade. Não finja que não sabe exatamente quantos homens tenho à minha disposição, Matyas. E não me faça o desaforo de

insinuar que eu falsificaria meus feitos. Quem *faz* as coisas de verdade não precisa de falsificações.

Matyas se levantou como uma tempestade mais uma vez. Estêvão ficou de pé também, erguendo uma das mãos.

– Calma. Pense bem. Ela impôs uma derrota arrasadora aos turcos. E, como acabou de falar, provou que uma coisa assim é possível, por mais surpreendente que seja. Então me diga, prima, por que estamos aqui? O que mais você vem planejando?

– Vamos sair numa cruzada – Lada falou.

Matyas sentou-se novamente. A cadeira rangeu de protesto sob a movimentação excessiva.

– Constantinopla já caiu. Você não pode ser tão delirante a ponto de achar que vai tomá-la de volta.

– Não estou preocupada com os apuros dos gregos e dos italianos. Que Mehmed fique com o que tomou deles. Mas que nunca mais tome nada de nós. Vamos sair em cruzada pela Europa, para provar que nossas fronteiras são nossas, irremovíveis, invioláveis, e que ele nunca mais vai conseguir tomar terras cristãs das nossas mãos.

Matyas ouvia tudo, estreitando os olhos.

– Eu não vou lutar por terras valáquias.

– Não estou pedindo que lute por terras valáquias. Posso muito bem lutar pelas minhas terras. Só estou pedindo a vocês que, pelo menos uma vez nas suas vidinhas patéticas, encarem as suas batalhas.

A espada de Matyas estava apenas pela metade fora da bainha quando Bogdan se colocou ao seu lado, com uma faca no pescoço do rei.

Lada deixou a faca momentaneamente onde estava.

– É isso que nós fazemos. Afrontamos Mehmed. Acossamos os homens dele. Se Estêvão fizer o mesmo, se atacarmos Mehmed em três frentes, vai ser uma batalha indesejada para ele. Seu império depende da estabilidade. Ele não vai arriscar tudo por fronteiras de quem nem precisa. Vamos forçá-los a sair das nossas terras. – Lada fez um gesto com a mão, e Bogdan retirou a faca, mas não se afastou de Matyas.

– Então, você quer um trabalho conjunto? Coordenado? – Estêvão questionou.

– Não. Lutando numa frente única, fica muito mais fácil para ele nos derrotar. Quero que cada um faça tudo separadamente. Sem se tornar um alvo claro, sem criar uma rota para que ele possa vir nos derrotar. Eu usei uma força pequena, mas que agia de forma inesperada, para massacrar os homens deles dos dois lados da fronteira. Nosso melhor plano é desafiar qualquer plano.

Matyas passou a mão no pescoço, com um olhar afiado como a

lâmina de Bogdan.

– Mas Mehmed não está *dentro* da Hungria. Eu não vou atacar outros países. Como vou poder ajudar você?

– Converse com os transilvânios. Para convencê-los a entrar comigo na luta. Eu preciso das fileiras deles.

Estêvão deu risada, girando despreocupadamente um cálice vazio no braço da cadeira.

– Eu li algumas das obras deles sobre vocês, Lada Dracul. Tudo muito criativo.

– Você viu aquela sobre o piquenique? – Nicolae perguntou.

– Ah, sim. Um charme. O rei Matyas vai ter que cortar um dobrado com eles. – Estêvão assentiu.

– Com certeza ele dá conta da tarefa – Lada falou, apesar de não ter certeza nenhuma disso. – E o seu papel é muito maior que esse, Matyas. Precisamos de dinheiro. A única pessoa capaz de financiar o que queremos é o papa.

– O papa? – Livre da ameaça à sua garganta, Matyas inclinou-se para a frente, estreitando os olhos ao notar que a conversa tomava um rumo que o interessava. – O que faz você pensar que o papa vai dar dinheiro para nós?

– Ele tem medo de que o islã invada a Europa. Escrevi para ele sobre as minhas vitórias na Bulgária, que lhe agradaram muito.

Matyas soltou uma risada sincera.

– Isso é porque ele não conhece você.

– Exatamente. Eu não tenho tempo nem o temperamento certo para buscar esse benefício. Você tem?

– Você teria que se converter ao catolicismo. – O rei da Hungria ergueu os dedos.

– Não.

– Ele não vai dar apoio se você ainda for uma cristã ortodoxa.

Por que os homens estavam sempre tentando reivindicar alguma parte dela? Seu corpo, seu nome, sua alma. Por que estavam tão interessados em suas lealdades? Ela fez um aceno com a mão, irritadiça.

– Então eu me converti. Pode comunicar isso a ele.

– Acho que não é tão simples assim – comentou Nicolae.

– Se o rei da Hungria escrever para o papa dizendo que sou católica, então eu sou católica. – Lada já havia sido considerada como convertida ao islã dessa mesma maneira, graças às manobras políticas de Radu. Isso foi feito para salvar sua vida. Agora, a questão era financiar uma guerra.

Além disso, eles não tinham acesso de verdade à sua alma, apesar

de todas as exigências de fidelidade.

– Seu povo não vai gostar da sua conversão. – Estêvão ergueu as sobrancelhas numa expressão cheia de significado. Lada seguiu os olhos dele e encontrou um Bogdan perplexo. Bogdan era quase tão apegado à fé ortodoxa quanto era a Lada.

– O meu povo – Lada respondeu, olhando feio para Bogdan – vai gostar porque foi essa a minha escolha, e as minhas escolhas são pelo bem da Valáquia. – Bogdan olhou para o chão, intimidado.

A cobiça era visível no rosto de Matyas, apesar de ele tentar disfarçar. Lada sentiu uma saudade súbita do pai dele, Hunyadi. Um homem honesto. Um homem de verdade. Um homem de valor inestimável para as batalhas que viriam.

Mas ela só podia contar com o filho de Hunyadi. Então, era preciso usá-lo da melhor forma possível.

Ele abriu um sorriso tenso.

– Pode funcionar. Com a perda de Constantinopla ainda tão recente, acho que consigo convencer Roma a mandar ouro para nós. Talvez uma bela quantia.

– Ótimo. Então cada um já sabe o que precisa fazer.

Estêvão abriu um sorriso malicioso, erguendo o cálice para Lada a fim de propor um brinde.

– Arruinar a estabilidade. Ir atrás de ouro. Provocar o império mais poderoso da face da Terra. – Ele fez uma pausa. – Vai ser divertido.

*Constantinopla*

AO LONGO DAS duas semanas seguintes, Radu ficou no palácio, a parte menos assombrada da cidade para ele. Passava o tempo escrevendo cartas e se aconselhando com Mara sobre onde procurar por Nazira. A paciência sorridente da mulher o incomodava, a maneira calma e tranquilizadora como falava o deixava com medo de que de fato não houvesse esperança.

Ele não abria mão da esperança. Não no caso de Nazira. Jamais.

Radu era convidado a participar de todas as reuniões que diziam respeito à Europa. Ele achava que era para ter alguma legitimidade na corte de Mehmed, apesar de sentir-se inútil. Ao contrário de Mara, não tinha nenhuma ligação com seu país natal além de Aron e Andrei Danesti, com quem falava apenas ocasionalmente. Era uma relação destinada ao constrangimento. Sua irmã matara o pai deles; o pai deles matara o pai de Radu. E, agora, sua irmã estava num trono ao qual os dois também tinham direito. Ele os evitava a ponto de quase parecer mal-educado, e o mesmo valia para todos os demais.

A única paz que Radu encontrava era na oração, mas nem mesmo seus estudos do islã eram capazes de distrair seu coração ansioso e maltratado. Toda vez que achava que encontrara seu lugar no mundo, tudo mudava ao seu redor, e mais uma vez se via sozinho.

Naquele dia, Mehmed estava numa plataforma diante da parede principal do recinto. Junto a vários outros conselheiros, estava Radu, sentado no ponto mais próximo ao sultão. Mas ninguém tinha permissão para subir na plataforma. Nem Radu, por maior que fosse a intimidade dos dois a portas fechadas. Certas coisas nunca mudavam.

Ele esfregou os olhos, exausto. Não sabia por quanto tempo conseguiria prosseguir naquela encenação. Era o que o mantivera vivo em sua infância cruel, convivendo com a ardilosa corte de Murad, e durante o cerco, atrás das muralhas de Constantinopla. Mas, quando Nazira e Cipriano partiram, Radu perdeu a única pessoa que o conhecia de verdade. E também a única pessoa que gostaria de ter

deixado fazer o mesmo.

Ele tentou prestar atenção na reunião que se desenrolava na sala, mas estava com dificuldade para se concentrar. Mara discursava a respeito de alguns pormenores diplomáticos que poderiam dar a Mehmed uma posição vantajosa no comércio com os venezianos. Parecia uma coisa extremamente desimportante.

– E quanto a Nazira? – Radu questionou durante uma brecha na discussão.

– O que tem ela? – Mehmed perguntou.

– Alguma notícia? Podemos mandar mais equipes de busca? Sabemos que eles saíram da cidade pelo mar. Talvez se procurarmos ao longo da costa...

Mehmed sacudiu negativamente a cabeça.

– Seria um desperdício de recursos. Ela fugiu com um sobrinho do imperador. Ele sabe o valor que Nazira tem. Se fizermos uma expedição de busca, isso só vai servir para que eles constatem nosso desespero e aumentem o preço de um eventual pedido de resgate. O melhor que podemos fazer é esperar para ver o que vão pedir em troca – o sultão percebeu a expressão horrorizada de Radu e ergueu a mão para acalmá-lo. – Nós vamos pagar, claro! O que eles pedirem. Mas temos de ser cautelosos ao mostrar o quanto ela é valiosa.

– Cipriano jamais faria isso.

O rosto de Mehmed assumiu uma expressão calculadamente neutra.

– Cipriano. Ah, sim. Tinha me esquecido do nome dele.

Radu não conseguia acreditar no que ouvia. Nem aceitar que aquela era a solução adotada por Mehmed. Apenas *esperar* para ver o que acontecia. Radu já estava aguardando parado havia meses.

– Se não recebemos notícias de Nazira, isso quer dizer que eles podem estar em apuros. Caso você aceite me ceder os homens, eu posso...

A porta se abriu, e Kumal Paxá, o amado cunhado de Radu, entrou às pressas. Ele se perguntou se o homem teria sido atraído pela discussão a respeito de sua irmã. Radu levantou-se, cheio de gratidão. Kumal certamente apoiaria seu pedido por mais recursos.

O paxá fez uma mesura.

– Perdão pela interrupção, mas acabamos de receber notícias da Bulgária. – Ele estendeu uma pilha de papéis. Um criado pegou-a, aproximou-se de Mehmed e fez uma mesura enquanto a segurava. Radu queria continuar falando sobre Nazira, mas Kumal tinha outros assuntos a tratar. Sua conversa com Mehmed poderia ficar para mais tarde. Quando os dois ficassem a sós. Mehmed vinha sendo tão

evasivo sobre intensificar as buscas que Radu passou a se perguntar se não seria por causa de Cipriano. Poderia ser por ciúmes?

Mehmed examinou os papéis, e sua expressão normalmente comedida foi se transformando, seus olhos se arregalavam à medida que ele lia. Quando levantou a cabeça, dirigiu o olhar para Radu.

– Lada. Ela atacou a Bulgária e matou dezenas de milhares.

O coração de Radu disparou, como se ele tivesse sido o atacado.

– Por quê? – Ela havia matado a comitiva do sultão, e, antes mesmo de esperar sua reação, havia feito *aquilo*?

Mehmed ficou de pé.

– Kumal Paxá, Mara Brankovic, Radu Bei, vocês ficam. Todos os demais, saiam.

Houve uma movimentação intensa e um farfalhar de túnicas, e, em pouco tempo, os quatro estavam sozinhos, a não ser pelos guardas de Mehmed.

– Venham. – Ele se recolheu para sua sala particular.

Radu foi atrás, e o espaço pareceu estranhamente maior com mais gente presente. Talvez porque Mehmed sozinho causasse uma impressão muito mais forte do que em meio a outras pessoas. Radu se recostou em uma parede enquanto o sultão andava de um lado para o outro. Kumal e Mara se acomodaram em um banco comprido e baixo.

– Você não pode deixar isso continuar – Mara falou, quebrando o silêncio.

Mehmed parecia estar com vontade de jogar alguma coisa longe. Mas tudo naquela sala era caro e luxuoso, além de ser de propriedade dele. Seus punhos se abriam e fechavam na lateral do corpo.

– Eu não entendo. Afinal, eu *dei* esse trono para ela.

Radu se remexeu, incomodado.

– Na verdade, não. Pelo menos não na prática. Você não mandou homens nem ajuda. Ela tomou o poder sozinha. Por isso não se sente uma vassala.

– A Valáquia é um Estado vassalo! Ela sabe disso.

– Você também não reagiu ao assassinato da comitiva.

Mehmed encarou Radu.

– Você acha que isso é culpa minha?

– Claro que não!

Mara sacudiu a cabeça.

– Não faz diferença. Ela precisa ser responsabilizada.

Radu passou os dedos nas bordas do turbante. Normalmente, o tecido era reconfortante, mas não foi o caso naquele momento. Dezenas de *milhares*. Búlgaros, ainda por cima. Não fazia sentido. O que ela queria?

– Ela tomou algum território?

Kumal estava cochichando com Mara, informando-a sobre os detalhes. Ele ergueu os olhos e fez que não com a cabeça.

– Só uma fortaleza em Chilia que, originalmente, pertencia à Valáquia.

– Então, ela não está pensando em expansão. Mas por que atacaria a Bulgária? Isso desestabiliza toda a região.

Mara abriu um leque e o abanou diante do rosto, apesar de a sala estar fresca.

– Ela atravessou a fronteira e atacou todas as fortificações otomanas. Nossas forças devem estar num estado de caos. Não acho que os búlgaros vão se valer da oportunidade para se voltar contra nós. Os sérvios não fariam isso, lutariam ao lado do império, mas todos os países da região vão colocar as manguinhas de fora. Principalmente a Moldávia. Ela tem alguma relação com o rei Estêvão? Ele é seu primo, não?

Radu sacudiu a cabeça, sentindo-se inútil.

– Não sei. Não volto para casa... – Ele se interrompeu, perguntando-se por que havia se referido à Valáquia daquela forma. – Não vou para lá desde que era criança. Esse parentesco seria pelo lado da minha mãe, que foi embora quando eu era muito pequeno. Se Lada está em contato com ele, é uma relação recente.

– Como ela conseguiu causar tanto estrago? – Kumal perguntou. – Isso deveria ser impossível.

– Vocês não conhecem Lada. Ela se destaca justamente por fazer o impossível – Radu retrucou. – Por isso e por nunca recuar.

Mara ainda brincava com o leque, abrindo-o e fechando-o.

– O que ela quer? Nós temos como comprá-la?

Mehmed soltou uma risada amarga.

– Se ser imperatriz não conseguiu afastar Lada da Valáquia, nada é capaz de fazer isso.

Radu respirou fundo. Imperatriz? Quando Mehmed ofereceu isso a ela? Ele não mencionou que havia conversado com Lada desde que ela fora embora. Mehmed sempre a mantivera em segredo, em uma parte de seu coração a que Radu não tinha acesso. Radu baixou a cabeça. Todas aquelas horas passadas a sós. Tanta confiança e proximidade. Tanto trabalho feito por ele enquanto Lada estava longe, trabalhando *contra* Mehmed. E ela ainda tinha poder sobre ele. Sempre teria.

Kumal ficou de pé e caminhou até um mapa pendurado na parede.

– Se ela conseguir a Hungria, a Moldávia e a Transilvânia como aliadas, a região inteira pode sair de controle. Perderíamos o Danúbio também. Podemos enfrentar a Valáquia sem perdas significativas, mas

não gosto da ideia de diluir as tropas entre diferentes regiões.

– A Valáquia não tem boas relações. Demoraria um bom tempo para ela ganhar força dentro da Europa. Você deveria atacar – disse Mara. – Imediatamente.

Radu abriu a boca para discordar, mas se deteve. Sua hesitação havia custado muitas vidas em Constantinopla, em ambos os lados da muralha. Ele não agiu de forma decisiva, e vivia atormentado pelo que poderia ter acontecido caso agisse de outra maneira. Se tivesse assassinado Constantino quando surgiu a oportunidade, poderia ter salvado dezenas de milhares de pessoas. Tudo porque gostava do imperador, e também de Cipriano. E ainda não sabia se fora a decisão certa.

Começava a desconfiar que não. Como pôde ficar sem fazer nada enquanto inocentes eram mortos? Não foi culpa dele dessa vez, mas...

Ou teria sido? Lada o chamara para ir com ela. Sem Radu ao seu lado, não havia ninguém para dissuadi-la, para deter seus primeiros impulsos. Sem ele para direcioná-la sutilmente para outros caminhos, sua irmã estava se tornando a versão mais brutal possível de si mesma.

Ele escolhera Mehmed em vez de Lada, e aquele era o resultado. Mais mortes. Sempre a morte.

Não houve resposta à sugestão de Mara para um ataque. Radu ergueu a cabeça. Todos olhavam para ele. Kumal com compaixão, Mara com expectativa e Mehmed num turbilhão de agitação. Por fim, os punhos dele relaxaram, e seus ombros despencaram.

– Eu não quero – Mehmed falou com um tom de voz suave. – Não quero destruí-la.

Radu concordou, sentindo a cabeça pesada.

– Vou falar com ela, então.

Mara se levantou num pulo, ainda mantendo a compostura e a elegância como se estivesse posando para uma pintura, mas com uma ruga de preocupação na testa.

– De que adiantaria uma conversa sua com ela? Você não tem poder para libertar a Valáquia da vassalagem. Isso abriria um precedente perigoso. Se não levarmos em conta a possibilidade de independência total que ela deseja, não temos nada a oferecer.

– Se ela continuar nesse caminho, vai acabar morrendo. – Kumal levantou as mãos, como se pesasse as opções. – E não estou falando em tom de ameaça. É a verdade. Você mesmo disse que ela nunca recua. Essas atitudes ameaçam todos os habitantes do nosso império. A instabilidade cria fissuras, pelas quais a morte se infiltra. Nossa responsabilidade é manter o povo seguro e lidar com as ameaças

pensando em seu bem-estar. Radu, entendendo que ela é sua irmã, mas, se ela não ceder, sua morte será inevitável.

Radu sentiu uma pressão atrás dos olhos, das lágrimas que se recusava a liberar. Kumal estava certo. Lada estava flertando com a morte, e arrastaria inúmeras pessoas consigo em sua jornada sangrenta. Ele já falhara com ela antes. Não faria isso de novo. Para protegê-la, seria necessário traí-la. A traição estava rapidamente se tornando a única coisa que ele tinha a oferecer.

Radu balançou a cabeça.

– Ela não vai ceder. Quando vier me ver, como deve fazer, porque sou seu *irmão*, e porque o fato de pertencer a outra pessoa por tantos anos a irrita, eu vou trazê-la para cá.

– Ela jamais voltaria – Mara falou.

– Não por livre e espontânea vontade. – Radu esperou até que os demais entendessem o que estava querendo dizer.

– Não – disse Mehmed. – Eu não posso tomá-la como prisioneira, como fez meu pai. Isso... – Sua voz ficou embargada, e ele se interrompeu.

– Isso mataria o amor que ela ainda sente por nós dois. – Radu atravessou a sala e segurou Mehmed pelos ombros, vendo a tristeza e a exaustão refletidas no rosto do amigo. Era uma decisão detestável, mas parecia a mais correta. A única possível. – Talvez algum dia seja possível se redimir disso. Mas, no momento, tem gente morrendo por causa dela. Sua gente. Nossa gente. Nós temos o direito de deixar essas pessoas morrerem por causa do nosso histórico com ela?

Os olhos de Mehmed moviam-se de um lado para o outro, como se trilhassem possíveis caminhos futuros. Sem dúvida, estava à procura de um em que pudesse ter Lada da forma como gostaria. O futuro que visualizava não girava em torno de Radu.

– Vamos trazê-la de volta – Mehmed anunciou. – Traga-a de volta para casa.

O que quer que estivesse acontecendo entre Mehmed e Radu, bem como qualquer possibilidade de progresso, acabariam com a volta de Lada, por vontade própria ou não. Ela sempre vinha em primeiro lugar. Mas não fazia diferença. Radu não sabia o que esperar, mas todas as suas expectativas caíram por terra quando Mehmed não hesitou nem por um instante em mandá-lo embora para ir atrás de Lada.

Era uma porta que se fechava. Radu sabia que esse movimento tinha começado no dia em que fugiu de Edirne com Cipriano e descobriu que certos corações eram considerados mais valiosos do que outros. E sentia que, em pouquíssimo tempo, a porta se fecharia para

sempre. Seus sentimentos por Mehmed ainda estavam lá, mas se esgotavam a cada minuto.

Radu tirou a mão dos ombros de Mehmed e sorriu, porque não sabia o que fazer. Ele mantivera vivo aquele amor por muito tempo. Foi seu primeiro amor, e parecia inimaginável que algum outro tomasse seu lugar. Mas estava errado.

Ele permitiria que aquele amor impossível fosse, aos poucos, acabando. Para sempre.

*Tirgoviste*

LADA ESTAVA ESCONDIDA...

Preferia pensar que estava em um retiro estratégico, mas a verdade era que precisava de alguns minutos cercada apenas pelo cheiro de pão assando e nada mais. Ela enfiou o dedo num pote de frutas em conserva e lambeu.

– Olha os modos – Oana a repreendeu, mas seu tom era ameno. Ela cantarolava enquanto se deslocava pela cozinha cavernosa. Lada se viu como uma criança de novo e, pela primeira vez em seus dezenove anos de vida, não se incomodou com isso. Estava agachada sob uma mesa perto dos fornos quentes, com os olhos fechados, terminando o pote de conservas.

– Você viu a Lada? – Nicolae perguntou.

Ele ficara com ela depois da Bulgária, pois sua presença era mais necessária no castelo do que no campo de treinamento. Lada ficou paralisada. Não conseguia vê-lo, mas isso não significava que não estava sendo vista por ele.

– Dois proprietários de terra começaram uma disputa e querem que ela resolva. Também temos um monte de gente pedindo a concessão de terras antes que a temporada do plantio comece, e alguns recrutas para ser aprovados nas forças militares, e ainda precisamos discutir como cobrar os impostos das regiões sem boiados. Além disso, chegaram mais cartas.

Oana se moveu para que suas saias encobrissem o esconderijo de Lada.

– Pode ser que ela esteja cavalgando.

– Neste frio?

Oana bufou.

– Eu não sou mais a ama dela, como a própria Lada faz questão de me lembrar o tempo todo. Não sei onde ela está. Agora, saia da minha cozinha ou comece a me ajudar. Este maldito castelo não vai se alimentar sozinho.

Nicolae se retirou às pressas. A mão de Oana apareceu sob a mesa, segurando outro pote de conservas e meio pão ainda quentinho depois de sair do forno.

Lada voltaria a ser príncipe em uma hora. Por enquanto, só queria ter o luxo de deixar sua antiga ama cuidar dela.

– Obrigada – murmurou.

O cantarolar contente de Oana indicava que sua presença era todo o agradecimento de que a mulher precisava. Talvez elas nunca tivessem abandonado seus papéis. Oana sempre seria uma cuidadora. E Lada, sua responsabilidade. Bogdan, o amigo leal. E Radu...

Ela pressionou o pão quente contra o rosto e decidiu não pensar em mais nada.



Mircea, seu irmão mais velho, fora enterrado vivo. Às vezes, Lada temia ser soterrada por tantos pergaminhos.

Ela remexeu uma nova pilha, estreitando os olhos para tentar se livrar de uma dor de cabeça, já sentindo falta do clima caloroso da cozinha. A primavera vinha ameaçando chegar fazia tempo, mas era impedida pelas geadas após geadas que atingiam as pedras do castelo.

– A fortaleza de Bucareste está quase pronta – ela falou. Nicolae anotou o comunicado, à espera de mais informações. – A construção da fortaleza de Poenari acima do Arges está quase completa também. Gostaria de estar lá agora.

Lada esfregou o pescoço, sonhando com o frio no alto do monte, o verde escuro das árvores, o rio reluzente serpenteando lá embaixo. De todos os lugares da Valáquia, a fortificação no alto das montanhas era onde ela mais se sentia em casa. Tirgoviste, porém, exigia sua presença com a insistência irritante de centenas de peticionários por dia e dezenas de cartas urgentes.

– Precisamos nos concentrar em algumas outras fortificações? – Nicolae perguntou. – As muralhas da cidade poderiam se beneficiar de um pouco de atenção.

– Não vamos ganhar nada nos escondendo atrás de barricadas.

– Defender uma localização bem fortificada é mais fácil que um confronto em campo aberto.

Lada pôs os pés sobre a mesa.

– Constantinopla que o diga. Não. Vamos lutar de formas que ninguém nunca viu. É assim que vamos garantir nossa terra.

– Isso se o sultão vier atrás de nós.

– Ele vai vir – Lada falou, num tom carregado de lembranças sombrias da última vez em que se encontrara com Mehmed.

A gentileza na voz de Nicolae era falsa como um dia quente em

fevereiro.

– Você acha que pode estar fazendo essas provocações porque *quer* que ele venha?

Lada rosnou:

– Diga logo o que quer, Nicolae.

– O que eu quero dizer é que você está fazendo de tudo para afrontá-lo. A Bulgária foi uma coisa desnecessária.

Lada baixou os pés para o chão.

– Eles mataram a minha gente.

– Em *um* vilarejo. Você matou a comitiva dele em resposta. Acho que foi um recado bem claro, mas você continuou pegando cada vez mais pesado, ferindo o império com ainda mais força. Estou tentando entender por quê.

– Estou fazendo isso pela Valáquia.

Nicolae abriu um sorriso ácido, e seu rosto se contorceu em torno da antiga cicatriz.

– É mesmo? Mehmed gosta de você. Isso pode ser usado em seu benefício, para conseguir termos diferentes de vassalagem. Com pagamentos mais baixos. Sem ceder meninos para os exércitos dele. O sultão aceitaria. Você poderia criar a melhor posição para a Valáquia em várias gerações, a mais poderosa e estável possível.

– Como Estado vassalo dos turcos!

– Que seja!

Lada se levantou abruptamente da cadeira, derrubando Nicolae de onde estava sentado e o imobilizando no chão com o antebraço apoiado em sua garganta. Ela escancarou os dentes, com a respiração pesada se misturando com a dele, cada vez mais dificultada. Nicolae não se moveu, não fez nenhuma tentativa de se desvencilhar dela.

– Não vou ser vassala de ninguém – ela sibilou. – A Valáquia é minha. *Minha*. Entendeu?

Nicolae piscou, baixando os cílios escuros sobre os olhos castanhos. Algo que estava lá havia muito tempo, inclusive mais tempo que a cicatriz, desde que Lada o conhecia, desaparecera de seus olhos. Ela não sabia o que era, nunca tinha notado sua presença, apenas a ausência.

– Eu entendo – Nicolae respondeu com a voz tensa.

– Lada? – chamou Daciana.

Lada ficou de pé, dando as costas para Nicolae. Daciana estava parada na porta, observando a cena com hesitação, com várias pilhas de tecido nas mãos.

– Sim? – disse Lada.

– Suas roupas novas. Vamos ver se cortei tudo direitinho?

– Muito bem. Pode ir, Nicolae. Fale com Bogdan antes. Ele está vasculhando as prisões em busca de novos soldados em potencial.

Ela esperava que Nicolae objetasse, como sempre fazia, mas ele fez uma medida e se retirou.

Daciana assumiu seu lugar e, sem dizer nada, ajudou Lada a se despir. Era uma costureira melhor que Oana, cujos olhos já não funcionavam tão bem. Por isso, Oana assumiu a cozinha, e Daciana, a tarefa de vestir Lada. Enquanto ela ficava parada para tirar as medidas, Daciana enfim se manifestou.

– Algum problema com Nicolae?

– Não.

– Que bom. Eu gosto dele.

– Não pedi a sua opinião.

Daciana soltou um leve ruído, olhando para Lada da posição em que marcava o tecido com giz. O novo casaco teria colarinho e punhos forrados de pele. Seria bem vermelho, para combinar com o chapéu de Lada.

– Mas pode ser que se interesse pela minha próxima opinião, que é: cuidado ao ficar sozinha com Bogdan daqui para a frente.

– Como assim?

– Ele vai te pedir em casamento.

Lada se inclinou para trás de surpresa, deixando uma longa trilha de giz na túnica em processo de confecção.

– Quê?

– Ele conversa comigo às vezes, depois da igreja. Da última vez, deu uma olhada ao redor e comentou que seria ótimo casar-se ali. Perguntou se eu achava que uma garota iria preferir se casar lá ou no mosteiro da ilha de Snagov. E, como eu sei que não é a minha atenção que Bogdan vive tentando atrair o tempo todo, posso dizer com segurança que estava pensando na única mulher que ele considera que existe no mundo.

Lada sentou-se, arruinando o formato da túnica ainda não costurada.

– Por que os homens na minha vida não podem simplesmente se limitar a fazer o que eu peço?

Daciana recolheu o tecido caído e, num gesto gentil, envolveu Lada com o que restava dele.

– Já pediu para Bogdan deixar de ser apaixonado por você? – O tom da pergunta era brincalhão.

– Não consigo nem entender o motivo disso, para começo de conversa. Ou por que ele acharia que a gente pode se casar.

– Ele é um menino. – Daciana pôs o tecido de lado, pegou um

penete e começou a ajeitar os cabelos de Lada. Era muito mais cuidadosa que Oana. Lada não se incomodava tanto quando era vestida e arrumada por Daciana. – Vê em você aquilo que quer ver. Seja gentil quando ele fizer o pedido.

Lada a encarou com seus cílios pesados, e Daciana levantou uma sobrancelha.

Daciana deu risada.

– Bom, não precisa ser gentil. Mas tente não ser cruel. O rapaz é frágil.

– Ele tem duas vezes o seu tamanho. E já quebrou pescoços na minha frente usando só as próprias mãos.

– Ah, mas você vai partir o coração dele com isso.

– Eu nunca pedi o coração dele.

Daciana terminou o penteado, passando a mão nos cabelos de Lada.

– É assim mesmo quando oferecemos nosso coração. Não esperamos que a outra pessoa peça. Nós nos mostramos de peito aberto e torcemos para que ela aceite.

A porta se abriu, e duas criancinhas entraram correndo. Stefan apareceu em seguida, abrindo um breve sorriso no rosto impassível ao ver Lada.

– Desculpe, pensei que você não estivesse aqui. – Ele se abaixou para pegar as crianças, que fugiram de seu alcance.

– Elas estão querendo a mãe – disse Daciana, aos risos. Ela abriu os braços e as crianças correram em direção a ela para agarrá-la.

Lada ficou surpresa. Como passava muito tempo fora do castelo, era raro ver Daciana. E não via a filha dela – batizada como Lada, em sua homenagem – desde que era uma bebê de colo.

Mas tinha certeza absoluta de que era apenas uma.

– Quem é esse? – ela perguntou, apontando para a outra criança.

Daciana e Stefan trocaram olhares furtivos. Lada percebeu apenas porque estava acostumada com a falta de expressividade de Stefan. Aqueles olhares a deixaram confusa. E desconfiada.

– Nosso filho. – Daciana abriu um sorriso complacente, como se fosse uma coisa que nem precisasse ser dita.

– E de onde ele veio?

Daciana soltou os cabelos do punhozinho fechado do menino.

– De onde vêm todos os bebês, claro.

Lada não estava a fim de brincadeiras. Ela ficou de pé.

– De quem é essa criança?

Stefan pegou o menino e o abraçou junto ao peito.

– Minha – ele respondeu, apanhando a garotinha com o outro

braço e saindo da sala.

Daciana juntou suas coisas, olhando para tudo, menos para Lada.

– Existem muitos órfãos por aí – ele falou, dando de ombros. – Nós achamos que a pequena Lada precisava de um irmãozinho.

– Hummm. – Lada viu Daciana se embananar com o pente, derrubando-o no chão.

Ela o apanhou, baixou a cabeça e saiu às pressas da sala. Não terminou o trabalho que fora fazer, o que não era de seu feitio.

Daciana foi ama de leite de uma família de boiardos depois de dar à luz. Boiardos da família Danesti.

Lada matara todos os boiardos Danesti. E ordenou a morte dos herdeiros também.

Ela encontrou a folha com as anotações criteriosas de Nicolae e escreveu dois itens no final.

Olho em Nicolae.

Olho em Stefan.

*Constantinopla*

RADU E SEUS homens atravessaram a cavalo os portões de Constantinopla, acompanhados de Mehmed. O sultão cavalgava no centro de um círculo de guardas. Seu turbante brilhava e reluzia sob o sol, costurado com fios de ouro puro. O cavalo seguia com passos altos, e com a cabeça mais erguida que os demais, com uma pelagem branca e impecável. A túnica preta revoava atrás dele. Radu se imaginou no lugar de um cidadão na beira da estrada, observando tudo embasbacado. O sultão com certeza era tudo o que deveria ser. A personificação do poder e da glória.

Eles pararam logo após sair da cidade, e Mehmed permitiu a aproximação de Radu.

– Volte para casa com ela. – O sentido de urgência por trás de seu tom de voz estava em contraste com a postura confiante.

Radu assentiu, mas não havia como fingir a mesma confiança. Lada já estava em casa. E nem Radu sentia-se em casa em Constantinopla. Mas ele chegaria até Lada, e a traria de volta. Depois...

Ele não sabia para onde iria. No entanto, estaria livre de suas obrigações tanto para com Mehmed como para com Lada, e sabia o que *fazer*: passaria o restante de seus dias procurando Nazira.

Sentindo um vazio doloroso dentro de si, que começava a parecer cada vez mais familiar em seu corpo, Radu esporeou o cavalo para que avançasse. Para longe de Mehmed.

Kumal emparelhou com ele a alguns quilômetros da cidade.

– Obrigado por vir – Radu falou com um sorriso muito mais sincero do que aquele que conseguiu oferecer para Mehmed.

– Claro. Vai ser bom sair um pouco da cidade.

– Você não gosta daqui?

Radu nunca vira Kumal abrir a boca para reclamar. Mas também nunca o ouvira dizer uma palavra de lamento pela perda da única irmã. Radu se perguntou se Kumal seria capaz de atos de crueldade. E

torcia para que sim, na verdade. Isso lhe dava esperança de que homens como Kumal eram pessoas como quaisquer outras, que simplesmente se esforçavam para fazer o certo.

Kumal pareceu surpreso, e sacudiu a cabeça.

– Não é isso. Estou feliz com a minha posição de proximidade com o sultão. Ele é um homem bom, e tem meu respeito. É uma honra servir ao nosso povo. Por outro lado, é difícil aceitar a ideia de que estamos de braços cruzados enquanto esperamos notícias de Nazira.

Radu encolheu os ombros, pensativo. Ele sabia que Kumal não estava tocando no nome de Nazira para puni-lo, mas era impossível não se sentir culpado pela ausência dela por tanto tempo.

Kumal notou seu desconforto e aproximou ainda mais o cavalo.

– Você tomou a melhor decisão possível num momento desesperador. Sei que fez tudo o que estava ao seu alcance para protegê-la. O que eu quis dizer foi que ficar parado num lugar só pode levar um homem à loucura. É bom poder viajar, entrar em ação, defender o império. Vamos continuar a torcer e rezar para receber notícias de que Nazira está a salvo. Mas isso também pode acontecer enquanto estivermos na estrada.

Radu assentiu, e o fardo sobre seus ombros pareceu ficar um pouco mais leve.

– Obrigado. Você sempre foi um grande amigo para mim.

– Você é meu irmão.

Radu riu.

– Você, sem dúvida, é o irmão que escolhi para mim. Meu irmão de sangue mesmo nunca foi meu amigo.

– Por falar nisso, o que você pretende fazer em relação à sua irmã? Vai tentar negociar primeiro?

– Vou mandar uma mensagem marcando um encontro no nosso posto avançado em Giurgiu. Ela vai querer vir me ver, acho, mesmo sem que eu prometa nada em troca. Quando chegar, nós vamos separá-la de seus homens e levá-la para Constantinopla.

– E você está preparado para usar a força até que ponto?

Radu se remexeu na sela, incomodado, encolhendo-se ainda mais dentro do casaco de pele. Pareceu um bom plano quando conversou a respeito com Mehmed e Mara. Mas Radu não havia pensado nos detalhes. Lada não iria querer vir. Isso estava na cara. Ele teria que matar os soldados dela? E se Bogdan estivesse entre eles? Radu nunca gostou de Bogdan, que encorajava o que havia de pior em Lada, com aquela lealdade canina. Mas Radu não queria matar Bogdan. Nem Nicolae. Sempre o considerou superior em relação aos demais homens de Lada. Era inteligente e divertido e, às vezes, até gentil.

E havia também a própria Lada. Radu imaginou que pudesse amarrá-la e trazê-la numa das carroças de suprimentos. Caso contrário, ela passaria o tempo todo lutando e reagindo. Mas e depois que a levasse de volta? Ele a trancafiaria numa cela?

Radu suspirou, esfregando os olhos.

– Se for necessário. – Um desfecho satisfatório para seu plano era possível, mas não a continuidade das agressões constantes por parte de Lada.

– Isso é mesmo a coisa certa a fazer? Atraí-la para o império sob um falso pretexto de fazer as pazes e, depois, sequestrá-la? – Kumal não parecia contrariado, mas havia um tom de desaprovação em sua voz.

Ele não contribuíra muito para o planejamento. Ainda mostrava deferência a Mehmed e não discordava dele, mas, com Radu, mostrava-se mais à vontade.

– Isso vai salvar vidas no longo prazo. – Radu estendeu as mãos e, depois, baixou-as para as laterais do corpo, desanimado. – E a vida dela também. Mara tem razão. Ela não pode continuar fazendo isso. *Alguém* vai matá-la. Prefiro Lada sã e salva numa prisão em Constantinopla do que numa cova sem lápide ao lado do nosso pai e do nosso irmão.

Kumal assentiu com a cabeça.

– Muito bem, então. Se você acha que é o melhor a fazer, vou fazer o que puder para ajudar. Às vezes, precisamos nos valer de subterfúgios. Mas sou obrigado a admitir que isso não combina comigo. Não tenho aptidão nem gosto por isso.

– Porque você é um homem bondoso e honesto.

Radu não conseguiu sorrir dessa vez. Ele se valia de subterfúgios com a mesma facilidade com que entrava numa banheira quente. Sempre foi sua maior habilidade dizer e fazer o que fosse necessário para sobreviver.

E era o momento de fazer e dizer o que fosse necessário para que sua irmã sobrevivesse. Mesmo que ela jamais o perdoasse.



Depois de dois dias de viagem rumo ao norte para a fortaleza de Giurgiu, que demarcava a extremidade norte dos territórios controlados pelos otomanos, um mensageiro os interceptou.

– Fui mandado por Mara Brankovic – anunciou, coberto de poeira, estendendo uma carta.

Radu apanhou-a, intrigado. O que Mara poderia querer comunicar de forma tão urgente? Ele rompeu o selo e abriu a correspondência. Uma das folhas era um bilhete de Mara. O que leu nas linhas elegantes

da caligrafia dela o deixou sem fôlego. Ele não conseguia respirar, não conseguia criar coragem para ler a carta.

– O que é? – Kumal quis saber.

– Mara. Ela conseguiu notícias de Nazira. Eu não consigo... Kumal, estou sem coragem de ler.

Radu tremia, morrendo de medo do que poderia ter acontecido com Nazira. Ficar sem saber havia sido péssimo, mas ser o responsável pelo destino dela era pior. Ele não conseguiria conviver consigo mesmo se ela estivesse morta.

Com um gesto suave, Kumal tirou a carta da mão de Radu, que manteve os olhos fixos no chão. Observar a reação de Kumal seria o mesmo que ler a carta. Ele queria parar o tempo para sempre naquele momento, em que ainda não sabia se sua amiga mais verdadeira estava morta por culpa sua.

Kumal soltou um suspiro de alívio e agradeceu a Deus. Radu se encheu de esperança e criou coragem para erguer a cabeça. Os olhos de Kumal estavam cheios de lágrimas, e ele sorria.

– Ela está viva.

Radu soltou o ar com força, expulsando meses e meses de angústia de dentro do peito.

– Ela está viva?

– Está. – Kumal passou os olhos pela carta de novo. – Eles naufragaram perto de uma ilha no mar de Mármara. Nazira saiu ilesa. Cipriano e o criado saíram gravemente feridos. Ela precisou ficar para cuidar deles e só teve como mandar notícias depois de viajar para um lugar mais habitado.

Nazira estava viva. Cipriano e Valentim saíram feridos.

– Eles estão... Cipriano e Valentim se recuperaram?

– Aqui não diz. Não foi Nazira quem escreveu. Foi um dos contatos de Mara. A pessoa diz que pode escotar Nazira até a cidade portuária de Bursa, mas alguém precisaria ir buscá-la nesse lugar.

Radu já estava virando o cavalo. Ele respirou fundo, fechou os olhos e elevou a cabeça para o céu. Inspirando gratidão, expirando medo. Inspirando esperança, expirando preocupação. Nazira estava viva e bem. Ele não matara sua amiga mais sincera e querida. Levaria a esposa de Fatima de volta para casa.

E Cipriano.

Se Cipriano e Valentim estivessem mortos, a carta revelaria. Com certeza, estavam a salvo, e isso era tudo que ele poderia pedir. Qualquer coisa a mais seria egoísmo de sua parte, depois de tudo o que tinha feito.

– Você deveria ir buscá-la. – Radu sorriu para Kumal.

Os olhos afetuosos de Kumal encheram-se de lágrimas. Ele fez um gesto de negação com a cabeça, com um sorriso no rosto. Era o mesmo sorriso gentil que servira como um bote salva-vidas para Radu quando era um menino assustado e perdido numa terra estranha.

– Você é o marido dela. É quem deve ir buscá-la.

– Mas Lada...

– Eu providencio tudo. Prometo que vou tratá-la com respeito e com a maior gentileza possível. Deixe-me cuidar da sua irmã enquanto você se encarrega da minha.

Radu deu risada, estendendo o braço para apertar a mão de Kumal.

– Obrigado, irmão. Eu vou levá-la para casa. – Radu virou seu cavalo para a rota que o levaria a Bursa, até Nazira. Ele fez uma pausa. – Por favor, cuidado com a minha irmã.

– Prometo que vou tratá-la bem.

– Não, estou dizendo para tomar cuidado mesmo. Com a sua segurança.

A expressão de Kumal tornou-se mais fria e bem mais séria.

– Eu li os relatórios a respeito dela. Não vou subestimá-la.

Com um último aceno de cabeça, Radu e Kumal tomaram caminhos diferentes para ir buscar irmãs que precisavam ser levadas de volta ao império. Uma como alguém a resgatar; a outra, como prisioneira.

*Tirgoviste*

– **Q**UAL É o crime desse aí? – Lada perguntou, afiando as adagas, enquanto um grupo de prisioneiros aguardava diante do trono, cercado por seus soldados.

– Estupro – respondeu Bogdan.

– Acabem com ele. – Lada nem levantou os olhos enquanto o homem era arrastado para longe e outro era trazido. – E desse aí?

– Furto.

Ela sentiu o olhar de Bogdan sobre si, tentando atrair sua atenção. Ela o vinha evitando desde o alerta de Daciana. Não tinha tempo para se preocupar com os sentimentos dele, e estava irritada com o fato de ter que levá-los em consideração para alguma coisa.

– Por quê? – ela questionou.

– Minha família estava passando fome – grunhiu o prisioneiro. – Eu faria tudo de novo.

Lada parou para observá-lo. Era um homem alto e magro, mas com potencial para ficar forte, se bem alimentado.

– Você pode entrar para o meu exército. Vai servir na linha de frente e, provavelmente, ser morto. Se sobreviver e se destacar, seus crimes vão ser perdoados e você vai ter a chance de ganhar terras para cultivar com a sua família. Se voltar a roubar ou me decepcionar de alguma forma, estará morto. Se recusar a oferta, volta para a cela agora mesmo. Você aceita?

O homem hesitou, franzindo a testa, pensativo. Lada gostou disso. Os que aceitavam sem pensar duas vezes estavam mentindo para si mesmos – ou para ela, o que era mais provável. Eram sempre mandados de volta para a cadeia ou executados, a depender de seus crimes.

Por fim, o homem baixou a cabeça e apoiou um dos joelhos no chão.

– Aceito, príncipe.

– Muito bem. – Lada fez um aceno para que ele fosse levado. Os

soldados o conduziram para a saída oposta, onde se juntaria às fileiras cada vez mais extensas de suas forças armadas. Ela contava com quase cinco mil homens, e estava esperando que outros viessem da Transilvânia.

– Nós queremos mesmo criminosos no nosso exército? – Nicolae questionou.

Estava sentado perto dela, apesar de não ter sido convocado para a sessão do dia.

– Os criminosos fazem parte da nossa nobreza há séculos. Por que não deixar que façam alguma coisa de verdade por nós?

Nicolae suspirou.

– Mas eles vão mesmo ganhar terras depois?

– Eu concedo terras para quem quiser. Se a receberem de mim, eles vão me dever tudo o que têm. Se eu fracassar, eles perdem tudo o que ganharam junto comigo. Você conhece alguma forma melhor de incentivar a fidelidade de um povo?

Nicolae deu de ombros, sorrindo. Mas o sorriso logo sumiu de seu rosto, deixando à vista apenas a cicatriz. A relação entre os dois não era a mesma desde que ele a questionara. Ela sentia a distância em relação a ele como o fio serrilhado de uma lâmina. Caso movesse o dedo com cuidado, sentiria apenas um desconforto. Se forçasse a mão, haveria sangue.

– Por que você está aqui, Nicolae? Deveria estar treinando os novos recrutas.

– Chegou uma carta.

– Ah, uma carta. Grande novidade. É uma proposta de casamento? Ou um aviso sutil para me manter dentro das minhas fronteiras e parar de afrontar meus inimigos? Ou alguém me parabenizando pelas minhas ações, mas se recusando a se mexer para nos ajudar? Como eu adoro cartas.

Lada guardou a adaga na bainha presa ao punho e sacou a outra para afiar.

– É do seu irmão.

Lada corrigiu a postura no trono.

– Esvaziem a sala.

Os soldados levaram os prisioneiros restantes, deixando apenas Bogdan e Nicolae.

– Onde está Stefan? – Lada questionou, estendendo a mão.

– Não sei.

Nicolae lhe entregou a carta. Radu tinha um novo selo, com escritos circulares e estilizados em árabe. Ela reduziu a cera vermelha a pedaços antes de abrir a correspondência.

Amada irmã,

Escrevo em nome de sua magnificência, a Mão de Deus na Terra, o imperador de Roma, o sultão do glorioso Império Otomano, Mehmed, o Conquistador.

Lada estava impressionada com o peso dos títulos que Mehmed havia criado para si. Como ele ainda conseguia andar com tantas palavras pomposas sobre os ombros?

Os acontecimentos recentes obrigam uma renovação dos termos da vassalagem da Valáquia ao Império Otomano. Para evitar um conflito que você não tem como vencer, por favor, me encontre em Giurgiu, onde podemos chegar a um acordo sobre como prosseguir em nossa relação de amizade e paz. De preferência, uma relação que envolva um número significativamente menor de corpos empalados.

Lada soltou uma risadinha, surpresa com o deleite que sentia ao ler aquilo. Aquele era seu irmão. Por trás do novo título, estava Radu, apoiando um império que não era dele. Ela sentiu uma pontada de melancolia e raiva ao mesmo tempo. Sentia falta dele. Havia requisitado sua presença muito tempo antes, mas seu irmão só estava vindo por insistência de Mehmed, que provavelmente intuiu que Radu era o único enviado seu que não correria o risco de ser mandado de volta numa caixa de madeira.

Foi uma manobra inteligente da parte dele.

Estarei à espera de sua chegada. Já faz tempo demais, minha irmã. Temos muito a discutir, e estou com saudade de você. Nos encontramos em breve,

Radu Bei

A caligrafia dele, sempre elegante e meticulosa, parecia meio trêmula nas palavras *estou com saudade de você*. Seria porque estava mentindo? Ou porque estava admitindo uma verdade incômoda?

Lada passou a carta para Nicolae e começou a andar de um lado para o outro.

– Interessante – ele falou, quando terminou de ler. – Muito mais civilizada do que eu esperava, para ser sincero. Talvez o pequeno zelote ainda guarde alguma afeição por você, mesmo depois disso tudo.

Lada não reagiu, desconfiada de que Nicolae a estivesse provocando de novo.

– O que você vai fazer? – ele perguntou.

– Vou me encontrar com meu irmão.

– E vai aceitar os novos termos? Com a influência do seu irmão e a leniência do sultão, acho que podemos fechar o melhor acordo que a Valáquia já viu. – Nicolae parecia animado, falava depressa. Era o

mesmo que havia sugerido nos aposentos dela. A carta era uma prova de que a visão dele estava correta. – Tudo por que você trabalhou vai ser recompensado. E o seu povo inteiro vai se beneficiar.

Lada sorriu, virando a adaga para refletir a luz.

– Vou me encontrar com Radu. E trazê-lo para casa.

– Ele não disse nada sobre voltar a Tirgoviste. – Nicolae parecia bem menos animado e muito mais exausto.

– Não, essa não é a vontade dele mesmo. – O sorriso dela se ampliou. – Nós vamos sequestrar meu irmão.

– Como assim? – perguntou Bogdan. – Por quê?

Porque isso mostraria que Radu era seu, apesar de tudo.

Porque sentia falta dele, e estava com raiva de Radu por isso.

Porque Bogdan queria mais do que ela poderia oferecer. Porque ela estava desconfiada de Stefan. Porque os questionamentos de Nicolae a corroíam por dentro. Porque Petru, jovem e teimoso, mas seu, estava morto, assassinado pelos boiardos que ela, depois, eliminou, no salão de banquetes daquele castelo. Porque, mesmo depois de tudo, ela sabia, pelo sangue que corria em suas veias, que podia confiar em Radu.

E porque... Nicolae estava certo. Lada estava, sim, tentando comprar briga com Mehmed, apesar de não ter se dado conta disso antes. Não estava fazendo tudo aquilo pela Valáquia, e sim por si mesma. Por tudo o que fizeram com ela. Por todas as vezes em que se decepcionou com Mehmed. A Valáquia era sua, e ela faria de tudo para proteger seu país, mas também queria castigar o sultão. Sequestrar Radu – pegar de volta a primeira e última coisa que Mehmed lhe tomara – poderia ser suficiente para fazê-lo vir atrás dela, já que milhares de corpos não foram.

Apenas três corpos importavam. Os mesmos três de sempre.

O de Radu.

O de Lada.

E o de Mehmed.

*Bursa*

RADU MAL PODERIA esperar para descer do barco. Dessa vez, não por estar passando mal, mas por causa de quem estava à sua espera. Ele estava na proa vasculhando o horizonte desde o amanhecer. E, assim que viu Bursa surgir à distância, só faltou saltar e ir nadando. Só por saber que seria muito mais lento que o barco, ele permaneceu a bordo...

Enquanto se aproximavam da cidade, que ele já visitara com Nazira antes de irem a Constantinopla, o vento castigava o rosto ansioso de Radu. Por fim, chegaram ao porto.

Radu viu uma figura familiar, reluzente e bem-vinda como a primavera.

Ele saltou sobre a lateral da embarcação, caindo feio nas docas. Nazira correu para alcançá-lo. Radu a envolveu nos braços, arrancou-a do chão e começou a girá-la. Não sabia mais se estava rindo ou chorando. Depois de alguns minutos de abraço, Radu a soltou, segurou seu rosto entre as mãos e a observou. Estava mais morena que antes, em razão de uma maior exposição ao sol que o habitual, e suas roupas tinham cores que ela jamais escolheria por gosto, mas seu aspecto geral era saudável. Não havia manchas escuras sob seus olhos, nem o esforço para suprimir nos lábios eventuais terrores vividos.

– Nazira, eu...

Ela pôs a mão sobre sua boca.

– Por favor, não peça desculpas. Eu conheço você. Deve ter carregado o peso da culpa durante todos esses meses, se consumindo por dentro. Mas você fez o certo. Conseguiu garantir a nossa segurança. Nós sobrevivemos, estamos vivos e prontos para curar as feridas e seguir em frente.

Radu suspirou, baixando a cabeça e colocando a mão dela sobre o próprio rosto.

– O tempo inteiro que passamos em Constantinopla juntos, essa era a única coisa por que eu rezava. Que, acontecesse o que fosse, você

ficasse em segurança.

– Deus é bom – Nazira disse com um sorriso.

Radu não olhou para mais ninguém além de Nazira. Em seguida, porém, com o coração feliz ao vê-la saudável e viva, surgiu espaço para especulação.

– Valentim e Cipriano, eles...

– Não estão aqui. Mas estão vivos também.

Radu estremeceu. A expiação da culpa e do terror assumiu a forma de uma sensação física, e seu corpo quase entrou em colapso. Nazira segurou sua mão, sem querer soltá-lo, e o sentimento era recíproco. Ela o conduziu até uma pilha de pedras perto da água, onde poderiam sentar-se. Na última vez que estiveram juntos ali, fora para conhecer a armada de Mehmed. A essa altura, Radu achava que sabia o que o futuro reservava, e Constantinopla era só um objetivo a cumprir. Não uma realidade sangrenta.

Tocando seu turbante, Nazira observou seu rosto.

– É bom ver você de novo assim, deixando para trás o fingimento.

– Ela olhou para as próprias roupas. – Às vezes, nos meus sonhos, eu ainda estou vestida como em Constantinopla. Quando acordo, não consigo nem respirar.

Ela sacudiu a cabeça como se estivesse acabando de despertar.

– Como está Fatima?

Radu abraçou-a de novo e puxou-a para perto. Não conseguia nem pensar em perdê-la de novo. A não ser para entregá-la a Fatima.

– Está bem – ele respondeu num tom gentil. – Mandei avisá-la de que iria levar você de volta, mas não havia tempo de ir buscá-la para vir junto.

Nazira enxugou os olhos.

– Estou morrendo de saudades. Mas sabia que você ia cuidar bem dela. Isso tornou a saudade mais suportável. Foi só tristeza, em vez de tristeza e medo.

– Ela jamais perdeu a esperança. Acho que é feita disso.

Nazira deu risada e assentiu, balançando a cabeça junto ao ombro de Radu.

– É mesmo. Ela é a minha luz que nunca se apaga. E você é a redoma de vidro que protege a chama. – Nazira deu um beijo no rosto dele. – Estou em Bursa há três dias. Esperei aqui nas docas desde que cheguei, sabendo que você viria. Quando o homem enviado por Mara Brankovic chegou para me trazer para cá, eu me separei de Cipriano e Valentim. Não sei onde eles estão agora. Fiquei triste por deixá-los para trás. Eles viraram uma família para mim.

Radu sabia que precisava providenciar cavalos para voltar até

onde estava Fatima assim que possível, mas ele ainda estava abalado e precisava de alguns minutos para que seu corpo assimilasse que Nazira estava mesmo bem.

– Conte-me tudo o que aconteceu desde que você foi embora. Por favor.

– Primeiro, me diga: você conseguiu salvá-los? Os sobrinhos de Constantino?

Radu fez que sim com a cabeça, olhando para o céu nublado. Ele deixara Nazira com Cipriano para voltar à cidade e salvar os meninos. Foi uma aposta perigosa para todos. Radu arriscou a vida numa missão que poderia ter dado em nada, e deixou Nazira aos cuidados de Cipriano mesmo depois de ter revelado sua traição. Mas isso nunca lhe pareceu um risco. Radu sabia que Cipriano jamais faria alguma coisa contra eles.

Talvez sem que merecessem, inclusive, o que só tornava a saudade de Cipriano ainda mais intensa.

– Consegui. Eles foram poupados de boa parte da carnificina e do terror. São parte da corte de Mehmed agora, e se chamam Murad e Mesih. Estão felizes.

Nazira apertou sua mão. Ela não pediu detalhes, e ele não entrou em pormenores. O que foi visto durante sua fuga já era mais que suficiente em termos de imagens daquele pesadelo.

– Eu diria que você fez a coisa certa, mas, naquelas circunstâncias, o “certo” deixou de existir. Mas foi uma boa ação, sem dúvida. Como está a cidade?

– Prosperando. Como a gente sabia que aconteceria sob os cuidados de Mehmed.

– E como está o sultão?

Radu cutucou-a de leve com o cotovelo.

– Não precisa falar comigo como se fosse um cirurgião examinando uma ferida. Não tenho ninguém com quem conversar, ninguém sabe quem sou de verdade. Por favor, vamos deixar as formalidades de lado.

Nazira o cutucou de volta.

– Muito bem. Então, como foi o reencontro com ele?

– Lembra quando você me disse que a grandeza dele o tornava ao mesmo tempo mais e menos que um simples homem? Eu sempre penso nisso. Ele está isolado, por necessidade. Se recusa a cometer os mesmos erros do pai. E depende de mim, e inclusive me ama, à sua maneira. Mas isso, o que tenho com você, me alentou muito mais nos últimos minutos do que meses ao lado de Mehmed.

– Eu lamento muito, então.

– Por estar certa?

Nazira riu.

– É um fardo pesado, estar sempre certa. Mas algumas pessoas precisam carregá-lo.

– Eu agradeço por você carregá-lo por mim, já que não sou qualificado para isso. – Radu ficou de pé e estendeu a mão. – Agora vamos lá, providenciar cavalos e suprimentos. E você ainda não me falou nada sobre o que aconteceu desde que deixei você no Chifre de Ouro.

– Se prepare – Nazira avisou. – É uma história *muito* boa. Pelo menos, agora que eu sei que tem um final feliz.

Eles caminharam pelas ruas de Bursa, varridas o tempo todo pelo vento, para adquirir aquilo de que precisavam. Ser financiado pelo sultão ajudou a acelerar o processo de forma notável. Nazira fez seu relato entre uma compra e outra.

– Nós nadamos até um dos galeões menores, que estavam abandonados. Cipriano conseguiu içar as velas e pegar um vento favorável. Nós passamos despercebidos no meio do caos. Decidimos tomar o caminho do Chipre. Cipriano queria atracar o quanto antes, mas eu recusei a ideia. Estava com medo de que, se caíssemos nas mãos das forças otomanas, Cipriano fosse assassinado. E sabia que você iria preferir que fôssemos para mais longe se isso significasse menos risco de vida para ele.

Radu assentiu, acariciando o cavalo que escolhera enquanto esperavam pelas selas e pelos pacotes de provisões.

Nazira continuou:

– No segundo dia a bordo, as coisas mudaram de rumo para pior. Não tínhamos suprimentos e, como estávamos exaustos, acabamos pegando no sono ao mesmo tempo. Fomos acordados por uma tempestade e, antes de conseguirmos nos refugiar na costa, a embarcação virou. Cipriano foi atingido em cheio. Ele ficou embaixo do barco. No meio da tempestade, eu não conseguia encontrar nem Valentim nem ele. Só depois vi o menino agarrado ao mastro, abraçado com Cipriano. Com nós dois conscientes, conseguimos aguentar firme até as ondas nos levarem para a praia de uma ilha. Mas Valentim estava com uma perna quebrada, e eu não tinha como avaliar a gravidade dos ferimentos de Cipriano.

Mesmo sabendo que os três sobreviveram, Radu prendeu a respiração.

– Arrastei Cipriano para a terra firme, depois voltei para buscar Valentim. Esperamos a tempestade passar embaixo de umas árvores. Quando a chuva finalmente passou, Cipriano ainda estava

desacordado, e eu saí para procurar ajuda. Não encontrei ninguém. Nem uma alma. Fomos parar na ilha menos habitada da Europa, acho.

Ela soltou uma risadinha, mas Radu sabia o quanto estava se esforçando para fingir que não havia sido uma experiência apavorante. Enquanto eles prendiam os pacotes aos cavalos, Nazira narrou os detalhes. Nos meses seguintes, ela cuidou de Cipriano, que, além ter de ferimentos na cabeça, havia machucado um tornozelo e um ombro, e de Valentim. Enquanto isso, ainda precisava se esforçar para conseguir comida e improvisar uma embarcação com os restos do galeão naufragado.

– Você nunca deixa de me surpreender – Radu comentou enquanto prendia seu pacote de suprimentos. Não conseguia tirar os olhos de Nazira, que ficou vermelha, abrindo um sorrisinho.

– Gostaria de parar imediatamente, porque não pretendo fazer nada tão impressionante nunca mais. Enfim, conseguimos nos deslocar da ilha para o continente, e encontramos uma fazenda isolada no meio do nada. Mas o pessoal de lá desconfiou de nós e queria dinheiro, e não tínhamos nada. Eles nos colocaram para trabalhar. Quando concluíram que já tínhamos feito por merecer o abrigo e a comida que nos deram, recebi permissão para caminhar até a cidadezinha mais próxima, a um dia de viagem, onde consegui pedir ajuda e informações. Imagine minha surpresa ao descobrir que alguém já havia deixado um recado por lá e estava nos procurando! A princípio, fiquei com medo de que fosse por causa de Cipriano, que poderia estar com a cabeça a prêmio, por isso não escrevi para você. Me desculpa. Eu não podia me arriscar a ser descoberta. Depois de tudo por que passamos, ele é como alguém da família. E eu cuido da minha família.

– Eu sei que sim. – Radu terminou de ajustar a bagagem e ajudou Nazira a montar, antes de subir no próprio cavalo.

– Então, marquei uma reunião com o homem que havia deixado o recado e fiquei à espera. Quando ele me disse que era Mara Brankovic quem estava nos procurando, concluí que estávamos seguros. O enviado dela nos levou até o porto, onde comprei uma passagem para Bursa. Foi lá que me separei de Cipriano e Valentim. Tentei convencê-los a vir, mas...

Radu não queria forçá-la a mencionar a terrível verdade.

– Depois de tanta traição e do meu papel na queda de Constantinopla, não dava para achar que eles quisessem passar mais tempo comigo. Nós usamos Cipriano de um jeito terrível. Eu não o culpo por nada.

– Eu contei tudo para Cipriano.

– Como assim, tudo?

– Tudo *mesmo*. Ele merecia minha sinceridade absoluta. Ficou irritado. E, mais que isso, magoado. Queria entender por que fizemos tudo isso. Como conseguimos mentir por tanto tempo. Conteí a ele sobre sua infância, sobre como nos conhecemos, o que você fez por mim. Conteí sobre Lada e sobre seu pai. Expliquei o que o império oferecia a você: segurança, abrigo, fé. Coisas que nunca teve. Expliquei por que estávamos na cidade como espíões, e o que fizemos enquanto estávamos lá. Falei sobre Fatima e sobre as minhas razões de querer a segurança do nosso império e da nossa fé. Conteí o que achava que o sultão faria com a cidade. E sobre sua relação com Mehmed, tanto a que existe como a que não existe.

Radu fez uma careta, fechando os olhos. Ela já havia revelado a Cipriano a mais dura das verdades, claro: seu papel de agente duplo. Mas saber que Cipriano fora informado sobre tudo significava algo mais íntimo, mais humilhante. Como ele devia detestá-lo! Por fim, Radu assentiu com a cabeça.

– Você fez a escolha certa. E ele salvou você, apesar de tudo.

– Ele não me salvou *apesar* de tudo, e sim *por causa* de tudo. Podemos ter chegado a Constantinopla com falsas intenções, mas nossa amizade era verdadeira. Salvamos a vida dele várias vezes. E fizemos isso por amor. Acho que ele sabe.

Radu suspirou.

– Isso não faz diferença. Já ficou no passado. Torço para que ele possa nos perdoar um dia, mas é uma esperança egoísta. Para o meu bem, não pelo dele. Então, em vez disso, vou desejar que ele encontre a felicidade de alguma forma.

– Não podemos desejar nada mais nem nada menos.

Radu sentiu-se ao mesmo tempo mais pesado e mais leve com o que ouvira. Pelo menos, havia proporcionado a Cipriano uma chance de viver. Sem Radu, ele teria morrido ao lado do tio. O fato de estar por aí em algum lugar era motivo de alegria. Radu sacudiu as rédeas.

– Vamos. Tem uma garota em Edirne que está esperando por você há muito tempo.

– Vou ficar abraçada a ela durante semanas. Você vai ter que alimentar nós duas ao mesmo tempo, porque não vou largá-la para nada.

Radu deu risada.

– Seria uma honra.

– E meu irmão?

– Ele teria vindo, mas estávamos a caminho da Valáquia, para trazer Lada de volta. À força, se for necessário. Kumal se ofereceu para cuidar disso para que eu pudesse vir buscar você.

– Vocês trocaram de irmãs.

Radu deu risada, porém, sentindo-se mais culpado que alegre.

– Ele disse a mesma coisa. Eu me dei melhor nessa, com folga. – Radu estava imensamente em débito com Kumal.

– E o que você vai fazer depois que voltarmos? Vai para Constantinopla de novo?

Radu guiou os cavalos para fora de Bursa, em direção às estradas que os levariam a Fatima.

– Não sei. E não me importo. Tenho você de volta, e você vai ter Fatima. Eu cumpri minhas promessas. Estou cansado. E feliz.

As nuvens se dissiparam, e o céu assumiu um tom brilhante de azul, uma promessa de viagem tranquila. Não estava tão frio quanto no caminho da Valáquia. Tudo parecia mais caloroso com Nazira ao seu lado.

O futuro era uma folha em branco, e Radu não se importava. Nazira estava de volta, e em breve Kumal voltaria e se reuniria com eles. Cipriano estava a salvo. Mehmed teria Lada, e, pela primeira vez, Radu não sentia nada a respeito. Se ela fosse presa, teria menos possibilidades de ser assassinada. E, com certeza, causaria menos mortes. Em relação aos sentimentos de Mehmed por ela, Radu estava indiferente. O último e terrível capítulo de sua estadia em Constantinopla estava encerrado. Radu estava voltando para casa de vez.

*Arredores de Giurgiu*

— ONDE VOCÊS se enfiaram? – O batedor janízaro olhou feio para os homens de Lada, que usavam uniformes como o seu. Os que iam à frente conversavam em turco. Os da retaguarda estavam em silêncio. – Estávamos esperando vocês ontem.

– Tivemos algumas complicações – Bogdan grunhiu. Na verdade, *eles* eram as complicações. No dia anterior, tinham emboscado um contingente de reforço dos janízaros que se dirigia à fortaleza de Giurgiu. Naquele dia, estavam fazendo o papel desses janízaros. Lada estava no meio de seus homens, incógnita. Os valáquios que não haviam sido treinados como janízaros iam atrás dela, à espera de suas ordens. Eles não sabiam como se conduzir como soldados otomanos, mas pelo menos podiam fingir.

Nicolae ia à frente, como líder do pelotão. Ele parou ao lado de Bogdan para conversar com o janízaro. Ainda estavam a algumas horas da fortaleza, então o batedor devia ter sido mandado para procurá-los. Lada se aproximou para escutar. Os insetos estavam começando a reaparecer depois do frio congelante do inverno e esvoaçavam pelo ar ainda frio, pousando nas árvores já adornadas com pequenos brotos verdes. Para chegar até ali, tiveram que atravessar um atalho lamacento, mas precisavam conseguir os uniformes e aparecer só *depois* de Radu.

– Quais são os planos lá na fortaleza? – Nicolae perguntou.

– Vocês não sabem?

Nicolae deu de ombros, indiferente.

– Nós vamos para onde nos mandam. Fomos mandados para cá. É só isso o que sei.

– Às vezes, vocês, das forças das fronteiras, são piores que os sipahis.

Nicolae chegou mais perto, brincando com o cabo da arma. Sua expressão agradável assumiu um aspecto perigoso, condizente com a ofensa feita aos janízaros. Os sipahis formavam uma tropa de elite, mas não eram treinados desde crianças como os janízaros. A

rivalidade entre os dois grupos não era pequena. Os sipahis eram privilegiados, mas os janízaros tinham mais prestígio e, muitas vezes, a preferência do sultão.

– Sugiro que você retire o que disse – Nicolae avisou.

O homem levantou as mãos.

– Desculpe. É que não é fácil servir num posto avançado. As notícias chegam até aqui, mas a ação não. Estamos aqui com um paxá. A cadela que se declarou príncipe da Valáquia está vindo declarar novos termos de vassalagem.

Nicolae cutucou os dentes, indolente.

– Por que precisam de tantos homens a mais, então?

O batedor deu de ombros, coçando a cabeça sob o quepe característico com abas de tecido branco.

– Você ouviu falar de quanta gente ela matou na Bulgária?

Nicolae grunhiu:

– Estávamos na Sérvia. E marchando desde então. Ainda não acredito nesses números.

– Bom... – O soldado inclinou-se em direção a ele e assumiu um tom conspiratório: – Ninguém me informou de nada, mas tenho a impressão de que não estamos aqui para assinar um acordo. Tem soldados demais, e uma carroça com grades e algemas. Acho que a ideia é levá-la ao império para ser punida.

Lada suprimiu um sorriso. Era gratificante que Radu ainda soubesse que não deveria subestimá-la. Ele criara uma armadilha para cumprir um objetivo idêntico ao seu. Ela quase riu da ironia do fato de que ia sequestrar o irmão que, por sua vez, queria sequestrá-la.

Nicolae não segurou o riso.

– Como se fosse muito difícil pegar uma mulher. Ainda não entendo por que requisitaram tantos reforços. Detesto viajar durante esta época do ano. As nevascas aparecem do nada, justamente quando o tempo começa a melhorar. Quando não é isso, é chuva. Está tudo um lamaçal. Vou demorar um tempão para limpar meu uniforme.

– Depois do que aconteceu na Bulgária, acho que o paxá ficou assustado. Deve querer uma proteção extra.

– Quantos homens já estão na fortaleza?

– Mil.

– Hummm. – Nicolae não pareceu muito impressionado. Lada ficou lisonjeada. Era um investimento significativo de homens para um esquema que eles consideravam simples. A tropa de janízaros que eles emboscaram e mataram era composta de duzentos homens. Portanto, ela levava duzentos soldados consigo, e era seguida à distância por mais quinhentos.

– Com quantos homens esperamos que ela venha? – Nicolae quis saber.

– Uma guarda pessoal, não muito mais. Acho que nossas chances são boas. – O janízarou deu risada. – Vocês deveriam estar contentes por ter uma missão tão fácil.

Nicolae grunhiu.

– Ainda bem que vai ser fácil, porque vamos ter que fazer todo o trabalho, como sempre. Conheci Radu Bei anos atrás, no cerco de Kruje. Ele tinha que usar calça marrom para disfarçar que estava sempre se borrando de medo. Ainda é assim?

– Não tenho como saber. Ele não veio.

Lada soltou um sibilado de surpresa. Bogdan tossiu para disfarçar o barulho.

Nicolae apressou-se em fazer outra pergunta:

– Mas eu achava que Radu Bei era a isca. É o irmão dela, não? Quem mais viria senão ele?

O batedor fez uma pausa, encarando Nicolae com uma desconfiança repentina e, com certeza, se arrependendo pela língua solta.

– Pensei que você não soubesse quase nada a respeito da missão.

Nicolae sorriu.

– Eu sou cheio de surpresas.

Lada sacou a faca, saltou na frente do batedor e o derrubou no chão. Ela montou sobre o homem com a lâmina colada ao pescoço dele.

– Quem é você? – ele questionou, ofegante.

– Sou a cadela que matou milhares. Me diga: o que acha das suas chances agora?

O rosto dele ficou pálido.

– Onde está Radu?

– Não sei – o batedor se apressou em responder, com uma respiração rasa e acelerada que denunciava seu pânico. Ainda não havia percebido que já estava condenado à morte. Falava depressa, como se pudesse escapar com palavras. – Radu separou-se do grupo antes de chegarem. Eu nem cheguei a vê-lo.

– Quem está no lugar dele?

– Kumal Paxá.

Os músculos de Lada se contraíram instintivamente, reagindo ao ouvir aquele nome. Para infelicidade do batedor, seu movimento involuntário cortou a jugular do homem. Lada se levantou, deixando-o sangrar no chão da floresta.

– Ele poderia ter mais informações – Nicolae comentou, franzindo

a testa.

– Foi um acidente. – Lada pegou o quepe do moribundo e usou as abas brancas e compridas para limpar a lâmina.

Era Kumal, não Radu, quem estava à sua espera. Todo o seu antigo ressentimento ganhou vida, como um fogo intenso e faminto. Mais uma vez, Kumal Paxá lhe roubava seu irmão. Ele era o motivo por que Radu aceitara de bom grado o cativo com os otomanos. Radu amava Mehmed, claro. Mas Lada também, e, mesmo assim, conseguiu ir embora. Radu, porém, tinha sido envenenado desde a infância pelo deus que Kumal lhe apresentou. Foi a falsa fé de Radu que o separou de Lada, que tornou definitivo seu vínculo com os inimigos. Kumal inclusive o assumira como irmão por meio do casamento, cortando ainda mais os laços de Radu com suas verdadeiras família e herança.

Agora, Kumal lhe tirava seu irmão outra vez. Em vez de voltar para a cidade com Radu ao seu lado, por vontade própria ou não, foi deixada de novo a ver navios. Cerrando os dedos, ela embainhou a lâmina.

– E agora? – Nicolae quis saber. – Nós não sabemos onde está Radu.

– Eu não vou voltar a Tirgoviste de mãos vazias. – Lada começou a marchar em direção à floresta. – O plano permanece o mesmo. Infiltem-se. E tragam alguém com vocês.

Mas, ao contrário de Lada no plano dos otomanos, seu prisioneiro não precisava permanecer vivo.



Eles esperaram até que a escuridão escondesse suas fileiras.

– Ei! – Nicolae gritou, enquanto os homens marchavam em direção ao portão. – Ela já chegou?

Um homem gritou a resposta:

– Você sabe como são as mulheres. Elas estão sempre atrasadas.

– Estamos cansados e famintos. Abram o portão. – Nicolae deu um belo pontapé na madeira para mostrar que estava falando sério.

Os portões se abriram, e Lada e seus duzentos homens com uniformes de janízaros entraram. Os demais estavam escondidos, circulando a fortaleza.

– Onde estão todos? – Nicolae gesticulou para o pátio vazio. Algumas tochas solitárias faziam mais sombras do que luz no ambiente. Era possível ver um punhado de homens nas muralhas, silhuetas escuras contra o céu noturno. Mas todos permaneciam virados para fora, não para dentro, onde a ameaça já se encontrava.

– Na cama. Vocês chegaram tarde demais para conseguir um leito. Vão dormir no chão como castigo.

– Eu amaldiçoó cada quilômetro deste maldito país. – Nicolae envolveu o guarda com o braço. Em seguida, o homem tombou para o lado.

– Os alojamentos primeiro – Lada instruiu, com um tom de voz baixo. – Matem todos em silêncio. Depois, espalhem-se e assegurem as muralhas. Vou procurar Kumal.

Ela seguiu em frente, confiante de que seus homens seguiriam Nicolae, Bogdan e os demais líderes. Depois de entrar na fortaleza, ela matou os guardas nos corredores, silenciosa como uma sombra, até encontrar a área que abrigava hóspedes e apanhar uma das várias tochas penduradas na parede. O primeiro dormitório estava vazio. No segundo, estava seu alvo.

Ela chutou a cama.

– Acorda.

Kumal Paxá sentou-se, com os olhos arregalados, piscando com a luminosidade súbita. Ela nunca o vira sem turbante. Era quase careca, com uma calva quase tão pálida quanto o rosto.

– Lada Dragwlya – ele falou, reconhecendo a situação. A expressão em seu rosto foi da surpresa à tristeza.

– Lada Dracul – ela corrigiu. – Príncipe Lada Dracul.

Ele teve a audácia de baixar a cabeça em sinal de respeito, como se não estivesse lá para sequestrá-la. Como se não tivesse roubado sua preciosa chance de retomar seu irmão e atingir Mehmed num único golpe.

– Onde está Radu?

– Foi buscar Nazira. Ela estava desaparecida desde que a cidade caiu e...

Lada abanou a tocha no ar, interrompendo-o.

– Não me interessa o que sua irmã andou fazendo. Vocês dois sempre fazem de tudo para tirar meu irmão de mim.

– Ele queria ter vindo – Kumal disse sem se alterar.

– E qual era a ideia dele? Me sequestrar?

– Sim. Não gostamos de recorrer a esse tipo de artifício, mas era necessário.

Lada deu risada, sentindo um calor dentro do peito.

– Bom, eu estava vindo para sequestrá-lo, então parece que temos mais em comum do que imaginávamos.

– Volte comigo. O sultão gosta de você. Vai propor um acordo justo. Não dá para continuar nesse caminho.

– Que caminho você acha que estou seguindo? – Lada sentiu vontade de bater nele. Seu comportamento tranquilo era muito irritante.

– Você conseguiu o que queria, mas não está feliz. Continua atacando e provocando sofrimento. Não são atitudes de uma pessoa em paz com seu passado e com seu futuro.

– Você não sabe nada sobre mim ou meu passado – Lada rosnou.

– Eu conheço o passado do seu irmão. E sei que ele ainda é capaz de encontrar a felicidade mesmo nas piores circunstâncias, porque pode se valer da fé para se manter de pé. Você se mantém de pé sobre o quê?

– Sobre o sangue dos meus inimigos – ela respondeu.



Edirne

NAZIRA NÃO TINHA exagerado ao anunciar suas intenções. Só largava Fatima para fazer o estritamente necessário. Radu se recostou em sua almofada, sorrindo sozinho enquanto via Nazira tentar jantar e segurar a mão de Fatima ao mesmo tempo.

– Quando vocês vão voltar para a casa de campo? – Radu perguntou. Ele sabia que era lá que as duas ficavam mais felizes. Tinham ido a Edirne para ajudá-lo e, como o cerco terminara e, enfim, estavam todos a salvo, essa ajuda não era mais necessária. Isso não queria dizer que ele não sentiria saudade. Viver sem Nazira nos meses anteriores havia sido uma tortura assustadora. Claro que seria diferente saber que ela estava bem, mas, ainda assim, pensar em sua ausência provocava uma tristeza tremenda.

– Nós não vamos voltar – Fatima anunciou.

– Quê?

Nazira soltou a mão de Fatima, mas logo enrolou um cacho de seus cabelos no dedo e começou a acariciá-lo.

– Conversamos a respeito ontem à noite. Fatima e eu vamos ficar onde você estiver.

– Mas Fatima detesta ficar longe de casa!

Fatima abriu um sorriso doce e tímido.

– Minha casa é onde nossa família está.

O sorriso de Nazira era mais firme e determinado, assim como todas as suas decisões.

– Está tudo acertado. Nunca mais vamos nos separar.

Para Radu, era impossível negar o alívio que sentia. Ele não gostaria de pedir isso às duas. Mas não foi o caso, elas se ofereceram de bom grado. E, depois de viver tanto tempo sem sinceridade e sem amor, ele não recusaria a oferta.

– Obrigado. – Ele gostaria de ser capaz de transmitir tudo o que sentia naquela simples palavra. – Vou pedir a Mehmed para me colocar num cargo num lugar distante, onde haja menos lembranças.

– Vamos criar lembranças novas. – Fatima apoiou a cabeça no ombro de Nazira.

– Além disso – Nazira continuou, colocando uma uva na boca da esposa de forma provocadora –, nós queremos ter um bebê.

Radu ficou até sem ar.

Seu choque foi interrompido por uma batida firme na porta. Ele se levantou tão depressa que tropeçou na almofada.

– Vou lá ver quem é.

Dava para ouvir os risos de Nazira enquanto ele atravessava às pressas a sala rumo à entrada da casa. Parado diante da porta, estava um mensageiro com o selo de Mehmed.

– O sultão, sua magnificência Mehmed Segundo, César de Roma e Mão de Deus na Terra, requisita imediatamente sua presença em Constantinopla. – Ele apontou para os cavalos à espera na rua.

Lada, pensou Radu. Tinha dado tudo certo, então. Radu se perguntou o que Mehmed pensava ser possível fazer naquela situação. Como sempre, ela jamais aceitaria o cativo. E Radu não poderia fazer nada a respeito. Mesmo assim, precisava ir. Faria o que Mehmed pedia, porque não sabia agir de outro jeito.

A ideia de ver Lada o deixava apavorado. Radu não era mais a pessoa que ela conhecera. Para ele, porém, era impossível imaginá-la de outro modo que não a Lada que sempre fora. E ele não queria que ela o julgasse e o considerasse indigno.

No entanto, ter Nazira e Fatima ao seu lado lhe daria força para lembrar que as coisas podiam e deveriam ser diferentes. Ele pediria um novo cargo a Mehmed o quanto antes. Não era mais sua função lidar com aquele tipo de problema. E não seria uma traição à sua irmã ou ao seu amigo ser sincero a esse respeito. Lada e Mehmed escolheram o caminho do poder. Nenhum dos dois escolheu Radu.

Ele podia simplesmente se afastar.

O mensageiro pigarreou. Radu percebeu que estava sem reação, perdido nos próprios pensamentos.

– Me dê só alguns minutos para arrumar minhas coisas. – Radu fechou a porta devagar e, quando se virou, deu de cara com Nazira e Fatima de pé no corredor. O sorriso que abriu foi como o primeiro congelamento se instalando sobre um rio no inverno. Frio e frágil. – Fui chamado a Constantinopla. A resolução de vocês vai ser testada mais cedo do que nós esperávamos.

Para sua surpresa, foi Fatima quem se manifestou primeiro:

– Nós já tínhamos deixado tudo pronto para essa possibilidade.

Em seguida, ela correu escada acima.

Nazira encarou Radu com um sorriso malicioso.

– Você não vai escapar dessa conversa com um chamado urgente à capital. Imagine quanto tempo vamos ter na viagem para falar sobre aumentar nossa família!

No fim, a verdade era que existia, sim, um pensamento mais assustador do que Lada.

Radu foi salvo na longa cavalcada até Constantinopla pela adição ao grupo de um bei de menor importância, convocado para resolver uma questão relacionada à coleta de impostos. Apesar de nunca tê-lo visto antes, Radu logo se tornou seu melhor amigo, interessado em todos os pormenores da vida do homem.

Nazira só observava e esperava, com um brilho de divertimento nos olhos. Radu não tinha se safado da conversa sobre... sua família. Estava só adiando o inevitável. Mas estava disposto a aproveitar cada oportunidade que surgisse.

Quando atravessaram os portões e entraram em Constantinopla, Fatima olhou ao redor, admirada. Eles viajaram a noite toda – uma exigência de Mehmed, ao que parecia –, por isso, entraram na cidade no momento em que a alvorada começava a banhar a cidade com sua luz dourada mais suave. Radu tentou ver tudo com os olhos de Fatima: sem fantasmas, sem sangue, sem o peso de lembranças mais pesadas que as pedras das muralhas. Nazira estendeu o braço e apertou a mão dela.

– Ele deixou tudo lindo.

Os olhos dela, porém, estavam voltados para as mãos das duas.

Embora a manhã só estivesse começando, os sons das marteladas e das obras de reconstrução já ecoavam como música no ar enquanto eles se dirigiam ao palácio. Foram recebidos por um criado, que direcionou o bei coletor de impostos para outro lugar e pediu ao grupo de Radu que o seguisse.

– Vamos ajudar sua irmã – Nazira murmurou, ao lado de Radu. – Da maneira que for possível. Vamos dar um jeito de resolver isso.

Radu tentou abrir um sorriso de gratidão, mas seu maxilar estava tenso demais. Lada nunca precisou de sua ajuda e, quando finalmente pediu, ele recusou. E, agora, ele a havia aprisionado. Um vazio de pavor se instalou em seu estômago quando o criado apontou para uma porta e fez uma mesura. Radu não conhecia aquele cômodo, mas o palácio tinha inúmeras salas de recepção.

Respirando fundo, Radu entrou, seguido por Nazira e Fatima.

Mehmed se levantou do sofá em que estava sentado. Radu percorreu a sala com os olhos. O sultão estava sozinho. Lada estaria tão furiosa que já tinha sido mandada para uma cela?

Mehmed olhou para Nazira e Fatima, que fizeram medidas elegantes. Radu se lembrou de fazer o mesmo. Quando recobrou sua postura, o sultão ainda estava olhando para Nazira. Suas feições imperiais não revelavam nada para quem não o conhecia. Mas esse não era o caso de Radu.

Mehmed não queria pronunciar as palavras que precisava dizer.

– O que foi? – Radu perguntou, sentindo o vazio dentro de si se ampliar. – Onde está Lada?

Mehmed sacudiu a cabeça:

– Ela não está aqui.

O peito de Radu se contraiu. Ele fechou os olhos, tentando se acalmar. Ela não estava morta. Não podia estar. Não foi isso que Mehmed quis dizer! Ela estava em outro lugar, era isso. Radu podia providenciar para ela acomodações melhores que as celas frias e úmidas que vira quando interrogou um prisioneiro a mando de Constantino. Isso era o mínimo que ele poderia fazer.

– Para onde você a mandou?

– Não, o que eu quis dizer é que ela não está aqui mesmo.

Radu franziu a testa.

– Kumal ainda não voltou? O que aconteceu?

Mehmed sacudiu a cabeça, e a expressão de seus olhos, que passou do terror à tristeza, fez o coração de Radu disparar. Ele não queria ouvir o que seria dito a seguir.

Radu olhou para Nazira, que mantinha uma expressão agradável e respeitosa no rosto enquanto aguardava notícias de seu amado irmão. O estômago de Radu se revirou, e um tremor sacudiu seu corpo todo.

– O que ela fez? – ele murmurou, voltando os olhos para a estampa floral do tapete grosso. Não dava mais para manter a cabeça erguida.

– Eu lamento muito – Mehmed falou. – Ao que parece, Lada invadiu a fortaleza com a intenção de sequestrar você. Mas encontrou Kumal... – ele fez uma pausa, procurando as melhores palavras para dizer. – ... ela não demonstrou misericórdia.

Radu ficou sem fôlego, exalando um ruído que ficava entre uma risada e um soluço.

Ela não demonstrou misericórdia.

E quando na vida havia feito isso? Radu caiu de joelhos, levando as mãos à cabeça.

– É tudo culpa minha. Eu deveria ter ido até lá. Deveria ter ido encontrá-la, mas mandei Kumal e... Se eu estivesse lá...

Ele sentiu um toque leve e trêmulo em seu ombro. Nazira sussurrou perto de seu ouvido:

– O que ele quer dizer com isso? Me diz o que significa, Radu.

Radu sacudiu a cabeça.

– Eu deveria saber. Ela é minha irmã. Sei melhor que ninguém que a misericórdia não é da natureza dela. Deveria ter sido eu no lugar dele.

Ser um Dracul tinha um custo altíssimo. Ele achava que já havia terminado de pagar pelo sangue que corria em suas veias. Mas isso jamais aconteceria. O preço de pertencer àquela família era perder tudo o que tinha de mais precioso, dia após dia após dia. Eles eram dragões. Demônios. Não havia misericórdia dentro deles nem para consigo mesmos.

Nazira se ajoelhou ao seu lado.

– Me diz. Me explica o que ele quis dizer.

O castigo de Radu seria pronunciar aquelas palavras. Ser obrigado a fazer isso com Nazira.

– Ela o matou.

Um gemido sobrenatural começou a ser ouvido, tão grave no início que Radu só conseguiu entender o que era quando se transformou num grito. Nazira, que sempre se mostrava tão forte, tinha desmoronado. Fatima se jogou no chão ao lado dela e a abraçou. Nazira berrava e soluçava, cravando as unhas nos braços de Fatima como se pudesse cavar um buraco neles para se esconder da tristeza.

Radu não sabia o que fazer. E era incapaz de fazer o que quer que fosse.

– Eu... Nazira, eu sinto muito... Eu...

– Por favor – pediu Fatima. Ela sacudiu a cabeça num sinal de alerta. – Por favor, não diga nada. – Ela estendeu um dos braços, e Radu rastejou até as duas.

Fatima abraçou os dois.

Radu se lembrou de Kumal, da última vez que o vira. Sorrindo. Acenando. Uma imagem perfeita de seu irmão, seu professor, seu amigo, atravessou sua memória com a força de uma lâmina. Lada matou Kumal. Como? Com uma faca? Uma espada? Kumal reagira? Radu não queria imaginar isso, não queria essa cena em sua mente. Mas não conseguia parar de pensar a respeito.

Ele só notou os soluços guturais que escapavam de seu peito quando Fatima acariciou suas costas, fazendo um ruído baixinho para acalmá-lo. Nazira agarrou seu braço, cravando as unhas dolorosamente em sua pele para puxá-lo mais para perto e enterrar a cabeça em seu ombro. Ela tremia inteira, mas já em silêncio, soltando o ar em suspiros trêmulos. Estavam os três entrelaçados num desespero coletivo.

Não era apropriado demonstrar essa intimidade com alguém da

criadagem, mas Radu não estava mais interessado em manter a farsa referente ao papel de Fatima na relação com Nazira. Não naquele momento. Não diante de Mehmed, que não havia movido um dedo para confortá-lo. Que o sultão visse e concluísse o que quisesse.

Radu chorava junto com sua família, por tudo o que haviam perdido.

Por tudo o que a presença dele havia lhes custado.

*Tirgoviste*

LADA EXAMINOU A ponte com uma expressão de desânimo.

– Tem certeza de que não temos pólvora suficiente para explodir tudo?

Nicolae pôs a mão em seu ombro e balançou a cabeça com seriedade.

– Infelizmente, vamos ter que desmontá-la à moda antiga: obrigando outras pessoas a fazer isso.

Lada e Nicolae estavam no alto de um morro observando os trabalhos. Mais abaixo, seus homens supervisionavam um grupo de criminosos que derrubava a ponte. Era a primeira de várias visitas que precisavam fazer naquele dia. Ela queria acompanhar tudo, certificar-se de que as tarefas estavam sendo executadas. Era também uma forma de ganhar intimidade com a zona rural.

– Tanto trabalho para tornar as estradas seguras – ela comentou, chutando o chão de terra com uma das botas –, e agora nosso trabalho é tornar o país intransponível.

– Não precisamos fazer isso, sabe. – Nicolae estava usando seu tom de voz suave de novo, aquele que entrava como uma lâmina entre as costelas de Lada. Eles não conversavam a sós desde a briga que tiveram em seus aposentos. E ela não queria. Não naquele momento.

Ela deu sua resposta em tom de irritação.

– E o que podemos fazer em vez disso?

Por trás da cicatriz que dividia seu rosto, a expressão de Nicolae era pensativa.

– Eu gostava de viver como bandido. Podemos fazer isso de novo. Desaparecer noite adentro sem nunca olhar para trás.

Lada se inclinou para trás, surpresa. Estava esperando que ele insistisse no assunto do novo tratado.

– Por que a gente faria isso?

– Porque seria mais fácil. Porque nós podemos. Não precisamos ir por esse caminho.

– Você está com medo?

Nicolae deu risada.

– Claro que estou. Você está chamando para a briga o maior exército do mundo. Eu *fazia parte* desse exército. Sei do que ele é capaz. Sonho com isso todas as noites. Estou com tanto medo que tive que parar de beber só para não continuar mijando nas calças o tempo todo. – Ele fez uma pausa, e aquele tom suave e desagradável voltou. Nicolae a encarava como se estivesse tentando guardar o rosto dela na memória. – Estou com medo de morrer e de ver a sua morte sem poder fazer nada a respeito. Cada passo que damos nessa direção parece um passo em direção à sua cova. Eu não quero ter que ver isso. – Ele limpou a garganta, desviando o olhar e abrindo um sorriso mecânico. – Mas acho que não vamos ter covas. No máximo, estacas para nossas cabeças, se tivermos sorte.

Lada ergueu os olhos para o céu. Ela deixara Bogdan em Tirgoviste justamente para evitar conversas desagradáveis e sentimentais. Pelo jeito, deveria ter largado Nicolae por lá também. Porém, ele era um de seus amigos mais antigos, seu primeiro apoiador, aquele que a incorporou nas fileiras dos janízaros. Seu pai lhe dera uma faca; Nicolae lhe dera uma espada.

– Você conseguiu – ele continuou. – Conseguiu virar príncipe. Ninguém falou que precisaria *continuar* príncipe. Temos muitas opções.

– Eu não posso ir embora.

– Por quê?

Como uma melodia que não conseguia tirar da cabeça, a figura de Mehmed surgiu em sua lembrança. *Ele* sabia por quê. Era o único que entendia aquele desejo, aquela ambição, aquela necessidade de ter seu país. Não poderia abandonar sua terra, porque a Valáquia era *sua*. Caso virasse as costas para a Valáquia, se a deixasse na mão de outros, seria como se não estivesse *viva*. Simples assim.

– Você vai continuar do meu lado? – Dessa vez, ele não tinha um braço comprimindo o pescoço. Ela estendeu a mão em vez disso, encarando os olhos amendoados do homem, ainda tentando compreender aquela mudança de rumo entre os dois. Quando ele segurou sua mão, ela percebeu do que vinha sentindo falta desde o dia em que o atacara.

Nicolae perdera as esperanças.

Seu otimismo, disfarçado por trás de uma fachada de humor negro, vinha sendo uma constante na vida de Lada. Nicolae era um homem que encarava a própria morte. Ela já havia visto aquele olhar em outros rostos antes, mas sempre quando estava com uma lâmina na

mão. Não durante um aperto de mãos.

– Nicolae, eu...

A ponte caiu com um tremendo estrondo no rio mais abaixo. Nicolae e Lada se viraram para ver.

– Ah – Nicolae falou, cambaleando ao lado de Lada. As pernas dela fraquejaram sob o peso do homem.

– O que você está...

Nicolae olhou para trás e, em seguida, empurrou Lada para o chão. Com uma careta, caiu de joelhos.

– O que está acontecendo com você? – Lada questionou, levantando-se.

Nicolae tombou para a frente.

Duas setas de balestra estavam cravadas nas costas dele. Círculos escuros de sangue espalhavam-se por sua túnica. Lada observou as árvores ao redor, onde um homem recarregava um terceiro projétil. Ela saltou sobre Nicolae e correu em direção a ele, aos gritos. O assassino municiou a arma.

A faca dela o atingiu no pescoço antes que o dedo do homem encontrasse o gatilho.

Depois de cortar sua garganta, ela montou sobre ele no chão, esfaqueando-o repetidas vezes. Apenas quando os olhos vidrados do homem se fixaram no céu, sem vida, ela parou, com as mãos encharcadas de sangue.

Parte dela queria correr de volta para ajudar Nicolae.

A outra parte sabia exatamente o que significava o fato de as setas o terem atingido bem naquelas partes. Os projéteis eram destinados a ela. O primeiro, Nicolae levou por acidente, quando os dois se voltaram para a ponte que caía. Mas o segundo fora por iniciativa própria. Talvez ainda houvesse tempo de agradecer. De repreender a si mesma por ser tão estúpida. De pedir desculpas. Mas ela não queria dizer nada disso.

Não considerando que tudo o que falasse equivaleria a uma despedida.

Lada correu em direção a ele mesmo assim, sentindo a cada pas-so uma respiração, a cada passo uma batida do coração, a cada passo uma eternidade.

Agachando-se no chão ao lado de Nicolae, ela apoiou a cabeça dele no colo. Ele a observou com a palidez estampada no rosto feioso e amado. Ela colocou os cabelos dele para trás, acariciando a testa. O sangue em suas mãos manchou a pele do homem, enchendo-a de pânico. Era preciso limpá-lo, livrá-lo daquele sangue. Ela sentiu uma pressão avassaladora atrás dos olhos e um nó na garganta que tornava

difícil falar.

– Você disse que me seguiria até os confins da Terra – ela continuou encarando Nicolae, apesar de os olhos dele estarem perdendo o foco. – E precisa cumprir sua palavra. Estamos bem longe dos confins do mundo.

O sorriso de Nicolae se espalhou lentamente, como o sangue que se acumulava sob seu corpo.

– Não, Lada. Eu já estou lá. Cheguei antes de você, só isso.

– Cuidado com a língua, ou vai mesmo ter sua cabeça exibida numa estaca.

Nicolae riu.

E em seguida morreu.



– Mas o assassino estava a mando de quem? – Bogdan questionou. Ele estava sentado a uma mesa no canto da cozinha com Daciana, Oana e Stefan. O cheiro de terra revirada estava impregnado neles, assim como a lembrança de baixar o corpo de Nicolae para dentro de uma cova apenas uma hora antes.

Lada chutou uma cadeira, que se arrastou pelo piso desnivelado de pedra até tombar e ir escandalosamente ao chão.

– Não importa a mando de quem ele estava!

– Teria sido melhor pegá-lo vivo para conseguir informações – Daciana falou. – Assim a gente saberia quem quer te matar.

– Quem é que não quer me matar? Essa seria uma lista bem mais fácil de fazer. – Lada caminhava de um lado para o outro, percorrendo toda a extensão do cômodo, furiosa e arrasada, com vontade de fazer alguma coisa, qualquer coisa, para deixar de se sentir assim. Ela esfregou os braços, para não começar a arrancar os cabelos.

Da última vez que perdera um de seus homens mais próximos, fora Petru, naquele mesmo castelo. Isso ainda lhe doía. Mas Nicolae... Ela dependia de Nicolae, precisava dele como de pouquíssimos outros. Apesar de duvidar dela, ele permaneceu fiel até o fim. E esse fim chegou *justamente* por causa dessa fidelidade.

– Se nós... – Bogdan começou, mas Lada o interrompeu:

– Não faz diferença. O assassino fracassou.

Mas não totalmente. Uma parte dela caiu por terra junto com Nicolae. Ela não sabia o tamanho dessa parte. A ferida ainda estava aberta, era recente demais para que fosse possível prever que cicatriz deixaria. Lada desejou que ficasse estampada na sua cara, como a de Nicolae. Queria exibir uma prova visual de sua perda.

Lada levantou a cadeira, arrastou-a de volta para a mesa e sentou-se.

– Temos coisas demais a fazer para ficar perdendo tempo em saber quem mandou o assassino. E, agora, que temos um colaborador confiável a menos, isso significa mais trabalho para todo mundo. O primeiro problema é que não temos homens suficientes. Mesmo depois de recrutar criminosos e desocupados, ainda estamos em inferioridade numérica brutal. Acho que Mehmed vai atacar com pelo menos vinte mil, provavelmente trinta ou quarenta. No momento, podemos contar com no máximo cinco mil.

– Lada. – Daciana se debruçou sobre a mesa com a mão estendida.
– Me deixe ajudar. Descanse um pouco.

Lada olhou para a mão de Daciana e, depois, para o rosto dela. Daciana era forte, assim como todas as mulheres da Valáquia. Se não fossem, não sobreviveriam. Lada sorriu. Elas poderiam ajudar, *sim*.

– As mulheres podem lutar. O país é delas tanto quanto dos homens.

Bogdan soltou um risinho de deboche.

– As mulheres.

A mãe dele lhe deu um tapa no ombro.

– Nós não somos flores delicadas. Esfalfamos nosso corpo deixando tudo limpo, preparando a terra para o plantio e gerando crianças. Podemos varrer o inimigo com a mesma habilidade com que varremos um tapete.

Lada assentiu.

– Todos os que tiverem força para lutar vão para a batalha. Homens, mulheres, não importa. Temos muito trabalho a fazer antes de começar o conflito, e temos até o meio da primavera para fazer os preparativos. Mehmed não vai vir antes disso. – Em termos logísticos era impossível. Ele esperaria até que não houvesse o risco de congelar até a morte antes de marchar sobre as terras disponíveis para alimentar seus homens. – Vamos começar a recrutar e treinar as mulheres imediatamente. As crianças e os idosos vão ser conduzidos para as montanhas.

– E os doentes? – Daciana questionou com um tom ácido.

– Ah, eu tenho outros planos para eles. – Lada sorriu ao ver a expressão confusa da mulher.

Stefan permanecia imóvel, sempre cauteloso em chamar atenção.

– Mesmo assim, vamos continuar em menor número e com um treinamento inferior. Com o que mais podemos contar?

– Matyas.

– Você confia nele?

– Nem um pouco. Mas ouvi dizer que ele recebeu dinheiro do papa para combater os infiéis. E não vai querer o exército otomano inteiro

acampado em suas fronteiras. É do interesse dele manter a Valáquia livre. Ele vai ajudar.

Stefan parecia incomodado.

– Que foi? – Lada questionou.

– Não confio que ele vá usar o dinheiro para o propósito que deveria. Matyas está tentando levantar fundos para outros fins há muito tempo.

Stefan ficou esperando uma resposta, impávido e paciente. Claramente, já havia chegado a uma conclusão. Lada era capaz de sentir. Irritada, ela começou a pensar em tudo o que sabia sobre Matyas. Para quê precisaria do dinheiro. Em seguida, ergueu os olhos para o teto.

– A coroa tomada pela Polônia, que ele não tinha como conseguir de volta. – Ela soltou um palavrão, cerrando os dentes. – Aquela coroa inútil e idiota. Ele tem fixação por essa coisa, sem dúvida. Mas tomou dinheiro emprestado com a promessa de combater os infiéis. Não vai querer atrair a fúria da Igreja Católica. Ele vai ser *obrigado* a vir.

Stefan não se manifestou.

Lada se encolheu toda ao sentir um arrepio de medo na nuca.

– Ele vai vir, ou vai pagar caro por isso, de uma forma ou de outra.

– Acho que ele vem, sim – Bogdan falou, abrindo um sorriso encorajador.

– Acho que você não sabe nada sobre Matyas, e por isso não deveria opinar sobre esse assunto – Lada esbravejou. Bogdan se encolheu como se tivesse sido agredido fixamente. Oana se remexeu na cadeira, mas Lada não olhou para nenhum dos dois. Ela não tinha sido justa com ele, mas era o príncipe. Não precisava se preocupar com isso.

– Nós temos algum dinheiro? – Oana perguntou, mudando habilidosamente de assunto.

– Não. – Lada deveria ter esperado um ou dois anos, para deixar que o país se estabilizasse e a arrecadação começasse a aumentar. Mas a ideia de ficar naquele castelo juntando moedinhas enquanto um futuro com a Valáquia livre se mostrava tão próximo... Ela deveria ter esperado, porém, jamais conseguiria.

– E armas? – Daciana questionou.

– Meu primo Estêvão não tem como ceder tropas, mas mandou um pouco de pólvora e canhões de mão. Vamos ter que usar isso de forma estratégica. Mas temos vários arcos e balestras.

– O que todos aqueles carpinteiros estão fazendo? – Bogdan quis saber. Lada tinha convocado todos os trabalhadores com conhecimentos de carpintaria e experiência em desmatar florestas

para a capital, deslocando vários de seus homens para supervisionar a tarefa gigantesca. Não era nada que exigisse grandes habilidades, apenas uma quantidade gigantesca de recursos e mão de obra.

Lada sorriu outra vez.

– Eles estão trabalhando num outro projeto.

– Então temos os homens e as mulheres. E os doentes, pelo jeito. – Daciana observou enquanto Stefan fazia suas anotações, calculando de forma aproximada quantos soldados teriam a mais se uma quantidade significativa dos habitantes do país fosse recrutada. – Um pouco de pólvora. Alguns canhões de mão. Que tal fortificar as cidades?

– Não – Lada respondeu. – Se a situação evoluir para um cerco, nós perdemos. Jamais podemos deixar a coisa chegar a esse ponto.

Stefan assentiu, concordando em silêncio.

Daciana o observou, e o medo começou a tomar forma nas linhas de expressão ao redor de seus olhos.

– O que temos é suficiente?

– Não. – Lada inclinou-se para a frente, examinando os cálculos de Stefan. Eles estariam em inferioridade numérica de pelo menos quatro para um. Provavelmente mais, a depender do tamanho da lição que Mehmed quisesse lhe dar. Havia muita coisa faltando para ela. E pessoas também. Nicolae. Petru. *E Radu*.

Mas iria em frente mesmo assim, apesar de todas as carências. Tinha força suficiente para isso. Assim como seu país. Lada mostraria a Mehmed por que ele jamais poderia ser o senhor da Valáquia, e muito menos dela.

– Nós temos outra coisa também: nossas terras. Vamos usar cada légua de terreno contra os otomanos. – Por força do hábito, os dedos de Lada se dirigiram para as facas que levava presas aos punhos. – O império vai vir para cima de nós, e eu pretendo sair vencedora.

*Constantinopla*

COM UM GESTO cauteloso, Mehmed apoiou a mão nas costas de Radu.

– Pelo menos, Kumal morreu sabendo que sua irmã estava a salvo.

Radu estava inclinado para a frente, com a cabeça entre as mãos. Tinha deixado Nazira e Fatima a sós depois de uma longa noite sem descanso, enfim adormecidas, abraçadas uma à outra com o rosto pálido de tristeza. Radu não dormira. Não comera. E não tinha vontade de fazer nem uma coisa nem outra.

– A gente não tinha como saber...

Radu suspirou para obrigar Mehmed a parar de falar. Ele tirou a mão de suas costas, mas não se afastou. Estavam sentados lado a lado na sala privativa de Mehmed.

– A gente poderia saber. – A voz de Radu demonstrava todas as pequenas fissuras que se espalhavam por sua alma. – E *deveria*. De todas as pessoas do mundo, nós dois tínhamos que ser os últimos a subestimá-la. E eu sabia que ela detestava Kumal. Sempre detestou. Estava tão ansioso para ver Nazira e saber... – ele se interrompeu, engolindo as palavras que viriam a seguir: *saber também sobre o destino de Cipriano* – ... e saber o que tinha acontecido com ela, que nem parei para pensar. Kumal pagou uma pena que deveria ser minha.

– Se tivesse ido, nós teríamos perdido você.

– Ela não me mataria. – Radu fez uma pausa. Na verdade, Lada já prometera fazer justamente isso um dia. – Seja como for, o alvo era eu. Kumal foi no meu lugar. A morte dele é culpa minha.

– É culpa de Lada.

– Bom, então é culpa nossa. Fomos nós que a colocamos onde está.

Mehmed ficou de pé. Radu notou uma expressão de orgulho e frieza no rosto dele que jamais lhe fora direcionada antes enquanto estavam a sós. Era um olhar de sultão, não de Mehmed.

– Ela tomou suas próprias decisões. Não pedi que atacasse a Bulgária. Fiz tudo o que podia para ajudá-la.

Radu ergueu uma sobrancelha, exausto demais pela tristeza e pela culpa para se preocupar em confortar Mehmed.

– Fez mesmo? De verdade?

Uma pontada de culpa transpareceu nos olhos de Mehmed. Ele logo virou a cabeça, entrelaçando os dedos enquanto andava de um lado para o outro.

– Não podemos deixar por isso mesmo. Ela assassinou meus embaixadores, atacou um Estado vassalo e matou um paxá em missão diplomática.

– Em missão de *sequestro*.

Mehmed deteve o passo, incomodado com a correção.

– Radu – ele falou em tom de reprimenda.

Radu deu de ombros.

– Por que manter o fingimento quando estamos só nós dois aqui?

Mehmed franziu a testa e contraiu os lábios numa linha que ficava no meio-termo entre um sorriso e uma expressão de desafio.

– Ah, você não quer mais fingir? Vai ser totalmente sincero daqui em diante?

Radu olhou para o chão, sentindo seu rosto ficar mais quente e vermelho que o braseiro da sala.

Mehmed se agachou ao seu lado, forçando Radu a encará-lo.

– Me desculpe, meu amigo, mas isso eu não posso deixar passar. É uma ameaça a tudo o que construí... ao que *nós* construímos. É um precedente perigoso demais. Eu preciso revidar.

– Eu entendo. E não sou contra.

Radu detestava o fato de a morte de um único homem lhe parecer pior que o massacre de milhares na Bulgária. Mas a afronta era pessoal. Lada fizera questão de que fosse assim. Talvez até *quisesse* um ataque por parte deles, embora fosse impossível para ele entender por quê.

– Você vai me ajudar?

– Sabe que sim, sempre.

Mehmed acariciou o rosto de Radu com o dorso da mão. Eles continuaram assim por mais alguns segundos de pura emoção, e, então, Mehmed sorriu. Era o sorriso que havia sido ao mesmo tempo o consolo e o tormento de Radu por tantos anos.

Radu estava entorpecido de tristeza por tudo o que seu desejo por aquele sorriso lhe custara e continuaria a custar.

– Nós não podemos subestimá-la – ele disse.

– E não vamos. Não desta vez.



Mara Brankovic estava sentada com as costas impecavelmente eretas

sob seu vestido de estrutura rígida. Radu não conseguia entender a relutância da mulher em adotar as túnicas e as camadas de tecidos da moda otomana, bem mais confortáveis e bonitas. Até Urbana, sentada ao lado dela à mesa, tinha aderido aos entaris e às sandálias. Além delas, estavam presentes Aron e Andrei Danesti, que ainda viviam em Constantinopla a convite de Mehmed; Ishak Paxá e Mahmoud Paxá, dois membros mais antigos da corte que se destacaram no enfrentamento nas muralhas de Constantinopla; e Ali Bei, líder dos janízaros. Todos eles encaravam Mara e Urbana com uma peculiar expressão de desaprovação.

– É a *Valáquia* – disse Ali Bei.

Além de janízaro, ele era um bei, e, por isso, usava uma barba cuidadosamente aparada e cuidada, de acordo com seu status. Era mais jovem que os paxás, tinha trinta e poucos anos. Às vezes, Radu esquecia-se de que ainda não havia completado nem dezenove anos, e que Mehmed tinha apenas vinte e um. Quantas vidas eles viveram naqueles tão poucos anos? Ali Bei cruzou os braços e continuou:

– Não sei por que precisamos nos preocupar.

– Não é com a Valáquia que estamos preocupados – explicou Radu.

– É com a minha irmã. Ela treinou com Ilyas Bei e, depois, com Hunyadi.

– Ilyas? – Ali Bei bufou de deboche. – O traidor?

– Ela o matou.

Radu tentou afastar da memória aquela noite em que Ilyas Bei, um amigo deles, tentou matar Mehmed. Lada se encarregara de Ilyas, mas foi Radu quem se encarregou de Lazar, um dos conspiradores do atentado. Seu amigo. Pareceu uma necessidade incontornável na época, mas quantas de suas escolhas inevitáveis não haviam resultado em consequências também inevitáveis?

Ali Bei pareceu ligeiramente intimidado.

– Muito bem. Os janízaros podem liderar o ataque, tomando o Danúbio e garantindo a passagem pelo rio. Depois disso, mandamos homens para liberar as estradas. Bucarest deve ser tomada facilmente, assim como Snagov. Menos por estratégia e mais para mandar um recado. Meus batedores me contaram que ela tomou para si a proteção do mosteiro da ilha. Precisamos fazer questão de tomar tudo o que for importante.

Ishak Paxá se inclinou para a frente, batucando suas anotações com os dedos. Radu desconfiava da maioria dos paxás que serviram Murad, mas Ishak Paxá sempre se mostrou dedicado e comprometido com os planos de Mehmed. Kumal confiava nele também. Radu ouvia a conversa com uma pontada de tristeza, desejando que seu cunhado

estivesse presente.

– Meus sipahis podem se encarregar de conseguir suprimentos – disse Ishak Paxá. – Ainda é cedo, mas existe uma boa extensão de terras cultiváveis entre o Danúbio e Tirgoviste, então, a logística da campanha não deve depender demais de nossos recursos. Prefiro que seja no fim do verão ou no começo do outono, mas isso pode ser mudado. Podemos planejar um cerco não muito longo.

Mehmed assentiu. Estava sentado em uma cadeira elevada junto à parede principal da sala, apartado da mesa.

– Radu Bei vai liderar quatro mil tropas de cavalaria. Ele conhece bem o terreno e a irmã.

Radu deduziu que deveria demonstrar gratidão por tamanha prova de confiança e fez o melhor que pôde para fingir uma mesura formal. Aquele conflito parecia pessoal demais. Era como se envolvesse apenas Mehmed, Lada e o próprio Radu. Não parecia certo planejá-lo com um contingente de milhares de homens. Como a coisa tinha chegado àquele ponto?

– Providenciem para mim uma planta detalhada de Tirgoviste. – Urbana passava o dedo de forma indolente pela cicatriz lisa e reluzente que cobria metade de seu rosto, um lembrete de sua participação no maior cerco da história. – Posso derrubar as muralhas num único dia.

Aron Danesti virou-se para Urbana:

– Nós não temos uma planta, mas podemos fazer uma e informar você sobre os detalhes que quiser saber.

Andrei sacou um pergaminho e começou a desenhar, com Aron espiando por cima de seus ombros e murmurando instruções.

Mara Brankovic escrevia uma lista com sua caligrafia elegante.

– Obviamente, podemos contar com o apoio dos búlgaros. Lada é conhecida como a Dama Empaladora por lá, e eles já estão tramando uma vingança. A Sérvia vai contribuir com tropas. Vou escrever para meus contatos na Itália recomendando que fiquem fora disso, mesmo duvidando que isso seja necessário.

– E os saxões? – Mehmed questionou.

– Ah, eles detestam Lada. Já viu as xilogravuras que eles andam fazendo? Uma coisa terrível. – Mara escondeu um sorrisinho de divertimento. – Ela não vai receber nenhuma ajuda deles. Mas nós também não. A única pessoa que eles detestam mais que a Dama Empaladora é o sultão.

– E quanto à Hungria? – perguntou Ali Bei. – Se ela treinou com Hunyadi, com certeza tem aliados por lá.

Mara franziu os lábios, batendo com a pena na folha diante de si,

deixando vários pingos de tinta no papel.

– Talvez. Mas Matyas Corvino não é como o pai. É um estadista, não um guerreiro. Com certeza, existem fissuras que podem ser ampliadas se for aplicada a pressão certa. – Ela fez uma pausa e desenhou um círculo. – Há pouco tempo, ele recebeu uma grande soma da Igreja Católica para partir numa cruzada.

– Pensei que essas malditas cruzadas tivessem acabado – resmungou Mahmoud Paxá. Ele era o mais velho entre os presentes, com os cabelos escuros já quase grisalhos, e também exibia cicatrizes do cerco, assim como de várias outras batalhas ao longo das décadas. – Nós já tomamos a preciosa capital do cristianismo. Eles vão fazer uma cruzada pelo que agora?

– Lada tem o apoio dos católicos, então? – Ali Bei interrompeu. – Temos motivos para nos preocupar com os italianos?

Mara fez que não com a cabeça.

– A conversão dela é encarada com ceticismo. O verdadeiro ponto de contato com o catolicismo é Matyas. Se pudermos tirá-lo do caminho, temos que aproveitar a chance. Mas ainda não dá para garantir que ele vai ficar de fora da briga. Vou pensar em alguma coisa.

– E a Moldávia? – Mehmed quis saber.

Mara consultou sua lista. Radu se perguntou se haveria algum lugar da Europa onde ela não tivesse contatos.

– O rei deles, Estêvão, é uma força a levar em conta. E dizem que é muito charmoso e atraente, ou pelo menos é isso que disseram para minha irmã, que recebeu propostas de casamento suas. – Mara fez uma pausa, abrindo um sorriso para Mehmed. – Obviamente, ela vai recusar, conforme recomendado por sua fiel irmã mais velha.

Radu segurou o riso. Mesmo no conselho de guerra, Mara encontrava formas de lembrar a Mehmed como era valiosa e como era importante mantê-la feliz e sempre por perto. Quanto mais Radu conhecia as mulheres em sua vida, mais se perguntava se *alguma* delas poderia ser de fato inofensiva.

Mara continuou:

– Eu não recomendaria ataques à Moldávia. O ideal é que eles não se envolvam de forma nenhuma.

Ali Bei apontou para o mapa enorme aberto no centro da mesa.

– O rei Estêvão vai guardar suas fronteiras. Mas, se mantivermos forças por perto, por aqui, isso vai mantê-lo sob pressão suficiente para se preocupar mais com seu país do que ir em auxílio da Valáquia.

– Então, ela não vai ter ajuda de nenhum aliado além da Hungria, e até isso é questionável. – Mehmed parecia satisfeito.

– Dez mil homens devem ser mais que suficientes – decretou Mahmoud Paxá.

Mehmed ergueu uma sobrelanceira.

– Vamos mandar sessenta mil.

Ishak Paxá tossiu, engasgado. Indignado, abriu a boca para retrucar, mas então se colocou em seu lugar e baixou os olhos para a mesa.

– O que sua graça achar melhor vai ser feito.

Os dois paxás não pareciam nada contentes. Como mantinham seus próprios exércitos, não eram financiados pelo sultão, como os janízaros. Ir à guerra era um empreendimento caríssimo. Mesmo assim, Ali Bei sorriu, como se estivesse se preparando para uma tarde de jogos. Estava a cargo de uma das forças de batalha mais bem treinadas do mundo. Sem dúvida, encarava a ocasião como um bom momento para reafirmar a Mehmed seu valor.

O império havia decidido sua ofensiva, mas ainda havia os três valáquios presentes. Radu queria deixar claras suas intenções em relação ao trono do país.

– Quando tomarmos Tirgoviste, Aron vai ser coroado príncipe.

Aron inclinou a cabeça, e Andrei assentiu. Radu sabia, assim como eles, que tinha direito ao trono tanto quanto os dois irmãos. Os Draculesti e os Danesti se alternaram violentamente no poder por décadas, e nenhuma família tinha mais razão em sua reivindicação que a outra. Na verdade, Radu estava numa posição melhor, por ter caído nas graças do sultão. Mas ele queria ter a confiança e o apoio dos dois. Isso só aconteceria caso não fosse visto como uma ameaça. Talvez isso justificasse a crueldade dos irmãos para com ele na infância. Radu ainda não entendia a natureza dessa rivalidade na época, mas os Danesti pareciam estar inteirados de tudo desde o início. As brigas na floresta eram uma simulação da realidade, reduzida para a escala dos meninos.

Radu não tinha ganho aquelas brigas, mas também não o fizeram Aron ou Andrei. Lada, sim.

Mas os Danesti agora eram adultos inteligentes. Radu poderia entregar o país a eles sem hesitação. Porque ele mesmo não queria.

– Talvez vocês não saibam – Mara falou com um tom de voz suave –, mas as informações que recebi dão conta de que Lada matou quase todos os Danesti que restavam na Valáquia. Os que sobreviveram fugiram para os países vizinhos.

– Nós sabemos. – Aron não soou irritado nem vingativo, apenas cansado, triste e um pouco assustado.

Radu o encarou, e os dois trocaram olhares compreensivos. Não

eram homens movidos pela raiva. Aron usava o nome da família como um sinal de responsabilidade, não de privilégios.

Mehmed ficou de pé.

– Vamos avançar com toda a força, e depressa. Não queremos dar a ela nenhuma oportunidade. Nós tomamos a capital, asseguramos o controle do país e mostramos ao resto da Europa que não vamos tolerar afrontas e agressões de nossos Estados vassalos, nem ao império nem aos demais vassalos.

– E quanto à menina príncipe? – Ali Bei questionou.

– Eu a quero viva – Mehmed disse sem maiores explicações. – Custe o que custar.



Radu informou Nazira e Fatima a respeito dos planos com um peso no coração. Estava aliviado por saber que Lada não seria morta, mesmo depois de tudo, mas não esperava que Nazira se sentisse assim. Fosse como fosse, ele não se considerava capaz de voltar a encarar a irmã, ou conversar com ela de novo. Essa parte ficaria a cargo de Mehmed.

Radu discorreu sobre os pormenores da campanha, se concentrando no cronograma.

– Não queria sair de perto de vocês tão cedo, mas é minha responsabilidade.

– Nós vamos com você – Fatima falou, já se levantando para começar a arrumar seus pertences.

Radu abriu um sorriso afetuoso.

– Como eu disse, estou indo para a guerra.

Nazira ficou de pé também. Parecia atordoada, incapaz de se concentrar. Fatima sentou-a de novo com um gesto gentil.

– Então encontramos você lá – Fatima declarou.

– Mehmed me pediu para ficar um pouco mais depois que instalarmos Aron no trono.

– Por que Aron? – Nazira esbravejou. – Conheço outro herdeiro que é muito mais merecedor.

Radu estendeu o braço para pegar a pilha de roupas que Nazira segurava. Ela olhava para as mãos como se não soubesse o que estava fazendo com aquilo. Quando pegou as roupas, em vez de guardá-las no baú, ele as colocou sobre a cama.

– Você sabe que não é isso o que eu quero. Mas vou ter de ficar em Tirgoviste por um tempo depois do fim do conflito. Vocês deveriam voltar para Edirne ou para a casa de campo e esperar por mim lá. A não ser que vocês queiram ficar aqui.

– Eu mal posso esperar para sair desta cidade maldita. – As palavras de Nazira saíram carregadas das lembranças que os dois

compartilhavam. E, agora, a cidade ainda lhe trouxera a notícia da morte de seu irmão.

Fatima apanhou as roupas que Radu deixara sobre a cama e guardou-as no baú.

– Vamos nos encontrar com você em Tirgoviste assim que a guerra acabar. Vai ser bom conhecer o lugar de onde vem.

Suas palavras foram tão convincentes que Radu quase acreditou que ela não se incomodava em fazer uma viagem tão longa. Ele ergueu uma sobrancelha e desviou o olhar, ficando corado ao ouvir tamanha mentira.

– Vocês não precisam fazer isso – Radu falou.

Nazira se levantou para se juntar a Fatima, mas acabou parada ao lado da cama, oscilante e sem direção. Radu sabia o quanto ela estava tentando ser corajosa. O quanto estava se esforçando para se manter funcional em meio a um luto arrasador. Seria bom para ela sair da cidade. Radu tentaria convencê-las a ir para casa. Fosse como fosse, Nazira precisava ir embora de Constantinopla.

Fatima falou pelas duas:

– Mas nós queremos encontrar você na Valáquia.

– Não iriam querer, se conhecessem aquele lugar.

– Vamos descobrir por nós mesmas se foi uma boa ideia ou não. A sua irmã... ela vai continuar em Tirgoviste, depois de tudo? – Fatima quis saber.

Nazira ficou tensa ao ouvir a menção a Lada. Radu detestava a ideia de ter trazido Lada para a vida de Nazira, e tudo o que isso significava em termos de perdas e derramamento de sangue. Ainda amava sua irmã, mas...

Amava *mesmo*? Agora que sabia que ela enfim se tornara tudo de ruim que sempre teve o potencial para ser?

– Não – respondeu Radu. – Ela vai ser trazida para cá. E nunca mais vai ser colocada em liberdade.

Era o destino mais cruel possível para Lada. Ele sabia que ela iria preferir morrer lutando. Mas não teria essa opção. Radu sentiu uma resolução aguda e ressentida se cristalizando dentro de si enquanto pensava em como sua irmã ficaria destruída ao se ver impotente e prisioneira outra vez.

Ótimo. Que assim seja.



Rio Danúbio, território otomano

LADA ESTAVA DEITADA de bruços, espiando a extensão larga do Danúbio por cima das pedras que lhe proporcionavam proteção. Era possível ver uma movimentação do outro lado, mas ela estava distante demais para capturar os detalhes. No entanto, estava perto o suficiente para saber onde eles estavam. Para saber que *ele* estava lá.

Mehmed.

E provavelmente Radu também.

Lada recuou, ficando de pé ao chegar ao bosque onde estavam escondidos Stefan, Bogdan e os homens que ela escolhera para liderar suas tropas.

– Eles estão em campo aberto. Isso significa que não estão esperando entrar em ação enquanto não chegarem à fronteira da Valáquia. Se não conseguirem atravessar o Danúbio, nem todos os homens do mundo seriam suficientes para concretizar uma invasão.

– Mais cedo ou mais tarde, eles vão conseguir passar. – Doru coçou o nariz com o dedo grosso e sujo.

Era inteligente, brutal e um bom líder, mas, toda vez que olhava para ele, Lada se dava conta de quem não estava lá: Nicolae. Já tentara detestar Doru por isso. Nem sempre dava certo.

– Não se o custo for alto demais. Mehmed valoriza a estabilidade acima de qualquer coisa. Não vai arriscar uma desestruturação desse tamanho só para nos castigar. Se pegarmos pesado aqui, ele vai recuar.

Doru estreitou os olhos, desconfiado.

– Como você...

– Pare de questionar. – O tom de Bogdan era de neutralidade, mas seus olhos eram puro perigo.

Doru baixou a cabeça, arrependido.

– Vamos montar uma fileira na margem de cá.

Lada contava com quatrocentos homens ali. O restante de suas forças estava entranhado no país, formando linha após linha de

defesa. No entanto, quatrocentos homens bem utilizados na travessia de um rio eram capazes de segurar trinta mil do outro lado.

– Avise os arqueiros para que estejam prontos para atacar quando eles tentarem atravessar. E para que se mantenham escondidos a qualquer custo. Não queremos arruinar a surpresa. – Lada sorriu, olhando em direção ao Danúbio.

Aquela era a primeira de inúmeras surpresas que planejava, mas, se funcionasse, poderia ser a única necessária.



Naquela noite, embora Lada estivesse escondida em meio à vegetação da margem do rio, um homem apareceu e deitou-se ao lado dela.

– Como você me encontrou? – ela perguntou.

Stefan deu de ombros.

– E então? – Ela ficou à espera do relatório.

Ele atravessara o rio e avançara várias léguas para espionar o acampamento inimigo. Lada não esperava que o homem voltasse tão depressa.

– Sessenta mil.

Ela engasgou com a própria respiração, abafando a tossida com o manto verde-escuro que usava para se misturar às sombras.

– Sessenta mil? Quantos combatentes?

Mehmed costumava viajar com uma pessoa para dar apoio para cada homem que entraria em ação no combate. Isso significava trinta mil soldados. Ela esperava um número menor, mas...

– Sessenta mil combatentes.

– Pelas chagas divinas – ela exclamou, deixando aquele número envolver seu corpo como as ondulações que atingiam a margem do rio diante de si. – Sessenta mil? Tem certeza?

– Mais vinte mil fazendo o suporte, mas, a julgar pela quantidade de carroças de suprimentos, eles não estão esperando uma campanha muito longa.

– Sessenta mil. – Lada baixou a cabeça. E, então, começou a rir de gargalhar, sacudindo os ombros e fazendo um esforço para se manter em silêncio.

– Você... está bem?

Lada sacudiu a cabeça. Sessenta mil! Ninguém poderia imaginar que Mehmed viria com tanta força. Nem mesmo ela. Lada sabia que não era certo, mas uma sensação agradável de vitalidade instalou-se dentro dela. Era mesmo uma tremenda demonstração de respeito da parte dele.

E bastante conveniente também. Era o momento ideal para finalmente alguém levá-la a sério.

– Bom, sejam sessenta mil ou seiscentos mil, se ele não conseguir atravessar o rio com as balsas, vai ter que gastar semanas planejando um novo ponto de passagem ou, então, desistir. E, considerando o quanto ele é econômico em tudo, menos na escolha do guarda-roupa e na montagem da própria barraca, estou contando com a segunda opção.

Stefan assentiu.

– Onde você quer que eu esteja?

– Na região da capital. Só quando soubermos o resultado do que foi feito aqui vamos saber qual vai ser a melhor coisa a fazer em seguida. Quero você longe do perigo, e o mais perto possível da Hungria.

Sem dizer palavra, Stefan desapareceu nas sombras, onde sentia-se mais confortável.

– Sessenta mil – Lada murmurou consigo mesma, dando uma risadinha. Era como se Mehmed tivesse lhe mandado uma carta de amor.



Apenas duas noites depois, os otomanos tentaram a travessia.

Uma balsa larga e plana, manipulada com remos compridos, foi lançada na parte mais estreita do rio. Estava amarrada a uma corda grossa. Lada e seus homens viram a balsa chegar ao seu lado do rio. Eles esperaram os janízaros desembarcarem e, então, se deslocaram em meio à lama e ao mato alto diretamente naquela direção. Os otomanos haviam construído um atracadouro na margem oposta, e havia várias balsas maiores esperando para embarcar mais homens e carroças.

O ruído de metal se chocando ressoou pela noite, enquanto enormes estacas eram cravadas no solo macio e a corda era amarrada para as balsas serem movimentadas de um lado ao outro do rio.

Lada e seus homens continuaram só observando. Eles aguardariam até que o trabalho estivesse terminado. Continuaram imóveis até que as três primeiras balsas – carregadas lado a lado com duzentos soldados cada, todos janízaros com seus quepes com aquelas abas compridas e idiotas brilhando como uma bandeira branca ao luar – estivessem cheias e comesçassem a lenta travessia.

Quando enfim chegaram ao meio do caminho, Lada ficou de pé, alongando os músculos doloridos. Em seguida, disparou sua balestra. Todas as demais armas ao seu redor foram disparadas, e o zunido das setas cantou noite adentro. Homens tombaram em seguida. O rio aceitou as oferendas de Lada com ruídos vorazes.

A última balsa logo mudou de direção, recuando para o

atracadouro. Os soldados na primeira balsa aceleraram o ritmo, evidentemente pensando que chegar à margem mais próxima era a melhor opção. E a do meio simplesmente ficou parada, à deriva no meio do rio que os homens de Lada decoravam com a cor da morte.

Lada assobiou bem alto. Os canhões foram disparados. Três tiros erraram o alvo, mas dois foram precisos, acertando a balsa mais próxima da margem do rio dominada por Mehmed. A embarcação tombou, jogando os homens restantes nas águas rápidas e implacáveis. As armaduras que usavam só serviriam para afogá-los.

A balsa que vinha em direção a Lada diminuiu de velocidade e então estancou. Não havia mais homens para puxá-la junto à corda esticada através do rio. A embarcação ficou à deriva, com um último janízaro heroicamente agarrado ao cabo, até que Lada cravasse uma seta em suas costas. Em seguida, a balsa juntou-se à outra em uma bela jornada rumo ao leito do Danúbio, afastando-se para sempre do território de Lada.

Os homens de Mehmed enfim se recuperaram do choque. Canhões foram posicionados para responder aos tiros de Lada. No entanto, alguns disparos rápidos da parte dela deram fim ao atracadouro provisório. Então, ela e seus homens voltaram a se esconder, deixando os otomanos sem ter em que mirar.

Lada, por sua vez, era pura animação, porque sabia exatamente em que mirar. E não erraria o alvo.



– Se tivéssemos mais canhões – Lada comentou com um suspiro, batendo no cano frio de metal de uma das peças de artilharia –, poderíamos ter bombardeado até o acampamento dele.

Ela ouviu a voz de Nicolae em sua mente: *Para de falar que o acampamento é dele. Você não está combatendo Mehmed, e sim os otomanos.*

Lada encostou o rosto no canhão. Seu coração se apertou. Ela daria quase tudo para ter Nicolae ali, irritando-a com suas observações sensatas até demais. Ou então Petru, todo ansioso e animado para o que quer que viesse pela frente. No entanto, jamais voltaria a ouvir qualquer um dos dois, ou Nicolae zombando de Petru, que, por sua vez, ameaçaria matar o outro por isso.

Ela os queria de volta.

Assim como tudo o que havia perdido. Sua infância. Seu irmão. Até o amor e o respeito que sentia pelo pai. Os otomanos lhe haviam tirado tudo isso.

Uma mão pousou suavemente em seu ombro.

– Está tudo bem com você? – Bogdan indagou.

– Por que todo mundo vive me perguntando isso? Estou sempre bem! – Lada ajustou a postura, afastando aqueles sentimentos e, de forma involuntária, também a mão de Bogdan.

Ele fez uma careta, em uma expressão de desânimo.

Lada segurou a mão dele. Ela não havia perdido Bogdan. Nem a Valáquia. Iria reconquistar parte do que perdera, e não abriria mão de mais nada sem lutar.

O rosto de Bogdan se iluminou numa alegria silenciosa. Ele se manteve completamente imóvel, como se estivesse com medo de assustá-la.

– E agora?

– Precisamos mover os canhões. Depois disparar e mover de novo. Vamos continuar fazendo isso, para deixá-los confusos, imobilizados e sem chance de tentar outra travessia. Diga para...

Uma seta de balestra ricocheteou no canhão, girando no ar antes de cair aos pés de Lada. Ela franziu a testa. Bogdan derrubou-a no chão, caindo sobre ela enquanto mais projéteis voavam ao seu redor.

– Janízaros! – gritou alguém.

Lada saiu debaixo de Bogdan. Ele estava ileso, ela notou com um alívio trêmulo. Um vislumbre das costas ensanguentadas de Nicolae surgiu em sua mente. Ela sacou a espada. Como estavam em meio às árvores, seus homens não teriam como formar uma fileira. Não estava esperando um combate corpo a corpo, não naquele momento.

– De onde eles vieram? – Bogdan murmurou enquanto eles rastejavam para longe do canhão até se encontrar com um grupo de soldados que descansavam. O repouso deles havia sido interrompido de forma abrupta.

– O segundo barco. O que ficou à deriva. Eles devem ter conseguido atravessar o rio em algum ponto e vieram atrás de nós. Maldição. Infortúnio. Desgraça.

Isso significava pelo menos cem janízaros, considerando que metade foi morta antes da fuga. Lada sabia que não podia questionar a capacidade daqueles homens, que eram bem mais mortais que suas tropas recém-saídas do treinamento. Um ataque de cem janízaros poderia eliminar facilmente seu contingente de quatrocentos recrutas.

– Precisamos recuar para a segunda linha – Bogdan falou.

– Vamos perder os canhões. Isso não pode acontecer. – Lada assobiou bem alto. – Às armas! – ela gritou. – Protejam os canhões!

– Ela está aqui! – um homem berrou em turco. – Precisamos levá-la com vida!

Os soldados ao redor hesitaram.

– Eles estão atrás de você! – falou Bogdan.

– Mas os canhões!

– Melhor os canhões que você. – Ele sacou a espada e começou a gritar seus comandos: – Protejam sua príncipe! Façam uma formação ao nosso redor e avisem os demais para deter a perseguição. Precisamos levá-la para a segunda linha! Abandonem os canhões!

Lada permaneceu imóvel, olhando para o rio agitado. Eles tinham chegado pertíssimo da vitória sem precisar ao menos lutar. Pertíssimo de devolver a humilhação que Mehmed lhe impusera. Não era justo. Se ela tivesse metade dos recursos do sultão – um quarto, até um décimo –, já o teria derrotado ali mesmo. Mas não tinha nada além da Valáquia. E, por mais que amasse seu país, foi arrebatada por um medo repentino de que isso não bastasse. Nunca bastara. Quem era ela para desafiar a história, que já ensinara que seu país nunca pudera e jamais poderia ser livre?

– Podemos perder hoje e ganhar no final – argumentou Bogdan num tom cheio de urgência. – Mas, perdendo você, perdemos tudo.

Quem era ela? Era o *dragão*. Seu país tinha presas, garras e fogo, que ela usaria até o fim. Lada sacou a espada.

– Para a segunda linha! – ela gritou.

Aquelas palavras infligiram mais dor que qualquer seta de balestra. Enquanto abriam caminho entre os janízaros que surgiam da escuridão para barrar sua passagem, os pensamentos de Lada estavam voltados para o que haviam deixado para trás.

Mehmed. Radu. E uma passagem liberada para a jornada deles em direção à Valáquia.

Ela fracassara em sua primeira tarefa. Mas fazia questão de mandar uma mensagem de boas-vindas inesquecível.

*Fronteira sul da Valáquia*

RADU ESTAVA COM os demais líderes das forças otomanas, supervisionando tudo, enquanto seus homens montavam um acampamento limpo e organizado para passarem a noite. Como a quantidade de soldados era grande, eles precisaram parar de marchar no meio da tarde para ter tudo pronto no início da noite. Era uma empreitada trabalhosa, que eles precisavam executar todos os dias.

– Perdemos mais de trezentos janízaros – Ali Bei falou com uma careta de preocupação. – E, pelo que sabemos, eles perderam apenas algumas dezenas de homens na retirada. Não estou gostando desses números. Se continuarem assim...

Mahmoud Paxá estreitou os olhos para as nuvens ameaçadoras à distância. Não era temporada de monções, mas a primavera trazia chuvas pesadas que podiam tornar os rios mais caudalosos e deixar as estradas enlameadas, o que dificultaria sua tarefa. Havia uma razão para os ataques em geral ocorrerem no fim da primavera, não no começo. Lada os forçara a se precipitar.

– Os números não vão continuar assim. Tomamos todos os canhões deles. Ela está em debandada.

– Minha irmã não sabe o que é debandar.

Radu olhou em direção à Valáquia com o coração apertado e a cabeça pesada. Tinha quase certeza de que não seriam atacados ali. Lada sabia quais eram seus próprios pontos fortes, e entrar em combate direto contra forças mais poderosas não era um tipo de risco que ela correria. Mas ela estava por ali em algum lugar. À espera.

Para não prolongar a discussão, Radu entrou na barraca de Mehmed, que havia sido montada primeiro, numa posição conveniente de defesa, enquanto o restante do acampamento era montado. Radu esperava ver seu amigo furioso. Em vez disso, encontrou Mehmed sentado sobre uma almofada, olhando para o teto com um sorriso satisfeito.

– Acho que ela estava com saudade de nós – ele comentou.

Radu sentou no chão atapetado, segurando uma resposta malcriada. O divertimento de Mehmed contrastava com a morte dos homens de suas fileiras. Mehmed, porém, provavelmente só precisava de alguns momentos para ser apenas um homem, e não um sultão. Todas as conversas recentes sobre Lada giravam em torno de táticas, considerando-a apenas como príncipe e líder militar. Naquela barraca, ela era somente Lada. Radu ignorou os fantasmas dos mortos para conversar nos termos que Mehmed queria.

– Ela está com raiva de nós. E tão assustadora como quando era criança, mas, agora, adulta, armada e cercada de soldados. Sinto vontade de procurar um estábulo para me esconder até ela encontrar outro alvo para sua ira.

Mehmed deu risada.

– Lembra quando apostávamos corridas pelos morros de Amásia?

Radu ficou tenso. Ele fez a melhor imitação da voz de Lada de que era capaz, adicionando o grunhido que era próprio a ela mesmo quando seu tom ficava mais agudo:

– Está se gabando de correr mais que eu? Não importa, porque sempre vou pegar você no fim. Pode até ser mais rápido, mas eu bato mais forte.

Radu esfregou o ombro, relembrando uma antiga dor. A maioria das lembranças com Lada incluía essa sensação.

Mehmed riu com ainda mais gosto, deitando sobre as almofadas no chão.

– Lembra quando ela decorou mais versos do Corão que eu, só para provar que era melhor em tudo?

– Lembro-me de tudo isso. O que me faz questionar seu juízo por ir atrás dela. Você quer mesmo pegá-la? E o que vai fazer quando a tiver no seu controle?

A felicidade tranquila desapareceu do rosto de Mehmed, substituída por uma familiar tensão.

– Você sabe por quê. E não mudou de ideia.

– Não. Eu concordei que não podemos deixar as atitudes dela sem resposta. É uma ameaça a todas as nossas fronteiras na Europa. Mas não consigo deixar de me preocupar com o fim de tudo isso. De imaginar como vai ser esse fim.

– Eu também estou preocupado. Só quero que ela volte para casa, para nós.

– Ela está em casa, Mehmed – Radu falou com a maior gentileza de que era capaz.

Mehmed fechou a cara, rejeitando a resposta de Radu.

– Ela não pode continuar assim. Nós dois sabemos. Se continuar

enfrentando o mundo inteiro, uma hora ela vai perder. – Ele se sentou, com expressão intensa e sincera. – Então, ela precisa perder para nós, Radu. Não porque eu não goste dela ou porque esteja com raiva. Mas porque nós a amamos. Nós a entendemos.

– Mas perder a Valáquia pode deixá-la arrasada.

– Melhor arrasada do que morta.

Radu não tinha certeza de que concordava com Mehmed. Não depois do que viu e viveu. Ainda estava se curando, e não sabia se conseguiria se recuperar por completo. E aquilo que mais importava – Nazira, sua fé, a proteção das pessoas mais inocentes naquela história toda – ainda não havia sido tirado dele. Caso fosse...

Ele também sentia uma incerteza incômoda a respeito da afirmação de que os dois amavam Lada. As atitudes de ambos ao longo do ano diziam outra coisa.

– Eu sei o que a Valáquia significa para ela – Mehmed continuou. – Consigo ver a devoção dela pelo país. E a própria Lada já deixou claro que sempre vai escolher sua terra em vez de mim. – Houve uma pausa, e, então, a voz de Mehmed assumiu um tom sentimental: – Mas nós vamos tirar essa chance dela antes que isso a acabe destruindo.

Radu olhou para o teto elegante da barraca, de seda, com um lustre de ouro pendurado, já aceso, apesar de ainda ser dia. Apenas na cabeça de Mehmed lançar um exército contra sua irmã poderia parecer um ato de amor e amizade.



– Hoje vamos chegar ao Arges – Aron Danesti falou, cavalgando ao lado de Radu e Mehmed.

Era mais baixo que ambos. Mehmed e Radu eram altos e magros, embora Mehmed estivesse ficando mais largo agora que enfim parara de crescer. O fato de o cavalo de Aron ser menor também não ajudava muito. Ele se remexia o tempo todo na sela, tentando sentar mais ereto, mas ainda precisava levantar a cabeça para conversar com os dois.

– Tem uma boa ponte que podemos usar. E a região do outro lado é uma terra fértil. Finalmente, vamos encontrar plantações e rebanhos. Podemos descansar por lá.

Mehmed não respondeu. Cada vez mais, só se dirigia aos demais que o cercavam para corrigir o que diziam.

Aron pigarreou, um tanto sem jeito, e continuou:

– Não podemos deixar Bucareste desguarnecida atrás de nós. Vai demorar alguns dias, mas vale mais a pena tomar a fortaleza de lá do que ficarmos expostos a um ataque pela retaguarda.

Ali Bei, que cavalgava do outro lado, soltou um grunhido.

– Não gosto dessa ideia. Já mandamos homens para retomar Giurgiu também. Mas é uma necessidade. Vamos atravessar o Arges e, depois, destacar uma força para tomar Bucareste.

Radu queria que tudo terminasse logo. Queria ver Tirgoviste tomada e Lada sob custódia, e deixar para trás seu país e toda sua história junto. Mas sabia que, mesmo depois que tomassem a capital, as coisas não seriam assim tão simples.

Ao chegarem ao alto do morro, encontraram os batedores parados, olhando todos na mesma direção.

Onde esperavam ver uma ponte que dava acesso a uma cidade de bom tamanho, bem servida de rebanhos, suprimentos e plantações – isso sem falar em pessoas –, havia apenas ruínas em brasas. Radu lembrou-se do tempo que passou na Albânia, enfrentando o rebelde otomano Skanderberg. Radu, na época, fez parte do interminável cerco de Murad. Foi o primeiro gostinho que sentiu da guerra, e jamais conseguiria limpar de seu palato a podridão carbonizada que nele foi deixada. Os homens de Skanderberg tinham apelado para o mesmo tipo de campanha, destruindo os próprios campos para impedir que os otomanos os tomassem.

Radu tinha conversado com Lada sobre essa estratégia? Ele não se lembrava. Os dois já não eram próximos nessa época. Ela conquistara Mehmed, e Radu se juntara a Murad numa tentativa de provar que era o mais útil dos dois irmãos, valendo-se de manobras políticas. Com certeza, não havia lhe contado nada a respeito. Aquilo não era culpa sua. Lada devia ter aprendido aquela tática com Hunyadi, apesar de isso não parecer fazer o estilo do antigo líder militar dos húngaros.

Provavelmente, as inclinações naturais de sua irmã estavam vindo à tona. Se ela não tivesse o que queria, ninguém mais poderia.

– Lá se foi a nossa ponte – Radu comentou.

Isso significava um atraso, e, conseqüentemente, um gasto extra de provisões. Radu observou enquanto um grupo de batedores montados explorava a área ao redor da ponte. E viu um deles simplesmente... desaparecer. Num instante, estava lá, no seguinte, não mais. Os outros viraram os cavalos, gritando sobre a existência de buracos e armadilhas. Ali Bei deu instruções para que toda a área fosse esvaziada e evitada.

– Radu Bei? – um homem interrompeu, chamando sua atenção.

Seus batedores se aproximavam. Apesar de o grosso das tropas estar sob o comando de Ali Bei, os quatro mil homens montados de Radu eram independentes do pelotão principal dos janízaros. Radu os mandara patrulhar os arredores, e não o caminho diretamente adiante.

Os batedores traziam duas pessoas consigo – camponeses, a julgar

pelos trajos. O homem e a mulher olhavam para Radu com expressões hostis.

O batedor principal fez uma mesura.

– Nós os capturamos a alguns quilômetros daqui, estavam jogando carcaças apodrecidas de animais no rio. Estão fazendo isso há semanas. A água vai ficar contaminada por pelo menos alguns dias.

A mulher sorriu.

– Estão com sede? Espero que tenham trazido o Danúbio com vocês.

Radu massageou a testa.

– Onde fica a fonte de água limpa mais próxima?

O homem deu uma risadinha. Ele tinha barba, o que era surpreendente. Apenas os boiardos podiam usar barba na Valáquia, assim como os janízaros eram obrigados a estar sempre barbeados. Era uma questão de status.

– Fique à vontade para procurar. Por favor.

– Sua família é de onde? – Radu perguntou.

O homem não tinha o jeito de falar nem a postura de um boiardo, apesar da barba.

– Não tenho nenhum familiar que você conheça. – Ele coçou o queixo, estreitando os olhos com um sorriso malicioso. – Pensou que fosse voltar e encontrar as coisas do mesmo jeito que estavam quando foi embora? Nós temos uma nova príncipe. Novas regras. Liberdade.

Aron Danesti estava ao lado de Radu.

– Para mim, isso não parece liberdade. Aqui, não tem plantações. Nem povo.

– Está todo mundo na montanha. – A mulher deu de ombros, abrindo um sorriso que revelava mais falhas do que dentes na boca. – Posso falar por que vocês nunca vão chegar até lá. Vão morrer de fome primeiro, ou vão ficar parados por tanto tempo que o inverno vai voltar e congelar todo mundo. Aí nosso povo vai retornar para retomar nossa terra, por cima dos seus cadáveres. Podem ficar o tempo que quiserem, mas só vão encontrar a morte aqui.

– Nós viemos aqui ajudar vocês – Aron falou, genuinamente surpreso com aquele tom de desafio. – Sua falsa príncipe está provocando os países vizinhos. Tornou a vida de vocês insegura.

– Ela é tudo – a mulher cuspiu em direção a Aron. Um dos batedores segurou-a pelo braço, mas ela continuou avançando contra eles, com olhos febris. – Tudo o que temos, devemos a ela. Os malditos boiardos foram parar onde sempre quiseram: acima de tudo, olhando para nós de cima para baixo, do alto de suas estacas. – Ela ergueu o queixo. – Eu conheço você, filho do Danesti. Logo, vai se juntar ao seu

pai.

Outro grupo de batedores veio cavalgando em direção à estrada para Bucareste.

– Levem esses dois daqui – Radu disse com um aceno.

Não queria ordenar a morte deles, que não haviam matado nenhum de seus homens, até onde sabia, mas também não estava interessado no que tinham a dizer. Poderia se preocupar com isso depois.

Radu reconheceu um janízaro baixo e robusto chamado Simion, que mandara explorar a região assim que atravessaram o Danúbio.

– O que foi? – Radu perguntou, ao notar o rosto pálido e a testa franzida dos batedores. – Tem alguém vindo? Vocês estavam em um grupo maior quando partiram. Encontraram resistência?

– Não – Simion falou, descendo da montaria e fazendo uma medida. – Só armadilhas. Perdemos três homens. Não tem ninguém vindo nos enfrentar porque eles não precisam. Tudo ao redor daqui está do mesmo jeito. Os poços, envenenados. Nenhum rebanho ou plantação, nem mesmo gente. Se mandarmos homens para Bucareste, é melhor que eles consigam tomar a cidade; caso contrário, vamos morrer de fome.

Radu agradeceu a Simion e, depois, foi cavalgando lentamente até Mehmed, com Aron ao seu lado.

– O que aconteceu com nosso país? – Aron perguntou, horrorizado.

Radu se deu conta de que, a não ser em Constantinopla, onde Aron estivera do lado de fora das muralhas, aquele Danesti nunca havia visto uma guerra.

– Lada sabe o custo envolvido em montar um cerco. E quer que seja o maior possível para Mehmed. Tanto em homens como em ouro e em moral.

– Não, não é isso. Quer dizer, isso é terrível, claro. Mas estou falando da maneira como aqueles dois falaram com a gente. Nunca fui tratado assim na minha vida inteira. Ele usa barba! E ela fala como se fosse uma igual... ou até alguém superior!

Mara não se dera ao trabalho de pedir relatórios sobre a situação da Valáquia. Eles só se concentraram nos aliados externos de Lada. Porém, obviamente, agora precisariam lidar com quem estava ao lado dela *dentro* do país. Lada sempre acreditou que a Valáquia era o melhor lugar do mundo. Pelo jeito, seu orgulho em relação à pátria se espalhara para o povo. Quando planejaram a invasão, eles não previram tamanho fervor.

Radu observou enquanto os dois valáquios eram levados para o acampamento. Quantos como eles estariam à sua espera? Radu

precisava conquistar apoio dentro do país.

– Vamos mandar homens para procurar boiardos em segredo. Não acredito que muitos deles apoiem Lada, não depois das mortes dos Danesti.

Radu parou seu cavalo à distância, e sentiu uma onda momentânea de satisfação quando viu Mehmed se remexendo com impaciência sobre a sela da montaria. Olhando para Radu. Esperando por ele.

Porém, ainda em perseguição à sua irmã. Radu sorriu, ciente do quanto aquela campanha o deixaria perturbado apenas um ano antes. Mas, naquele momento, só conseguia sentir saudade de Nazira.

E de Cipriano.

Era uma saudade que machucava mais, porque não tinha uma razão de ser. Já havia prometido a si mesmo várias vezes não pensar mais em Cipriano, agora que sabia que ele estava são e salvo. Mas aqueles olhos cinzentos e aquele sorriso de acalantar a alma nunca saíam dos pensamentos de Radu.

– Tudo mudou por aqui – Aron comentou.

– Na verdade, as coisas nunca mudam – Radu respondeu, enfim esporeando seu cavalo em direção ao amigo, para se preocupar com sua irmã junto a ele.

*Arredores de Bucareste*

LADA ESTAVA SENTADA sob o sol da primavera, quente demais para seu gosto. Tinha sido uma escalada árdua para transportar todos os seus soldados e os canhões que restavam pelo terreno inclinado das encostas das montanhas. Ela observou o cânion mais abaixo. Era o único caminho viável para um exército tentar chegar a Bucareste.

Ela já testara essa estratégia uma vez. Hunyadi continuava a ajudá-la mesmo do túmulo. No ano anterior, ela o resgatara numa batalha malsucedida num cânion com um ataque inesperado do alto, bloqueando as saídas. Ali, a coisa se daria em maior escala, mas ela estava confiante. Precisava ser criativa para evitar o combate direto com as tropas em superioridade numérica brutal de Mehmed. Aquilo seria perfeito.

E, após a derrota no Danúbio, ela sabia que não precisava *vencer*. Pelo menos, não de forma clara. Precisava apenas fazer com que aquela tentativa custasse a Mehmed mais do que ele estava disposto a investir em todos os sentidos. Em termos de homens. De ouro. De tempo. De orgulho.

O último item era um que lhe agradava de uma forma toda especial.

– Tem certeza de que eles vão vir para Bucareste? – Bogdan perguntou enquanto limpava o alto de uma pedra para Lada sentar-se.

Depois de dar as instruções, ela deixou o restante dos soldados assumirem suas posições. Eram homens leais e bons no que faziam, mas, cada vez mais, deixavam-na irritada. Ela só conseguia ver o que eles não eram.

Lada agarrou o pingente que levava no pescoço, que parecia parte de seu corpo tanto quanto as adagas. Se os perdesse, sabia que passaria o tempo todo levando a mão até onde estavam e se surpreendendo com sua ausência todas as vezes. Assim como, mentalmente, continuava a recorrer a Petru e Nicolae, mas em seguida se lembrava de que estavam para sempre fora de seu alcance.

Quantos mais ela ainda perderia? Quantos mais ainda podia perder?

Ela escondeu o pingente embaixo da túnica.

– Eles precisam vir para Bucareste. É um lugar importante demais para ficar atrás das linhas. E a primeira cidade importante depois do Arges, o último rio a atravessar no caminho para Tirgoviste. Eles vão precisar de lá como um ponto operacional.

– E se eles tomarem a cidade?

Lada deu de ombros.

– Se tomarem, tomaram. Mas vamos fazê-los pagar caro. Vai ser um custo alto em termos de tempos e suprimentos, sem que eles ganhem nada em troca. Não vamos voltar para lá, então, os homens que deixarem na cidade vão ficar desocupados e sem função, e não vamos precisar enfrentá-los em outro lugar.

Bogdan assentiu, satisfeito. Estava mexendo com alguma coisa com as mãos também. Lada chegou mais perto. Um terço. Ela se conteve para não fazer um comentário depreciativo. Era preciso aceitar qualquer ajuda que conseguisse e, se o deus de Bogdan estivesse interessado, sua colaboração seria aceita de bom grado.

Não havia nada a fazer a não ser esperar pela chegada dos otomanos.

Era entediante. Lada detestava aquilo.

Tarde demais, como sempre, ela percebeu que Stefan estava se aproximando. Caso ele estivesse disposto a assassiná-la, Lada já estaria morta. Mas ele trazia apenas informações, não a morte.

Stefan sentou-se, cruzando as pernas compridas sob o corpo. Estava tão empoeirado e sujo que se misturava naturalmente com as pedras.

– Os turcos chegam em duas horas. Ele mandou dez mil homens.

Não era uma boa notícia. Lada esperava que Mehmed desviasse todas as suas forças para lá. Ele estava se certificando de que Bucareste não representaria uma ameaça à sua retaguarda sem comprometer muitos homens. Isso, no entanto, só alterava um pouco as coisas. Ela podia se mover pelo país com muito mais velocidade que Mehmed e seus acampamentos gigantescos e sua cadeia pesada de suprimentos. Ele permaneceria com suas forças principais, mas Lada poderia estar em toda parte, e era isso que faria.

– Ótimo – ela disse. – Vamos soterrá-los nessa passagem para que eles não consigam nem avançar nem recuar. Não vamos precisar nem matá-los para fazer Mehmed perder um sexto de suas forças.

– E depois? – Stefan questionou.

– Vou para Tirgoviste garantir que está tudo pronto. Daciana já

deve ter concluído as debandadas para as montanhas a esta altura. – Lada franziu a testa. – Mas eu poderia usá-la em outro lugar também.

Stefan franziu a testa. Era uma demonstração notável, em se tratando dele. Deveria estar bastante perturbado para fazer aquilo.

– Ela está grávida, Lada. E não tem com quem deixar nossos filhos.

– Ela está grávida? De novo? – Era uma péssima época para ter filhos. E uma demonstração de egoísmo também. Lada não queria a atenção de seus seguidores ainda mais dividida do que já estava. – Bom, pelo menos esse vai ser seu.

Stefan endireitou as costas e assumiu uma expressão tão deliberadamente neutra que fez o sangue de Lada gelar.

– Todos eles são *meus*.

Alguma coisa na postura dele a fez querer sacar suas facas para se defender. Em vez disso, ela desviou os olhos, em sinal de confiança. Não precisava se preocupar com um ataque da parte de Stefan. Ele era seu, e sempre se lembrou muito bem disso.

– Quero que você vá para a Hungria. Para se certificar de que as tropas estão sendo mobilizadas, conforme prometido.

– E se não estiverem?

– Dê um fim em Matyas.

– Não vai ser fácil. E como isso ajudaria você, aliás?

– Se Matyas não cumprir sua palavra, tem que morrer. É assim que isso me ajudaria.

Stefan ficou de pé, esfregando as mãos.

– Vou ver Daciana no caminho, para saber se alguém precisa de algo. Onde eles estão?

Lada olhou para o cânion, traçando uma trajetória imaginária com os olhos. Homens seriam mortos ali em pouquíssimo tempo. Era estranho olhar para um lugar tão pacífico e tranquilo sabendo o que aconteceria por lá antes que o dia terminasse.

– Só eu sei a localização deles. É mais seguro assim. Se alguém for pego, não terá como traí-los. – Lada se virou para Stefan, para analisar sua reação. Ela pôs uma ênfase especial na palavra *traí-los*.

O rosto dele continuava indecifrável e impassível como sempre. Se entendeu que Lada o estava ameaçando, não deu nenhuma indicação ou resposta. Apenas inclinou a cabeça e se retirou em silêncio.

– Lada. – O tom temeroso de Bogdan era incongruente com seu físico intimidador. Ele era um leão, mas, com ela, se comportava como um gatinho doméstico. – Queria falar com você, mas nós nunca ficamos sozinhos.

– Eu não vou me casar. – Lada não tentou amenizar suas palavras, mas também não queria magoá-lo.

Não com a perda de Nicolae ainda tão recente. A morte dele talvez tenha lhe proporcionado uma perspectiva diferente a respeito dos homens com quem contava. Bogdan havia sido tirado dela quando os dois eram crianças, levado pelos otomanos. Ela o tinha reencontrado e retomado para si, e não abriria mão dele.

Bogdan assentiu, com os olhos voltados para o chão rochoso sob os pés.

– Minha mãe disse a mesma coisa. E, se você casar, não faria sentido que fosse comigo. Eu não trago nenhum benefício.

Lada puxou com força uma das orelhas de abano dele. Aquelas orelhas a ouviram durante toda a vida sem questioná-la. E ela já as atacara a dentadas também. Bogdan servia a muitos propósitos.

– Eu não quero que você se afaste de mim nunca – Lada falou. Era a verdade. Não significava tanto quanto ele gostaria, mas era tudo o que ela podia oferecer.

O rosto dele se iluminou de alegria como um campo florido de primavera, cheio de ternura e brilho.

– Eu nunca vou abandonar você.

Lada assentiu. Era um trabalho a menos para fazer. Ela não devia mais nada a ele em termos emocionais, o que era bom, porque se tratava de uma coisa cansativa. Sua vontade no momento era de um confronto físico, que alinhasse seu desejo a um objetivo. Era muita consideração de Mehmed enviar um exército inteiro para lhe proporcionar isso.

Bogdan remexia o cascalho sob o pé, fazendo um barulho irritante ao lado dela.

– Mas, caso você decida casar com alguém, sem se preocupar com vantagens políticas, será que poderia...

– Se insistir nesse assunto, vou jogar você lá embaixo no cânion. Depois, vou encontrar seu corpo, arrastar de volta aqui para cima e arremessar de novo só para ter certeza de que o seu espírito entendeu o recado.

Bogdan baixou a cabeça e esfregou a nuca, deixando vermelho um ponto de sua pele.

– Certo. Bom, nós ainda temos uma hora. Você quer...? – Ele apontou para a calça dela sem nenhuma elegância.

Fazia *mesmo* um bom tempo, já que fora preciso evitá-lo. Ela não foi nada carinhosa. Ele não reclamou. Tudo estava de volta aos mesmos termos de sempre entre os dois.



– Não deixem que eles saiam de onde estão! – Lada apontou para um grupo de janízaros que tentava contornar a fila e escalar a parede do

cânion. A situação não era tão favorável como havia sido com os búlgaros. Havia rochas demais naquela passagem, muitos locais para as tropas se esconderem e responderem aos ataques. Mas seus homens poderiam mantê-los imobilizados por um bom tempo. Talvez até por dias. Essa vitória já bastava.

Satisfeita, Lada voltou sua atenção para o homem brutal e maldoso que colocara no comando. Descobrira Grigore na prisão, onde ele esperava pela execução por ter espancado o filho de um boiardo. Era perfeito para suas necessidades.

– Faça com que eles paguem com dez corpos por cada passo que derem. Quando acabar a pólvora, não vai ter reabastecimento. Destrua os canhões para que eles não levem. Depois, corra para Bucareste e proteja as muralhas.

Grigore sorriu, respirando fundo o cheiro de carne queimada e sangue.

– Vai ser um prazer.

Bogdan estava à sua espera com os cavalos. Para um exército, atravessar o território significava uma dose gigantesca de planejamento e dificuldades, mas duas pessoas a cavalo podiam cumprir a mesma distância facilmente. Lada sabia que o grosso das forças de Mehmed ainda não estava avançando para a capital. Eles chegariam com uma enorme vantagem.

– Vou para Tirgoviste sozinha – Lada avisou. – Preciso garantir que Oana esteja em segurança, e que não haja nada por lá para eles levarem. Além disso, preciso supervisionar os últimos detalhes logísticos da recepção deles. Quero que você vá para os acampamentos das colinas e organize os soldados. Alguns estão sendo comandados por boiardos, por isso, vão precisar de muita ajuda – ela concluiu com uma careta.

Era uma coisa irritante se valer de *qualquer* um dos boiardos, mas alguns se mostraram fiéis, e ela simplesmente não dispunha de homens treinados em quantidade suficiente. Depois que tudo terminasse, isso poderia ser mudado, para que jamais dependesse de outras pessoas, que sempre acabavam causando decepções, ou, então, indo embora. Ou trocando-a por outros.

Bogdan se aproximou o máximo que pôde para tentar beijá-la. Ela esporeou os flancos da montaria e logo abriu distância.

Estava cavalgando sozinha. Era uma sensação boa.

*Interior da Valáquia*

RADU NÃO SAIU de cima do tapete ao terminar a prece. A perda de Mehmed pesava sobre seus ombros o tempo todo, mas principalmente durante as orações. Ele era o homem que o conduzira ao islã, um refúgio para sua alma num momento em que tudo era turbulência.

Agora, a turbulência voltara, e, por sua causa, Kumal havia perdido a vida.

Para Radu, era impossível não questionar sua relação com Deus, que tinha sido duramente testada e desafiada em sua estada em Constantinopla. Mas não estava arruinada. Às vezes, Radu temia que sim, mas experimentava a mesma sensação de paz e consolo que as orações sempre lhe trouxeram.

Ele desejou ter conseguido se abrir com Kumal sobre o que se passava em seu coração. No entanto, tinha medo de que Kumal dissesse algo que os separasse ou, pior, que o afastasse de Deus. Molla Gurani, o erudito que fora tutor de Mehmed e Radu e testemunhara sua conversão, sem dúvida, relataria tudo o que já havia escrito sobre o fato de o amor que sentia por outros homens ser motivo para condenar ou não sua alma. Radu estudou um pouco o tema, mas isso não lhe trouxe nenhuma paz.

Talvez, Kumal pudesse ter falado a respeito da essência da fé, e que Radu poderia ter Deus no coração ao mesmo tempo em que amava como sentia ser necessário.

Mas Kumal estava morto. Assim como Molla Gurani. Radu só podia contar consigo mesmo e com Deus, e o ritual da oração e da adoração era o que os conectava. Ele jamais interromperia essa ligação. Ao que parecia, Nazira estava certa: quando o assunto era Deus e o amor, era melhor tratar as duas coisas separadamente.

Mesmo desejando continuar por mais tempo, Radu enrolou seu tapete e desmontou sua barraca antes de seguir para a de Mehmed. Pelo que parecia, o processo de arrumar as coisas do sultão para a viagem do dia ainda não tinha começado. Radu não gostava da ideia

de ficar parado sem fazer nada. O progresso do acampamento era lento demais, e Radu não se sentia capaz de suportar o tédio naquele dia. Isso deixava tempo demais para os pensamentos tomarem conta. Ele viu um grupo de seus batedores mais adiante e montou no cavalo para se juntar aos homens.

Era um dia ensolarado e claro, e o ar estava quente e úmido.

– O senhor conhece bem o terreno? – um dos batedores perguntou. Era um homem silencioso e atencioso, um janízaro chamado Kiril. Radu já cavalgara com ele antes e simpatizara com o sujeito.

– Eu me lembro daqui, mas não venho para cá desde criança – Radu respondeu. – Nós viajamos por uma estrada que margeava o rio, de Tirgoviste para Edirne.

– O que levou o senhor ao império?

Radu abriu um sorriso amargo ao se lembrar.

– A política. Eu fui como um refém, na verdade.

– Eu não fazia ideia, Radu Bei.

Ele deu risada para aplacar o desconforto do homem. Kiril era apenas um ou dois anos mais velho. Radu gostava dos janízaros mais jovens. Sua companhia era mais tranquila. Ele sentia que tinha mais a provar quando estava em meio aos mais velhos.

– Foi a melhor coisa que aconteceu na minha vida.

– Assim como, para mim, receber treinamento para ser janízaro. Mas deve ser uma volta para casa bem estranha para o senhor, então.

– Aqui não é minha casa. Nunca foi, na verdade.

Um batedor apareceu numa curva entre duas colinas cerradas mais adiante na estrada. Veio cavalgando até eles com a testa franzida, com o rosto sardento contorcido numa expressão confusa.

– Tem outra estrada por aqui? Acho que peguei o caminho errado.

– Não – respondeu Radu. De acordo com sua memória e com os mapas, eles estavam exatamente onde deveriam. – Esta é a única estrada com largura suficiente para a passagem das carroças. Não existem caminhos para outros lugares. Daqui até Tirgoviste, só há terras cultivadas.

– Não tem nenhuma terra cultivada por aqui.

Radu trocou olhares alarmados com Kiril. Não visitava aquela região desde criança, mas as coisas não poderiam ter mudado tanto. Sentindo um frio na barriga, Radu esporeou seu cavalo e partiu a galope. Em vez dos vários hectares de campos verdejantes ladeando o rio, havia... pântanos.

Léguas e mais léguas de pântanos. O rio, agora com nível de água baixo e correnteza fraca, havia alagado o terreno ao redor. Radu sabia que, de tempos em tempos, o rio transbordava e causava esse tipo de

estrago, mas a temporada de chuvas não tinha sido tão pesada assim.

Aquilo era uma paisagem produzida pelo homem.

Não. Produzida por Lada.

– Olha só – Kiril falou, apontando. – Trinchieras. A água do rio foi desviada para os campos. Eles devem ter demorado uma eternidade para cavar tudo isso.

– Encontre uma passagem, depois volte e relate por que distância esses pântanos ainda continuam – Radu falou para o batedor sardento. Ele não conseguia esconder seu desespero ao ver arruinadas ainda mais terras capazes de alimentar valáquios e otomanos. Voltou-se para Kiril: – Dê a volta e veja o quanto vamos precisar nos desviar. Pode ser melhor abrir uma estrada do que arrastar carroças carregadas de canhões por esse alagado. – Radu olhou para a terra arrasada. Lada os prejudicara, era verdade. Mas também estava causando prejuízo ao seu próprio povo, a longo prazo. Como poderia não ver? Como justificar um custo tão alto?

– Sua *irmã* fez tudo isso? – Kiril questionou, examinando o estrago enquanto reunia um grupo para acompanhá-lo.

Radu respirou fundo, fechando os olhos de raiva de Lada e sua capacidade cada vez maior de causar estrago num mundo que os dois eram obrigados a coabitar.

– Na verdade, duvido que isso seja a pior coisa que vamos encontrar pela frente.

Radu esteve errado o tempo todo. Sentia-se culpado pela forma como seu coração desejava outros homens. Mas seu amor não tinha nada de venenoso e destrutivo. Não causava nenhum estrago, nem feria ninguém. Lada amava a Valáquia acima de tudo, e aquele era o resultado. O que Mehmed e Lada faziam – pelo que sentiam no coração *tanto* pelo seu povo *como* por sua terra – era muito pior que qualquer coisa que o amor de Radu pudesse levá-lo a fazer.

Era uma estranha forma de encontrar consolo, mas ele a abraçava. Nazira estava *certa*. Seu amor não tinha nenhuma maldade.

O mesmo não poderia ser dito do amor de sua irmã.

*Tirgoviste*

LADA NÃO CONSEGUIA respirar direito desde que chegara aos arredores de Tirgoviste. Depois de fechar a porta do castelo atrás de si, tirou o pano que cobria a boca e o nariz, para poder encher os pulmões.

– Pois é, está bem desagradável lá fora – Oana comentou com uma expressão que parecia de humor, só que muito mais sinistra.

– Eles não fizeram tanto quanto eu esperava. – Lada se apoiou na porta como se seu peso pudesse impedir o ar de fora de entrar. O cheiro a seguira até ali, mas, no momento, era incômodo, não insuportável.

– Só dá para trabalhar em turnos curtos. Precisamos trocar os trabalhadores com mais frequência do que o esperado.

– Eles podem fazer mais.

Oana soltou uma risada áspera.

– Quando estão desmaiados, de jeito nenhum. Você vai ter que ganhar um pouco mais de tempo.

– Felizmente, isso vai me custar só esforços e vidas, não dinheiro. Sempre estou disposta a ceder nos dois primeiros, mas do terceiro eu não tenho nada. – Lada esfregou a região lombar. Tinha sido uma cavalgada longa e difícil, e ela não podia se dar ao luxo de descansar. E também não teria como dormir *ali*. – Por que você ainda está aqui? Tem que ir para as montanhas. Vá para a minha fortaleza em Poenari.

Oana deu um tapinha na cabeça de Lada, o que a irritou a ponto de pensar em socá-la na barriga.

– Está preocupada com a minha segurança, menina?

– Sei que a cidade inteira poderia estar em chamas que você estaria lá no meio, totalmente ilesa, segurando um pente e me dizendo que estava na hora de arrumar meu cabelo.

Oana estreitou os olhos.

– E está *mesmo* precisando de um trato.

– Ah, vai se esconder lá nas montanhas, sua monstra. – Antes que

Lada pudesse se esquivar, Oana a envolveu num abraço.

– Tome cuidado. Nós precisamos de você.

Oana apertou-a com força, soltou-a e abriu a porta. O fedor era tão horrendo que Lada deu um passo para trás, como se tivesse sido atingida fisicamente. Oana nem ao menos cobriu o rosto ao rumar para o cavalo de Lada.

Ela fechou a porta de novo. Precisava tomar as últimas providências para garantir que Mehmed não encontraria nada que o beneficiasse ali, caso conseguisse chegar ao centro da cidade.

Na sala do trono, encontrou as lajotas ainda manchadas com o sangue de seu predecessor. O contorno desbotado da espada pendurada sobre a cabeça de seu pai – agora, presa à lateral de seu corpo – permanecia na parede. Nos corredores, havia murmúrios fantasmais e lembranças de medo e raiva. E, em seus aposentos, que pertenciam ao seu pai, não havia nenhuma lembrança digna de ser guardada.

– Lada – disse um homem atrás dela.

Ela deu um grito de surpresa, virando-se com a adaga já empunhada. Stefan estava num canto escuro do quarto. Por quanto tempo estivera lá, Lada não fazia ideia. Ou ela estava ficando relaxada, ou ele estava em melhor forma do que nunca. Ela esperava que fosse a segunda opção.

– Ainda bem que é você. – Seu coração ainda estava disparado quando ela guardou a arma de volta na bainha.

Ele continuou imóvel, assim como sua expressão. Era um rosto tão fácil de esquecer quando não estava lá que Lada tinha dificuldade de se lembrar da aparência exata de Stefan. Ele inclinou a cabeça ligeiramente para o lado, como se Lada fosse um problema a resolver.

– Recebi uma quantidade absurda de dinheiro para te matar – a voz dele transmitia tão pouca emoção que Lada demorou alguns segundos para processar o que ouvira.

Sua mão tomou a direção do pulso, mas ela se interrompeu. Ela sabia o quanto Stefan era letal. E tinha orgulho disso. Por mais desagradável que fosse, era melhor aceitar que, *caso* ele a quisesse morta, isso já teria acontecido. A princípio, a raiva e a tristeza borbulharam sob sua pele. Mas, logo, foram substituídas por uma espécie de satisfação. Em algum momento, ela não esperava que alguém questionasse que um assassino do calibre de Stefan estivesse a seu serviço?

Seria melhor se esse dia não chegasse. Mas era uma forma de reconhecimento, por mais mórbida que fosse.

– Quanto? – ela quis saber.

– Mais do que você tem no cofre para financiar a guerra. – Ele enfiou a mão no colete, com movimentos lentos e deliberados, pegou um saquinho de couro e o jogou na cama diante dela. – Isso não é tudo. Nem a maior parte. – Dessa vez, um indício de sorriso, como a imagem de um sonho que logo se esvanece, surgiu no rosto dele. – Mas pode gastar como achar melhor.

– Então você não vai me matar.

– Eu pensei a respeito.

Ela gostou de ver aquela sinceridade. Se tivesse que matá-lo, lamentaria muito.

– Por quê?

– Porque, se a pessoa que quer você morta está disposta a oferecer essa quantidade de ouro, alguém vai fazer o serviço, mais cedo ou mais tarde. E eu poderia fazer de uma forma que levasse em conta nosso longo histórico.

– Acho que essa é a maior demonstração de sentimento a nosso respeito que já ouvi de você.

Dessa vez, o sorriso era real, e durou algum tempo. Ela torceu para que ficasse guardado em sua memória, ainda que o rosto dele, não.

– Não sei quem me pagou. Desconfio que seja Matyas Corvino, porque você está fazendo parecer que ele não está se esforçando na luta contra os infiéis, ou, então, seu primo moldávio, que está usando a distração causada para retomar várias fortalezas da fronteira.

– Pelas chagas divinas. Eu gostava dele! – Lada esfregou a testa e, em seguida, deu de ombros. – Mas faria o mesmo no lugar dele. Temos o mesmo *sangue*, no fim das contas. – Sentou-se na cama, batendo um pé no tapete gasto no chão. – Você acha que foi Mehmed?

– Ele já deu diversas provas de que quer você viva. Se morrer por causa do sultão, vai ser em batalha, e contra a vontade dele.

Lada concordou. Ela pensava da mesma forma sobre mandar um assassino atrás de Mehmed. Se ele morresse, que fosse pela sua mão. Qualquer outra alternativa pareceria insuficiente.

E ela não sabia se o queria morto. Mesmo com todas aquelas intrigas, todo aquele horror e as batalhas de vida ou morte entre eles, Lada ainda não estava convencida de que o mundo ficaria melhor sem ele.

Ela ergueu os olhos, desejando mais do que nunca poder dormir. E que, quando acordasse, Stefan ainda fosse seu. Assim como Nicolae. E Petru. E Radu, e Mehmed, e todas as demais pessoas que gostaria de ter ao seu lado.

– Então, como ficamos?

– Eu não posso ficar ao seu lado quando tudo terminar. E... nem

quero. Você me deu algo por que lutar, e não sou um ingrato. Mas, agora, tenho algo por que viver. E uma vida longa parece improvável na sua companhia.

Lada sorriu.

– Agora entendo por que Daciana se apaixonou por você, com uma lábia como essa.

Stefan pigarreou, como se estivesse tentando se livrar da emoção que deixou subir à garganta.

Era uma escolha esperada, mas, mesmo assim, dolorida. Ela ficou com raiva de Stefan por não continuar sendo seu por mais tempo. Era bom que Daciana estivesse longe da raiva e da mágoa que Lada sentia no momento. Ela gostava da mulher também, o que significava que perderia os dois. Seu sorriso se tornou mais sinistro e afiado.

– Eu tenho a família pela qual você quer viver. Se for comigo até o fim, seja qual for, eu a devolvo.

Lada esperava uma reação raivosa, mas podia jurar ter visto algo parecido com afeto perturbando a calma de Stefan. Ele inclinou a cabeça respeitosamente.

– Eu comecei isso ao seu lado. E vou terminar assim. Depois disso, nunca mais vai me ver.

– É justo. Agora, procure notícias sobre os homens que Matyas está mandando e sobre como estamos em relação ao papa.

Stefan se virou para a porta.

– Stefan – Lada chamou. Ele parou, de costas para ela. Era possível cravar uma faca nas costas dele naquele exato momento. Mas ela não mexeu nas lâminas. Talvez estivesse exausta, ou apenas cansada de ver seus amigos sangrar. Ou, talvez, era porque ele sabia que Lada poderia fazer isso e, mesmo assim, tinha confiança suficiente a ponto de ficar de costas para ela. – Como você teria me matado?

– Com toda a gentileza que você nunca demonstrou na vida – ele saiu.

Por alguns breves segundos de raiva e maldade, Lada considerou mandar matar Daciana e as crianças. Stefan só descobriria quando fosse tarde demais. Porém, ela não desejava a morte de nenhum deles. Aquelas pessoas eram suas amigas. O fato de abandonarem aquela amizade não ameaçava sua vida nem seu sucesso.

Ela tentara por muito tempo não perder nada nem ninguém. Mas estava errada por sentir-se assim. Todos iriam embora algum dia, de uma forma ou de outra. Ela ficou de pé e saiu sem ao menos se dar ao trabalho de examinar o restante do castelo. Lá, não havia nada – nem ninguém – que Lada não pudesse perder.

E era por isso que ela sairia vencedora no fim. Porque estava

disposta a oferecer *tudo* no altar do sacrifício, desde que conseguisse ficar com seu país.



Três dias de viagem a sul de Tirgoviste

— **A**LGUÉM MAIS está preocupado porque a príncipe ainda não tentou um ataque contra nós? – Ali Bei perguntou, olhando para o mapa, alterado com anotações sobre os novos atoleiros e terrenos alagados.

Todos os poços e cidades existentes tinham sido riscados. O mapa estava no centro de uma mesa montada na barraca de Mehmed. Ao redor dela, também estavam Aron, Andrei, Radu e os paxás, considerando desoladamente as opções que restavam naquele pedaço de pergaminho coberto de tinta.

A expressão no rosto de Aron era tão desanimadora quanto o mapa.

– Ela não precisa. Demoramos três semanas para chegar aqui. A previsão eram três dias.

– Como estamos de suprimentos? – Radu quis saber.

– Por causa dos atrasos e da falta de alguma coisa que pudéssemos aproveitar, não estamos nada bem. – Ali Bei deu um soco na mesa. – Por que ela não vem nos enfrentar num confronto em campo aberto?

Mehmed gargalhou, provocando um sobressalto e chamando a atenção de todos para o outro lado da barraca suntuosa, onde estava sentado, aparentemente entretido com um livro sobre a vida do profeta, que a paz estivesse com ele.

– Por que ela faria isso? Nós temos superioridade em termos de homens e de forças. Mas ela tem o tempo ao seu lado. E vai usar isso contra nós de todas as formas que puder.

Ali Bei franziu a testa, com as sobrancelhas grossas baixando tanto que Radu se perguntou se não estavam picinando os olhos do homem.

– Parece que você tem uma admiração por ela.

– E, por acaso, eu não devo admirar a excelência, esteja onde estiver? Com certeza, não estou encontrando nada para admirar na minha atual companhia.

Os outros homens sentiram o golpe. Radu percebeu que eram palavras afiadas, mas não o feriram com a profundidade de antes.

Uma coisa era impossível negar sobre um coração partido muitas vezes. Depois de se recuperar, tornava-se mais forte e resistente do que antes. Desde que a pessoa sobrevivesse ao processo de cura, claro.

– O sultão está certo – disse Radu. – Lada está se valendo de todas as vantagens que tem ao seu dispor. Mas não tem tantas assim. Precisamos encontrar os pontos fracos e colocar sobre eles a mesma pressão que colocaram sobre nós.

Ele olhou para o mapa rasurado e a história que contava. A Valáquia fora transformada numa arma. Lada estava usando o país da mesma maneira como o idolatrava: feroz e totalmente.

Aron jogou a pena na mesa, deixando uma mancha de tinta.

– Quais são as fraquezas dela, então?

– As pessoas.

Hamza Paxá, o homem mais velho na barraca e comandante de dez mil sipahis, soltou um risinho de deboche.

– Nós já fizemos prisioneiros, e são todos loucamente devotados a ela. Não vamos encontrar nenhuma fraqueza a explorar nesse ponto.

– Não essas pessoas. Gente como nós. – Radu se virou para Aron e Andrei. – Ela matou vários boiardos. Os que restaram estão do lado dela, mas não confiam completamente em Lada. Não depois do que ela fez. Ela está concedendo terras e poderes para quem achar que deve. Eles devem saber que seus títulos, assim como suas vidas, não estão garantidos enquanto ela for príncipe. Ela não tem nenhuma consideração por tradição e sangue.

Andrei levantou uma sobrancelha.

– Ela parece ter um grande apreço pelo sangue. Só que prefere vê-lo espalhado pelo chão.

Mehmed deu uma risadinha em seu canto, mas continuou com os olhos voltados para o livro, como se não estivesse acompanhando a conversa.

Radu teve que conter o impulso para defender a irmã. Ela não merecia esse esforço, e, além disso, sabia se defender sozinha. Já provara isso muitas vezes.

– Mandeí alguns homens para encontrar os boiardos restantes. Isso vai dar a eles uma alternativa ao reino de terror de Lada, e eles vão traí-la.

– Como você pode saber?

O turbante de Ali Bei estava frouxo, revelando as manchas grisalhas na cabeleira preta. Ele já havia superado bastante a expectativa de vida dos janízaros. Talvez fosse por isso que era o líder, pela experiência e pela capacidade de não morrer.

– Eles são boiardos – Aron falou com um sorriso ácido. – É isso que

os boiardos fazem. Traíram o pai de Radu em benefício do meu. E, agora, estão traindo a memória do meu pai em benefício de uma príncipe que odeiam. Se oferecermos segurança e poder, eles vão traí-la. Assim como, no futuro, vão me trair também.

Radu pôs a mão no ombro de Aron.

– Vamos garantir você no trono. Tudo isso vai ser resolvido.

Radu esperava que Aron pudesse recuperar uma parte do equilíbrio que Lada destruíra. No entanto, quanto mais ele via do país, mais questionava quanto tempo levaria para recolocar as coisas no lugar. Lada havia feito muita coisa em pouquíssimo tempo. Além da destruição, que levaria um bom tempo para ser reparada, ela introduzira uma rebeldia feroz num povo acostumado havia muito a aceitar o que era oferecido e nunca exigir nada. Essa contaminação de ideias seria muito mais difícil de desfazer.

E, talvez, nunca fosse desfeita. Radu poderia sugerir que Aron capitalizasse em cima das novas estruturas sociais, em vez de dismantelar tudo imediatamente. Lada se concentrara nas pessoas comuns da Valáquia, não na nobreza. Essa era sua fraqueza. A nobreza, porém, havia demonstrado sua própria fraqueza ao ignorar o potencial do próprio povo. No mínimo, Lada tinha demonstrado que os valáquios eram capazes de grandes feitos se bem liderados.

– Radu? – chamou Andrei.

– Me desculpe, pois não? – A conversa continuava, e o deixara para trás.

– Tivemos surtos de doença – Hamza Paxá falou.

Ele estava recostado, abanando o rosto, embora não estivesse quente dentro da barraca. Nas reuniões de estratégia, ele, geralmente, ficava em silêncio. Não por insegurança, mas, ao que parecia, por achar indigno discutir planos de ação com três estrangeiros e um janízaro. A rivalidade entre sipahis e janízaros existia por vários motivos, para que nenhum grupo se tornasse forte demais, por exemplo, e para que não se unissem contra o sultão, mas era bem inconveniente em tempos como aqueles.

– E eu deveria... – Radu se interrompeu, sem saber o que Hamza Paxá queria que ele fizesse.

– É o *seu* país que está deixando os homens doentes. Talvez você saiba alguma coisa a respeito.

Radu percebeu a disputa de forças em que estava envolvido. Hamza Paxá sabia que Mehmed estava escutando e queria lembrar a todos que Radu, apesar de ser um bei, não era e nunca seria um deles. E que seu país estava custando caro aos otomanos. E que ele tinha uma ligação íntima com a pessoa que vinha provocando tudo aquilo.

Radu abriu um sorriso meigo. Seu rosto bonito não lhe valeria nenhuma vantagem ali, mas os velhos hábitos não morriam tão facilmente.

– Viver aqui também me deixava doente. Só me encontrei de verdade quando estabeleci meu lar ao lado do nosso sultão. – Certo de que não precisava dizer mais nada, afinal, tinha muito mais proximidade com Mehmed que o paxá, Radu ficou de pé. – Mas vou ver o que precisa ser feito. Mais tarde, me avisem caso o mapa revele algum segredo, depois de ficarem ainda mais tempo olhando para ele.

Radu saiu da barraca com passos leves e confiantes. Porém, seus ombros desabaram assim que se viu do lado de fora. Por que tinha entrado nesse jogo? Por que se incomodar se um paxá idiota questionava seu valor e sua posição no império?

Mehmed não se manifestou quando Hamza Paxá desafiou Radu. Racionalmente, ele entendia que precisava manter um distanciamento do sultão. Mas Mehmed não via problema em se manifestar quando o assunto era Lada. Radu estava cansado de seu papel em tudo aquilo. Vinha fazendo as mesmas manobras calculistas de poder a vida toda.

Era uma coisa para a qual tinha facilidade, mas isso não significava que gostasse dela.

Ele caminhou até a extremidade do acampamento, onde eram mantidos os doentes. Havia um número assombroso deles. A insistência de Mehmed em manter a conservação sanitária do acampamento geralmente mantinha reduzido a um mínimo o contingente de doentes. Talvez *realmente* houvesse alguma coisa na Valáquia que deixava as pessoas doentes.

Radu cobriu a boca com a capa, andando devagar. Um homem febril estava deitado no chão, num saco de dormir gasto, coberto de suor e murmurando para si mesmo. Radu deteve o passo para ouvir. O homem resmungava em valáquio, não em turco.

Radu puxou de lado um dos enfermeiros.

– Esse homem. De onde ele veio? É um janízaro?

O enfermeiro sacudiu a cabeça.

– Não, só um trabalhador. A maioria dos doentes não é de soldados.

– Isso é bom – Radu comentou.

O enfermeiro lançou para ele um olhar cheio de frieza.

– Isso é bom até precisarmos de apoio para sessenta mil soldados. Aí a coisa fica feia.

Envergonhado com a gafe, Radu agachou-se ao lado do doente. Havia em sua mente uma suspeita terrível, que precisava ser desfeita.

– O que a príncipe prometeu a você? – ele perguntou em valáquio.

O homem estava de olhos fechados, mas sua boca se contorceu num sorriso.

– Minha família. Terra para minha família.

Radu ficou de pé, atordoado. Ele não esperava que estivesse certo. Atravessou às pressas o acampamento e encontrou Kiril, o janízaro de que mais se valia em seu contingente de quatro mil homens.

– Reúna a unidade inteira. Precisamos vasculhar o acampamento e interrogar todos que não sejam soldados.

– Por quê? – questionou Kiril por curiosidade, não por desacato.

– Porque minha irmã é cheia de surpresas. E nenhuma delas é agradável. Procurem por valáquios. E por todos que estiverem doentes.

Era impossível estimar quantos valáquios haviam se infiltrado no caos do gigantesco acampamento. Eles precisariam fazer uma triagem dos cozinheiros, dos criados e – pelas chagas divinas – das mulheres que seguiam o acampamento saciando as *necessidades* dos homens.

Eles vinham arrastando as armas de Lada consigo aquele tempo todo.

Ela era mesmo muito esperta. Radu não tinha como culpar Mehmed pela admiração que demonstrava por sua irmã. Mas poderia pelo menos desejar que aquela esperteza não criasse tanto trabalho extra para ele e tanto sofrimento e morte para todos os demais.



Um dia de viagem a sul de Tirgoviste

LADA AJUSTOU SEU quepe de janízaro roubado. Fazia anos que não usava um. Era como revisitar uma das histórias favoritas da infância e perceber que, embora os elementos continuassem os mesmos, o sentido da narrativa como um todo havia mudado. Ela olhou para seus vinte homens escolhidos a dedo, checando se estava tudo em ordem. Mas eles sabiam o que estavam fazendo. Fora Bogdan, eram os últimos janízaros que lhe restavam.

Com uma pontada de tristeza, ela se deu conta de que, algum dia, esses vinte morreriam também, e que não haveria mais em suas fileiras valáquios treinados pelos otomanos. Um sentido de urgência de livrá-los de qualquer perigo surgiu e precisou ser deixado de lado, engolindo em seco e limpando a garganta.

– Estamos aqui hoje atrás de informações. Sobre como o acampamento está montado. Onde os animais são mantidos. Onde ficam os estoques de comida e, principalmente, de armas. Quantos homens. Prestem atenção em tudo, mas não deem muito na vista. Amanhã à noite, vocês vão voltar com mais homens ao acampamento. – Lada sorriu, e seus dentes brancos reluziram sob o luar. – Amanhã, vem a diversão. Hoje, é trabalho, para garantir que a diversão seja produtiva.

Bogdan segurou-a pelo braço enquanto todos se espalhavam para adentrar o acampamento a partir de diferentes pontos. Ele chegou perto até demais, deixando uma sombra diminuta entre os dois.

– Eu quero ficar com você.

– E eu já falei que preciso de você aqui para emitir o sinal caso alguma coisa dê errado – Lada falou, afastando-se. – Nós podemos mandar descer alguns homens dos morros para criar uma distração e escapar. Mas só se você estiver aqui para dar o sinal. Caso contrário, estaremos todos mortos se algum de nós for pego.

Bogdan se colocou na frente dela, bloqueando sua passagem.

– Você vai procurar por ele?

Lada não precisava perguntar a quem Bogdan estava se referindo, mas sentiu um desejo de castigá-lo por ousar exigir uma resposta.

– Não. Radu pode ficar aqui, agora que me traiu. Ele não tem serventia para mim.

– Não é dele que estou falando.

Lada avançou e passou por Bogdan.

– Vou descobrir onde o sultão dorme. Talvez eu o mate durante o sono. E talvez faça o mesmo com você mais tarde.

– Tome cuidado – Bogdan falou, enfraquecendo a maldade dela com aquela preocupação constante.

Lada continuou andando.

O lado bom de enfrentar uma força tão gigantesca era que havia vários pontos de entrada no acampamento inimigo e nenhuma chance de alguém descobrir que ali não era seu lugar. Não havia como distinguir cada um entre centenas ou milhares. Ninguém era capaz de fazer isso. Ela se esgueirou entre as barracas e, depois, caminhou como se tivesse um objetivo claro em mente. Apenas mais um janízaro que sabia exatamente para onde ir e o que fazer. O acampamento estava bem iluminado com tochas e fogueiras. Mas havia menos movimentos do que o esperado. Ao que parecia, os soldados estavam todos em suas barracas, a não ser os designados para patrulha. E, no setor de serviço, que ela contornara, o silêncio era ainda maior. Talvez suas contribuições para o exército de Mehmed tivessem sido descobertas.

De repente, uma imagem de Radu adoecido surgiu em sua cabeça. Em sua imaginação, Mehmed o acompanhava, ambos abatidos pela doença.

Não. Não era assim que eles deveriam morrer. Portanto, isso não aconteceria. Ela sacudiu a cabeça para afastar esses pensamentos e se virou rapidamente em direção à parte central do acampamento.

A falta de atividade ao redor tornava seu trabalho um pouco mais difícil, mas proporcionava algumas vantagens. Com apenas um contingente reduzido de homens circulando, levaria mais tempo para que organizassem uma resposta a um eventual ataque. Os soldados nas barracas, com certeza, estavam dormindo. Em campanhas como aquela, os combatentes nunca deixavam passar uma oportunidade de ter algumas horas de sono.

Ela continuou seguindo em frente, anotando mentalmente as localizações e posições mais importantes. O acampamento estava montado ao pé dos morros, cercado por planícies vastas por três lados. Nenhum exército montado poderia se aproximar sem que fosse visto a uma grande distância. E os morros eram um terreno pedregoso e

difícil demais para um pelotão inteiro descer sem ser notado. Era uma posição bem pensada e possível de defender.

Uma posição para a qual toda a devastação provocada no interior do país – valas numa direção, pântanos na outra, carcaças de animais apodrecidas por toda parte – havia sutilmente mas inevitavelmente os conduzido.

Ela sorriu consigo mesma, satisfeita. Seria *impossível* posicionar um exército naqueles territórios se isso fosse feito naquela noite.

Mas não se essas forças já tivessem estacionadas por ali há semanas.

Ela fez um aceno de camaradagem para um janízaro, e, em seguida, passou por uma grande concentração de barracas, até deter o passo.

Ele nunca aprendia. À frente dela, havia uma barraca suntuosa, mais alta e maior que qualquer outra no acampamento. O nome de Mehmed estava inclusive anotado ali, nas bandeiras e nos estandartes pendurados imóveis na noite sem vento.

Lada dirigiu-se para os fundos, passando pelos janízaros que guardavam a entrada da barraca. Com uma sensação de que a história mais uma vez se repetia, ela sacou uma faca e cortou o tecido de seda para criar sua própria porta. Depois, esgueirou-se para dentro.

Mehmed estava sentado a uma mesa, de costas para ela. A apenas alguns passos. Uma simples faca poderia determinar o fim da campanha otomana na Valáquia. Talvez, até o fim do domínio otomano como um todo, caso sua sucessão terminasse em disputa.

– Você nunca aprende – ela disse. – Matei você de novo.

Mehmed ficou tenso. Em seguida, virou-se com um sorriso. Estava com uma adaga na mão também.

– Você está atrasada. Estou te esperando há várias noites, desde que atravessamos o Danúbio.

Por alguns momentos, Lada ficou imóvel, no limiar da violência. Mas, em seguida, passou por Mehmed e sentou-se em uma das almofadas vermelhas, com as pernas estendidas. Suas botas enlameadas sujaram o tapete luxuoso.

– Eu ando ocupada. Tenho mais o que fazer. Impérios a enfrentar. Férias de verão para planejar.

– Então, eu sou tão secundário assim na sua lista de prioridades? Isso fere o meu orgulho.

Ele enfim se levantou e, com movimentos lentos e comedidos, como se Lada pudesse se assustar, ou atacar, sentou-se diante dela. Mehmed segurou uma de suas botas e arrancou-a, dando um tapinha na faca que ela levava junto ao tornozelo. Em seguida, arrancou o

outro pé do calçado, sacudindo a cabeça e passando o dedo pela bainha ali também amarrada.

- Dos dois lados?
- Gosto de estar preparada.
- Eu sei.

Mehmed tirou as meias de lã tricotadas para ela por Oana e começou a massagear seus pés. Ela não conseguia imaginá-lo fazendo isso com ninguém. Muito menos para as mulheres do harém. *Elas* existiam para servir a *ele*.

– Quero você fora do meu país – Lada falou, sem tirar os olhos dele.

Mehmed sorriu, com uma expressão sombria e misteriosa como a noite.

- Então, por que me convidou para vir até aqui?
- Eu não fiz nada disso.

– Lada. – Ele foi subindo com as mãos, massageando suas panturrilhas firmes. – Você me mandou cadáveres em caixas de madeira e deixou um Estado vassalo inteiro em situação de caos. Vindo de você, é quase um gesto de cortejo.

Lada deu risada. Apesar de não querer. Não tinha ido até lá para *estar* com ele. Mas, apesar do histórico dos dois, apesar das traições, ele era... Mehmed. Seu Mehmed. Desde o momento em que entrara na barraca, ela sabia que não o mataria. Mesmo achando que deveria, se acreditasse de fato no que se dispusera a fazer.

Ela levantou um dos pés e o colocou sobre o peito dele, empurrando-o para longe.

- Seu idiota. Eu deveria te matar.

Ele se apoiou sobre os cotovelos.

– Provavelmente. E eu deveria chamar meus homens e mandar prendê-la. Mas não quero fazer isso. – O olhar no rosto dele era muito mais carinhoso e íntimo que os dedos em seus pés. Lada sentiu uma reverberação se espalhar pelo corpo todo. – Quero que você volte comigo.

- Isso nunca vai acontecer.

Mehmed suspirou.

– Eu sei. Mas continuo fingindo para mim mesmo que existe uma forma de ter você de volta. De ficarmos juntos. Você é quem eu sempre quis.

- Você sempre quis muito mais além de mim.

O sorriso de Mehmed era afiado e sinistro como as facas dela, e tão familiar quanto.

- É verdade. Mas também quero você.

– Pois é, agora que já conseguiu *todo* o resto, saiu à caça de novo. – Lada ajeitou as pernas, chegando mais perto dele. – É tudo o que você esperava? Constantinopla?

– É mais. – Mehmed fez uma pausa, e sua expressão se tornou menos confortável e mais dolorida. – E, ao mesmo tempo, menos.

Lada tocou o canto da boca de Mehmed.

– Eu entendo.

Não era fácil estabelecer um objetivo gigantesco, alcançá-lo e perceber que o trabalho tinha apenas começado.

– Acho que só você consegue me entender. E você? Agora conseguiu seu país.

– Diz o homem que tem um exército acampado perto da minha capital.

– Você sabe que eu não tive escolha.

Lada contornou com o dedo o lábio inferior de Mehmed, depois, o queixo e o pescoço, até chegar ao peito. Deu um cutucão nele ali, com força suficiente para provocar dor.

– Você sempre tem outras escolhas. E nunca fica do meu lado.

– Porque quero que o seu lado seja ao meu lado. – Mehmed segurou o dedo dela, agarrando sua mão.

– Isso nunca vai ser assim.

– É aí que chegamos a um impasse. Não posso deixar suas agressões sem resposta. Isso cria um precedente perigoso para os outros Estados vassalos.

– Então abra mão da Valáquia como um Estado vassalo.

– Não posso.

Lada recolheu a mão, erguendo uma sobrancelha e deixando o desdém tomar conta de sua voz.

– E eu aqui pensando que você era o sultão. O imperador de Roma. A Mão de Deus na Terra, como suas cartas fazem questão de me informar. O que esses títulos querem dizer, afinal?

– Se eu ceder em algum ponto, corro o risco de perder tudo. Você sabe mais que ninguém como o poder é uma coisa frágil. Não podemos chegar a um acordo?

Lada estreitou os olhos. Nicolae dissera que ela poderia e *deveria* negociar. E continuava a dizer isso em seu ouvido, como uma assombração. Pelo menos uma vez, ela deveria ouvir.

– Até que ponto seria possível chegar a um acordo?

– Eu aceito perdoar suas ofensas anteriores em troca de um novo tratado.

– Jamais.

Mehmed suspirou, olhando para o teto da barraca.

– Eu aceito perdoar suas ofensas anteriores em troca de Bucareste e novos termos de vassalagem.

– Você não vai tomar nenhum território meu.

– Ah, mas você não tinha me dito isso! – Ele abriu um sorriso malicioso. – Se assinar os novos termos de vassalagem, eu não me meto no seu país e você fica longe das minhas fronteiras e das fronteiras dos meus Estados vassalos.

– Eu nunca mais vou fornecer meninos para ser seus janízaros. E não tenho dinheiro... se tivesse, gastaria tudo combatendo você.

Mehmed deu risada.

– Eu não disse que você precisaria *ceder* alguma coisa para mim. Só estou pedindo que assine os novos termos. Só isso, para que eu vá embora com um tratado respeitável que mostre para a Europa que chegamos a um acordo, e, assim, tudo isso chegue ao fim.

– Sério? – Lada se aproximou ainda mais, como se pudesse ler a expressão dele como um plano de batalha. Radu sabia se era mesmo uma oferta sincera. Mas se permitiu ter esperança. – Você abriria mão dos impostos, dos soldados e de tudo o mais que a minha terra tem a oferecer?

– No momento, tudo o que sua terra tem a oferecer são pântanos, poços envenenados e doenças. – Ele fez uma pausa. – Obrigado por essa última parte, aliás.

Lada sorriu, sentindo a euforia se espalhar pelo seu corpo.

– Eu sei o quanto você valoriza um acampamento limpo. Só quis tornar as coisas mais interessantes.

– Então, você concorda?

Lada sabia que seria uma tolice da parte de Mehmed assinar um acordo tão desvantajoso. E, de tolo, Mehmed não tinha nada. Mas, se ele fosse embora, isso lhe daria mais tempo para se organizar. Para obter mais apoios. Para obter forças para desafiá-lo de verdade. E talvez ele jamais voltasse. Talvez o acordo fosse honrado e, assim, ela poupasse seu país de décadas de conflito. Ela duvidava. Mas Nicolae insistia do além-túmulo para que a oportunidade não fosse desperdiçada.

Lada se aproximou um pouco mais, observando os olhos escuros de Mehmed, e aqueles lábios grossos, lembrando do gosto que tinham.

– Vou voltar amanhã à noite para assinar. E, depois, você trate de juntar seus homens e sair do meu país.

– Temos um acordo. – Mehmed removeu o quepe de janízaro da cabeça dela, suspirando ao ver seus cabelos se soltarem. – Da última vez em que estive aqui, você disse que me mataria se eu pusesse os pés nas suas terras de novo.

– Para sua sorte, você mostrou que pode ser útil.

Ele baixou o rosto para seu pescoço, roçando os dentes em sua pele.

– Deixe-me mostrar outras formas de ser útil.

Os movimentos dos dois tinham toda a intensidade de uma batalha, e mobilizavam duas vezes mais paixões. Lada fingira para si mesma que o que Bogdan tinha a oferecer bastava, mas aquilo, uma relação com alguém que era de fato seu igual, que a entendia como ninguém mais poderia, era capaz de incendiar seu corpo de uma forma impossível de obter com outra pessoa.

Mehmed cobriu sua boca para impedi-la de gritar. Ela o mordeu, e ele estremeceu antes de desabar no tapete ao seu lado.

– Casa comigo – ele murmurou, jogando um braço sobre os olhos, ainda ofegante.

Lada se vestiu de novo às pressas, recolocando as botas e ajeitando os cabelos sob o quepe de janízaro. Em seguida, inclinou-se e colou a boca à orelha de Mehmed.

– Eu prefiro matar você.

Ela saiu por onde entrara. Mas, dessa vez, não era ela quem se sentiria traída. Porque havia outro motivo para ela ter concordado com os termos propostos por ele. Isso significava que os otomanos continuariam naquele acampamento, naquela posição, por mais uma noite.

E havia opções caso Mehmed voltasse atrás no acordo.

Ela caminhou pelo acampamento como se estivesse sonhando, feliz e relaxada como não se sentia em meses. Talvez anos. Nicolae ficaria orgulhoso. Ela tomara uma decisão inteligente, que lhe daria mais tempo para se recompor, se fortalecer. Para continuar a transformar a Valáquia naquilo que seu povo merecia.

Foi quando vozes falando em valáquio chegaram aos seus ouvidos. Ela deteve o passo. Uma das vozes fez seu coração se contrair. Vinha diretamente de sua infância, remontava a esconderijos em celeiros e aventuras sobre uma camada de gelo fino. De lágrimas derramadas pela distância. Uma voz que precisaria estar ao seu lado.

Ela encontrou a barraca e parou do lado de fora, apurando os ouvidos para escutar.

– Os Basarab, aqueles que restaram, vão nos apoiar – disse um homem que ela não conhecia.

– Acho que o rei da Hungria também – Radu falou. – Talvez não agora, mas, quando Aron estiver no trono, Matyas não vai ser problema.

A mão de Lada voltou-se para as adagas que levava no punho. Mas

as palavras de Radu já tinham provocado um ferimento profundo. Depois de tanto tempo, ele estava de volta à Valáquia. Mas para ajudar seus inimigos. Não só Mehmed, como ela já esperava, mas também aqueles boiardos traiçoeiros. Os mesmos que tinham matado seu pai. Que deixaram que fossem cedidos como mercadorias aos otomanos. Por livre e espontânea vontade, seu irmão se tornara *tudo* o que ela mais abominava.

Lada cambaleou ao sentir uma dor física dominá-la por ouvi-lo conspirar contra ela. Mas, logo em seguida, se recompôs e se pôs a ouvir com mais atenção.

Aron. Aron. Quem era Aron? Ela conhecia aquele nome.

Um Danesti. Ele era o filho de príncipe Danesti que ela arrancara do trono.

E estava no acampamento dos otomanos. Apesar de estar oferecendo um acordo de paz, Mehmed já tinha um substituto para ela, pronto para assumir o trono.

Está vendo, Nicolae?, ela pensou. *Eu estou sempre certa.*

Lada ainda voltaria na noite seguinte. E sabia que Mehmed a aguardaria ansiosamente. Daquela vez, porém, as expectativas do sultão iriam se confrontar com a lâmina dela.



Um dia de viagem a sul de Tirgoviste

RADU GOSTARIA QUE a barraca fosse maior, para poder andar de um lado para o outro. Qualquer coisa que o ajudasse a se manter acordado durante aquela discussão infindável sobre futuros possíveis com Aron e Andrei Danesti.

– Você vai ficar para nos ajudar depois que retomarmos o trono? – Aron quis saber.

Radu queria voltar para sua barraca e dormir. Não queria passar mais tempo em seu país. Uma estadia mais longa para facilitar a transição havia sido discutida, mas ele torcia para que não fosse necessária. Agora que estava lá, desejava mais do que nunca estar em outro lugar.

– Não sei – ele falou. – Para ser bem sincero, eu não gosto da Valáquia. Não tenho nenhuma vontade de ficar mais tempo do que o suficiente para ajudar o sultão.

Andrei soltou um grunhido.

– Gostando ou não, este país é sua herança.

Radu abriu um sorriso tenso.

– Decidi muito tempo atrás que não deixaria meu passado determinar meu futuro.

Aron retribuiu o sorriso de Radu.

– Isso é um luxo e tanto.

O tom de julgamento nas palavras de Aron era intolerável. Radu não devia nada àquele país, nem ao seu povo. Ele fora trocado pela Valáquia por alguns anos de paz. Danesti não tinha direito de insinuar que Radu era egoísta.

Ele assentiu e, sem se despedir, saiu da barraca.

Havia um janízaro parado ali perto, com uma postura tensa. Era baixo e robusto. Radu se virou para se encaminhar à sua barraca, mas... tinha alguma coisa ali...

Alguma coisa...

Quando se voltou de novo para aquela direção, o janízaro se

afastou. Tinha um andar agressivo, com movimentos predatórios. Radu nunca se dera conta de como conhecia bem o jeito de andar da irmã, mas ele era, de fato, inconfundível.

– Lada – ele falou.

Ela não deteve o passo. Não dava para saber se o havia escutado. Ainda dava tempo para alcançá-la. Segurá-la pelo braço e forçá-la a parar. Dar o alarme e fazer com que fosse presa, pondo um fim à campanha. Mais uma vez, estava diante da oportunidade de trair alguém de quem gostava e precipitar o fim de uma luta violenta.

Em vez disso, só observou enquanto ela se retirava.

O que ela foi fazer ali? E onde...

Mehmed.

Com o terror em seu encalço, Radu correu até a barraca de Mehmed. Os dois janízaros na entrada fizeram menção de barrá-lo, mas então viram de quem se tratava e o deixaram passar.

Radu entrou às pressas e viu Mehmed deitado no chão, imóvel.

Então, seus olhos absorveram o restante das informações. Imóvel e *completamente nu*. E mais vivo do que nunca.

– Então, a minha irmã esteve aqui. – Radu se manteve na extremidade do tapete, voltando os olhos para o lustre pendurado no teto.

Mehmed deu uma risada sonolenta.

– Não precisa ficar tão escandalizado, Radu. Nós negociamos um novo acordo.

– Negociaram. Está aí uma palavra para isso que eu nunca tinha ouvido antes.

Dessa vez, a risada de Mehmed foi mais viva e animada.

– Radu! Não esperava que fosse reparar.

Radu fechou os olhos e apertou o alto nariz.

– Ela poderia ter matado você.

– E, mesmo assim, aqui estou eu. Encontrei uma solução. Vamos dar o que ela quer por enquanto. Ela não é capaz de se sustentar no longo prazo. Isso é óbvio. Tem alguns meses, no máximo um ano, antes de ser expulsa pela Hungria, ou pela Transilvânia, ou pelos próprios boiardos daqui. Mas, se *nós* estivermos em bons termos quando isso acontecer, ela vai voltar para casa.

– Eu a vi lá fora. Ela me ouviu conversando com Aron e Andrei.

– Isso não faz diferença.

– Ponha-se no lugar de Lada. Nós já provamos várias vezes que estamos em lados contrários. Temos um exército inteiro estacionado às portas da capital dela. Claro que ela vai concordar com qualquer coisa. E, depois, vai criar outra oportunidade de se manter no poder, e

mais outra, e mais outra. Ela nunca vai voltar para nós.

– Na verdade, já voltou. Eu não estou morto, afinal de contas.

– Por enquanto. – Radu abriu os olhos. O lustre ofuscou sua visão, fazendo-o ver manchas brancas onde a luz das chamas atingiu seus olhos.

– Radu Bei – um dos janízaros gritou do lado de fora. – Tem alguém aqui para ver você. Disse que é um representante da família Basarab.

– Isso pode esperar – Mehmed disse a Radu. – Eu estou feliz. Lada também. Você também deveria estar. – A voz dele era grave e insistente, exigindo a atenção de Radu, que desviou o olhar da luz. Os pontos brancos das chamas ainda dançavam em seu campo de visão, ao redor de Mehmed.

Mehmed cerrou os olhos, pensativo, e abriu um sorriso tímido, porém malicioso. Radu se lembrava bem desse sorriso de seus tempos em Amásia, quando fugiam do castelo no meio da noite. Roubavam maçãs. Nadavam em seu lago secreto.

Mehmed bateu no tapete ao seu lado.

– Vem cá. Dorme comigo hoje.

Não foi em tom de pergunta, mas parecia que Mehmed estava testando as palavras para ver como soavam. Radu não sabia o que poderia acontecer se o espaço interminável e intransponível entre os dois fosse ultrapassado.

Nesse momento, sua certeza se comprovou: ele não queria aquilo. Não queria aceitar o amor com que Mehmed decidira presentear-lo, fosse qual fosse. O tempo que passou com Cipriano – sabendo que, se aquele amor fosse possível, seria entre iguais, entre corações entregues por inteiro e sem reservas – talvez o tivesse arruinado de vez, ou então o salvado.

Ele amava Mehmed – sempre o amaria como amigo e seu salvador na infância –, porém, não precisava nem queria mais que acontecesse algo entre eles, porque sabia que aquilo jamais seria suficiente para preenchê-lo.

– Obrigado, meu amigo. – O sorriso aberto por Radu foi como libertação de anos de desejo, sofrimento e desespero para ser amado. – Mas eu tenho um trabalho a fazer.

Radu fez uma mesura com a cabeça e saiu antes que pudesse ver a reação de Mehmed.

Do lado de fora, a noite estava clara. O brilho frio das estrelas era constante sobre sua cabeça. Certa vez, muito tempo antes, Mehmed lhes contara a história de dois amantes, Ferhat e Shirin. Ferhat escavara o interior de uma montanha para levar água ao outro lado e

conseguir a mão de Shirin em casamento, mas acabou morrendo lá dentro, com o coração em pedaços. Na época, Radu considerou a narrativa a coisa mais romântica que já ouvira. Que fim mais nobre, morrer por amor.

Talvez Radu jamais tivesse um amor por inteiro na vida. Mas, depois de tantos anos escavando desesperadamente, conseguira abrir um caminho para o próprio coração. Não vivia mais com medo de que fosse se partir caso fosse exposto. Um coração não precisava ser feito de pedra para ser forte.

– Radu Dracul? – chamou uma voz temerosa.

Radu se virou. Radu Dracul. Radu, o Belo. Radu Bei. Eram todos nomes dados por pessoas que tinham poder sobre ele.

– Apenas Radu, por favor – ele disse com um sorriso. – Agora me diga em que posso ajudar.



Um dia de viagem a sul de Tirgoviste

LADA TINHA TRINTA minutos para derrubar um império.

E duvidava que precisaria de tanto tempo. Caminhava com passos confiantes pelo acampamento à noite, pelo mesmo caminho tomado na noite anterior. Ainda usava um uniforme de janízaro. Talvez fosse mesmo o mais conveniente. Ela usaria tudo o que os otomanos lhe deram, até as roupas do corpo, para destruí-los.

Mas, ela se deteve do lado de fora da barraca de Mehmed. O peso do histórico, de tudo o que passaram juntos, segurou seus passos. Ela sentiu o que acontecia, e aceitou, fazendo uma pausa para pensar a respeito.

Ela seria capaz de fazer o que havia decidido? Uma coisa era planejar um assassinato; executá-lo era algo bem diferente. E, naquela noite, ela não agiria por raiva ou por instinto. Precisaria ser uma escolha.

Ela entraria naquela barraca e esfaquearia seu primeiro amigo, seu primeiro amante e seu único igual no coração.

E descobriu que não queria fazer isso. Mas faria mesmo assim. Era o que a Valáquia precisava e exigia, e seu país vinha antes de Mehmed. Sempre viria. Precisava vir.

Com os batimentos calmos e a respiração controlada, Lada usou o corte que fizera na noite anterior e entrou na barraca de Mehmed pela última vez.

– Olá, Lada – seu irmão falou.

Lada esquadrinhou a barraca rapidamente com os olhos, e, enfim, seu coração disparou.

– Ele não está aqui – Radu falou em turco, recostado na escrivaninha de Mehmed. – Mas eu posso cuidar da assinatura do novo tratado.

Lada contorceu os lábios de desgosto ao ouvir o idioma que ela também usara durante vários anos de sua vida.

– Não estou aqui para assinar um tratado.

Radu sorriu. Olhando de verdade para ele pela primeira vez naquela noite, Lada pôde ver naquele sorriso o quanto seu irmão tinha amadurecido desde a última vez em que se viram. Ele estava mais alto. Ainda era magro, mas agora tinha uma concavidade no rosto que acentuava ainda mais o maxilar e os ossos das bochechas. Os olhos grandes continuavam arrebatadores. Era um jovem bonito. E um completo estranho. O menino que ela conhecia, e amava e protegia, não existia mais.

– O que aconteceu com você? – ela perguntou.

– Coisas demais. – Radu sentou-se numa almofada e fez um gesto para que Lada se juntasse a ele.

Ela permaneceu de pé.

– Eu falei que ele não deveria ter te mandado para Constantinopla. Não acredito que você precisou correr esse perigo por causa dele.

– Você teria feito a mesma coisa.

– Não teria, não! Você sempre precisou de proteção, e eu o protegi.

Radu inclinou a cabeça, com um olhar intrigado no rosto. Ela foi lembrada mais uma vez do quanto ele se parecia com a mãe. E, com a tristeza e a exaustão puxando para baixo os cantos da boca dele, viu como a vida e sua crueldade inerente eram capazes de destruí-lo. Lada tivera um vislumbre do futuro do irmão quando visitou a mãe arruinada.

– Acho que você e eu nos lembramos da nossa infância de um jeito muito diferente – ele respondeu. – Você me protegeu de Mircea, mas só porque gostava ainda menos dele que de mim.

Lada soltou um risinho de deboche.

– Isso é verdade mesmo. Mas e em Edirne?

– Eu me lembro de você se recusando a se dedicar aos estudos e de mim apanhando por causa da sua insolência.

– Você é idiota? – Quando viu que Radu pareceu ofendido em vez de entendê-la, Lada sentou-se ao lado dele, bufando. – Eles faziam tudo o que podiam contra nós. E nos usavam para atingir o nosso pai. Se eu tivesse impedido o tutor de fazer aquilo, se eles percebessem que podiam te usar para me atingir, você jamais estaria seguro de novo na vida. Deixei você apanhar para não ser mais usado como uma arma contra mim.

Dezenas de emoções surgiram na expressão de Radu, e Lada não entendeu nenhuma. Ele acabou se mostrando ao mesmo tempo irônico e triste.

– Nós temos ideias muito diferentes sobre proteção, então.

Lada observou os olhos do irmão, à procura do garotinho que sempre estivera lá. Na mente dela, mesmo depois de todas as recusas

de ajuda e depois de todo aquele tempo, Radu continuava o mesmo. Mas, agora, a realidade lhe mostrava a verdade. Ele não era mais seu irmãozinho fraco e delicado.

– Você parece chateada – Radu falou com um tom suave.

– Acabei de perder uma coisa. – Apesar de ter a obrigação de saber, ela nunca quis acreditar. Mas, agora, era inegável. Seu irmão fora totalmente perdido para os otomanos. – Onde está Mehmed?

– Por quê?

– Ele tem muitas explicações a dar.

– Todos nós temos, ao que parece. – Radu levantou as pernas, envolvendo-as com os braços e apoiando o queixo nos joelhos. Ali estava! Em um breve vislumbre, Lada viu seu Radu.

– Me diz o que aconteceu com você. E por que está na barraca de Mehmed? Você está... é aqui que fica agora? – Lada manteve o tom de voz mais neutro possível, para não denunciar seus pensamentos.

Radu, porém, sempre foi melhor que ela quando o assunto era sentimentos, e sabia compreender as pessoas muito melhor.

Ele deu risada. Ela se levantou, irritada. Radu fez um gesto para que voltasse a se sentar.

– Não, eu não fico aqui agora. Estou na barraca de Mehmed porque você veio até aqui para matá-lo. Ou não?

– Claro que sim – esbravejou Lada.

Radu suspirou e estendeu as pernas de novo.

– Ele não acreditou em mim.

– Ele é um tonto. Você deve ter percebido isso, depois de tantos anos de convivência.

Lada começou a sentir a pressão da passagem do tempo. Já tinha passado tempo demais ali. Sua tarefa deveria estar concluída àquela altura.

– Você acha que foi ele que se colocou entre nós? Ou estávamos destinados a acabar em lados opostos de qualquer maneira?

Lada sentiu um peso incomum atrás dos olhos.

– Nós precisávamos sobreviver. E cada um escolheu um jeito diferente de fazer isso.

Nesse momento, ela se deu conta de que os dois tinham vivido exatamente a mesma infância. Como as mesmas circunstâncias poderiam tê-los moldado de formas tão opostas?

– Então, você não culpa Mehmed?

– Claro que culpo! Por um monte de coisas. – Ela chutou uma almofada, irritada. – Ora, logo hoje, de todas as noites possíveis, eu finalmente fui encontrar alguém capaz de me vencer no jogo de “Matar o Sultão”? Me diga onde ele está e fuja do acampamento. Vou

mandar avisar para não matarem você.

– Eu tive a chance uma vez – Radu falou, ficando de pé com gestos lentos. – Em Constantinopla. O imperador Constantino confiava em mim. E vi muita gente boa morrer dos dois lados, se desmanchando em sangue, ossos e terror contra forças impossíveis de vencer. Mehmed de um lado da muralha, Constantino do outro. E eu gostava dos dois. – Radu abriu um sorriso amargo. – Mas nós dois sabemos onde meu coração estava de verdade. Houve uma oportunidade, um momento perfeito para pôr um fim em tudo. Tirar uma vida para poupar milhares, dezenas de milhares. Bastava fazer a escolha.

Lada não sabia o que aquela história tinha a ver com ela.

– E então? – ela perguntou, impaciente.

– Eu fiz minha escolha. E Constantino morreu do mesmo jeito, mas inúmeros outros morreram com ele, e poderiam ser poupados se minha escolha fosse outra. A que você teria feito.

E Lada *de fato* teria feito. Era uma situação bem clara e simples. Mas ela não estava gostando do rumo que a história estava tomando.

– Você sabe que poderia ter matado Mehmed em vez dele.

– Não vamos fingir que essa opção em algum momento existiu.

No entanto, alguma coisa no rosto cansado e envelhecido de Radu sugeria o contrário. Havia potencial ali. Uma oportunidade para ganhá-lo de volta e pôr um fim em tudo aquilo. Lada foi até ele e segurou-o pelos ombros.

– Hoje à noite. Hoje à noite existe uma opção. Podemos matá-lo. Pela Valáquia. Podemos finalmente nos libertar de uma vez por todas da jaula que o nosso pai construiu para nós. Faça a escolha certa hoje.

Radu, do alto de sua estatura e beleza, encarou-a de cima para baixo. Ele deu um passo à frente e abraçou-a. Lada ficou tensa, sem saber como reagir.

– Espero que tenha feito mesmo – ele falou. E, então, elevando o tom de voz: – Entrem.

Ele agarrou Lada com mais força, imobilizando os braços junto ao corpo e comprimindo o rosto dela junto ao peito para que ela não visse o que estava acontecendo.

– Eu não quero ver você líquidada – Radu falou. – Não conseguiria. Me desculpa.

Lada deu um pisão no pé dele e se desvencilhou do abraço. Dez janízaros tinham entrado com espadas em punho. E, por trás de uma abertura, de onde ouvira tudo, apareceu Mehmed, com uma expressão mortal no rosto.



Um dia de viagem a sul de Tirgoviste

— VOCÊ ESCOLHEU o lado dele de novo – Lada falou.

Radu esperava ódio, fúria, aquela Lada que fora o pesadelo de sua infância, moldando tudo com a raiva e os punhos. Em vez disso, sua irmã parecia resignada. Cansada, até. Ela falou em valáquio em vez de turco, como vinham conversando.

Radu respondeu no idioma de sua herança em comum:

– Não escolhi por ser o lado *dele*. Fiz a escolha que me pareceu mais adequada para criar o terreno mais fértil para a vida e a fé se desenvolverem. Veja só o seu país, Lada. Você acha mesmo que está construindo um futuro aqui?

– Você não sabe nada sobre isso! Desde que eu tomei o trono, a criminalidade desapareceu. Meu povo não precisa trancar suas portas, nem dormir com os rebanhos por medo de que não estejam lá no dia seguinte. Não precisam de guardas armados para viajar de um vilarejo a outro. Meu país está prosperando *como nunca*.

– Você transformou a planície inteira num pântano. Envenenou poços e derrubou pontes. Deixou um caminho de destruição em toda a zona rural do país.

– Porque ele estava vindo! – Ela apontou em direção a Mehmed.

Radu não olhou, por saber que Mehmed pediria aos dois que conversassem numa língua que ele entendesse. Os janízaros chegaram mais perto. Para sua surpresa, Radu se arrependeu de tê-los chamado tão cedo. Aquela conversa com Lada poderia ser, e parecia ser, a última. E ele não queria que terminasse.

Ela podia até tê-lo achado irreconhecível, mas ele a via a versão mais precisa e poderosa que Lada poderia ser de si mesma. Estava... orgulhoso. Apesar de tudo. E isso o deixava arrasado. Ela trabalhara e lutara demais por aquilo. E, agora, eles estavam vindo para tomar tudo.

Era a primeira vez que os três, que já tinham sido inseparáveis, estavam reunidos no mesmo lugar desde que Lada fora embora. Tudo havia mudado. E, ao mesmo tempo, nada. Ela ainda escolhia a

Valáquia em vez deles. Radu ainda apoiava Mehmed. E Mehmed ainda queria que os dois fossem seus. Apenas a dimensão do conflito entre eles se ampliara.

Radu suspirou. Poderia ter sido um reencontro bem diferente. Na verdade, não. Não com Lada. Mas *deveria* ter sido.

– Nós viemos porque você nos obrigou. Ninguém queria fazer isso.

Lada sacudiu a cabeça, mas havia algo evasivo em sua expressão indicando a Radu que ela admitia estar errada.

– Eu só acelerei o inevitável. Ele nunca me deixaria ter isso.

– Era só você fazer concessões. Ele teria dado...

– Ele não tem o direito de me dar nada! A Valáquia é *minha*, e não preciso pedi-la para ele nem para ninguém!

– É por isso que você vai perder tudo! – Radu gritou. – Por essa sua recusa a ceder. Por causa do seu maldito orgulho. Nós oferecemos um tratado de paz.

– Mas vieram para cá armados, com usurpadores prontos para me trair e me substituir!

Radu jogou as mãos para o alto, irritado.

– Você não pode nos acusar de traição. Não depois de concordar em assinar um tratado e vir aqui para matar Mehmed.

Lada abriu a boca para argumentar, mas se interrompeu. Uma risadinha surpreendente escapou da boca dela, quase feminina.

– Acho que é verdade mesmo.

Desprevenido, Radu retribuiu o sorriso.

– Nós sempre temos planos alternativos, eu e você. Isso não mudou.

O sorriso de Lada se tornou mais largo e mais sinistro.

– Você não faz ideia do que vem pela frente.

– Tem certeza?

Um desconforto surgiu no rosto de Lada. Os olhos fundos e de pálpebras grandes se estreitaram, e os lábios cheios se contraíram. Radu, apesar de saber que era vergonhoso, ficou empolgado por ela enfim parecer respeitá-lo a ponto de questionar a si mesma. Ele daria qualquer coisa por um momento como esse na infância, e ainda mais se ela o encarasse com orgulho por tê-la superado. Mas isso ele nunca teria.

– Já chega – Mehmed falou. – Vai ser feita prisioneira. – O rosto dele estava contorcido de raiva, e uma frieza misturada com determinação se instalava nos maxilares. – Eu deveria matar você aqui mesmo por isso.

Lada inclinou a cabeça para o lado, encarando-o por entre os cílios grossos.

– Deveria mesmo. – Ela abriu um sorriso casual e inofensivo, como se fosse a mulher que esperavam que se tornasse, alguém como sua mãe. – Mande Radu fazer isso.

Radu deu um passo para trás. Olhou de relance para Mehmed, dominado por um medo súbito de que o sultão estivesse furioso o suficiente para ordenar isso. Mas seu amigo fez um sinal de negação com a cabeça.

– Eu jamais pediria isso para ele.

O sorriso de Lada assumiu uma aparência mais maliciosa. Radu viu um vislumbre de si mesmo ali, como se ela o estivesse imitando.

– Faria, sim, se considerasse que essa é sua melhor opção. Não finja que coloca os sentimentos dele acima dos seus. Você nunca fez isso. Não consegue.

– Assim como você não consegue se livrar dessa sua fixação insana por este país! – Mehmed respirou fundo, tentando controlar a raiva. Os homens ao redor se remexiam desconfortavelmente. Aquele não era o sultão comedido e acima do bem e do mal que estavam acostumados a servir. – Eu lhe ofereci o trono.

– Você não me ofereceu nada que eu já não tenha – ela contorceu os lábios em desafio, voltando a ser a Lada que Radu conhecia. – E nunca me deu nada que eu não pudesse encontrar em outro lugar com menos dor de cabeça e muito mais prazer.

Os olhos de Mehmed se arregalaram de choque e mágoa. Em seguida, porém, ele voltou a ser o sultão, erguendo o queixo e cerrando os dentes.

– Amarrem-na e levem-na para as carroças. Vamos encerrar a campanha sem demora quando ela for mandada para Constantinopla.

Lada sorriu para Radu, mostrando seus dentinhos afiados.

– Diga para os boiardos Danesti que tipos como eles não vão viver por muito tempo na minha Valáquia.

Radu queria que aquilo acabasse logo. Queria ir dormir. Sabia que não conseguiria, não naquela noite. Acabaria mudando de planos e se oferecendo para escoltar Lada até Constantinopla. Conhecendo sua irmã, sabia que ela faria de tudo para que os guardas a matassem. Ela precisava de proteção naquele momento, apesar de que jamais admitiria reconhecer isso. Radu a levaria para a prisão, onde, enfim, estaria segura de uma vez por todas, e então o assunto estaria encerrado.

– Lada, eu vou...

– Há quanto tempo você diria que eu estou aqui? – ela perguntou, com uma expressão pensativa.

Radu fez um gesto para que os janízaros a capturassem.

– Com cuidado.

– Nós não vamos machucá-la – Kiril falou com um aceno respeitoso.

Lada corrigiu a postura, afastando as pernas e dobrando os joelhos.

– Não é disso que ele está com medo.

– Eu...

Uma explosão ensurdecadora reverberou pelo acampamento, interrompendo as palavras de Radu. A barraca inteira tremeu, e vários pedaços se soltaram das estacas e caíram para dentro. Radu se abaixou, cobrindo a cabeça no momento em que o lustre se arrebentou no chão. Quando ele voltou a se endireitar, os dois janízaros mais próximos de Lada já estavam mortos.

– Protejam o sultão! – ele gritou, empurrando Kiril em direção a Mehmed, em vez de onde estava Lada. – Todos vocês, cerquem o sultão!

Radu sacou a espada. Lada hesitou, com duas adagas ensanguentadas nas mãos e três corpos aos seus pés no chão. Os demais janízaros retiraram Mehmed da barraca.

– Você vai mesmo me enfrentar? – ela perguntou, apontando uma lâmina tingida de vermelho para a espada dele. Em seguida, avançou em sua direção. Radu se virou para o lado, estendendo a espada para barrar as adagas, não para atacá-la.

Ela parou bem perto dele, encarando-o com um olhar que o fez sentir-se como uma criança de novo, chorando na cama à noite sem nunca conseguir estar à altura dos desafios.

– Eu achei mesmo que não – Lada falou. Em seguida, saiu correndo da tenda para a noite.

Radu caiu de joelhos, com a cabeça entre as mãos. Ele tinha uma espada contra adagas. Poderia ter levado a melhor. De novo, tivera uma chance de encerrar o assunto. E, de novo, não fez a escolha que Lada ou Mehmed fariam em seu lugar. Quantas vidas pagariam o preço dessa vez?

Ficando de pé com dificuldade, ele saiu para perseguir Lada noite adentro.



Um dia de viagem a sul de Tirgoviste

LADA SABIA QUE seria impossível encontrar Mehmed em meio à escuridão e ao caos. Porém, o caos era *significativamente* menor do que ela esperava. Quase todos os homens de Mehmed estavam nas barracas, em vez de sair para encarar a luta. Isso dificultava as coisas. Mas ela sabia que não podia contar com falta de disciplina no caso dos homens de Mehmed. Ele sempre controlava tudo. Por que com seus homens seria diferente?

Os estoques de pólvora já tinham sido atacados. A explosão veio em boa hora, inclusive, permitindo sua fuga. Ela sabia que encontraria um grande grupo de homens seus avançando sobre os animais e as carroças. Havia cinco mil por lá ou a caminho, todas as almas que conseguiu juntar para descer os morros e atacar na escuridão. Dava para ouvir seus gritos e suas músicas ecoando, pois estavam usando as táticas dos janízaros contra eles mesmos. Assim que houvesse caos suficiente no acampamento, Lada faria o sinal para que o resto das tropas posicionadas lá em cima descesse. Mais cinco mil. Eram apenas dez mil contra cinquenta mil, mas daria certo. Se tudo ocorresse de acordo com o planejado, a Valáquia poderia derrotar o exército mais poderoso do mundo.

Ela poderia vencer Mehmed.

Mas as coisas já estavam fora do previsto, claro. O maior baque no meio da confusão e do desespero deveria ser o assassinato do sultão e líder dos otomanos. Ela não havia conseguido fazer isso. Lada rangeu os dentes, frustrada... Radu a havia derrotado.

Pensando bem...

– O sultão está morto! – Lada pegou uma tocha e pôs fogo na barraca mais próxima. – O sultão foi assassinado! – Ela continuou correndo pelo acampamento, anunciando a morte do sultão e cuidando para que o maior contingente de homens possível ficasse dentro das barracas.

Havia mais coisas acontecendo em torno dela – mais e mais

homens adentrando aquele caos.

– Ei! – um deles gritou, segurando o braço dela.

Ela o esfaqueou pela lateral e seguiu rumo ao local onde estava a montaria.

Perto da extremidade sul do acampamento, a luta acontecia para valer. Ela esperava atrair o grosso das tropas de Mehmed para lá com seus cinco mil iniciais, engajá-los na luta e, então, pegá-los desprevenidos com sua reserva. Do local onde estava, parecia que os otomanos já haviam mandado milhares para a batalha. Mas ainda não bastava. As setas de balestra, disparadas por seus homens nos morros, zuniam pelo ar, fazendo tombar os otomanos ao redor. Ela se arriscava a ser atingida caso não se apressasse.

As mulheres gritavam enquanto corriam pelo lado onde ficava a maior parte das barracas. Ao vê-las, Lada sentiu vontade de rir. Não eram mulheres que frequentavam o acampamento otomano, e, sim, valáquias armadas até os dentes, fingindo estar em fuga enquanto derrubavam tantos janízaros quanto pudessem. Quando chegassem à extremidade do acampamento, fariam a volta para se juntar às forças que desceriam dos morros.

A confusão estava por toda parte. Caos. Sangue e fogo.

Pela primeira vez, Lada teve vontade de se juntar às mulheres. Estavam fazendo exatamente o que ela queria. Mas sua presença era necessária em outro lugar. Ela não estava lá como soldado, e sim como príncipe.

Contornando as barracas, ela correu de volta para os morros, onde ficava seu ponto de encontro com Bogdan e os demais líderes. Eles estavam à espera, observando com ansiedade o desenrolar do ataque.

Lada gritou enquanto subia:

– Todos que tiverem uniforme de janízaro, vão para o acampamento e espalhem a notícia de que o sultão foi assassinado! – Dezenas de homens dispararam naquela direção. Bogdan ergueu as sobranceiras, cheio de expectativa.

Ela detestava admitir derrota, mas sacudiu a cabeça negativamente.

– Eles estavam esperando por mim.

Ele pareceu preocupado, mas assentiu e mudou de assunto:

– Estamos prontos, então?

Lada mordeu o lábio. Queria ganhar tempo para que as tropas de Mehmed se desorganizassem, mas também sabia que uma espera maior poderia ocasionar o contrário. Os otomanos poderiam se agrupar e formar fileiras. A luta vinha se intensificando no setor de suprimentos do acampamento. Era uma batalha franca, que seus

homens não conseguiriam manter por muito tempo.

– Vá em frente – ela falou.

Bogdan deu o sinal para os trombeteiros. As notas foram ouvidas com clareza, mesmo com todo o tumulto no acampamento. Lada observou os morros, aguardando. Havia homens ao seu lado prontos para atender a seu comando. De onde estava, ela poderia comandar tudo. De onde estava, poderia ver o exército de Mehmed sucumbir.

Mas havia alguma coisa errada.

– De novo – ela falou.

Mais uma vez, o sinal foi dado. O coração de Lada se apertou. O acampamento estava queimando, mas não com a intensidade e velocidade que deveria. Seus homens lutavam nas carroças, mas não havia muitos otomanos por lá. Onde estavam os boiardos com o restante de seus homens? E os húngaros enviados por Matyas?

Ao ouvir o último apelo das trombetas, Lada se lembrou da reação de Radu quando disse que ele não fazia ideia do que viria pela frente.

Ele *sabia*.

Sempre soube, desde o início.

Seus olhos desesperados vasculharam os morros em busca de alguma pista, de algum sinal de que estava errada. De que eles estavam a caminho. De que tudo poderia acabar naquela noite. Caso confiassem nela, caso seguissem seu plano. A falta de confiança daqueles homens os levava a aceitar qualquer falso benefício oferecido por Radu em vez de seguir o caminho da honra. O caminho do sangue e da vitória, o caminho da luta e do triunfo pela Valáquia.

Ninguém nunca escolhia a Valáquia.

Lada caiu de joelhos, levantando a cabeça para as estrelas cobertas pela fumaça, e gritou de raiva e desespero. Em seguida, ficou de pé e sacou a espada. Se ninguém iria ajudá-la, ela faria tudo sozinha.

Em seu segundo passo, alguém a agarrou pela cintura.

– Me solta! – ela berrou.

– Dê o sinal de retirada – Bogdan falou sem alterar o tom de voz.

Lada se debatia, rosnando como um animal feroz. Bogdan aguentou firme, falando com um tom suave e calmo:

– Eles estão formando fileiras. A ajuda não veio. Mas já contei quase quinze mil mortes do lado deles, e outros milhares de animais, além dos estoques de pólvora destruídos. Agora, está na hora de recuar. – Ele fez uma pausa antes de voltar a falar: – Se conseguirmos escapar, nós vencemos.

– Nós não vencemos! – Lada esperneou outra vez, mas, em seguida, relaxou o corpo, presa apenas pelos braços de Bogdan. – Dava para ter destruído tudo. Nós deveríamos ter feito isso.

– Deem o sinal de retirada! – Bogdan gritou por cima do ombro. Ele colocou Lada sobre uma montaria e subiu atrás dela, apertando sua perna num gesto desajeitado de consolo. – As suas boas-vindas aguardam por eles na capital. Vamos recuar e lutar de novo.

Lada viu seu futuro inteiro se mostrar diante de seus olhos ao ouvir aquelas palavras. Ela jamais conseguiria deixar de lutar. Mesmo as suas vitórias lhe seriam roubadas pela falta de confiança dos homens. Eles sempre escolheriam um ao outro em vez dela, optariam por tratados e tradições em vez de uma chance genuína de mudança.

Tudo seria sempre uma luta. Hunyadi bem que avisara. Seus sonhos ou seu triunfo definitivo reluziam como faíscas, mas logo se apagavam em cinzas.



Arredores de Tirgoviste

HAMZA PAXÁ DEU um murro na mesa.

– Se as forças posicionadas nos morros tivessem se comportado de acordo com os planos dela, nós poderíamos ter sido derrotados. Tinha *mulheres* lutando! Mulheres! Perdi alguns sipahis porque estavam atordoados demais para sacar a espada!

Radu sentia vontade de pôr fogo naquela mesa e arremessá-la no que restara das carroças de suprimentos. Ele abominava o móvel, o mapa sobre sua superfície e, cada vez mais, as pessoas que se reuniam ao seu redor.

O sorriso de Ali Bei era afiado como a ponta de uma lâmina.

– Um fracasso da parte deles, então. Meus janízaros logo superaram o susto inicial.

– Não finja que foram seus homens que viraram o jogo. Só saímos em vantagem porque Radu cuidou dos aliados dela – disse Ishak Paxá, seu preferido entre os três.

Hamza Paxá bufou de desprezo, como se os esforços de Radu para convencer os boiardos Basarab a recuar tivessem sido mais um acaso do que um triunfo capaz de mudar o rumo de uma batalha.

– Ele não tem como usar o mesmo truque em Tirgoviste. Não podemos contar com mais nenhuma traição contra ela. As pessoas comuns a idolatram.

Radu olhou para a abertura da barraca. Mehmed não estava lá. Ele não o via desde o ataque da noite anterior. Ninguém o tinha visto, fora a guarda pessoal do sultão. Kiril informara a Radu que Mehmed estava ileso e que, ao que parecia, conseguira até dormir.

Radu esfregou a testa, que doía por causa da exaustão e da inalação contínua de fumaça.

– Temos a vantagem de fazer um cerco.

– A vantagem é sempre de quem se defende! Em Kruje...

– Eu *estava* em Kruje – Radu falou, interrompendo Hamza Paxá. Estava cansado de ser desmerecido pelo velho. – Do lado de fora das

muralhas. E estava em Constantinopla, do lado de dentro. Os cercos não são novidade para mim.

Dessa vez, ele não abriu um sorriso para amenizar suas palavras. Só sabia o que muitos daqueles homens pensavam a seu respeito: que só estava liderando aquele pelotão montado por causa do seu rosto bonito e do favorecimento de Mehmed. Mas *todos* só estavam ali porque eram nomeados pelo sultão. E Radu se deu conta de que, apesar de ter apenas dezenove anos de idade, tinha tanta experiência quanto qualquer outro homem de ação.

Era uma coisa que tornava seus sonhos sombrios e sufocantes, e que pesava sua mente no sono ou na vigília.

Sim, ele tinha toda a experiência de que um homem poderia precisar.

Radu respirou fundo e voltou a falar, num tom comedido:

– Tirgoviste não tem nenhuma das vantagens naturais de Kruje e, com certeza, não é bem defendida como Constantinopla. Também é menor que as duas. As muralhas não são lá essas coisas. Eles vão conseguir ver nossa aproximação, mas isso não é segredo. E, como ficou claramente demonstrado ontem à noite, Lada não tem a lealdade dos nobres ou o apoio da Europa com que contavam Skanderberg ou Constantino. Ninguém vai vir em auxílio dela. Metade das suas forças foram perdidas quando os Basarab a abandonaram. Matamos três mil de seus soldados, e, pelo que sabemos, agora ela só tem mais dois mil para comandar.

Hamza Paxá fechou a cara.

– Nós perdemos *quinze* mil homens! E suprimentos, e animais!

– Nós podemos absorver a perda de quinze mil com mais facilidade do que ela assimila a perda de mil e quinhentos. – Radu se sentia mal por tratar a vida de seres humanos como simples números. A guerra transformava todos em monstros. – Quando tomarmos Tirgoviste, o que vai acontecer, não importa o que ela tenha feito, será o fim. Vamos ter a capital sob controle. Podemos colocar Aron e Andrei no poder, e a Valáquia vai retornar ao status de Estado vassalo.

Ishak Paxá tamborilava com os dedos na mesa.

– Mas os boiardos e seus homens não estão totalmente fora do cenário. Se foram seduzidos para um lado tão facilmente, podem muito bem ser atraídos de volta. Podem inclusive já estar atrás das muralhas em Tirgoviste. E se ela...

– A força dela não são as muralhas. Nunca foi. Sem dúvida, ela tem seus planos, mas não tem como continuar lutando como vem fazendo até agora. É nesse momento que nosso treinamento e nossa capacidade fazem diferença. É quando ela vai perceber que não tem como manter

a cidade a salvo do poder do exército otomano. Não importa quantos homens conseguir juntar.

A abertura da barraca se moveu. Radu ficou em choque ao ver Mara Brankovic entrar, acompanhada do farfalhar das camadas de suas saias.

– Pensei que encontraria um exército triunfante assumindo o controle do país – ela comentou, franzindo os lábios em sinal de desaprovação. – Se soubesse que teria que me juntar a um acampamento de guerra, adiaria minha viagem.

Radu puxou uma cadeira para ela, que se sentou de maneira elegante, observando os planos espalhados sobre a mesa.

– As forças da Hungria estão aqui?

– Sim, mas não entraram em ação. Ainda... – Radu precisava admitir que Ishak Paxá estava no centro.

No fim, os boiardos Basarab que os lideravam não estavam de fato no comando, e sim o rei da Hungria. Caso ele mandasse uma ordem, com certeza, seria obedecida.

– Mandem um presente para Corvino – Mara falou, abrindo um leque com um movimento de pulso.

– Quê? – Radu questionou.

– Matyas Corvino. Mandem alguma coisa para ele. Luxuosa. Bonita. Ah, já sei! Mandem para ele uma almofada de veludo cravejada de joias para sua coroa. Ele vai entender o recado.

Ishak Paxá fechou a cara, remexendo-se nervosamente. Os vários antigos ferimentos tornavam aquele tipo de viagem dolorosa e difícil para o homem. Mas, por ter uma tremenda lealdade ao império, simplesmente se recusava a deixar Mehmed sair em campanha sem ele.

– Por que perder tempo de planejamento de guerra mandando um presente chique para um rei inimigo?

Mara se inclinou em direção a Radu numa postura conspiratória.

– Acabei de ouvir um boato maravilhoso. O rei Matyas recebeu uma grande quantia em ouro do papa para ajudar sua irmã a sair em uma cruzada. E, numa coincidência surpreendente, de alguma forma, conseguiu fundos para comprar sua coroa de volta da Polônia. – Mara voltou a ficar séria. – Usando esse ouro para fins pessoais, ele está roubando seu povo. Isso não vai ser bem visto por seus aliados europeus. Precisamos nos certificar de que a lealdade dela permaneça firmemente dividida.

Radu brincava com um anel pesado no dedo.

– E não faria mal incluir um bilhete informando sobre nossa intenção de manter uma relação duradoura e pacífica com o legítimo

rei da Hungria, cuja coroa reconhecemos e celebramos, e cujas fronteiras são respeitadas.

– Com um pequeno lembrete de que ele deve manter distância de fronteiras envolvidas em conflitos que não lhe dizem respeito. – Mara sorriu. – Eu adoro planejar esses jogos com você, Radu. Com um presente e uma carta, podemos tirar Matyas Corvino da disputa.

Hamza Paxá se levantou, apontando o dedo em riste para ela.

– Isso não é um joguinho, para ser encarado como intrigas de cortesãos!

Mara cobriu discretamente o rosto com o leque

– Ao que me parece, o jogo que você vem conduzindo não está levando a um resultado muito favorável até aqui.

Hamza Paxá saiu da barraca pisando duro, seguido por Ishak Paxá, apenas um pouco menos irritado.

– Não se preocupe com Hamza Paxá – disse Mara. – Ele ainda está ressentido por eu ter recusado sua proposta de casamento.

– Ele queria se casar com você? – Radu perguntou, surpreso.

Os outros homens ao redor da mesa estavam se preparando para começar a tarefa gigantesca de recuperar o que podia ser salvo e levantar acampamento para avançar até Tirgoviste. Lada tinha feito um tremendo estrago. Eles estavam debilitados para seguir em frente, mas chegariam lá.

– Ah, sim. Nosso caro Hamza estava loucamente apaixonado por mim – Mara se interrompeu. – Me desculpe. Eu quis dizer que ele estava loucamente apaixonado por minha posição na corte do sultão. – Ela abriu um sorriso malicioso, levando a mão ao cabelo empoado como se houvesse alguma mecha fora do lugar. – É minha característica mais atraente.

Radu estendeu a mão para ajudá-la a se levantar.

– Com certeza, sua característica mais atraente é sua mente brilhante.

– Se encontrar um homem que queira se casar comigo por isso, posso até quebrar meu voto de nunca mais entrar num matrimônio.

– Sério?

Ela deu risada.

– Não. Mas, por falar em esposas, ouvi dizer que uma muito bonita partiu só dois dias depois de mim. Melhor mandar avisá-la para que faça uma parada. Aqui não é lugar para mulheres.

Radu levou a mão à testa, preocupado. Em meio à loucura que a campanha vinha sendo até ali, ele nem pensara em alertar Nazira para que postergasse a viagem. Eles imaginavam que já estariam instalados em Tirgoviste àquela altura.

Radu pegou uma folha de pergaminho e abriu um espaço na mesa para escrever a carta antes que alguém mais exigisse sua atenção.

– Obrigado, vou fazer isso. Mas aqui não é mesmo lugar para mulheres...

– Não precisa se preocupar comigo. Vou me oferecer para entregar o presente de Matyas Corvino pessoalmente. Este país é um horror, Radu. Não entendo como uma pessoa como você pode ter vindo daqui.

Radu terminou seu bilhete escrito às pressas.

– Lada também é daqui.

– Isso faz bem mais sentido.

Enquanto oferecia o braço para acompanhar Mara para fora da barraca, os pensamentos de Radu retornaram de forma dolorida à maneira como se referiu aos seus irmãos de fé que perderam a vida. Ele os tratou como simples números. Depois de tudo o que testemunhara, de todas as vidas que vira deixar o mundo, não era aceitável que pensasse assim. Porque, caso seguisse nesse caminho, onde iria parar?



– Deus do céu. – Kiril levantou o braço para cobrir a boca e o nariz. – Que cheiro é esse?

Radu estava sentindo também, mas não sabia o que era. Estava com seus homens, avançando na frente do restante do exército. Seu pelotão era numeroso o bastante para encarar qualquer ataque direto, e móvel e veloz o suficiente para recuar e dar o alerta caso surgisse algo inesperado.

E, enfrentando Lada, eles sempre podiam contar com o inesperado.

À distância, Radu já conseguia ver o borrão escuro da capital e a estrada ladeada de árvores que levava até lá. A não ser pela vegetação minguada na beira do caminho, a maior parte da floresta ao redor tinha sido desmatada. Era uma manobra inteligente, porque Lada assim teria uma visão desobstruída do território ao redor da cidade, mas também significava que ela não teria onde se esconder.

– Com cuidado – Radu falou, fazendo um gesto para que continuassem indo em frente.

Ainda não tinham visto uma viva alma, apesar de o céu estar pontuado de pássaros pretos que se espalhavam pelo azul como manchas de tinta. A última vez em que Radu avistara tantas aves carniceiras foi em Constantinopla. Sua respiração ficou acelerada, e os gritos dos animais traziam à tona suas piores lembranças.

Eles chegaram mais perto, e todos foram aos poucos diminuindo o passo. A sensação de que havia alguma coisa errada foi ficando mais forte, assim como o cheiro. Atrás de si, Radu ouviu alguns homens

tendo ânsias de vômito. Kiril estava inclinado para o lado, passando mal.

Enfim, Radu chegou perto o bastante para ver o que eram aquelas árvores mirradas na beira da estrada, um cenário de pesadelo.

Não eram árvores.

Espaçados com simetria e plantados com o mesmo cuidado de um jardineiro em um pomar; havia cadáveres empalados em estacas. Alguns eram mais recentes, e outros estavam tão decompostos que já deviam estar mortos há semanas. E todos eram otomanos.

– Vá comunicar ao sultão – Radu ordenou. Ele queria dar meia-volta. Mas não podia. Continuou cavalgando em direção ao inferno, com o rosto dos condenados marcando seu progresso com olhos vazios e apodrecidos.

Estavam posicionados de forma tão simétrica que era fácil fazer uma contagem. Dezenas. Centenas. Mil. Depois de passar por cinco mil corpos, ele chegou às casas vizinhas às muralhas. Todas as construções estavam abandonadas. Todas as portas, abertas. Radu sabia que deveria mandar seus homens procurar por soldados escondidos lá dentro, prontos para uma emboscada.

Mas não conseguia fazer nada além de seguir em frente. A aparência inacreditável de tudo dava ao cenário um aspecto onírico e enevoado. Ele não conseguia sentir seus membros, apenas ver. Apenas sentir o cheiro.

Depois de passar por dez mil cadáveres, estava finalmente perto o bastante para enxergar os portões de acesso à cidade. Estavam abertos. Naquele ponto, as estacas estavam tão próximas que não era possível ver nada entre os corpos. Era como ter uma parede sólida de carne podre de cada lado, com apenas o céu visível à medida que entrava na cidade.

Nenhum som era ouvido além dos gritos ásperos das aves, e os mais silenciosos, porém mais penetrantes, ruídos dos bicos rasgando a carne e separando-a dos ossos.

Radu estava ciente de que os passos de seu cavalo produziam ruído, mas não conseguia escutá-los. Não sabia quantos de seus homens ainda o acompanhavam. Não conseguia parar, nem olhar para os lados. Estava sendo empurrado adiante como se, ao atravessar aquele túnel de horrores, pudesse acordar do outro lado em um mundo que fizesse sentido. Um mundo em que o portão estivesse trancado, as muralhas estivessem protegidas por soldados e houvesse algo concreto, compreensível e humano a enfrentar.

Ele chegou ao castelo. Depois de vinte mil estacas, pelo que pôde contar. Não tinha sido naquela manhã que Radu decidira nunca mais

encarar seres humanos apenas em termos de números?

E, então, diante dos portões e das entradas abertas do castelo, em uma estaca mais alta que todas as outras, havia um último cadáver.

Radu conhecia aquele manto, aquelas roupas.

Ainda estava sentado no cavalo quando Mehmed o alcançou. Era possível ouvir novos ruídos por perto àquela altura – pessoas vomitando, xingamentos e alguns soluços baixos. Claro que haveria mais homens por lá. Mehmed não andava sozinho. Mas Radu não sabia quanto tempo fazia que ele tinha chegado.

– Esse é...? – Mehmed não terminou a frase.

– Kumal – murmurou Radu. O homem que oferecera o islã como bálsamo e proteção para sua jovem alma apavorada. O homem que se tornou seu irmão em espírito e, depois, na letra da lei. O homem que fora até lá em seu nome.

Kiril começou a falar. Radu não sabia que ele estava lá. Não conseguia desviar os olhos do local onde costumavam ficar os olhos gentis de Kumal. Teriam apodrecido ou sido devorado pelas aves? Parecia importante saber, porém, não havia como.

– ... tudo limpo. Não tem ninguém aqui.

– Como nós podemos enfrentar isso? – Mehmed questionou. – Como tomar um país se ela simplesmente abre mão da capital? Como derrotar alguém disposto a fazer isso... – a voz dele falhou quando fez um movimento ao redor com um braço – ... só para mandar um recado?

– Como uma mulher pôde fazer isso? – A voz de Ali Bei era uma mistura de surpresa e desgosto.

– Ela não é uma mulher – um soldado perto de Radu comentou, cusbindo no chão. Em uma situação normal, um soldado não ousaria se manifestar na presença do sultão. Mas não havia nada de normal ali. – É um demônio.

– Não. – Radu fechou os olhos diante da floresta de cadáveres plantada pelo ímpeto incontrollável de sua irmã. – Ela é um dragão.

*Arredores de Tirgoviste*

BOGDAN PRECISOU FAZER um esforço sobre-humano para dissuadir Lada de vestir o uniforme de janízaro e entrar na cidade junto com os homens de Mehmed.

Ela queria estar lá. Queria ver.

Deliciar-se com o choque deles ao encontrar uma capital desprotegida. Com a expressão na cara deles quando percebessem que não poderiam enfrentá-la. Com o desespero deles ao descobrir até onde ela estava disposta a chegar para proteger o que era seu. Eles podiam ficar com a cidade de bom grado. Afinal, Tirgoviste não era a Valáquia.

Lada era a Valáquia.

No entanto, ela estava no alto dos morros, observando à distância, imaginando. Apreciando. E vendo tudo com surpresa e deleite quando o exército de Mehmed deteve a marcha, deu meia-volta e tomou o caminho do Danúbio.

Enfim, Mehmed se dava conta da verdade. Ela nunca seria dele. Seu país nunca seria dele. Ela vencera. E só foram necessários vinte mil otomanos empalados em estacas.

E Mehmed ainda achava que ela não era capaz de entender o poder que tinham as imagens poéticas.



Arredores de Tirgoviste

FORAM USADAS VINTE mil estacas para fazer uma única afirmação: Lada *jamais* desistiria.

Radu não sabia o que havia deixado Mehmed mais abalado: ver tantos de seus homens empalados, um desafio terrível aos ritos de sepultamento muçulmanos, ou o entendimento de que Lada tinha mesmo a intenção de matá-lo na noite do ataque.

A retirada da cidade era necessária tanto por questões morais como sanitárias. O clima no acampamento era, na melhor das hipóteses, de desconforto. Radu ouviu uma porção de resmungos sobre voltar para casa. Eles precisavam decidir o que fazer antes que a opinião geral se inclinasse demais para uma direção ou para outra e os homens se tornassem ingovernáveis.

Mehmed fora realocado para uma barraca bem menos ostentativa e bem mais anônima. Era lá que ele estava havia quatro horas. Radu esperava em silêncio ao lado de Mehmed, sentado com as costas eretas e os olhos voltados para o tapete, repuxando sem piedade os fios de ouro da túnica.

– Como eu posso enfrentar isso? – Mehmed perguntou por fim. Era a primeira vez desde a primeira visita de Lada que os dois ficavam a sós. Mehmed parecia um homem mudado. Radu também sentia-se diferente. Muito mais velho, novamente. Quantos períodos de uma vida era possível envelhecer em alguns poucos anos?

– Como eu posso enfrentar isso? – Mehmed repetiu, mas Radu não achava que fosse uma pergunta.

Desconfiava que, até receber o duplo golpe das verdadeiras intenções de Lada e de sua horrenda demonstração de crueldade, Mehmed não vinha levando nada daquilo a sério. Para ele, era mais como uma espécie de jogo e menos como uma guerra. Ele enfrentara Constantinopla com uma determinação religiosa. Aquela campanha era mera questão de trazer Lada de volta.

E, então, Lada fez de tudo para garantir que *jamais* seria perdoada

por eles. Todas as esperanças de Mehmed de uma reunião dos três estavam mortas, como as sentinelas empaladas de Tirgoviste.

O acampamento foi montado a uma distância suficiente da cidade, para que o cheiro deixasse de fazer os homens passarem mal. Radu estava usando seus quatro mil combatentes treinados e disciplinados para cavar covas, em vez de cavalgar para a batalha. Mas seus homens não estavam sozinhos nessa tarefa. Ali Bei, Ishak Paxá e Hamza Paxá haviam cedido todos os braços que podiam para garantir aos otomanos um sepultamento digno. As trocas de turno se davam com um ar de tristeza solene. Alguns cavavam, alguns guardavam o território, outros rezavam.

– Nós temos Tirgoviste, mas isso não importa. – A voz de Mehmed parecia tão atormentada quanto seus olhos. – Não sei como lutar numa guerra em que as táticas são inúteis, os números não me dão nenhuma vantagem, os portões são deixados abertos e as cidades são guardadas apenas pela morte incriminadora do meu povo. Me diga como posso enfrentar isso. – Ele ergueu a cabeça com um olhar de súplica.

– Não dá para enfrentar isso. – Radu se colocou de joelhos na frente de Mehmed, que se inclinou para a frente, apoiando a cabeça em sua perna, e o abraçou. Radu pôs a mão no turbante de Mehmed. Seu desejo feroz de longa data não existia mais, toda a paixão foi consumida pelo cansaço e pela dureza do tempo e das decepções. Mas a afeição e o respeito profundo que sentia pelo amigo, pelo sultão, não deixariam que ele desistisse sem lutar.

– Se nós ficarmos, vamos ter que ir atrás dela nas montanhas – Radu falou. – Vai levar meses. Talvez até anos. Ela vai desgastar seus homens com a espera, o cansaço, a doença e a frustração. Não temos como lutar nos termos dela e sair vencedores.

– O que eu faço, então?

Na mente de Radu, surgiu o rosto sem olhos de Kumal. Ele fechou os seus. Aquela imagem não o ajudou nem um pouco.

Lada não podia sair vencedora. Radu não permitiria.

– Volte para Constantinopla. Queime as cidades por onde passar, pegue os rebanhos que encontrar e, sempre que puder, exagere nos números. Diga para Mara espalhar para todos os seus contatos que foi uma grande vitória, que a Valáquia foi recolocada facilmente no papel de Estado vassalo e que Aron foi instalado no trono.

– Mas Lada venceu!

– E quem vai contar essa história? Os camponeses? Aquelas hordas de pessoas sem terra e sem nome? Como elas vão viajar até o papa, os italianos e o resto da Europa para narrar a vitória dela? Os boatos vão

se espalhar, claro, mas todas as evidências vão servir em nosso benefício. Nosso homem no trono da capital. Nossa volta triunfante para casa.

– Se formos embora, vamos deixar Lada livre para fazer tudo de novo.

– Não. – Radu soltou o ar com força e ajeitou as extremidades do turbante de Mehmed. – Eu disse que não temos como lutar nos termos dela. Mas vamos lutar nos meus. Com a sua permissão, vou manter meus homens e ficar aqui para fazer o trabalho. Posso tomar o país da minha irmã usando a única coisa em que ela nunca foi capaz de me vencer.

– O arco e flecha? – Mehmed perguntou, e seu humor negro foi reconhecido por ambos em sorrisos ácidos, que desapareceram logo em seguida.

– O carisma. Vou derrotá-la usando a manipulação política. Dizendo a coisa certa na hora certa para as pessoas certas.

– Ela vai partir para a luta contra você.

– Pode até tentar, mas não vai conseguir. Ela tentou demolir as estruturas de uma casa em que ainda morava. Tentou se impor como príncipe dismantelando o sistema que dá poder ao príncipe. Vou encontrar cada inimigo, cada boiardo que perdeu um filho ou um primo ou um irmão, cada nobre que tiver razão para temer pela continuidade de sua existência no mundo. Vou usar a Transilvânia, a Hungria e a Moldávia. Vou arrancar cada apoio que ela ainda tiver até deixá-la apenas sobre as ruínas da nova Valáquia que tentou construir.

– E depois? – Mehmed sentou-se e encarou Radu. – Ela nunca vai parar. Não sabe a hora de desistir. E toda e qualquer esperança tola de que pudesse voltar para nós agora se acabou de vez.

Mehmed se mostrara firmemente contrário à morte de Lada. Radu viu que essa posição havia mudado. Eles ainda tinham muito em comum, sua irmã e o sultão. E, agora, se odiavam com a mesma determinação com que se amavam.

E, por causa disso, uma pilha de corpos continuava a crescer.

Radu sabia que já tinha sido colocado naquela situação antes, e que fora fraco demais para tomar a decisão certa, e que isso não poderia acontecer de novo com tantas vidas em jogo. Foi egoísmo de sua parte evitar o que precisava ser feito. O que Lada faria em seu lugar. Radu poderia ter forças para executar aquela tarefa terrível. Era algo que acabaria com ele, mas ele não podia mais permitir que milhares pagassem o preço para que sua consciência continuasse limpa.

– Nesse caso, eu faço o que for preciso. Ponho um fim em tudo.

*Fortaleza de Poenari*

LADA SE INCLINOU sobre o muro de pedra no local onde a construção passava pela beirada de um precipício. O rio Arges serpenteava silenciosamente lá embaixo. Sua fortaleza, enfim, estava completa. Seria seu refúgio, seu santuário, seu foco de resistência. Respirando fundo o ar frio e ainda úmido de sereno, Lada sentia-se fortificada com a mesma resistência intransponível de sua fortaleza.

Havia trabalho a fazer.

Seus homens e suas mulheres estavam espalhados pelas montanhas em grupos de duzentos. Era mais fácil assim, tanto em termos de logística de acampamento como de estratégia, para permanecer fora das vistas dos inimigos. Mesmo que um acampamento fosse descoberto, suas reservas não seriam liquidadas. Ela e seus seguidores poderiam se manter escondidos ali por meses.

Não que isso fizesse parte de seus planos.

Ela se virou para Bogdan e Grigore, que fora promovido depois de ser bem-sucedido na defesa de Bucareste, apesar de ser irritante. Todo mundo que não fosse uma pessoa de quem Lada gostava a irritava.

– Mande avisar o papa sobre nossa vitória – ela falou. – E garanta que ele fique sabendo do que fizemos. Quinze mil soldados deles mortos, e um exército inteiro dando meia-volta e fugindo. Talvez com esse tipo de resultado ele ofereça mais do que elogios para nós. Elogios não enchem barriga nem matam inimigos. Quero dinheiro e soldados.

Grigore remexeu os pés, claramente sem graça.

– Eu não sei ler. Nem escrever.

– Onde está Doru? – ela perguntou com um suspiro. – Ele sabe escrever.

As feições grossas de Bogdan se contorceram numa careta constrangida.

– Ele morreu. Durante o ataque noturno.

Lada não sabia. Ela fez um gesto com a mão, aborrecida consigo

mesma por não saber, e com Doru, por ter morrido.

– Então escreva você, ou encontre alguém que saiba fazer isso. O papa *precisa* nos ajudar. Preciso do apoio de alguém poderoso de verdade quando voltarmos para Tirgoviste. E temos que planejar a retomada da cidade.

Ela sabia que os corpos haviam sido removidos e que um pequeno contingente tinha sido deixado por lá. Mas, de jeito nenhum, deixaria alguns milhares de otomanos ficarem em seu caminho. Não àquela altura dos acontecimentos.

Os dedos de Lada batucaram a bainha de sua espada.

– E quero todos os homens dos boiardos Basarab.

Foram os Basarab, liderados por um homem chamado Galesh, um sujeito fraco e indigno de confiança, que ordenaram que suas tropas não se envolvessem no ataque noturno, o que lhe custou a vitória. Eles estavam escondidos em algum lugar da montanha, usando a mesma estratégia de Lada. Ela até pensou em matá-los, mas seria um desperdício de recursos. Era possível apenas decepar a cabeça e aproveitar o corpo.

– Quero todos os homens dos Basarab. Junto com a cabeça de Galesh. Essa é nossa maior prioridade.

– Limpe sua própria casa antes de sair para ajudar os vizinhos – Oana disse com um sorriso simpático, passando por Lada com uma tigela fumegante de caldo e um prato de carne-seca.

– Ou no nosso caso, limpar a própria casa antes de atacar os vizinhos por terem tentado roubar nossas coisas. Também precisamos retomar Chilia para meu primo e a Moldávia, para aprenderem que nossas fronteiras são invioláveis.

– Você quer matá-lo? – Bogdan perguntou.

Lada franziu a testa. Não estava certa disso. Não poderia culpar o rei Estêvão pela forma como ele agira. Ela também se aproveitaria da ocasião, caso a situação fosse inversa. Havia várias cidades que se alternaram entre o controle da Moldávia e da Valáquia ao longo das décadas as quais ela ficaria feliz de retomar. E, apesar da traição, ainda gostava de seu primo. Ele lembrava Nicolae.

Ela deixou a tigela de lado, sem apetite.

– Podemos decidir isso quando chegar a hora. Enfim, falando de mais perto de casa, nós temos algum aliado na Transilvânia?

Grigore ficou inquieto, obviamente incomodado por ter que transmitir más notícias.

– Você não... não é muito querida por lá.

– Ainda? Mesmo depois de botarmos os turcos para correr com o rabo entre as pernas?

– Podemos mandar alguns homens até lá para descobrir.

Lada assentiu, mas, depois, ficou hesitante.

– Talvez seja melhor não mandar o que temos de melhor. Escolha alguém descartável para ir com você.

Ela mesma não tinha um histórico muito amigável de tratamento de enviados internacionais. Não queria se arriscar a perder alguém que fosse difícil de substituir.

Os olhos de Grigore se arregalaram de terror. Ela não entendeu ao certo por quê.

– Ah – Lada comentou, lembrando-se de suas palavras e, em seguida, pegando a tigela e empurrando para ele: – Não que você seja descartável. Com certeza, vai dar tudo certo. Coma alguma coisa.

Ela começou a caminhar de um lado para outro junto ao muro na beira do precipício.

– Alguma chance de Skanderberg se juntar a nós?

Bogdan encolheu os ombros.

– Eu não tenho contatos na Albânia.

Lada fez um gesto impaciente com a mão. Claro que não tinha. Ela queria que Stefan estivesse lá. Onde ele estaria? Nicolae teria...

Ela parou de andar de um lado para outro e esfregou a nuca. Precisava ter sua própria Mara Brankovic. Estava sentindo falta até de Daciana, que, se tivesse recebido uma boa educação, seria melhor que qualquer homem a mando de Lada. O fato de tanto potencial ser ignorado em seu país simplesmente por causa do sexo a enchia de uma raiva pulsante. Ela tirou os cabelos de cima da nuca e prendeu-os com uma tira de couro.

– Escolha alguém confiável e o mande falar com Skanderberg. É improvável que ele ajude, já que ainda está combatendo os otomanos em sua própria terra, mas precisamos apelar para todos os aliados possíveis.

– Por falar em aliados, e Matyas Corvino? – Oana se aproximou para arrumar melhor os cabelos de Lada, que a afastou com um tapa nas mãos.

– Por ordem dele, os homens que mandou só podiam atender ao comando de Galesh Basarab. Então, não sei de quem foi a covardia e a traição que custou nossa vitória total, se dos boiardos Basarab por conta própria ou de Matyas também.

– O que Matyas tem a ganhar com a sua derrota? – Oana pegou a tigela intocada das mãos de Grigore e devolveu para Lada, que franziu o nariz e forçou algumas colheradas goela abaixo. Comer e dormir tinham virado obrigações. Ela gostaria de poder repassá-las para um idiota qualquer como Grigore para poder se dedicar ao trabalho

durante todas as horas do dia.

Ela temia que, se deixasse de se manter em movimento, se parasse de tramar e planejar, então...

Lada não sabia. Mas o medo era constante e incômodo, e o único modo de afastá-lo era nunca parar.

– O que Matyas ganha? Não sei. Uma Valáquia livre só traria benefícios para ele. Manteria suas fronteiras mais distantes dos avanços otomanos. Mas não posso dizer que entendo esse homem. Só se o pai dele estivesse no poder.

Lada se permitiu imaginar por um instante como seria se Hunyadi estivesse à espreita naqueles morros. Como seria gigantesca a vitória deles e absoluta a destruição do exército de Mehmed.

O mundo inteiro teria se lembrado daquela noite e do nome deles, para sempre.

Por outro lado, caso Hunyadi estivesse lutando ao seu lado, sem dúvida, todo o crédito pela vitória iria para ele. Só o nome dele seria lembrado.

Os guardas apareceram com um menino ofegante e coberto por uma fina camada de suor. Não era tarefa fácil subir a montanha para chegar à fortaleza. A maioria dos prisioneiros havia morrido carregando as pedras da construção lá para cima.

O menino fez uma medida e estendeu uma bolsa de couro.

– Trouxe cartas, príncipe.

Lada tomou-as nas mãos. Uma delas, de Mara Brankovic, ela jogou de lado com uma pontada renovada de inveja por não ter sua própria Mara.

Radu. Radu poderia ser sua Mara.

Lada cerrou os punhos, amassando várias missivas de pessoas cujos nomes não reconhecia. No fundo da bolsa, porém, havia uma carta selada com um brasão que exibia um corvo. Matyas. Ela abriu a carta com a adaga.

Lada franziu a testa, já esperando por más notícias. Mas, para variar, dessa vez ficou surpresa.

– Matyas manda elogios pela nossa vitória. Diz que não sabia do ato de covardia dos Basarab e nos passa a última localização conhecida dos homens comandados por Galesh! – Se ele simplesmente alegasse que não foi informado sobre a traição, Lada continuaria desconfiada. Mas se essa localização estivesse certa... Lada poderia matar os boiardos restantes e incorporar valáquios e húngaros a suas fileiras. – Ele está surpreso com a desistência rápida de Mehmed. – Lada deu risada. – Claramente, Matyas não entende o valor que Mehmed dá aos custos das coisas. Mas Matyas está mais ousado! Quer

ceder mais homens e dinheiro. Acha que podemos retomar o Danúbio e bloquear esse ponto de passagem dos otomanos para a Europa! Com o controle do rio, nós podemos abalar todo o sistema de vassalagem...

Lada baixou a carta, com a cabeça contemplando mil possibilidades. Ela preferia Hunyadi ao seu lado, mas, talvez, Matyas pudesse se mostrar o mais útil entre os dois, no fim das contas. Ele contribuía com mais contatos na Europa. Ela contribuía com a ferocidade e a capacidade de liderar exércitos contra Mehmed. Juntos, eles tinham uma chance plausível de libertar não só a Valáquia, mas também os demais países europeus controlados pelo sultão.

Que baque isso significaria para Mehmed! Em seu tesouro, em sua fé, em seu orgulho. Lada conseguia até saborear a vitória. Ela queria a Valáquia livre, mas, e se pudesse ter mais?

Ela aceitaria. De bom grado. Com alegria, até.

– Matyas quer que eu viaje até sua corte para fazer o planejamento, e, depois, eu voltaria com seus homens.

Se ela saísse imediatamente, estaria lá em dois dias. Isso lhes daria tempo suficiente para elaborar uma estratégia e localizar aliados. Sem dúvida, Matyas, com seu aspecto nobre e sua lábia de ouro, poderia fazer um trabalho muito melhor nesse sentido. E ela estaria de volta à Valáquia antes que o restante dos homens de Mehmed pudesse armar uma boa defesa para Tirgoviste sem ser desafiado no processo. O sultão fora embora, mas ela não era ingênua a ponto de achar que ele desistira da campanha.

Ela guardou a carta dentro da túnica.

– Vou partir imediatamente.

Bogdan assentiu.

– Vou com você.

– Não. Preciso que vá atrás de Galesh e dos Basarab. Essa informação pode ter uma defasagem de uma semana. Você precisa saber onde eles estão agora. Mande notícias quando eles estiverem mortos e seus homens forem nossos.

– Não gosto da ideia de você ir sozinha. Não confio em Matyas.

– Eu também não, mas, no momento, temos objetivos em comum. Não vou deixar passar a oportunidade.

– Grigore pode ir atrás de Galesh para...

Lada segurou Bogdan pelos braços, interrompendo-o.

– Para isso, só confio em você.

Era verdade. Muitos de seus homens tinham ficado pelo caminho. Mas Bogdan ainda estava lá. Ela sabia que, de todos os homens do mundo, ele seria o mais leal.

– Eu vou com ela – Oana anunciou com um tapinha reconfortante

no braço de Bogdan. Isso fez com que ela se desse conta de que os dois mal se tocavam. Oana tinha uma proximidade física muito maior com Lada. Assim como Bogdan, aliás. Fosse porque Oana havia sido sua ama, fosse porque perdera Bogdan tão cedo para os janízaros, Lada era o centro em torno do qual gravitava aquela relação entre mãe e filho. Ela afastou esse pensamento com um sorriso. – Uma dama não deve ficar sozinha nunca. Muito menos num castelo estrangeiro.

Lada soltou um risinho de deboche.

– Se alguém ameaçar minha honra, você vai sair matando com suas agulhas de tricô?

Oana sorriu, acentuando as rugas ao redor de seus olhos afetuosos.

– Não duvide do que eu sou capaz.

– Eu jamais faria isso.

Depois de se despedirem de Bogdan, Lada e Oana desceram a montanha acompanhadas de trinta homens. Os cavalos estavam à espera no vilarejo mais próximo, tão remoto que seus habitantes não precisaram nem se dar ao trabalho de evacuar as casas.

Lada se acomodou na sela, ansiosa pela viagem. Pela primeira vez, ir à Hungria não lhe parecia um castigo. Parecia uma vitória.

*Tirgoviste*

RADU NÃO SABIA dizer se o cheiro da morte ainda persistia em Tirgoviste ou se sua lembrança daquilo era tão forte que jamais conseguiria entrar na cidade de novo sem sentir ânsia de vômito.

O trabalho de cuidar dos corpos – tirá-los das estacas, enterrá-los com a cabeça voltada para Meca com o respeito que mereciam – estava concluído. Fora uma semana de tarefas cansativas e incessantes. Como não tinham lápides, e nem como identificar a maior parte dos cadáveres de qualquer forma, Radu mandou sepultá-los nas partes da floresta que haviam sido desmatadas para fabricar as estacas. Eles plantaram sementes e mudas entre as covas. Algum dia, a mata cresceria de novo e esconderia dos céus a abominação produzida por sua irmã.

Até lá, continuaria pesando sobre todos.

Radu parou diante dos portões do castelo, olhando para onde Kumal tinha sido posicionado. Era uma coisa que ele jamais contaria a Nazira. Manteria aquela lembrança para si. Não havia motivo de descarregar aquele fardo sobre ela. Caso ainda fosse cristão, Radu dedicaria a construção de uma igreja ao cunhado. Como não era, toda vez que rezasse, dedicaria as orações à memória de Kumal. Não era suficiente, nada seria, mas era tudo o que tinha para oferecer.

– Senhor – Kiril chamou, inclinando a cabeça e caminhando até ficar ao lado de Radu. Tinha sido promovido ao posto de segundo no comando. – Terminamos o que faltava da limpeza. E agora?

– Precisamos encontrar minha irmã. Até sabermos onde ela está e o que anda tramando, não podemos fazer nada por aqui. Ninguém vai voltar à capital com a ameaça da ira de Lada pairando no ar. Mas não vejo como ela conseguiria retomar a cidade com os números de que dispõe. – Radu estava em alerta e à espera de ataques, mas nada aconteceu. Lada desaparecera, levando tudo e todos consigo. – Só que isso não significa que ela não possa arrumar um jeito. O mais provável é que ela tente nos atrair para as montanhas, onde vai ter vantagem

em combate. Eu, particularmente, não desejo me deparar com mais nenhuma surpresa de boas-vindas preparada por ela.

Radu evitou a porta do castelo. Não estava com a mínima vontade de entrar. Em vez disso, subiu a escada da muralha que cercava a construção, de onde se inclinou para olhar a cidade. Estava quase vazia. Tinha sido fácil abrigar seus homens. A capital inteira estava à disposição.

– Podemos nos comportar menos como otomanos e mais como valáquios.

– Como os valáquios se comportam?

Kiril era búlgaro de nascimento, mas não se lembrava de nada de sua terra natal. Estava com os otomanos desde os cinco anos. Muitas vezes, juntava-se a Radu para rezar e fazer as refeições. Os dois entendiam sem esforços os costumes do povo que os tomara para si.

Radu se apoiou sobre os cotovelos, olhando para o castelo. No centro do pátio, quando criança, ele vira Aron e Andrei serem açoitados por um crime que não cometeram. Pelo qual foram incriminados numa armação.

– Os valáquios agem movidos por desespero. São traiçoeiros. Ferozes. Ou, pelo menos, foi assim que a minha família sempre se comportou. Reúna um pequeno grupo de homens com experiência na fronteira, mas não na cidade. Mande o destacamento para as montanhas, para fazer a função de batedores. Quanto menores os grupos, mais chances têm de descobrir alguma coisa sem ser notados. Precisamos saber onde está Lada, e onde ela escondeu o grosso de suas forças. Quando tivermos essa informação, vamos poder seguir em frente. Enquanto isso, coroamos o novo príncipe da Valáquia, Aron Danesti.

– Então vamos agir como se o país fosse nosso, com nossos inimigos ainda à solta e transformando tudo em caos?

– Lada vai ficar com Mehmed. Ela afrontou Mehmed... – Radu se interrompeu e se corrigiu. – Afrontou o sultão para vir encontrá-la aqui onde tinha a vantagem. Vamos fazer o mesmo. Não imagino que ela venha correndo morro abaixo, mas também não vou ficar surpreso com isso. Ela fica bem irritada quando alguém toma alguma coisa que julga ser sua. E, mesmo que não sirva como isca, tem seu propósito. Às vezes, a melhor maneira de ganhar o poder é fingir que já está no comando. Vamos coroar um novo príncipe e dar início a um novo reinado. O país vai entrar na linha. Lada fez mudanças demais, e muito depressa. Mudar é difícil. Exige uma tremenda quantidade de tempo e disposição para suportar incômodos. Seguir por um caminho conhecido é sempre mais fácil. Isso sem contar a destruição causada

pelas táticas de Lada e o sofrimento que vai causar. A Valáquia vai nos escolher porque nós representamos o caminho da sobrevivência.

Ele esperava que o povo aceitasse o retorno à ordem de sempre, caso isso significasse paz e estabilidade. Mesmo que talvez merecessem mais.

Assim como ele havia retornado para Mehmed todas as vezes. Mas, enfim, concluíra que a solidão do desconhecido era preferível à solidão da rotina. Ele não voltaria para Mehmed. Não como antes. Rezava para que a Valáquia não tivesse mudado a ponto de seus habitantes também perceberem que mereciam mais do que sempre tiveram.

Radu faria seu melhor para ajudar o país enquanto estivesse lá. Mas isso só poderia acontecer se uma estabilidade fosse conquistada. E, por ora, era algo que só poderia ser conseguido com a volta à antiga ordem.

Kiril assentiu:

– Acho que é um plano, senhor. E, apesar de não parecer a hora de dizer isto: fico feliz de servir sob suas ordens. Sem dúvida, já ouviu falar dos boatos sobre como conseguiu essa posição de comando. Mas Mehmed não concede poder por capricho ou como favor. Você merece seu posto, e é uma honra para mim ser seu seguidor. Assim como para todos os seus homens.

Radu deu risada.

– Esse elogio parece uma rosa. Vem com uma boa dose de espinhos.

Kiril ergueu as mãos e enrubescou de vergonha.

Radu pôs a mão no ombro do homem.

– Não, não, eu entendo. E agradeço. Isso significa muito para mim, mais do que você pode imaginar. Sempre vou tentar fazer o certo pelos meus irmãos.

Radu dispensou Kiril com um último sorriso afetuoso. Era mesmo um bom plano. Ele daria uma demonstração de poder. Os boiardos correriam para o seu lado, por ser a única opção segura disponível. E, se tivesse sorte, Lada ficaria tão irritada por ser substituída como príncipe que viria atrás deles ali, onde tinham mais vantagem. Era curioso que, depois de tantos anos fazendo tudo o que podia para evitar a ira da irmã, agora ele estivesse em posição de usar todo o histórico dos dois contra ela.

Radu precisou viajar para fora da cidade a fim de responder a um chamado de Aron. Tinha suposto equivocadamente que os irmãos Danesti estavam de volta à casa de sua família. Estava ocupado

demais para perceber que, na verdade, os dois não haviam se instalado em Tirgoviste.

Aron e Andrei tinham alguns homens sob seu comando desde o cerco de Constantinopla. Seu acampamento estava em desordem, beirando a imundice. Radu atravessou o terreno a cavalo com um olhar de desaprovação. Ele não toleraria esse tipo de indisciplina entre seus homens, assim como qualquer comandante do Império Otomano.

Aron estava à sua espera, andando nervosamente de um lado para outro dentro da barraca. Andrei estava sentado numa cadeira, recostado, com os braços cruzados na frente do peito.

– Aqui está você – Aron falou. – Quanta demora para chegar.

Radu abriu a boca para se desculpar, mas se interrompeu antes que alguma palavra lhe escapasse. Ele não devia nada àqueles dois.

– Não sabia que vocês não estavam instalados em Tirgoviste. Quando vão fazer isso?

– Nós não podemos ficar lá! – Aron deteve o passo, horrorizado. – Não é saudável. Seria nossa morte.

Radu ergueu uma sobrancelha.

– Você acha que ser empalado é contagioso?

Andrei lançou para ele um olhar ácido e sinistro.

– Sua irmã ainda está à solta.

Era um argumento válido.

– É verdade. Mas é importante para nós essa consolidação. Vocês estão vulneráveis aqui.

Aron começou a se inquietar de novo.

– Estamos indo para a propriedade rural da nossa família. Precisamos dos seus homens para ir à frente e garantir que o terreno é seguro.

Eles nem ao menos convidaram Radu a se sentar. Ele levou as mãos às costas.

– Não acho que isso seja prudente.

Aron parou, franzindo a testa.

– Por quê?

– Duvido que a propriedade rural dos Danesti seja fortificada. Se Lada descobrir que vocês estão lá, haverá um massacre.

– Nós podemos contar com seus homens também.

– Não – Radu falou de modo lento e comedido. Não conseguia entender como tão pouca coisa havia sido comunicada. Seria por negligência sua ou da parte deles? – Meus homens estão se preparando para defender a capital. É fundamental mantermos nossa posição no trono para mostrar a toda a Europa quem é o verdadeiro príncipe.

Aron parecia totalmente desconfiado.

– O verdadeiro príncipe?

– Você, claro – esclareceu Radu. – O príncipe coroado será você. Mas, para ser príncipe, é preciso governar a partir da capital.

– Eu não me sentiria seguro por lá.

– A questão não é sentir-se seguro, e sim demonstrar força. Se não pudermos fazer os outros acreditarem que confiamos no seu poder, como convencê-los a confiar em nós e a assumir o nosso lado da causa? Precisamos fingir ter força até conquistarmos o poder de fato. É uma mentira que, com o tempo, vira verdade.

– Você parece ser especialista nesse tipo de coisa – Andrei falou secamente.

E era mesmo. Radu tinha usado do fingimento para conquistar a predileção de Murad. E para se infiltrar no território inimigo no cerco a Constantinopla. E para manter uma amizade duradoura que gostaria que evoluísse para algo mais.

E naquela situação? Radu fingiria que estava tudo em ordem para reconstruir um país que nunca se dera ao trabalho nem de fingir que dava a mínima para o fato de ele estar vivo ou morto.

Aron sacudiu negativamente a cabeça.

– Ainda prefiro comandar tudo da minha propriedade. Você pode dividir seus homens.

– Não vou fazer isso.

Andrei corrigiu sua postura na cadeira, e Aron chegou mais perto. No entanto, era menor que Radu, e sua tentativa de intimidação física não funcionou.

– Estou aqui com o apoio do sultão, certo? Para que ele deixou esses homens, se não vão cumprir minhas ordens?

Radu abriu um sorriso simpático. Era bom ter tanta experiência em fingir, porque, se fosse sincero, daria uma gargalhada na cara de Aron.

– O sultão deixou seus homens aqui para nos proporcionar estabilidade. E os deixou sob meu comando, por isso, vou usá-los como eu achar melhor. O que, no momento, é proteger Tirgoviste e restabelecer a cidade como capital do país.

– Eu sou seu príncipe – Aron falou, erguendo o queixo orgulhosamente.

– Na verdade, você é o príncipe da Valáquia. Eu sou um beí do Império Otomano, e estou aqui fazendo um favor para você. Não lhe devo nenhuma obediência.

Aron e Andrei se entreolharam. Aron parecia alarmado, e Andrei assumiu uma postura mais ameaçadora.

– Queremos dinheiro – Andrei falou. – Sabemos que o sultão deixou fundos aos seus cuidados. Como príncipe, meu irmão tem

direito a determinar o destino dessa verba.

– Esse dinheiro vai ser usado para combater minha irmã.

– E, como príncipe, não é exatamente isso que meu irmão vai fazer? Portanto, é ele quem deve decidir o melhor uso do dinheiro.

– Você precisa entender que é preocupante o fato de que, apesar de ser o príncipe, eu não esteja no controle de todos os homens e de todo o ouro disponíveis – Aron falou, levantando as mãos num gesto pacificador.

Talvez Radu tenha se equivocado ao supor que aqueles dois tivessem superado o espírito competitivo e agressivo da infância. Sempre haviam sido educados com ele em território otomano. Mas, por lá, Radu tinha mais poder do que eles. Uma vez na Valáquia, eles pareciam determinados a provar que eram mais importantes. Era como reviver os jogos de que os três eram obrigados a participar quando crianças na floresta. Só que, dessa vez, Lada não apareceria para castigá-los por bater em Radu.

E, dessa vez, não era necessário.

– Eu entendo – falou Radu. – O sultão teve a generosidade de conceder homens e recursos. Nunca o vi fazer isso com nenhum outro voivoda. Nossos pais com certeza não receberam esse apoio do sultão Murad. Sendo assim, desde que vocês acatem a vontade do sultão se instalando na capital e começando seu reinado em termos de absoluta confiança, podem ter a certeza de uma relação benéfica e de longo prazo com o Império Otomano. E eu posso solicitar que ele perdoe a dívida cujo pagamento a Valáquia deve há anos.

Radu não mencionou o que aconteceria caso Aron decidisse não se satisfazer com a demonstração de generosidade de Mehmed. Mas percebeu, pela mudança da postura agressiva para os sorrisos comedidos, que não precisaria.

– Claro – Aron respondeu. – Queremos o mesmo que o sultão. E tenho certeza que é isso que você vai comunicar a ele.

Radu não tinha a menor intenção de entrar numa disputa política com os irmãos Danesti. Ele *queria* que os dois governassem o país. Mas havia um trabalho a ser feito por ele ali. Independentemente de como se sentisse a respeito da Valáquia, de Lada e de Mehmed, cumpriria sua tarefa da melhor maneira que fosse capaz. Era sua obrigação.

Radu inclinou a cabeça.

– Por favor, me avisem se eu puder fazer alguma coisa para ajudar na sua transição para o castelo. Tudo foi limpo com toda a eficiência. A cidade inteira está liberada e pronta para que a rotina normal seja retomada. Enquanto você estiver se instalando, vou encontrar os boiardos restantes e trazê-los de volta para ajudá-los a restabelecer a

ordem e o antigo sistema de poder. Assim como o sultão, sei que você é o príncipe de que a Valáquia precisa.

Aron assentiu, embora o que Radu propusera fizesse parte do plano desde o início.

– Muito bem. Vou preparar nosso retorno e mandar avisá-lo quando estivermos prontos. – Ele fez uma pausa. – Mas, se é para fingir, vou ter que fazer uma encenação muito melhor. Preciso de roupas novas, mais adequadas ao trono, assim como meu irmão. E vestir nossos criados com o brasão da nossa família. E devem chegar em cavalos novos, claro.

Era como se Aron estivesse estendendo a mão a Radu para pedir ouro. Se concordasse com isso, já seria possível todo tipo de necessidade vital que o novo príncipe viesse a inventar dali por diante. Mas era preciso fazer algum tipo de concessão, e aquilo *de fato* era condizente com a imagem que Radu pretendia projetar. Aron era um sujeito esperto.

Porém, Radu era mais.

– Posso providenciar isso de bom grado. Vai estar tudo à sua espera no castelo para o seu retorno. – Radu fez uma mesura para esconder o sorriso que se insinuava em seus lábios. No fim das contas, ele vinha, sim, sentindo falta dos joguinhos de poder da corte.

*Montes Cárpatos*

APESAR DE QUERER resolver seu assunto com Matyas o mais depressa possível, Lada precisava fazer uma parada no caminho.

– Para onde estamos indo? – Oana quis saber.

– Vamos fazer um pequeno desvio. – Lada guiou-as até uma passagem na montanha que havia sido pacientemente escavada por um córrego. Era um território difícil, sem nenhuma trilha à vista. Mas, pouco depois de se enveredarem por lá, uma mulher saiu do meio das árvores com uma balestra apontada para Lada.

– Príncipe! – a mulher falou, baixando a arma.

Lada acenou para ela com a cabeça. A soldado foi à frente da companhia, alertando as demais mulheres a postos. Lada ficou satisfeita de ver que elas não haviam perdido a disciplina e continuavam de prontidão.

Quando chegaram ao acampamento, estava tudo limpo e em ordem. Havia mais de mil mulheres por lá, incluindo grávidas e senhoras que já haviam passado da idade de lutar. Elas se revezavam no cuidado com as crianças. Havia mais três acampamentos do tipo, mas Lada achava que não existia outro como aquele. As barracas improvisadas se espalhavam entre as árvores, cada uma com um espaço bem demarcado para acender fogueiras na frente. Um grupo de centenas de crianças estava sentado numa campina com mulheres ao redor, apontando e dizendo coisas.

Daciana abriu um sorriso de deleite sincero.

– Lada! Não estávamos esperando sua visita.

– Eu estava passando aqui perto. – Lada desceu da montaria, aproximando-se das crianças para ver o que estavam fazendo. Cada uma segurava um graveto, com o qual remexiam a terra. Era uma brincadeira esquisita.

– Estamos aprendendo a ler e escrever. – Daciana apontou para a mulher mais próxima delas. – Marianos nos ensinam as letras à noite, e, de dia, as ensinamos às crianças. – O rosto de Daciana se iluminou

de orgulho. – Sei o alfabeto inteiro. Estou escrevendo uma carta para Stefan.

Lada estava impressionada, embora não devesse ficar tão surpresa. Claro que as mulheres não ficariam desocupadas, só vendo o tempo passar. As valáquias trabalhavam desde o nascimento até a morte. Mesmo escondidas na montanha, estavam encontrando maneiras de melhorar a vida dos filhos.

– Vamos dar uma volta. – Lada se virou, e Daciana a seguiu.

Sua barriga de grávida estava começando a aparecer, o que a deixava mais parecida com a Daciana que Lada conhecera, feroz e desafiadora, nas terras do boiardo que a engravidara.

Lada olhou para os galhos entrelaçados. Embora a primavera chegasse mais tarde às montanhas, as árvores estavam ganhando corpo. O verde da primavera valia quase tanto quanto ouro. Pequenos brotos preciosos crescendo nas árvores de Lada. Por acaso, em algum outro lugar, a primavera era tão linda? Respirando fundo e sentindo-se fortalecida, ela falou:

– Me conta como estão as coisas por aqui.

– Está tudo bem, na medida do possível. Estamos racionando as provisões e podemos ficar aqui por mais vários meses se for necessário. E complementamos o que temos com caça, apesar de precisarmos ir cada vez mais longe para montar as armadilhas. Mas as mulheres encarregadas são cuidadosas e nunca fizeram contato com ninguém. Como estão as coisas pelo país?

– Tivemos uma chance de vitória. Mas os Basarab me traíram.

Daciana cuspiu no chão.

– Boiardos.

– Pois é. Mas os otomanos foram embora, de qualquer forma.

O sorriso de Daciana em resposta foi afiado e brutal como as estacas de Lada. Ela fora uma das maiores apoiadoras do seu plano para Tirgoviste. Alguns homens fraquejaram diante da ideia de fazer aquilo com os cadáveres. Mas Daciana sabia que era o necessário para sobreviver. E concordara com Lada. Como já estavam mortos, por que não os usar para um objetivo maior?

– Mehmed não gostou das boas-vindas, então.

– Nem um pouco. – Lada deteve o passo, virando-se para Daciana.

– Sabia que Stefan está me abandonando?

Daciana teve a presença de espírito de não fingir surpresa. Ela assentiu, sem revelar nenhum sinal de medo ou lamento.

– A ideia não foi minha.

– Mas você vai com ele.

– Eu seguiria aquele homem até o fim do mundo.

Lada sentiu uma pontada de dor. Nicolae certa vez lhe dissera algo parecido. Agora, ele estava debaixo da terra, e ela vinha perdendo seus amigos um a um. Essa saudade apertou de forma tão repentina que a fez agarrar o pingente que levava no pescoço.

Daciana estendeu a mão para Lada, que não ofereceu a sua. Ela apertou seu ombro, então.

– Vou sentir falta de ser dama de companhia da nobre mais singular que já conheci.

Lada se virou para voltar ao acampamento.

– Não preciso de dama de companhia. Eu vou ficar bem. – Ela apertou o passo para Daciana não conseguir acompanhá-la. Ela havia se preparado para uma briga, ou para sentir raiva, caso a mulher tentasse mentir. Só não esperava ficar tão... triste.

Ela voltou à montaria e foi embora sem se despedir. Oana, que era mais lenta na condução da montaria pelo terreno difícil, tinha acabado de chegar ao acampamento, e deu meia-volta com o cavalo, resmungando.

Lada ainda podia contar com ela. Não precisava de Daciana.

Mas não era a mesma coisa. Daciana era jovem, quase da sua idade. Uma companheira do sexo feminino era algo que nunca tivera antes dela. Nunca se dera conta de que precisava de uma, e que inclusive gostava disso, até sentir sua ausência.

A dor dentro dela estava piorando. Lada encontrava força nos amigos, mas o custo de perdê-los se revelava cada vez mais alto. Como ainda não aprendera essa lição? Levando em conta Radu e Mehmed, isso sem mencionar seu pai, com certeza, seu coração já deveria saber que não podia se afeiçoar às pessoas.

Ela precisava blindar seu coração.

Sem perceber, estava agarrando o pingente de novo, com tanta força que as pontas espetaram a sua mão. Pela Valáquia, Lada precisava se manter íntegra e plena. Dedicada e lúcida. Ninguém poderia partir seu coração caso dentro dele só houvesse espaço para seu país.



Ao contrário do que acontecera durante a visita anterior de Lada a Hunedoara, onde tinha sido considerada insignificante, quando não estava sendo ridicularizada, dessa vez, trataram-na com respeito. Um dos principais conselheiros de Matyas foi encontrá-la na entrada da cidade, e fez uma mesura para ela como faria com qualquer príncipe. Não haveria vestidos para ela dessa vez, nem a necessidade de fingir ser o que não era. Lada entrou na cidade como uma igual.

– Seus homens podem ficar no quartel – o conselheiro disse

enquanto a acompanhava até o castelo.

Da outra vez, seus homens precisaram dormir ao relento. Lada cavalgava de cabeça erguida e costas eretas ao atravessar a ponte e os portões que lhe haviam parecido tão sufocantes no ano anterior. Agora, o castelo se mostrava um lugar promissor.

– Vocês – Lada falou, selecionando vinte de seus soldados –, cuidem dos cavalos e preparem os leitos.

Os outros dez permaneceriam com ela, assim como Oana, cujas lições sobre aparências não foram completamente ignoradas. Lada precisava causar boa impressão. Felizmente, irradiar poder e autoridade era bem mais natural para ela do que circular por um salão com um vestido apertado.

Erguendo o queixo, cheia de orgulho, Lada voltou ao castelo não como uma desterrada, mas como príncipe. E que conquistara seu próprio trono, por sinal.

Matyas, bonito e astuto como em suas lembranças, ficou de pé quando ela entrou na sala do trono. Ele não a abraçou, o que seria inapropriado e francamente indesejado, mas sorriu e inclinou a cabeça de forma respeitosa. Ela fez o mesmo, como cabia à posição de cada um.

– Você me surpreendeu – ele falou, observando-a.

– Isso é porque você não me conhece. Se conhecesse, não se surpreenderia com nada do que faço.

Matyas deu risada e fez um sinal para um criado. O vinho foi trazido numa bandeja. Lada apanhou um cálice e o ergueu quando Matyas fez o mesmo. Ele continuava a olhando enquanto bebia, com a testa franzida, pensativo.

– Agora entendo por que meu pai passava tanto tempo com você. Fiquei com um pouco de ciúme, sabe? Não conseguia entender por que você ganhava tanta atenção se eu mal conseguia que ele me olhasse.

– Seu pai fazia o que achava ser melhor para você. E deu certo. – Lada fez um gesto para a sala ao seu redor. – Você é o rei.

Ela ergueu a taça para a coroa, mas se interrompeu no meio do gesto. A coroa. Aquela pela qual ele não tinha como pagar. Lada baixou o cálice, sentindo a desconfiança começar a se instalar como uma brisa fria no recinto. Ele usava um colete com forro de pele e um colarinho alto que cobria o pescoço. Os cabelos escuros eram curtos e crespos, e a barba, bem aparada. Tinha a mesma aparência de quando o vira pela última vez. A coroa não mudara nada. E, ao mesmo tempo, transformara tudo.

Matyas se recostou no trono, inclinando a cabeça para o lado.

– Você é mesmo uma criatura notável. Ainda não acredito no que foi capaz de conquistar.

Lada estendeu a taça para que um criado a levasse embora, tentando afastar o mau pressentimento. Era só uma coroa. Ele provavelmente iria convencer a Polônia a devolvê-la. Ela não podia se arriscar a perder o apoio de Matyas. Precisava transformar aquela recém-conquistada estima em ações concretas. Lada limpou a garganta.

– Agora, imagine o que vamos conquistar juntos. Pela Europa. Pelo cristianismo. Pelos nossos povos.

– Pois é. – Ele sorriu. – Eu não me esqueci do serviço que você me prestou da última vez. E, por favor, saiba que sou grato pelo que está me proporcionando agora. E aceite minhas desculpas de antemão.

Matyas fez um sinal. Dezenas de soldados entraram correndo na sala do trono, logo dominando e matando os dela. Lada sacou a espada emitindo um grito de raiva, mas já havia gente demais entre ela e Matyas. Ela matou dois, e, depois, um terceiro e um quarto, antes de ser jogada no chão, com o rosto comprimido contra o piso, e amarrada com as mãos nas costas. Dava para ouvir Oana praguejando em valáquio, mas nenhum de seus homens levantou a voz. Não havia sobrado nenhum vivo para isso.

A voz de Matyas se ergueu dentro da sala, reverberando do chão, contra o qual Lada estava imobilizada, ao teto, que, naquele momento, ela não conseguia ver.

– Você me ajudou a conseguir o trono, e agora está me ajudando a mantê-lo. Uma troca simples: sua liberdade pela minha segurança. Sei que deve achar que não, mas me sinto grato de verdade. – Enquanto era arrastada, ela ainda o viu pela última vez com um sorriso no rosto e a taça erguida num brinde.

*Tirgoviste*

RADU MAIS UMA vez se viu escondido dentro do castelo.

Essa tinha sido sua principal ocupação durante a infância. Na época, escondia-se de Mircea, seu irmão mais velho, e, por certo período, dos mesmos homens que queria evitar naquele momento. Mas, naqueles tempos, eles eram meninos, e pretendiam lhe fazer mal.

Naquele dia, queriam dinheiro. A cada oportunidade, pressionavam pedindo mais. Radu precisava se esforçar para continuar tratando-os com civilidade e educação. Tinha ficado no país para ajudá-los, o que estava se tornando cada vez mais difícil.

Ele fazia o melhor que podia para se tornar impossível de localizar. Não dormia no castelo e alternava entre várias residências sob o pretexto de querer garantir que a manutenção de todas as construções estivesse em dia para quando os boiardos voltassem. Muitas vezes, saía em patrulha com Kiril e Simion, e passava o máximo de tempo possível fora das muralhas.

Mas um desentendimento entre seus janízaros e os homens de Aron o obrigou a voltar. Os soldados sob o comando de Aron alegavam que todos os cavalos alojados nos estábulos do castelo pertenciam necessariamente ao príncipe. Os janízaros não tinham a mesma inclinação de Radu para a civilidade e a educação.

Depois de comunicar de maneira firme aos homens de Aron que o sultão não aceitaria que seus cavalos fossem roubados – e, depois, acertando com Simion a transferência dos cavalos para fora do castelo, onde pareciam representar uma tentação grande demais –, Radu foi até a muralha tomar um fôlego. Ele se inclinou sobre a amurada, observando a cidade ainda vazia.

Uma comitiva montada que vinha em direção ao castelo chamou sua atenção. Radu não sabia quem poderia ter chegado tão cedo. Com certeza, os boiardos esperariam até que tudo estivesse em segurança, mesmo depois de receberem o convite de Radu. Foi quando percebeu que os guardas usavam roupas em estilo otomano. Um deles, que

cavalgava mais atrás, pareceu profundamente familiar para Radu, embora, à distância, não fosse possível identificar por quê.

Ao centro, iam duas mulheres. Uma vestida apenas com uma túnica azul-escura, e a outra, como uma flor da primavera.

Como a presença fantasmal de seu pai, uma blasfêmia valáquia escapou de seus lábios.

– Pelas chagas divinas – ele murmurou. Nazira não devia ter recebido seu aviso para não vir!

A rota pela qual vieram devia ter passado pelas covas recém-cobertas. Radu fez uma careta, pensando nas milhares de estacas empilhadas nas laterais da estrada, onde estavam até que decidissem se iriam queimá-las ou usá-las como uma fortificação extra ao redor da cidade. A primeira opção era mais respeitosa com os mortos, e a segunda, mais prática. Radu detestava ter que tomar esse tipo de decisão.

Mas, pelo menos, sentia-se grato por Nazira não ter chegado em meio aos sepultamentos. Era impossível imaginar o efeito que a cidade como se encontrava exerceria sobre ela. Ou sobre a doce e delicada Fatima. Elas não deveriam estar ali.

Ele correu pela muralha, quase esbarrando em Aron.

– Estava procurando você. Eu gostaria de...

Radu levantou as mãos.

– Me desculpa, não posso. Minha esposa acabou de chegar.

Aron mal conseguia esconder sua irritação, apesar das palavras gentis.

– Ah, claro! Vá falar com ela e garantir seu conforto primeiro. Eu posso esperar. Mas gostaria de um relatório detalhado dos trabalhos que estão sendo feitos para fortificar a cidade e encontrar sua irmã.

Radu não tinha tempo nem vontade de fingir que pretendia incluir Aron nas questões militares que se desenrolavam ao seu redor. Mas, se o país seria governado pelo boiardo, ele precisaria assumir o controle em algum momento.

– Sim, claro. – Radu inclinou a cabeça de forma respeitosa antes de sair correndo.

Ele chegou ao portão ao mesmo tempo que os cavalos, e quase foi derrubado pelo borrão vestido de seda amarela que se arremessou sobre ele.

– Radu! – Nazira o abraçou com força pelo pescoço. – Que bom encontrar você bem. Não ouvimos relatos muito positivos das batalhas. Precisamos esperar duas semanas a mais na margem do Danúbio antes de nos deixarem prosseguir. Passamos por um exército inteiro pegando o caminho de volta! Hamza Paxá falou que você ficou

para ajudar.

Radu apertou-a pelas costas, puxando-a mais para perto, antes de se afastar para poder olhá-la. Ele se perguntou o que mais Hamza Paxá teria dito a Nazira, e torceu para que o homem tivesse demonstrado a decência de não tocar no nome de Kumal.

– Por que vocês vieram mesmo assim? Deveriam ter voltado com eles!

Nazira franziu os lábios, contrariada.

– Já falei, meu marido. Nós não vamos nos separar de novo. Somos uma família.

Fatima desceu da montaria com elegância, sorrindo para Radu e baixando a cabeça.

– Não foi uma viagem tão ruim assim. – Ela mentia muito mal, e seu esforço para amenizar o mal-estar de Radu só o fez querer ainda mais que Fatima não estivesse ali. Ela merecia viver com conforto e paz.

– Além disso – continuou Nazira –, eu sempre quis conhecer o lugar de onde você veio. – Ela sorriu, com uma expressão de generosidade obviamente falsa. – É lindo!

Radu deu risada.

– Está arruinado. Lada não deixou nada intacto. Mas, algum dia, vamos fazer uma viagem para o interior do país. Snagov é uma beleza, um mosteiro numa ilhazinha no meio de um lago imenso. E as montanhas ao redor do Arges são de tirar o fôlego. – Ele se virou para o castelo, inseguro. – Tem certeza de que não querem voltar para Edirne enquanto termino meu trabalho por aqui?

– Eu tenho certeza.

– Nós temos certeza – Fatima acrescentou.

Radu suspirou.

– Muito bem. Vocês gostariam de fazer meu trabalho, então, para eu poder voltar a Edirne agora mesmo?

Nazira deu risada, mas seu riso pareceu mais silencioso e forçado que o habitual. Em seguida, seu rosto ficou bem sério.

– E meu irmão? Você encontrou o corpo dele?

Radu baixou os olhos para o chão.

– Ele foi sepultado com todo o amor e respeito que merecia. Eu lavei e vesti o corpo pessoalmente, e acompanhei o enterro. Posso levá-la ao túmulo dele mais tarde.

– Obrigada.

– Eu lamento demais que...

Nazira pôs a mão em seu rosto, forçando-o a encará-la.

– Não vou mais aceitar desculpas suas por esse fato. Só o que peço

é o seu luto pelo irmão que nós dois amávamos. E sem culpa. Não consigo suportar a sua culpa além da minha tristeza.

Radu assentiu, sentindo-se egoísta. Aquilo era mesmo um fardo sobre as costas de Nazira. Se ela não o culpava, ele não tinha direito de exigir perdão.

– Ótimo. – Ela o acariciou como se estivesse limpando os últimos resquícios de culpa de Radu. Depois, sua voz assumiu um som estranhamente alto levando em conta o assunto: – Vou me instalar nos meus aposentos com Fatima. Por favor, me encontre sozinho na torre norte daqui a uma hora.

Radu franziu a testa, perplexo.

– Eu não estou hospedado no castelo.

– Bom, isso precisa ser mudado. Você vai precisar da nossa ajuda, assim como os irmãos Danesti. Vamos ficar aqui a partir de agora.

Radu não podia discutir a situação de forma sincera em público. Mas tê-la por perto seria um excelente anteparo entre ele e as exigências dos Danesti. Nazira provavelmente teria ideias sobre como lidar com isso também.

– Como quiserem. Posso mostrar para vocês onde...

– Fatima e eu podemos muito bem nos instalar sozinhas. Você deve ter coisas mais importantes para fazer. Só me encontre *naquela* torre em uma hora. – Ela apontou para o local onde, quando crianças, Lada e Radu viram Hunyadi entrar na cidade.

Radu assentiu.

– Às suas ordens.

Nazira ficou na ponta dos pés e deu um tapinha de leve no turbante dele. Os olhos dela brilhavam de emoção. Ela sorriu, embora parecesse à beira das lágrimas.

– Você merece toda a felicidade do mundo – ela murmurou antes de se virar e entrar no castelo com Fatima.

Radu definitivamente não entendia as mulheres.



Ele usou o tempo que Nazira lhe concedera para encontrar Aron e surpreendê-lo com um relato dos planos em andamento, falando inclusive dos grupos de batedores espalhados pela montanha.

– Desculpe, mas não tenho muito tempo para conversar – disse Radu, apesar de não lamentar nem um pouco o fato. – Preciso encontrar minha esposa. Ela fez uma longa viagem até aqui.

– Sim, claro. Você vai se juntar a nós para o jantar? Seria bom ter alguém para conversar além de Andrei. E Nazira é muito mais agradável aos olhos que ele.

– Mesmo correndo o risco de ofender seu irmão, eu aceito. Pre-

cisamos começar a planejar alianças matrimoniais para você. Vou escrever para Mara Brankovic pedindo sugestões sobre a melhor maneira de usar esse fator para fortalecer seu poder.

– Sim, acho que esse é o próximo passo mesmo. Vai ser bom ter companhia também. Tinha me esquecido de como esse castelo pode ser um lugar solitário – disse Aron, com olhos tristes por cima das manchas escuras, que jamais desapareciam.

Parte do ressentimento de Radu se desfez numa pontada de solidariedade.

– Acho que nossa infância tinha mais em comum do que imaginávamos na época – Radu respondeu.

Aron assentiu, alisando a parte de frente de seu novo colete de veludo.

– Talvez seu primo Estêvão da Moldávia tenha alguma parente próxima.

Era uma boa ideia. Estêvão mantinha uma política agressiva na fronteira, e uma aliança matrimonial poderia ajudar a amenizar as coisas.

– Vou me debruçar sobre esse assunto imediatamente. – Quanto antes as coisas se resolvessem por lá, mais cedo Radu poderia ir embora.

Ele se despediu e atravessou o castelo para subir à torre. Chegou um pouco cedo demais. Um dos guardas de Nazira estava inclinado sobre o parapeito, olhando para fora, de costas para Radu. Ele não sabia por que Nazira queria um encontro a sós. Mas esperaria até a chegada dela para dispensar o homem. Ele fechou a porta atrás de si de forma ruidosa, para não o assustar.

– Infelizmente, a vista é bem desoladora no momento – Radu falou, com o maior ânimo de que era capaz. O homem estava voltado para os túmulos. Milhares de manchas escuras de terra recém-revirada, formando um padrão semelhante ao de um terreno cultivado com o pior dos plantios. – Já alimentaram você lá nos...

As palavras de Radu ficaram presas na garganta quando o homem se virou, revirando olhos cinzentos como as águas do Grande Chifre de Constantinopla.

– Cipriano – ele murmurou.

Cipriano estendeu as mãos num gesto tenso. Seu sorriso era forçado, nada parecido com os que mostrava para Radu quando ele achava que não havia espaço em seu coração para ninguém além de Mehmed.

– Eu estou desarmado.

– Eu... – Radu sacudiu a cabeça. Jamais esperaria que Cipriano

estivesse lá para atacá-lo, embora aquele homem tivesse todos os motivos para odiá-lo, para querer sua morte.

Os olhos de Cipriano passaram pelo rosto de Radu, que não sabia como reagir. Todas as expressões faciais e posturas que lhe vinham tão naturalmente pareceram inacessíveis ao seu corpo. Estava congelado sob aquele olhar.

Cipriano apontou com o queixo para o turbante de Radu.

– Combina com você. – Ele ergueu os dedos para o que ele próprio levava na cabeça. – Ainda não me acostumei com o meu.

– Você... Você veio com Nazira.

O homem que ele reconheceu na retaguarda da comitiva. Radu não prestara atenção à escolta de Nazira quando fora recebê-la porque foi tomado pela emoção de revê-la. Era por isso que ela passara as coordenadas do encontro num tom de voz tão exagerado. Não eram para Radu. Eram para Cipriano.

– Voltei para Constantinopla primeiro – Cipriano contou. – Não vou mentir: ver a cidade transformada me doeu no coração. Mas você tinha razão. Mehmed fez coisas extraordinárias por lá em pouquíssimo tempo. Voltou a ser um lugar vibrante e cheio de vida como eu nunca imaginava. Ele renovou a antiga vitalidade da capital. Mas isso só explica sua confiança em Mehmed. Eu queria entender *você*, e de onde veio. – Ele se virou e apontou para a paisagem, marcada pela violência de vinte mil homens profanados. – Isso explica muita coisa.

Radu ainda estava em choque, sem saber o que dizer, ou como se expressar.

– Agora, entendo um pouco do motivo por que os otomanos foram a sua salvação. Do motivo do seu amor por eles. É o mesmo pelo qual eu amava meu tio. Ele me afastou da crueldade e me deu uma posição, um propósito.

Radu não conseguia mais suportar a visão de Cipriano. Se a distância e a consciência de que jamais voltariam a ficar juntos o machucavam, estar diante dele, sabendo que jamais voltariam a ficar juntos, era um sofrimento talvez impossível de superar. Ele levantou os olhos para o céu azul e sem nuvens.

– Me desculpa. De verdade. Jamais vou conseguir...

Cipriano o interrompeu:

– Eu refleti muito sobre tudo. Não pensei em quase mais nada, para ser bem sincero. E tive muito tempo para pensar enquanto estava ferido, sendo cuidado por nossa querida Nazira. E três detalhes apareciam sempre nos meus pensamentos. Primeiro: você não me traiu nem traiu minha confiança nenhuma vez. Teve diversas chances de me usar contra a cidade, mas nunca fez isso. Segundo: você salvou meus

dois priminhos, mesmo sem ser obrigado. Eu vi os dois na cidade. Não falei com eles, mas vi que estão vivos e felizes. E não teriam sobrevivido se você não tivesse voltado para ajudá-los. Terceiro: você teve todas as oportunidades do mundo para assassinar meu tio, e preferiu não fazê-lo.

– Eu pensei em fazer – Radu sussurrou.

– Mas não conseguiu.

– Não.

– Porque é um homem bom.

– Como pode dizer isso, depois de tudo o que eu fiz? – Radu enfim encarou Cipriano, observando aquele rosto à procura de algum sinal de desonestidade. Porque não era *possível* que Cipriano sentisse por ele alguma coisa além de ódio.

– Nós estávamos em lados opostos. Eu faria a mesma coisa naquelas circunstâncias. E, de fato, *fiz*, fui para Edirne com o único propósito de me aproximar de você para conseguir informações. Mas esses lados opostos não existem mais. – Cipriano deu um passo à frente, diminuindo a distância entre eles. Radu poderia até tocá-lo, caso fosse capaz de mover a mão. Se não estivesse paralisado e apavorado com o próprio desejo.

– Eu disse isso para você uma vez – Cipriano falou. – Lembra?

– Eu me lembro de todos os momentos que passamos juntos.

– Eu disse – Cipriano continuou, com um sorriso tímido e tão cheio de esperança que era fisicamente doloroso de testemunhar – que perdoaria você. E estava falando sério.

Radu soltou um suspiro que parecia um soluço. Não podia ser verdade. Era uma bênção grande demais, uma misericórdia exagerada. Ele jamais imaginara uma coisa assim acontecendo em sua vida cruel e implacável. Nem sabia que era possível. Radu levantou uma mão trêmula – ainda esperando que Cipriano se afastasse – e a colocou no rosto do amigo. Cipriano também ergueu a sua, cobrindo a de Radu e entrelaçando os dedos com os dele.

– Eu estava falando sério – ele murmurou.

Radu se inclinou para a frente e Cipriano o encontrou na metade do caminho. Seus lábios se tocaram num movimento tão familiar quanto sagrado, como o poder restaurador de uma oração.

*Hunedoara*

— PENSEI QUE ela fosse ser mantida numa casa – um homem com cara de nabo falou, espiando a cela escura e úmida de Lada. A porta era de madeira maciça com uma janelinha pequena demais para permitir sua passagem e alta demais para proporcionar o alcance da fechadura do outro lado. Uma janela com grades ficava na parte superior da parede diante da porta. Havia um leito baixo com colchão de palha e uma manta, e, embaixo, um penico muito usado e pouquíssimas vezes limpo.

– Ela vai – disse outro guarda, que estava fora das vistas. – Mas precisa de um tempinho para se acalmar primeiro. Ela matou quatro guardas.

– Quatro?

Lada viu o primeiro homem fazer uma expressão de que um nabo jamais seria capaz. Ela não sorriu. Não interrompeu o contato visual. Ele desviou os olhos primeiro, ajeitando o colarinho.

Um terceiro homem afastou os outros dois e apareceu trazendo uma bandeja metálica com uma tigela de mingau.

– Sei que você prefere fazer suas refeições na companhia dos mortos. – Ele se aproximou da abertura. – Vi as gravuras com meus próprios olhos. Nada de carne humana hoje. – O homem apontou com o queixo para a porta. – Para trás.

Lada não se moveu.

– Saia de perto da porta!

Lada continuou imóvel.

Ele deu de ombros, virou a tigela de lado e a jogou pelo buraco, fazendo-a cair ruidosamente no chão de pedra, espalhando seu conteúdo pelo piso.

– Da próxima vez, posso trazer alguma coisa que seja mais do seu gosto.

Com um sorriso de olhos gelados, ele se retirou. Os outros dois voltaram a se acomodar junto às cadeiras encostadas à parede.

Lada continuou parada diante da porta, encarando-os.

Horas depois, ela estava com os pés doendo, mas com as costas ainda eretas, e alguém que ela jamais esperava ver numa prisão em Hunedoara apareceu.

– Olá, Lada. – Mara Brankovic sorriu com uma formalidade insossa, como se o estivesse fazendo num compromisso social qualquer.

– O que você... – Lada respirou fundo, segurando-se para não demonstrar nenhuma emoção. – Mehmed comprou Matyas.

– Não saiu barato, esse rei substituto. – Mara franziu o nariz. Se era por aversão a Matyas ou ao cheiro de urina e desespero que pairava no ar da prisão, Lada não sabia. – Eu lamento muito. Você sempre fez questão de escolher o caminho mais difícil. Pense como sua vida seria diferente se tivesse se casado com Mehmed, como sugeri muito tempo atrás.

– Você não é casada e está aqui como uma mulher livre, enquanto eu sou prisioneira – Lada rebateu.

– E isso me custou muitos anos e muitos sacrifícios. Mas fiz tudo de uma forma aceitável. Eu não queria ver você assim. Acredite ou não, espero sinceramente que isso signifique o começo de um novo caminho para você. Um que não termine com a sua morte.

– Todos os caminhos que eu tomar vão envolver uma quantidade imensa de mortes.

Mara arqueou uma de suas elegantes sobancelhas.

– A culpa por isso é toda sua, então.

– Eu posso muito bem culpar você. E Mehmed. E meu irmão. E Matyas.

– Seja como for, você teve oportunidades. Não precisava terminar assim. E não precisa. – Mara se inclinou para a frente. – Matyas não pode mandar matá-la. Você ainda é bem-vista na Europa por causa do seu sucesso contra Mehmed e sua disposição para lutar. Ele está mantendo sua prisão em segredo, então ninguém vai vir ajudar você. Só Mehmed sabe que está aqui. Não posso contar nem para o seu irmão. Quanto à Valáquia, para os habitantes de lá, você desapareceu nas montanhas e os abandonou. Matyas vai mantê-la presa por quanto tempo achar necessário. Faça sua parte, se comporte e pelo menos finja resignação, e, assim, poderá conseguir um casamento vantajoso que a tire daqui. Não com a nobreza moldava, porque isso vai ser visto como ameaça. Sua chance de se casar com alguém *importante* da Transilvânia é mínima. Imagino que não queira saber de húngaros. Posso fazer sondagens na nobreza sérvia, se for o caso.

– É isso que Mehmed quer para mim? – Lada questionou, incrédula.

– Não, sua menina tonta. É o que *eu* quero para você. Me entristece ver você trancafiada. É bem jovem. Tem uma vida inteira pela frente. Não desperdice seu tempo assim. Colabore, arrume um marido. E, depois, use isso para conseguir mais poder. Vou embora hoje à tarde, mas vou começar a procurar candidatos e sugerir para Matyas que um casamento arranjado para você é a melhor coisa que pode fazer. Mas você precisa colaborar. – Mara passou um embrulho bem apertado pela abertura da porta. Lada o apanhou, sentindo seu peso.

– Não são armas – ela disse, decepcionada.

– É um vestido, o que pode ser um tipo de arma sutil, se aprender a usar.

Lada jogou o pacote de lado.

– Eu nunca fui boa com sutilezas.

– Espero que mude de ideia. E, por favor, saiba que só desejo o melhor para você.

Lada arregalou seus grandes olhos, inclinou a cabeça e sorriu.

– Entre aqui para eu dar um abraço em você e agradecer a gentileza.

Mara deu um passo para trás, sacudindo a cabeça.

– Pois é, realmente precisa aprimorar sua capacidade de fingir. Não tenho interesse em virar refém de ninguém. Até mais ver, Lada. Boa sorte.

Mara desapareceu, e Lada ficou olhando para o espaço vazio que a mulher ocupara de forma tão plena. Não foram poucas as vezes em que imaginou o que seria capaz de fazer se dispusesse dos recursos de Mehmed. O dinheiro e o território, claro, mas, principalmente, mentes afiadas e implacáveis como as de Mara ao seu dispor. Mehmed não a merecia.

Assim como homem nenhum, como Mara bem sabia. Apesar de tudo, seu conselho para Lada era se casar. Seria mesmo possível que no fim tudo se resumisse a isso?



Matyas esperou um dia inteiro se passar antes de ir vê-la.

– Por que você não se trocou? – ele questionou, olhando para a túnica imunda e manchada de sangue de Lada por cima da cota de malha. O vestido que Mara trouxera continuava no chão, em cima do mingau derrubado no piso.

Lada não respondeu. Dormira algumas poucas horas e se alimentara apenas da própria raiva. A trama de poder que ela tecera ao longo de tantos anos, colecionando fio por fio ao longo do caminho, mais uma vez era desmanchada por um homem. Um *idiota*. Ele pagaria caro.

– Não posso deixar você nesse estado. Vai pegar um resfriado usando cota de malha aqui.

Lada não se moveu nem alterou sua expressão. Continuou a encarar Matyas com os olhos semicerrados.

Ele remexeu os ombros, como se tentasse se desfazer de um peso invisível.

– Já parou para pensar que estou fazendo isso para seu próprio benefício? Tem muita gente que quer você morta, principiezinha – Matyas proferiu a última palavra em tom de deboche. – Você está mais segura aqui do que na Valáquia. Considere isso como minha retribuição à linhagem dos Dracul. Meu pai matou seu pai. Eu estou mantendo você viva. – Ele esperou. Pelo quê, Lada não fazia ideia. Gratidão? Pena? Ele não arrancaria nada dela.

– Troque de roupa! – ele rosnou. – Preparei uma casa para você, mas é um desrespeito à minha hospitalidade que você fique parecendo um animal.

Lada enfim permitiu que um esboço de sorriso interrompesse a impavidez de sua expressão. Mas, ainda assim, não respondeu.

– Guardas! – gritou Matyas. Ele se virou para Lada. – Se não aceita minha generosidade por bem, nós podemos ajudar.

Matyas saiu de seu campo de visão. A fechadura estalou, e a barra que prendia a porta foi retirada. Os guardas estavam prontos para a luta quando se aproximaram dela.

Só que Lada estava mais pronta. Passou por baixo do primeiro e chutou o joelho do segundo, o que provocou um estalo. O terceiro a segurou pelo pulso, mas ela o contorceu e deu uma cotovelada no nariz do homem. Estava quase saindo quando a porta foi batida. A fechadura estalou de novo.

– Agora você não pode sair. – O primeiro guarda, o que tinha cara de nabo, estendeu os braços como se esperasse que ela fosse correr para o outro canto da cela.

Lada escancarou os dentes para ele.

– Você também não.

Uma expressão de incerteza se mostrou no rosto dele. Logo em seguida, Lada avançou, derrubando-o no chão de pedra. Ele a segurou entre os braços, puxando-a para baixo enquanto ela tentava imobilizá-lo. Os rostos dos dois se chocaram um contra o outro. Lada abriu a boca e o mordeu com força no pescoço. O homem gritou, e ela sentiu sua boca se encher de sangue.

Com um golpe por trás, Lada foi arremessada no chão, batendo com força a testa no piso de pedra. Um joelho se apoiou em suas costas, e ela foi puxada pelos cabelos. Sua cabeça foi batida mais duas

vezes contra a pedra. Uma explosão de luz dominou sua visão, e agora ela já não sabia quanto do sangue em sua boca não era seu.

– Sua cadelinha idiota – o guarda em cima dela resmungou, ofegante. Ele a virou de lado para agarrá-la pelas roupas. Lada apoiou as palmas das mãos no piso e empurrou o corpo para cima com todas as forças, desequilibrando-o. Ele foi ao chão. Ela se levantou e o pisoteou com toda a sua força.

A traqueia do homem entrou em colapso sob seu pé. Quando ele levou as mãos à garganta, desesperado por um ar que jamais chegaria a seus pulmões, ela se voltou para os homens restantes.

A julgar pela quantidade de sangue no chão, escorrendo do pescoço do guarda com cara de nabo, só restava um homem ainda em condições de lutar. Estava encolhido contra a parede, equilibrando-se numa perna só por causa do joelho ferido, batendo na porta.

– Por favor! Me deixem sair, por favor!

Lada olhou pela janelinha da porta. Matyas a encarava do outro lado, perplexo.

– Se parar de se comportar como uma selvagem, posso *ajudar* você – ele falou.

Havia anos que Lada não matava um homem desarmada. Sua cabeça estava zonza por causa dos ataques, e ela cuspiu. Não gostava daquele sabor na boca. E não gostava de corpos no chão. Por que a obrigavam a fazer aquilo?

– Eu já vi qual é seu tipo de ajuda. E não preciso mais dela. Mas ele, sim. Abra a porta.

Matyas virou a cabeça.

– Tragam mais homens! – ele gritou.

– Eles não vão chegar a tempo. – Lada cuspiu sangue de novo. O homem próximo da porta começou a choramingar. Matyas não obedeceu à sua ordem de abrir a porta. Ela não podia demonstrar fraqueza. Era preciso cavar fundo dentro de si, ir além do instinto animal que a impulsionara a matar os outros guardas. Aquela morte seria uma questão de escolha.

Mas, para ela, não havia outra. Lada faria o que fosse preciso, como sempre.

Como um covarde que era, Matyas desviou o olhar quando Lada quebrou o outro joelho do soldado e, então, seu pescoço.



Lada sabia o que Mara aconselharia. O que Radu falaria. O que Nicolae sugeriria. O que Daciana diria.

Faça seu papel. Obedeça. Sobreviva.

Mas ela era príncipe. Tinha seus próprios métodos de

sobrevivência. Abrira caminho ao longo dos anos em meio a corpos para isso. Havia na Europa quem ainda acreditasse nela, e gente na Valáquia que jamais a deixaria na mão.

Ela era príncipe. Não tinha como ser nenhuma outra coisa. E jamais daria a Matyas a satisfação de pensar que a derrotara.

Uma hora depois, a tentativa seguinte de fazê-la pôr o vestido envolveu dez homens. Lada não tinha chance, e sabia. Mas produziu o máximo de estrago possível. Depois que tiraram sua cota de malha, deixando-a apenas com a roupa de baixo, eles a chutaram e a arremessaram em um canto. Em seguida, tiraram os três cadáveres e saíram correndo da cela. Isso, pelo menos, foi gratificante.

Ficando em pé com cuidado para não mostrar o quanto fora ferida durante os dois ataques, Lada aproximou-se da porta.

– Pelo menos, agora você parece uma mulher – Matyas falou.

– Mas você ainda não se parece nem um pouco com um rei. – Ela sorriu, mostrando os dentes ensanguentados e o rosto coberto de ferimentos, até fazê-lo se virar com um tremor mal disfarçado e ir embora.

Apenas quando a noite caiu e escureceu ela enfim desabou sobre o leito, se encolheu toda e deixou desabar sobre si tudo o que havia perdido.

*Tirgoviste*

CUMPRINDO O PROMETIDO, Nazira não só arrumou um quarto para ela e Fatima como instalou Radu no cômodo ao lado. Ele estava agarrado a Cipriano na escuridão. Pensara que jamais seria feliz naquele castelo.

Estava enganado.

Ele apoiou a testa contra a de Cipriano, deliciando-se com o hálito quente do outro homem no rosto. Isso significava que tudo era real. Radu precisava de todas as provas que conseguisse obter.

Estavam deitados em sua cama, com braços e pernas entrelaçados. As botas e os turbantes descartados foram deixados pelo chão. Radu segurou a camisa de Cipriano, puxando-o para mais perto.

– Nem acredito que você está mesmo aqui.

Cipriano deu uma risada, que soou suave e íntima como a escuridão que os envolvia.

– Você não faz ideia de quanto tempo faz que quero isso.

– Que tal... me contar?

Radu sentiu a gargalhada reverberar no peito de Cipriano, e pôs a mão no peito dele para sentir os batimentos daquele coração que agora também era seu.

– Você sabe que eu quis saber desde a primeira vez em que a gente se viu.

– Eu me lembro disso também. Você me causou uma tremenda impressão quando eu pensei que não tinha olhos para ninguém, mas...

Radu se interrompeu. Ainda havia pontos sensíveis em sua história que era preciso tocar com cuidado. Coisas terríveis aconteceram, o que só fazia o milagre daquela ligação entre os dois parecer ainda mais precioso e sagrado.

– Foi o meu sorriso, certo? – Cipriano esfregou o rosto contra o de Radu, que sentiu aquele sorriso junto a si.

– Não, nisso eu reparei só na segunda vez. Na primeira vez, foram os seus olhos.

– Hummm – Cipriano resmungou. – Não foram os seus olhos que me atraíram.

– E o que foi?

– Não sei se já te falaram, mas você é muito bonito.

Foi a vez de Radu dar risada, mas de um jeito meio tímido.

– Já ouvi isso algumas vezes. Só que o termo mais usado é “Radu, o Belo”.

– Radu, *cel Frumos* – Cipriano murmurou, usando a expressão em valáquio.

Seu próprio idioma nunca tinha lhe soado tão lindo. Até o nome que era usado como uma espécie de provocação parecia algo novo e puro na boca de Cipriano. Isso lhe dava esperança de que o passado não iria atormentá-lo para sempre. Ele não tinha feito ou vivido nada de que não seria capaz de se recuperar, não com Cipriano ao seu lado.

– É um alívio poder encostar em você – Cipriano falou, roçando os lábios no pescoço de Radu, cuja pulsação se acelerou para dar conta das emoções que sentia.

Ele imaginara como seria a sensação, mas não conseguiu chegar nem perto. Seu corpo inteiro parecia vivo de um modo que antes só era possível no campo de batalha. Mas, em vez de sentir-se como se não estivesse ali de verdade e apenas reagir ao que acontecia, sentia-se completamente conectado consigo mesmo. Cada toque e cada movimento era deliberado.

– Não foi fácil, em Constantinopla, tentar esconder o efeito que você tinha sobre mim – Radu comentou. – E tentar desesperadamente não sentir esse efeito.

Cipriano deu risada.

– Ainda bem que você sofreu também! Sabe quantas vezes eu tentei arrancar uma reação de você?

– Aquela noite na forja...

Cipriano passou a mão na cintura de Radu, deixando-a pousar sobre o osso do quadril.

– Eu teria pulado em cima da mesa ao menor sinal seu.

– Eu fiquei do outro lado da mesa por uma razão! Estava tentando muito não me apaixonar por você!

Cipriano assentiu, com o rosto ainda apoiado no pescoço de Radu.

– Era uma situação inviável.

Algum dia, eles conversariam melhor. Afinal, teriam tempo. No momento, só precisavam daquela proximidade.

– Eu sempre tive medo de que *isto* fosse uma situação inviável – Radu falou, beijando a testa de Cipriano.

Cipriano se afastou um pouco, segurando o rosto de Radu entre as

mãos e tentando sondá-lo no escuro. Não era possível ver com clareza a expressão de ambos, mas Cipriano parecia preocupado.

– E é? Para você? O cristianismo ortodoxo é minha religião assim como meu pai é meu pai. De uma forma distante, e só por uma questão de nascença. Em Constantinopla, eu vi mais de perto do que deveria o que acontece quando as pessoas saem brandindo a vontade de Deus como uma arma. Mas, no islã, nós podemos... você pode...?

Radu sorriu. Já tinha sofrido o suficiente por causa desse assunto.

– Acredito que Deus é misericordioso e de uma grandeza além da nossa compreensão. E Nazira sempre me disse que se sente mais perto de Deus quando ama. Acho que ela tem razão. Em certo sentido, o amor é a maior expressão da fé, em nós mesmos, nos outros, no mundo. Posso expandir os limites da minha fé para ter felicidade nesta vida, e confiar no amor e na misericórdia de Deus no *pós-vida*. – Ele fez uma pausa. – Mas... Eu gostaria de seguir o maior número de regras possível. A rotina estruturada do islã é importante para mim. É uma coisa que me proporciona proteção e conforto.

Provocativamente, Cipriano baixou a mão, contornando o abdome de Radu até chegar... onde Radu gostaria que ele tocasse.

– Então, o que você está dizendo é que precisamos nos casar em breve – Cipriano falou, com os lábios colados à orelha de Radu.

– Sim – Radu respondeu, ofegante. – Muito, muito em breve. – Seu casamento com Nazira era de acordo com a lei. A união dela com Fatima era espiritual, porém, muito mais importante. Radu faria o mesmo com Cipriano.

Cipriano subiu a mão, colocando-a sobre o coração de Radu. Foi ao mesmo tempo um alívio e uma decepção. Mas, quando Cipriano se aproximou e os dois sincronizaram a respiração, preparando-se para pegar no sono juntos, Radu sentiu que haveria tempo para explorar seu desejo. Não havia motivo para medo ou desespero. Apenas felicidade e a bênção inacreditável de amar e ser amado.

Durante toda a vida, essa foi a única coisa que ele realmente desejou. E a encontrara no islã. E em sua relação com Nazira. Agora, a encontrava em sua forma mais plena. Ele apoiou a testa no peito de Cipriano, adormecendo com a melodia daquele coração que batia trazendo tudo de que Radu precisava na vida.

*Hunedoara*

DEPOIS DE DUAS semanas de cativeiro, Lada tinha quase certeza de que estava sendo envenenada por Matyas. Quase não comia o que ele lhe mandava. Na maioria das vezes, acabava vomitando. Por que motivo ele estava escolhendo o envenenamento, porém, ela não sabia.

Na verdade, sabia, sim. Era uma forma covarde de fugir da situação. Ela só torcia para que ele aumentasse a dose e acabasse logo com sua vida em vez de impor aquele tormento. Talvez fosse um castigo de Deus. Ela dera a Matyas as ferramentas para tomar o trono, e ele envenenara o príncipezinho doente da Hungria para tomá-lo. Agora, Lada morreria da mesma forma.

Mas, se Deus queria castigá-la, havia pecados muito piores do que possibilitar a ascensão de Matyas. Ela teria ido longe demais? Matado longe demais? Ignorado os conselhos daqueles que de fato a amavam?

Às vezes, era até possível senti-los ali ao seu lado. Em especial, Nicolae. Ele não dizia nada, mas, quando Lada acordava dos sonhos envolvendo o banquete sangrento em que matara todos os boiardos Danesti e começava a jornada de volta à realidade que terminava naquela prisão, só conseguia pensar na maneira como Nicolae a observava. Como olhava por ela.

Ele sabia desde o início. E a alertara. Radu a avisara também, assim como todo mundo; e ela partiu para o desafio mesmo assim. E venceu!

Só que, agora, estava ali.

Toda a raiva se esvaíra, deixando-a num estado de frieza perpétua. Ela seguia o pequeno fecho de luz do sol que entrava na cela. Era sua única companhia. Tentava se movimentar o máximo possível, com medo de perder a força e a capacidade de lutar, mas uma letargia pesada dominava seu corpo e sua alma.

Na décima oitava manhã, ela estava deitada no chão, toda encolhida para conseguir posicionar o quanto pudesse de seu corpo no quadrado de sol no piso da cela.

– Menina, por que você está só com as roupas de baixo? – Oana questionou.

Lada ficou de pé e correu para a porta. Oana a olhava pela janelinha.

– Você está viva! – Lada agarrou as grades.

Ela havia perdido a ama de vista quando foi emboscada na sala do trono. Não vinha se permitindo pensar muito a respeito, mas seu alívio ao ver o rosto enrugado e cansado de Oana foi quase grande demais para suportar. Agora que sabia que Oana não estava morta, ela sentiu o quanto a morte da mulher lhe teria doído. Lada respirou fundo, levando os dedos aos olhos antes de se voltar de novo para a janelinha.

Oana pôs as mãos sobre a sua.

– Sim, estou viva. Eles tentaram arrancar informações de mim, mas sou só uma velha que não sabe de nada e mal sabe falar valáquio, muito menos húngaro. Só o que sei fazer é costurar. Nunca me envolvi em nenhum dos seus planos.

Lada sorriu, aliviada por saber que pelo menos Oana conseguira se virar bem no cárcere.

– E agora?

– Agora, por insistência de Mara Brankovic, que escreveu várias vezes, finalmente tenho permissão para trazer sua comida. Matyas diz que você não está se alimentando direito.

– Ele está me envenenando.

Oana olhou para baixo, para a comida que carregava.

– Vou comer um pouco. Assim podemos ter certeza.

Lada fez que não com a cabeça.

– Você não precisa morrer comigo.

– Lada, minha menina, estou com você desde que nasceu, e não quero continuar vivendo depois da sua morte. – Ela se apoiou à porta e provou a comida de Lada.

– O gosto está normal – ela falou.

Lada contorceu o nariz de desgosto.

– Você tem alguma arma? Isso seria bem mais útil que comida, envenenada ou não.

– Eles me revistaram inteira. Inclusive, foi o máximo de interesse que um homem demonstrou pelo meu corpo em quase vinte anos. Eu o convidei para ir aos meus aposentos mais tarde, mas acho que ele não entendeu.

Lada não conseguiu segurar o riso. Estava se sentindo grata a Oana, que aparecera em meio ao seu momento de maior desespero, maior do que considerava ser possível. Aceitaria até pentear os

cabelos, caso houvesse um jeito de fazer isso pela janelinha da porta.

Oana lançou um olhar casual para o lado.

– Ótimo. O guarda não fala valáquio. Nem piscou quando fiz minha brincadeirinha obscena. – Ela começou a entregar a comida para Lada. – Estou bem. Mas, se eu morrer, mando avisar você imediatamente – Oana interrompeu seus movimentos de repente, olhando para dentro da cela escura. – Que diabo é isso?

Lada seguiu o olhar de Oana até o tablado que construía à beira da cama.

– Ah. Os guardas se divertem me trazendo isso. Dizem que é para me lembrar de casa e não ficar triste.

Havia vários ratos empalados em pequenas estacas em posições grotescas. As estacas, infelizmente, eram pequenas e frágeis demais para ter algum propósito útil.

– Eles estão tentando me deixar abalada, mas, em vez disso, eu os deixo bem à vista.

Oana torceu o nariz de nojo.

– Passe isso para cá. Eu vou me livrar deles.

Lada se apoiou à porta para descansar. Precisava se movimentar mais, manter-se ativa mesmo no confinamento.

– Vou ficar com eles. Não posso demonstrar nenhuma fraqueza para esses vermes. Mas já chega de falar da minha cela. Me fala sobre o que está acontecendo no mundo.

– Você não vai gostar de ouvir.

– Me fala.

– Radu está em Tirgoviste. Ele colocou Aron Danesti no trono.

O maxilar de Lada doía, mas ela não conseguia deixar de cerrar os dentes.

– E nossos homens nas montanhas?

– Não recebi notícias, o que é bom. Isso significa que eles não foram encontrados nem nos traíram.

– E o resto da Europa? Como reagiu à audácia de Matyas de me transformar numa prisioneira?

– Ninguém ficou sabendo.

Lada suspirou. Ela esperava que Mara fosse contar para Radu, ou para alguém que se encarregaria de espalhar a notícia. Mas Mara estava ao lado de Mehmed, e faria tudo o que lhe fosse ordenado, porque era assim que se mantinha livre e poderosa. O mundo seria bem diferente se apenas o mérito e a capacidade fossem recompensados, se apenas a ambição fosse capaz de render resultados. Em vez disso, o que havia era um emaranhado de relações confusas. Lada fizera de tudo para se manter fora dessa trama, para não dever

nada a ninguém. Mas, quanto mais se aproximava de transcender as amarras que a restringiram a vida toda, mais essa teia se apertava ao seu redor.

Oana continuou:

– Para todo mundo, você ainda está escondida nas montanhas. Ou debaixo da cama das criancinhas que se recusam a obedecer aos pais. Mas, pelo menos, Matyas não pode matar você, se não quiser se arriscar a virar alvo da ira do papa.

Lada bateu a cabeça na porta de madeira, desejando que as tábuas se quebrassem e permitissem sua passagem.

– O papa sabe que estou aqui? Tem alguma ajuda a caminho?

– Não. Ele também acha que está escondida.

– Como é que sabe de tudo isso? Arrumou um amante aqui? Está brincando de espiã? – Lada não conseguia imaginar nem uma coisa nem outra, mas Oana sempre fora cheia de surpresas.

Oana deu risada, uma gargalhada profunda e gutural como a de Bogdan. Lada foi novamente dominada por um desejo de estar em qualquer lugar menos ali. De voltar às montanhas com Bogdan. Pelo menos o fizera ficar por lá. Caso contrário, ele teria morrido. Ela agarrou o pingente no pescoço, que a deixaram manter. Isso a confortava, saber que a Valáquia estava à sua espera. E Bogdan também.

Mas também a deixava maluca na mesma medida. Que serventia ela poderia ter para alguém lá dentro?

– Não descobri nada disso sozinha. – Oana se virou de lado e inclinou a cabeça de leve para a esquerda. Lada se aproximou da abertura e viu um homem varrendo o chão sob o olhar distraído de um guarda. Ela não costumava olhar muito pela janela, para não demonstrar fraqueza, mas deveria prestar mais atenção em quem circulava do lado de fora da cela.

Ao contrário da maioria, Lada havia aprendido a reparar naquele rosto comum e inexpressivo.

Stefan.

– Ele começou a trabalhar aqui duas semanas antes de pegarem você. Ninguém desconfia de nada. Preciso ir – Oana disse com um sorriso. – Agente firme.

Ela estendeu a mão pela abertura e colocou-a sobre o rosto de Lada, que observou sua partida, tomando o cuidado de não dirigir mais nenhum olhar para Stefan.

Pela primeira vez desde que fora presa, uma esperança surgiu em seu peito. Ainda que fosse algo diminuto e frágil como os roedores contorcidos em macabras poses de morte ao lado de sua cama.

*Tirgoviste*

EMBORA RADU SE sentisse grato pela ajuda de Cipriano, a presença dele nas reuniões causava uma distração. Uma distração agradável, mas, mesmo assim, uma distração. Em meio a tantos acontecimentos, ninguém questionou a chegada de Cipriano. Radu o apresentara apenas como um velho amigo e conselheiro. Seus homens o aceitaram sem hesitação. E Aron e Andrei estavam ocupados demais com suas tramas para perguntar de onde aquele homem viera. Felizmente, as reuniões eram realizadas em turco: os soldados de Radu não falavam valáquio, e os irmãos Danesti eram fluentes no idioma dos otomanos.

– Radu!

– Quê? – Radu desviou os olhos do sorriso provocador nos lábios de Cipriano.

– Eu perguntei quanto você acha que devemos disponibilizar para a comemoração. – Aron franziu a testa.

– Pensei que estivéssemos de acordo que tanta comida e bebida, além de termos de mobiliar todos os quartos de hóspedes do castelo, não são o melhor destino para os nossos recursos no momento. – Radu se recostou na cadeira, esforçando-se para manter uma expressão neutra.

– Nós não estávamos de acordo em nada – Andrei retrucou. – Você disse que precisamos dos boiardos ao nosso lado. Como vamos conseguir provar que estamos no comando?

Radu teve que fazer força para não mostrar sua incredulidade no rosto.

– A melhor maneira de mostrar que o país está sob controle é manter o país sob controle. Meus homens estão nas montanhas minando as forças de Lada. Não temos notícias da localização dela há semanas, o que significa que uma reunião de boiardos pode se mostrar um risco. Não é do feitio dela proporcionar tanto tempo para nos fortalecermos. Não imagino o que ela possa estar planejando.

– Talvez ela esteja morta – sugeriu Andrei.

– Ela não está morta – esbravejou Radu.

– Como você sabe?

Ele não sabia. E não havia como ter certeza. Mas era impossível conceber que Lada morreria sozinha e em segredo. Ou que estivesse morta e ele não soubesse. Com certeza, sua morte seria marcada por algum acontecimento. Um cometa. Uma cratera na superfície da Terra. Uma tempestade, uma inundação, um incêndio. Uma força da natureza como Lada não partiria deste mundo sem deixar uma última marca.

Radu esfregou a testa.

– Seja como for, enquanto não tivermos notícias dela, precisamos agir como se estivéssemos diante de um ataque iminente. E, se quisermos evitar uma onda de fome no próximo ano, precisamos começar o plantio e a recuperação dos campos assim que possível. As pessoas começaram a voltar aos vilarejos. Todos os recursos que não forem gastos em proteção precisam ser direcionados para a reconstrução.

Aron alisou o colete.

– Acho que meu irmão tem razão. Precisamos de uma demonstração de força.

– Por isso existem soldados nas montanhas caçando inimigos – Cipriano murmurou em grego. Radu precisou tossir para disfarçar o riso.

– É assim que as coisas são feitas – Aron insistiu. – É o que meu pai teria feito.

– Seu pai está morto, assim como a maioria dos boiardos. – Radu não queria ser grosseiro, mas Aron fez uma careta. Andrei corrigiu a postura, e uma expressão de quem estava na defensiva surgiu em seus olhos. Radu ergueu as mãos para acalmar os ânimos. – O que estou dizendo é que minha irmã transformou as coisas de tal forma que vamos precisar de cautela para fazer com que tudo volte a ser como era. Se tivessem um cavalo que fugiu e viveu na natureza por um ano, teriam que ser cuidadosos ao recolocar a cela e voltar a montar com segurança. Teriam que trazê-lo de volta, alimentá-lo, conquistar sua confiança, mostrar que são um bom dono. Lada destruiu todos os estábulos. Precisamos reconstruir tudo antes de querer um retorno à normalidade.

– Foi você que disse que precisamos agir como se tudo estivesse normal para a antiga ordem voltar! – Aron alisou o colete outra vez, ajeitando um botão que parecia se recusar a permanecer fechado. – E eu estou direcionando fundos para a comemoração. Vou pagar o sultão acrescentando meninos ao tributo devido aos janízaros. Como

voivoda da Valáquia, não preciso da sua permissão. – Ele encarou Radu com firmeza. – Para nada – acrescentou.

Radu abriu a boca para retrucar, mas, em vez disso, abriu um sorriso.

– Como queira. Vou liberar as verbas destinadas a você e continuar a fazer meu trabalho conforme determinado pelo sultão. Por favor, me avise se tiver mais alguma requisição a fazer.

Radu ficou de pé, fez uma mesura tensa e saiu da sala, seguido por Kiril, seu outro braço direito, e Cipriano.

– Aron é um tolo – Cipriano comentou com um suspiro.

Radu não tinha como discordar, o que era desanimador.

– Eu esperava que ele fosse se sair melhor. Aron está agindo como se tivesse herdado o trono do pai. Mas tudo está diferente. Não podemos ter como ponto de partida o jeito como as coisas eram. E não acho que devemos fazer isso.

Por mais que tivesse gostado de treinar com os janízaros e valorizasse seus homens, Radu também achava que trocar a juventude valáquia por festas luxuosas não era o início mais recomendado para o reinado de Aron.

– Quantas pessoas já voltaram à cidade? – Radu perguntou a Kiril.

– Uma centena, talvez? Está chegando gente nova todo dia, mas no ritmo de uma goteira, não de uma inundação.

Radu sacudiu a cabeça negativamente.

– E Aron quer comemorar. Não sabemos nem se esses cidadãos não estão a serviço de Lada. Ela pode ter antagonizado com os boiardos, mas não podemos subestimar o que foi feito pelos camponeses do país. Vamos ter que trabalhar para ganhar o apoio dessa gente, ou, no mínimo, sua complacência.

Kiril se despediu dos dois, e Radu e Cipriano se dirigiram sozinhos aos seus aposentos.

– Você acha que Aron está à altura dessa tarefa? – Cipriano perguntou quando eles se juntaram a Nazira e Fatima.

– Espero que sim.

Para Radu, o medo de que o ciclo de sangue derramado pelo trono da Valáquia continuasse indefinidamente era inevitável. As coisas pareciam nunca mudar.

Não. Algumas coisas mudavam, sim. Radu olhou para sua mão, para seus dedos entrelaçados com os de Cipriano. Ele não conseguia acreditar que aquela era sua vida. Como uma coisa simples como ficar de mãos dadas com outra pessoa podia parecer um milagre?

Como se adivinhasse seus pensamentos, Cipriano ergueu as mãos de ambos, beijou o dorso da mão de Radu e apoiou o rosto nela.

Nazira franziu a testa ao ouvir o relato que Radu fez da situação, sem tirar os olhos dos cabelos de Fatima, com que brincava com os dedos. Fatima estava deitada no chão, com a cabeça no colo de Nazira. Cipriano e Radu estavam do outro lado da sala de estar que ligava os dois quartos. Pela primeira vez na vida, o castelo parecia sua casa. Não por causa do lugar em si, e sim por causa das pessoas que estavam lá.

– Não dá para ele acreditar que uma festa resolva alguma coisa. Já sugeri várias vezes que deveria se concentrar nos pedidos de casamento. – Nazira suspirou. – Ele só pede meus conselhos sobre roupas bonitas.

– Você precisava ter ouvido o que ele disse – Cipriano comentou. – A ideia de que o banquete aos boiados possa servir como uma prova de seu direito ao trono de príncipe.

Nazira ergueu os olhos para o teto, irritada.

– Não acho que ele seja talhado para isso. Não é o tipo de líder capaz de restabelecer um país que passou por uma turbulência tão grande.

– Ele é a nossa única opção. – Radu fechou os olhos, imaginando todos em Edirne, ou melhor, na propriedade rural onde Nazira e Fatima moravam.

Parecia um desejo que estava ao seu alcance. Ele e Cipriano se casariam em breve, assim como Fatima e Nazira fizeram, e então...

E, então, poderiam simplesmente viver. E isso seria suficiente. Mais que suficiente.

– Existe outro herdeiro bem mais apropriado para a tarefa – Nazira falou.

– Andrei também me preocupa. Eu não acho que...

– Não ele. – O tom irritado na voz de Nazira forçou Radu a abrir os olhos. Ela o encarava de um jeito que queria dizer muita coisa. – A linhagem dos Draculesti tem a mesma legitimidade para reivindicar o trono.

Radu fez uma careta.

– Eu não quero esse trono. Nunca quis.

– E, por isso, é a pessoa certa. – O olhar de Nazira tinha a intensidade e a convicção que a motivaram a levar a vida que queria. – Não porque você acha que é um direito. Você assumiria o trono para servir ao seu povo. É o príncipe que merecem e de que precisam desesperadamente. Não um guerreiro violento, nem um nobre sem nenhum pulso das coisas. Um príncipe de verdade.

Radu encolheu os ombros, mas seu sorriso era um desafio a tudo o que ela expressara.

– Infelizmente, a posição já foi preenchida. Vou fazer o que puder para ajudar Aron e a Valáquia. Depois, vamos para casa. – Ele apertou a mão de Cipriano, e sentiu um calor reconfortante se espalhar pelo corpo ao ter o gesto retribuído. – Todos nós. E de vez.

Os lábios cheios de Nazira se contorceram para baixo.

– Sua gente merece coisa melhor que Aron.

– Vocês são minha gente. A minha gente são as três pessoas aqui neste cômodo comigo.

Apenas Fatima pareceu satisfeita com sua declaração. Nazira continuou com a testa franzida. E Cipriano soltou um ruído indicando que não concordava totalmente.

– Vamos encontrar Lada antes que alguém faça isso. E vamos mandá-la de volta ao império, onde vai passar o resto da vida na prisão. Assim, Aron que se vire para ser príncipe sem mim – Radu falou com uma autoridade e convicção que não sentia, desejando que pudesse ser verdade.

Ele não queria o fardo da Valáquia sobre seus ombros. O país que se cuidasse sozinho, já que também nunca havia cuidado dele.

*Hunedoara*

LADA ESTAVA SENTADA no chão, com as costas apoiadas na porta. A cela, que antes era fria e cavernosa, tornou-se opressivamente quente e úmida quando a primavera deu lugar ao verão.

– Acho que estou morrendo.

– Que absurdo – Oana resmungou do outro lado, batendo com as juntas dos dedos na madeira. – Você não tem permissão para morrer. Além disso, consegui seduzir um dos cozinheiros para ser meu amante.

– Você o *quê*? – Lada ajeitou a postura.

– As noites por aqui são longas. E pareceu a maneira mais fácil de garantir que ninguém vai mexer com a sua comida. Ele com certeza não está envenenando você. Primeiro, porque ninguém mandou fazer isso. E segundo, porque, se morresse, eu não teria motivo para continuar aqui. O pobre tolinho me adora.

Lada não sabia se dava risada ou arrancava as próprias orelhas para tentar se livrar da informação que acabara de receber.

Oana continuou falando como se nada daquilo fosse esquisito:

– Enfim, para resumir, Stefan diz que são sempre, no mínimo, cinco guardas. A chave fica trancada numa sala lá em cima, também protegida por vários guardas. Ele pode conseguir matar os daqui, mas não tem como conseguir a chave, descer para cá e matar todo mundo sem que ninguém dê o alarme. E, nesse caso, seria impossível para você fugir mesmo se a porta fosse aberta.

Lada ainda não conseguia acreditar que o melhor assassino que já conhecera estava trabalhando como faxineiro havia três meses. Ele se tornara parte da paisagem do castelo. Ninguém o notava. Stefan podia fazer o que quisesse por lá, desde que mantivesse suas tarefas em dia. Ela jamais voltaria a ver os criados de seu castelo da mesma maneira. Isso, imaginando que algum dia voltaria a ter um castelo.

Lada coçou a cabeça e olhou para os seus dedos imundos.

– Então, preciso arrumar um jeito de fazer os guardas abrirem a porta por conta própria.

– Quando Stefan estiver aqui. E ele só limpa esta parte do castelo uma vez por semana.

Lada franziu o nariz por causa do mau cheiro permanente.

– Pois é. Infelizmente, desde que matei três guardas com as próprias mãos, eles estão cada vez menos dispostos a abrir essa porta.

– Lada precisava passar seu penico pela pequena abertura na porta. Era também por onde recebia água para beber e se limpar, a comida que, mesmo depois de três longuíssimos meses, ainda a fazia vomitar, e qualquer coisa que quisessem lhe dar. Em geral, mais ratos. Ela não tinha mais disposição nem para continuar a exibi-los.

– Você vai conseguir pensar em alguma coisa. E vai estar pronta quando isso acontecer.

– E se isso for o fim? E se eu nunca conseguir sair? Vou desaparecer, como planejado, e ele vai sair vencedor. Mehmed vai sair vencedor. Todos os homens vão sair vencedores. Eu não consigo suportar essa ideia, Oana.

– Com quem eu estou conversando mesmo? – Oana passou a mão pela abertura e começou a tatear à procura da cabeça de Lada. Quando a encontrou, enroscou os dedos em seus cabelos. – Parece a minha Lada, mas não fala como ela. Vai mesmo deixar esse rei de roupas elegantes e barba alisada com óleo derrotar você com um monte de mentiras? Você é um dragão.

Lada assentiu. Mas ali, naquela cela suarenta, longe de seu povo e de sua terra, ela não se sentia um dragão.

Pela primeira vez em muito tempo, ela se sentia uma garota. E isso a apavorava. Porque não havia nada no mundo mais vulnerável que uma menina.



Naqueles três meses, ela conversara apenas com Oana, cuja visita era permitida uma vez por dia, por alguns minutos. Ela desconfiava que Mara estivesse por trás daquela gentileza. Por um tempo, ela se perguntou se Mehmed mandaria buscá-la. Mas ela tentara matá-lo e, se fosse transportada até Constantinopla, a notícia se espalharia, arruinando o objetivo de Matyas de eliminá-la da discussão pública na Europa.

Então, quando Matyas foi visitá-la no dia seguinte, Lada ficou mais feliz por falar com ele do que deveria.

– É doloroso para mim ver você assim – ele falou.

– Me deixa sair que vai ver o que é dor.

Matyas deu risada.

– Você não sabe negociar mesmo. Mas não foi à toa que meu pai preferia a sua companhia à minha. Vocês falam a mesma língua. Sabia

que ele queria me casar com você?

– Sim, sabia.

– Ah, sabia?

Uma expressão confusa surgiu no rosto dele. Lada achou que foi porque ele não conseguia conceber a ideia de uma mulher perder a oportunidade de tê-lo como marido.

Ela bocejou, estendendo os braços acima da cabeça.

– Eu achei que seria um desrespeito com seu pai casar com o filho dele e, depois, matar meu marido durante o sono. Mas, provavelmente, eu mataria você acordado, pela satisfação de ver o olhar no seu rosto quando minha faca liberasse sua alma do seu corpo asqueroso.

Matyas se inclinou mais para perto da porta, espiando pela abertura.

– Por que você torna sua vida tão mais difícil do que já está? Você podia estar numa casa. Com criados. Com conforto. Eu teria cuidado muito bem de você, por respeito por aquilo que conseguiu conquistar. Não sou um tolo, sei que você realizou coisas grandiosas. Mas também fez inimigos demais no caminho. Não é péssimo que esteja presa aqui há três *meses* e ninguém tenha vindo atrás de você? Ninguém nunca me perguntou nem se eu sabia a sua localização. – Ele contorceu o rosto numa solidariedade fingida. – Ninguém se importa com seu sumiço. Foi substituída no trono sem confusão nem contestação. Pode ter mandado os otomanos de volta para a terra deles, mas foi isso o que ganhou em troca. – Matyas suspirou como se estivesse de fato com pena dela. – Eu não posso matar você. Não sei se quero, mas, mesmo se quisesse, isso me deixaria em maus lençóis com seus admiradores. Além disso, é muito mais fácil simplesmente mantê-la aqui até que todo mundo se esqueça da sua existência. Até seu legado se resumir às xilogravuras horrendas e às histórias para assustar criancinhas dos saxões. Você vai virar um monstro, um mito. E, quando isso acontecer, vou ser generoso. Quando todas as suas realizações desaparecerem, e não vai demorar muito, você vai poder sair dessa cela. E vou deixar você morrer.

Ele fez uma pausa, pensativo.

– Ou posso deixá-la viver. Mas não pense que isso faz muita diferença. O mundo jamais permitiria que continuasse o que estava fazendo. Era melhor ter sido uma esposa repugnante, deixar um ou dois herdeiros e viver sua infelicidade em silêncio.

Lada ergueu uma sobrancelha com frieza.

– Seu pai teria vergonha de você.

Matyas balançou a cabeça sem demonstrar nenhuma emoção.

– Provavelmente. Vou ter que conviver com isso. *Sem* problemas. Tenho a minha coroa. Vou governar o meu povo, e o meu reino vai ser longo, justo e glorioso. E você vai ser menos que uma nota de rodapé na minha história triunfante de vida. E, quem sabe, consegue algumas linhas na história do sultão também? A esperança é a última que morre.

Lada queria encontrar palavras tão dolorosas quanto seus punhos seriam. Queria partir aquele homenzinho ao meio.

Mas sabia que, apesar de ser melhor, mais inteligente e mais forte, apesar de já ter feito mais pela Europa do que Matyas faria a vida inteira, apesar de ter trabalhado e lutado com um afinco de que aquele presunçoso nunca seria capaz, ele provavelmente estava certo. Ele seria recompensado, lembrado e respeitado.

E poderia ter até algum mérito, no fim das contas.

– Nós poderíamos ter realizado grandes feitos juntos – Lada falou. – Se você tivesse uma fração da coragem do seu pai, nós mudaríamos a cara da Europa para sempre.

– Mas só um de nós quer que as coisas mudem. A situação atual já serve às necessidades do meu povo. E seja sincera, minha cara. Você acha mesmo que o mundo mudaria a ponto de aceitar uma mulher como príncipe?

Matyas observou o rosto dela à procura de uma resposta, com uma curiosidade genuína. Em seguida, dando de ombros, ele se virou.

Lada viu o ambiente escurecer à medida que Matyas se afastava.

Ela sabia perfeitamente como ser uma garota. Afinal, *era* uma. As pessoas pareciam se esquecer disso ou pensar que ela gostaria de ser outra coisa, por causa das escolhas que fizera. Ouvir Matyas falar de seu futuro em termos tão deprimentes deveria ter despertado a mesma raiva do passado, mas ela se sentia mais velha do que quando fora jogada naquela prisão. Estava exausta.

Estava pronta.



Quando o guarda cruel apareceu de novo com um roedor, Lada sorriu para ele. Arregalou os olhos e sorriu por entre os cabelos desgrehados.

– Quero animais maiores – ela disse. – Ratos não me satisfazem. Me traga coelhos. Animais maiores. Homens, se quiser se livrar de alguns.

A expressão de horror e divertimento no rosto dele confirmou que ele faria o que Lada pedira, mesmo que fosse apenas para ter uma nova história macabra para contar aos demais soldados. O sorriso dela se alargou.

—•—

Deitada numa poça de sangue, com o rosto pálido, os olhos fechados. O sangue estava frio e coagulado, contando de forma nada elegante a história do fim de sua vida, derramado no piso de pedra.

– Que o diabo a carregue – um guarda murmurou à porta. – Ei! Venha ver isso aqui.

– Ah, que Deus nos proteja. Que sujeira. Ei, você! Não vá embora. Ainda tem uma faxina pesada para fazer esta noite. Josef, vá buscar as chaves.

– Quer que eu mande avisar o rei?

– Não, ainda não. Precisamos verificar a condição dela primeiro, ver se está morta mesmo. Depois, mover o corpo discretamente, para ninguém ver. Só então precisaremos pensar numa forma de contar para ele. Espero que eu não me dê mal por isso.

– Eu gostei desse trabalho – o segundo guarda falou.

– Eu não. Olhe só esses animais! Ela era um monstro. Lúcifer está dançando de felicidade no fogo do inferno hoje por receber uma alma como essa.

Depois de alguns minutos, a porta foi aberta e dois pares de botas se arrastaram para dentro da cela.

– Deus me livre, que cheiro!

Uma bota cutucou as costelas de Lada. Em seguida, seu braço foi erguido entre dois dedos inseguros, como se o guarda tivesse medo de que sua morte, ou talvez os odores que dela emanavam, fossem contagiosos.

– Onde está o ferimento? Os pulsos dela não estão cortados.

Lada contorceu a mão, segurando o guarda pelo punho e puxando-o para o chão. Um grito se elevou, mas foi abafado pela rápida ação da lâmina de Stefan. As mãos de Lada na garganta do primeiro guarda o impediram de berrar, e Stefan tratou de silenciar o outro.

– Por que demorou tanto? – perguntou Lada, ficando de pé e sacudindo os braços e as pernas para restabelecer a circulação.

O sangue animal deixou seu vestido grudento e rígido, mas ela não tinha o que vestir nem tempo para se trocar.

Stefan limpou a faca na túnica de um dos guardas mortos. Ele entrara logo depois dos dois.

– Tive que matar os do corredor primeiro.

Ele estendeu um pedaço de pano marrom, que Lada enrolou em torno do corpo como um xale. Isso serviu para esconder a maior parte do sangue. Ela hesitou antes de atravessar a porta para o corredor. Parecia um passo muito maior do que de fato era.

– Onde está Oana? Era para *ela* descobrir meu cadáver. Estou

deitada no chão há horas!

Stefan sacudiu a cabeça.

– Não sei.

– Nós combinamos que hoje seria o dia!

– Ela nem sempre aparece na hora certa.

– Não podemos ir embora sem ela. Vamos até as cozinhas e...

– Lada, nós não temos tempo.

Lada tentou apressar os passos no corredor. Queria manter o caminhar triunfante, mas uma tontura a dominou. Fazia muito tempo que não se sentia bem, que não conseguia se movimentar. Ela se apoiou à parede rústica de pedra. E se maravilhou com o fato de que, depois de tantas semanas, estava vendo uma parede diferente daquela à qual havia se acostumado.

Stefan andava à sua frente, à procura de outros guardas.

– Nós não temos tempo, e você está sem forças. Se quiser sair daqui, tem que ser agora.

– Você pode ir buscar Oana, então.

– Se eu deixar você aqui, não vai conseguir sair sozinha.

O coração de Lada estava disparado dentro do peito. Tinha que encontrar alguma forma. Algum jeito de fugir *com* Oana.

– Se eu for chamá-la nas cozinhas, alguém vai perceber – Stefan argumentou. – Não tenho como esconder as duas.

– Ela não podia ter me deixado na mão.

Stefan sacudiu a cabeça.

– Não mesmo.

Lada precisava tomar uma decisão. Imediatamente.

– Ela não me deixaria para trás, mas me diria para fazer isso se fosse preciso. – Se Oana estava nas cozinhas, podia contar com testemunhas e um álibi. Ninguém a responsabilizaria pelos guardas mortos na cela. Mas poderiam trancafiá-la na prisão. Para sempre.

Lada estava trocando sua liberdade pela de Oana.

Segurando-se no braço de Stefan para se apoiar, ela fugiu da prisão e, depois, de Hunedoara, sentindo raiva de si mesma a cada passo que dava. E sentindo crescer ainda mais seu ódio por Matyas. E odiando o mundo acima de tudo, por arrancar dela as pessoas de que gostava e a obrigando a escolher entre elas e a Valáquia o tempo todo. Oana dissera naquele mesmo castelo que não havia sacrifício grande demais pela causa de seu país. Lada torcia para que sua antiga ama ainda pensasse da mesma forma e ainda mantivesse o mesmo sentimento quando descobrisse que fora abandonada.

Porém, um dia a mais na prisão poderia matá-la. E Lada não voltaria àquela cela por nada.

*Mosteiro da Ilha de Snagov*

– **M**É EXPLICA mais uma vez por que Aron mandou você para um mosteiro numa ilha tão distante de Tirgoviste para uma tarefa aparentemente sem importância que poderia ser realizada por qualquer um. – Nazira piscou algumas vezes numa inocência fingida. Fatima a repreendeu, pedindo que se calasse. Cipriano deu risada.

Radu suspirou.

A viagem até lá tinha sido tranquila. Totalmente pacífica. A região entre Tirgoviste e Snagov estava quase desabitada. O país inteiro permaneceria escondido nas montanhas para sempre? Isso tornava o papel de Aron como governante bem mais complicado. Como ele poderia cobrar impostos e comandar um povo cuja localização ele desconhecia?

Radu corrigiu a trajetória de sua égua robusta, alinhando-a de novo com as outras montarias. À frente e na retaguarda, seguiam os janízaros, mas era bem fácil se deixar levar pela sensação de que os quatro viajavam sozinhos.

– Aron me mandou para cá porque Mehmed não conseguiu tomar Snagov. Atacar a ilha era complicado demais em termos logísticos e não valeria o esforço. Precisamos garantir que os monges sejam leais ao trono, e convidar um deles para assumir a catedral de Tirgoviste. Ninguém se ofereceu para esse posto ainda.

– Ah, sim, esse plano faz todo o sentido. Só que o mais sensato seria mandar *outra* pessoa fazer isso, e não o homem encarregado de todas as forças militares estacionadas no país. – Nazira calou Fatima com um olhar antes que ela pudesse repreendê-la.

Cipriano contorceu os lábios e franziu a testa. Radu adorava todas as expressões que o rosto de Cipriano era capaz de fazer, embora o sorriso sincero fosse seu favorito, e sempre seria.

– Eu tendo a concordar com Nazira. Aron está tentando afastar você do centro das decisões, diminuir sua visibilidade. Você já é visto como uma ameaça.

Radu não tinha como negar. Suas relações com os irmãos Danesti estavam cada vez mais tensas. Ele esfregou a testa, olhando para o atracadouro do qual se aproximavam.

– Aron não tem nada que eu queira. Ele bem que poderia entender isso. Ainda assim, estamos perto de encerrar os trabalhos por aqui. Quando voltarmos, vou convocar meus batedores de volta. Já são três meses sem notícias de Lada. Não consigo imaginar o que ela possa ter planejado que exija tanto silêncio e inação. Acho que aconteceu alguma coisa.

Ele não gostava de especular sobre o que poderia ter motivado a suspensão das agressões. Depois de tudo que sua irmã fizera, mesmo assim, Radu não queria que ela sofresse. Apenas que fracassasse.

– Seja como for, estou certo de que vamos poder seguir adiante muito em breve.

– Seguir adiante para onde? – Fatima perguntou.

Radu desmontou e estendeu a mão para que ela também descesse do cavalo.

– Para algum lugar longe da Valáquia.

– Não sei, não – Cipriano falou. – Esta região é bem agradável.

Ele acariciou a montaria e alongou os ombros largos. Radu desviou os olhos imediatamente, mas, em seguida, lembrou que não precisava mais fazer isso. Podia deixar seu olhar percorrê-lo à vontade. Cipriano o surpreendeu olhando. O sorriso que abriu em resposta foi mais expressivo que o normal. E mais malicioso.

Os janízaros se juntaram e desceram da montaria. Radu deixara Kiril no comando em Tirgoviste, confiando que ele se manteria atento a toda e qualquer movimentação por lá. Os guardas que os acompanhavam fariam a travessia até a ilha também, para o caso de serem recebidos com hostilidade. Num esforço para parecer amistoso, Radu se vestira ao estilo valáquio, deixando seu adorado turbante em casa e usando o mais absurdo dos chapéus na cabeça. Queria voltar às túnicas esvoaçantes e aos lindos tecidos otomanos, deixando de lado aquelas camadas de calças, coletes e casacos. Além de feios, eram insuportavelmente quentes no calor do alto verão.

Nazira e Fatima também optaram por vestidos. Não pareciam valáquias, mas também não tinham o aspecto de turcas. Como sempre, Nazira embelezava o que quer que usasse. Radu desconfiava que ela poderia usar lã crua recém-saída das costas de um carneiro que mesmo assim ficaria bem. As roupas de Fatima eram práticas e simples. Apesar de Radu ter lhe dito que não precisava se fingir de criada por lá, ela preferia passar despercebida. Parecer uma dama de companhia era uma forma fácil de se tornar invisível para quem não

tinha nada a ver com a vida dela.

Cipriano, pelo menos, estava mais à vontade nos trajes valáquios, mais parecidos com os trajes que usava em Constantinopla. Ele havia deixado de usar o uniforme de janízaro que Nazira lhe conseguira. Radu não sabia onde, embora desconfiasse que com algum soldado, tão encantado com o charme dela que não se importava de andar por aí com roupa de baixo.

Depois que as instruções foram passadas para o guarda, eles caminharam até o atracadouro improvisado. Aparentemente, o anterior tinha sido queimado e desmontado. O substituto se resumia a algumas tábuas pregadas de qualquer jeito, mas havia um barco à espera. Com o estômago se embrulhando, Radu afastou todos os pensamentos da cabeça.

– Ah, um barco! Radu adora barcos – Nazira provocou.

Radu subiu todo desajeitado na parte posterior da embarcação, com Cipriano ao seu lado. Nazira e Fatima ocuparam um banco ao lado, e o restante dos guardas se acomodou onde dava. Eles ajudaram a remar, seguindo as instruções cada vez mais irritadiças do barqueiro, que falava em valáquio. Radu traduzia da melhor maneira que podia, enquanto tentava não vomitar.

Quando chegaram à ilha, a pressa de Radu para voltar à terra firme era tão grande que ele quase caiu. Cipriano o segurou de leve e sussurrou:

– Talvez eu tenha me enganado. Talvez a verdadeira razão para você ter ficado em Constantinopla não tenha sido seu desejo altruísta de ajudar meus priminhos, e sim o fato de você saber que não sobreviveria a uma viagem de barco.

Radu deu uma risada sem muito ânimo, e Cipriano riu também. Aquele era um homem que, além de perdoar seu passado, também era capaz de fazer piadas a respeito dele que tornavam tudo mais fácil de suportar. Aquele sempre seria um ponto sensível, mas uma cicatriz, e não uma ferida aberta.

Depois que seu estômago sossegou, Radu enfim deu uma olhada ao redor da ilha. Era minúscula, com uma vegetação pantanosa e densa nas extremidades. Os insetos revoavam, emprestando sua melodia ao ar úmido e pesado. Árvores baixas mas com bastante folhagem ofereciam a promessa de sombra, e uma trilha levava aos caminhos bem cuidados do jardim. O mosteiro se elevava à distância, com torres de pedra de um vermelho-claro demarcando seu lugar. Apesar de os guardas ao redor estarem em alerta máximo, o monge que vinha em direção a eles parecia totalmente despreocupado com a presença de tantos homens armados.

– Olá – disse Radu. – Eu sou... – Ele se interrompeu, sem saber se Radu Bei ou Radu Dracul teria uma recepção melhor. Mas estava vestido como um membro da nobreza valáquia, então, era melhor continuar a encenação. – Sou Radu Dracul, e estou aqui em nome do príncipe Aron Danesti, voivoda da Valáquia.

O monge, com o rosto enrugado e bronzeado por anos de trabalhos ao sol, não esboçou nem um sorriso. No entanto, alguma coisa nas linhas de expressão ao redor de seus olhos sugeria algum divertimento.

– Príncipe Aron? Não sabia que existia um novo. Nem que precisávamos de um.

– Sim. – Radu sorriu, mas não sabia ao certo o que pensar daquele homem. – Ele manda saudações e pede um sacerdote para assumir a catedral de Tirgoviste.

– Hummm. Bom, venham comigo ao mosteiro. Podemos oferecer comida e abrigo. – O monge se virou e saiu andando pelo caminho.

Radu foi ao seu lado, deixando os demais para trás.

– Você já esteve na nossa ilha antes? – o monge quis saber. – Você parece familiar.

– Só quando eu era criança.

– Ah, sim. Agora me lembrei. Sua irmã me contou.

– Lada esteve aqui?

– Ela veio no outono passado. Inclusive, olhe lá... – O monge apontou para os coruchéus da igreja, quase terminados, com homens pendurados em cordas do lado de fora e martelando telhas de madeira. – Ela doou recursos para nossa nova construção. Tem sido uma boa patrona para nós.

Radu franziu a testa, intrigado. A igreja era funcional e elegante, com uma pedra arenosa que envelheceria lindamente, como todas as igrejas.

– Você parece surpreso – o monge falou.

– Nunca soube que minha irmã tinha alguma preocupação com o bem-estar da alma.

O monge abriu um sorriso astuto.

– E, por acaso, não temos todos? Além disso, como ela mesma falou, nossa igreja é valáquia, por isso, merece mais glória e mais ornamentos que os demais deuses.

– Ah, isso faz mais sentido.

Se fosse uma coisa feita para a Valáquia concorrer com outros países, Radu conseguia entender o desejo de Lada de promover melhorias na ilha. Na verdade, estava surpreso por ela não ter tornado a igreja ainda maior. E com torres mais pontudas.

– O que você achou dela?

– É uma pessoa singular. Nunca encontrei alguém como ela... apesar de que vivo há vinte anos na ilha, e não recebemos muitos visitantes. Enfim, no início, fiquei cético, mas os relatórios que vieram do interior indicam que sua irmã é uma líder de visão e força notáveis.

– Era – Radu corrigiu gentilmente.

– Ah, sim? – O monge contorceu o rosto de um jeito brincalhão. – Mircea! – ele gritou. Radu fez uma careta involuntária ao ouvir o nome de seu irmão mais velho e cruel. Mas Mircea estava morto, e aquele nome era comum. Um dos homens que trabalhavam na igreja virou a cabeça. – Quem ocupa o cargo de príncipe aqui na Valáquia? – gritou o monge.

– Lada Dracul, que continue cuspidando na cara dos turcos!

Os guardas em torno de Radu se remexeram inquietamente, porém, nenhum dos trabalhadores fez nenhum gesto hostil, nem prestou muita atenção neles.

– Ele não sabe que um novo príncipe foi coroado? – Radu questionou.

Talvez as pessoas não tivessem voltado às cidades porque não tinham sido avisadas.

O monge abriu as portas da igreja, expondo um interior escuro, frio e convidativo.

– O que eu acho, meu filho, é que ele não se importa.



O almoço servido foi peixe com legumes da estação e pão rústico. Os monges eram educados e gentis, e demonstravam um desinteresse paciente em tudo o que Radu tinha a dizer. E tinham ainda menos interesse em assumir uma posição na capital.

– Talvez uma das igrejas dos vilarejos – o monge que o recebera sugeriu.

– Está todo mundo com medo de ir a Tirgoviste – Radu confessou, olhando para um mural representando Cristo. – A maioria ainda está escondida nas montanhas. Os que desceram são como os homens que estão construindo seu telhado. Não querem saber do novo príncipe. Não começamos nem a coletar impostos. Estamos em grande parte só rezando para eles semearem os campos e termos uma colheita.

– É um país diferente agora. Sua irmã proporcionou uma mudança. Eles não vão desistir facilmente.

– Mas ela nem está aqui.

O monge ergueu as mãos como se isso provasse alguma coisa.

– Mas ela está. Enquanto estiver viva, as mudanças que promoveu vão continuar. As porteiras foram abertas, e as ovelhas fugiram. Acho

que Aron não está à altura do trabalho de trazê-las de volta.

Contra isso, Radu não tinha argumentos. Não disse nada, e fez questão de evitar o olhar de Nazira.

O monge se levantou.

– Querem alguma coisa de nós antes de irem embora?

Radu não estava disposto a dizer ao monge que sua religião não tinha nada que lhe interessasse. Aquelas eram boas pessoas, e ele lhes desejava tudo de bom em sua vida de fé, mas aquilo não passava de uma lembrança de infância. Ele não sentia nada com relação ao cristianismo, nada nem de bom, nem de ruim. Isso era uma espécie de bênção em sua opinião. Era bom ter alguma coisa na Valáquia que lhe era neutra, que não causava sofrimento.

– Você me avisa se minha irmã fizer outra visita?

Sua passagem por ali deixava claro que ele não estava enfrentando só sua irmã, e sim a *ideia* que faziam dela. E isso a tornava tão elusiva e difícil de combater quanto antes, se não mais. Aron provavelmente não inspiraria devoção nem mudaria a lealdade de ninguém que apoiava Lada.

O monge ergueu os olhos para o mural.

– Ela disse que gostava de ficar aqui. Encontrava o máximo possível de paz para uma criatura de seu feitio, acho. Espero que venha de novo. E, se vier, vai ser bem-vinda, e nenhum de seus inimigos vai ser alertado. – O monge se voltou para Radu, erguendo uma sobrancelha. – Você é um inimigo dela?

Embora não tivesse nenhuma conexão com aquela religião, Radu não tinha coragem de mentir para um homem que dedicava a vida a Deus.

– Não sei. Acho que posso ser.

O monge assentiu, sem nenhuma expressão de reprovação no rosto.

– Você poderia passar a noite aqui. Para ver se consegue encontrar o mesmo tipo de paz também.

Não importava o que fizesse, aquele país ainda pertencia a Lada. Radu nunca conseguira retomar nada que ela tomava para si. Nem seu pai, nem Mehmed, nem a Valáquia.

– Talvez – ele respondeu, mas sabia que não encontraria paz ali. Lada garantira isso.

*Cidade de Arges*

LADA ESTAVA AMARGURADA demais durante a fuga para pensar no que quer que fosse. Stefan conseguira cavalos em algum lugar, e tudo foi feito de forma rápida e silenciosa. Ninguém dispensava um segundo para olhar o homem que cavalgava ao lado de uma mulher encolhida sob um xale. Apesar de ela estar suja e descalça.

Quando saíram da cidade, a paisagem ao redor era puramente rural. O verão passara do auge e estava dando lugar à névoa úmida do outono. Lada deveria estar cheia de alegria por estar livre de novo, mas se via atordoada e ressentida. Como as estações ousavam mudar, como a natureza podia continuar seguindo em frente, quando ela estava tão cruelmente empacada? E como alguma coisa podia ser tão linda e inspiradora quando ela havia deixado para trás sua ama para se salvar?

Ela rejeitara a beleza da paisagem da Hungria, ignorara o verde acolhedor da Transilvânia e só se permitiu algum alívio quando enfim atravessaram a fronteira da Valáquia. Mesmo no estado em que se encontrava, não conseguia resistir ao amor que sentia por seu país. Mas temia pelo que iria encontrar quando chegasse. Era possível ver mais adiante as montanhas ao redor do rio Arges, onde ela voltaria para sua fortaleza. Para Bogdan.

Sem a mãe dele.

Lada não achava que Matyas fosse matar Oana. Ou, pelo menos, esperava que não. Ele parecia o tipo de pessoa que considerava uma criada desimportante o suficiente a ponto de não reparar na existência dela. Além disso, Oana não estava por perto quando Lada fugiu. Com certeza, isso deporia a favor dela. Mesmo assim, Lada precisava acrescentar mais um nome à lista daqueles que não estavam mais ao seu lado.

Matei. Traidor, mas fazia falta por ser seu primeiro janízaro perdido.

Petru. Assassinado e vingado.

Nicolae. Morreu por ela, o que talvez a atormentasse ainda mais.

Oana. Sacrificada, o que, sem dúvida, a atormentava muito.

E, como sempre, havia as presenças espectrais à sua esquerda e à sua direita: Mehmed e Radu. Algum dia, ela envelheceria o suficiente para não se importar mais com a perda de seus maiores companheiros na infância.

Pelo menos, torcia por isso.

Tanto para não se importar mais como para conseguir envelhecer. Nenhuma das duas possibilidades parecia viável naquela linda tarde de verão. Encolhida e encurvada na sela, Lada se incomodava não só como o que a natureza mostrava, mas também com o que não revelava: terrenos cultivados.

Eles cavalgaram por hectares e mais hectares de terreno não cultivado. No outono passado, aquela mesma região proporcionara belas colheitas. Naquele ano, não haveria nada. O que significava que o inverno seguinte seria bem mais letal que a primavera anterior. Os otomanos podiam ser enganados, derrotados, expulsos. Mas a fome era a rival mais paciente e implacável do mundo. O que ela fizera? Como consertar aquilo?

Stefan parou o cavalo.

– Eu não vou para Poenari.

Lada suspirou. Mais um nome para acrescentar à lista de pessoas perdidas, junto com Daciana. Ele a avisara, e, pelo jeito, o momento estava chegando.

– Tem certeza?

Ele assentiu, bem sério.

– Minha dívida com você está paga.

Lada ergueu uma sobrancelha.

– Bom, não exatamente.

– Ah, não?

– Minha dívida por libertá-lo dos otomanos, sim. Mas não se esqueça que foi por escolha minha que Daciana se juntou a nós. Se eu a rejeitasse, você seria apenas uma sombra, um homem invisível, e *meu*. – Lada fechou a cara. – Eu não deveria ter deixado que ela viesse.

Stefan a recompensou com um sorriso escancarado, e ela desviou o olhar para não se emocionar. Pelo menos aquele amigo seria perdido para a *vida*, não para a morte.

Lada afastou seus sentimentos mais profundos e adotou um tom mais adequado para alguém com o título de príncipe:

– Execute mais uma tarefa para mim, e então posso dizer onde Daciana está.

– Que tarefa?

– Tem usurpadores no meu castelo. Mate Aron e Andrei Danesti, para deixar claro que eu sou a única príncipe que a Valáquia tem e da qual precisa. Isso não deve ser difícil para você.

– A missão vai ser realizada. – Ele virou o cavalo. – Como um último favor entre amigos.

– Você não quer saber onde está Daciana? – Lada gritou.

Stefan a olhou por cima do ombro, e, pela primeira vez, Lada sentiu todo o apelo do sorriso daquele homem. Ela entendeu o que Daciana vira nele, e por que valia a pena ter mais que sua lealdade militar.

– Eu não seria um espião muito bom se já não tivesse descoberto isso sozinho.

Lada deu risada, encantada com aquele sorriso.

– Então, por que ficou?

– Eu já disse: por gratidão. Desejo o melhor para você, príncipe. Foi uma honra servi-la.

Se não estivesse tão cansada e debilitada, Lada se irritaria com a partida. Mas o fantasma de Nicolae pesava sobre sua cabeça, lembrando-a de que não seria tão ruim perder Stefan daquela maneira. Poderia ser pior.

– Aconselho você a criar sua pequena Lada para ser um terror.

– Não espero nada menos.

Lada viu o último homem com quem treinara, o último de seu núcleo duro de aliados e seguidores leais, além de amigos, ir embora. Uma era chegava ao fim. Ela não sabia se ficaria mais fraca. Decidiu que não. Cada um deles havia, de uma forma ou de outra, sacrificado a si mesmo pelo bem da Valáquia. E ela não estava determinada a sacrificar o que fosse necessário?

Puxando o xale com força em torno de si, continuou cavalgando em direção a sua fortaleza e ao último amigo restante de sua juventude. Mas para o quê, exatamente, ela estava indo?

Lada contabilizou seus recursos.

O último membro de seu círculo mais próximo era Bogdan. Havia outros homens que eram bons, mas não a mesma coisa. Com Daciana e Oana longe, ela jamais poderia confiar em alguém no castelo, isso, supondo que um dia voltasse. Afinal, testemunhara em primeira mão como um criado podia ser bem diferente do que aparentava.

A Hungria estava contra Lada, mas ela sabia que seu rei não a enfrentaria diretamente. Talvez tivesse sido melhor mandar Stefan assassinar *Matyas*, mas a Valáquia sempre fora sua prioridade. Fosse como fosse, não haveria conflito, mas também nenhuma ajuda viria da Hungria.

A Moldávia não estava contra ela, mas seu primo Estêvão lhe tomara terras. Isso precisava ser respondido com sangue, portanto, os dois não seriam aliados no futuro. Mas, talvez, antes ela pudesse atrair o apoio do rei moldávio. A vingança poderia ser adiada por ora.

A Bulgária obviamente a odiava, e isso continuaria assim por algum tempo. A Albânia e a Sérvia eram Estados vassalos convictos dos otomanos. E não havia a menor simpatia entre ela e os transilvânios e saxões.

O papa a tinha em certa estima, mas seu país não era católico, e ele lhe ofereceria apenas elogios, não ajuda concreta. O auxílio mandado por ele havia sido para alguém de sua confiança, e não recebera nada em troca. Mas ela, com certeza, pretendia escrever para informar o golpe de Matyas. Ele que explicasse para a coroa que o tesouro papal lhe comprara.

E, mesmo em seu próprio país, seus recursos eram esparsos. Seu irmão vinha ajudando o usurpador Danesti. Tirgoviste seria fortificada. Os boiardos restantes seriam atraídos para sua órbita. Presumindo que Galesh Basarab e seus homens estivessem mortos – esperava que sim, mas não podia contar com isso, considerando que era uma informação vinda de Matyas –, Radu não receberia um grande contingente de homens dos poucos boiardos ainda espalhados pelo território. Mas, mesmo assim, a ideia de montar um cerco contra sua própria cidade não a agradava.

Portanto, havia inimigos dentro e fora do país. Todos os homens instalados no poder se voltavam contra ela. Não havia quase ninguém em quem pudesse confiar. O país estava em desordem. Não haveria colheita no verão. O povo estava escondido nas montanhas. A capital fora povoada de estacas.

Só havia uma solução.

Ela havia sido gentil e suave demais. Tentara manter o máximo possível intacto, avançar a partir do que já existia. Mas a fundação como um todo estava podre. Lada não conseguiria construir um reino forte removendo apenas as pedras mais degradadas. Precisaria demolir tudo.

Seria necessário queimar tudo de cima a baixo. Apenas assim a Valáquia poderia ressurgir das cinzas.

Ela se endireitou na cela, olhando para o horizonte. Não havia possibilidade para gentileza nem misericórdia. Matyas provara que ela não podia jogar de acordo com nenhuma das regras existentes. Teria que se transformar numa coisa absolutamente nova.

A paisagem ao seu redor estava silenciosa, calma, como se até os insetos e o vento reconhecessem a passagem de uma grande

predadora. Mais uma vez, ela se imaginou com asas atrás de si, cobrindo toda a região com sombras e fogo. Não haveria mais ordem nem estrutura. Ela mataria os governantes de todos os países nas fronteiras, e todos os herdeiros. Plantaria o caos e a destruição absolutos.

E estaria no centro de tudo, agarrada ao próprio território. A Valáquia sobreviveria. Como sempre. Mas com Lada por lá e com tudo ao redor desmoronando em uma desordem fatal, a Valáquia enfim prosperaria.

Afinal, o fogo, o sangue e a morte não eram nada para um país liderado por um dragão.

*Tirgoviste*

RADU ESTAVA NO alto da torre. Aquele lugar prenunciara muitas mudanças em sua vida. Primeiro, quando ele e Lada viram Hunyadi entrar na cidade, assinalando o fim de sua estadia ali, ocasião em que seu pai solicitou apoio dos otomanos e mandou os filhos para o sultão como garantia de cumprimento do acordo. Apesar de ter sido algo assustador na época, foi a melhor coisa que poderia ter acontecido com Radu. E, depois, a torre ainda foi o local do reencontro mais inesperado e feliz de sua vida.

Como se tivesse sido atraído por seus pensamentos, Cipriano se juntou a ele. O ar estava frio, revelando os primeiros sinais do outono iminente. Radu estremeceu, e Cipriano o abraçou enquanto observavam a alvorada despontando de forma suave em meio à névoa. As cicatrizes dos meses anteriores foram amenizadas pelo verde da paisagem, tornando tudo tranquilo e pacífico. Os campos ao redor de Tirgoviste estavam semeados e quase prontos para a colheita. Tinha sido um uso nada convencional de soldados treinados para matar, mas era graças aos janízaros de Radu, sob a direção de alguns agricultores experientes, que havia alimento suficiente para Tirgoviste e para os refugiados que o local abrigava passarem o inverno em segurança. Afinal de contas, ele havia sido deixado por lá para proteger a cidade.

Radu estava orgulhoso dos campos cultivados. Aron reivindicara que ele mandasse seus homens para caçar Lada, mas Radu sabia que havia coisas mais importantes a fazer. E, considerando que não morreria de fome durante o longo inverno que se aproximava, o príncipe se mostraria grato mais tarde. Ou, se não grato, pelo menos ressentido por Radu ter se mostrado correto mais uma vez.

Um cavaleiro solitário deixava a cidade, seguindo em direção à montanha. Radu não invejava aquela liberdade, mas apenas porque sua própria escapada estava cada vez mais próxima.

– Vamos embora hoje – Radu falou, dando as costas para a paisagem que quase tinha aprendido a amar.

– Hoje? – Cipriano segurou a mão de Radu, que se perguntou quando aquele toque não lhe provocaria mais sobressaltos e se algum dia se acostumaria àquela emoção. Ele torcia para que não. E que tivesse uma vida inteira para descobrir isso.

– Aron não me quer mais aqui. Eu confio em Kiril. Ele vai fazer um bom trabalho comandando os homens que deixarmos. E ninguém tem notícias de Lada desde o ataque. Isso foi há quatro meses. Se ela fosse agir, já teria feito isso a esta altura. Toda essa espera, para ganhar tempo...

– Seria uma boa estratégia.

– Mas não é do feitio dela. Ela não teria desejado perder um momento como esse. Eu acho... – Radu balançou a cabeça. – Eu suspeito que ela não esteja mais no controle.

– Você acha que ela está morta? – Cipriano perguntou gentilmente.

– Ela é muito má para morrer. Com certeza, aconteceu alguma coisa de ruim, mas não acho que esteja morta.

Radu levou a mão ao coração, perguntando a si mesmo se sentiria pela morte da irmã caso fosse informado a respeito. Eles estavam distantes havia muito tempo. Ela o encarou naquela noite na barraca de Mehmed como se ele fosse uma lembrança, não uma pessoa.

– Por outro lado, se ela estiver morta, isso significa que eu vou viver para sempre – Radu comentou, pensativo.

Cipriano abriu um sorriso, confuso.

– Não entendi o que isso quer dizer.

Radu se inclinou para a frente e encostou sua testa à de Cipriano.

– Muito tempo atrás, Lada me prometeu que ninguém além dela me mataria. Se não puder cumprir a promessa, ao que parece, vou ser imortal.

Cipriano abraçou Radu pela cintura.

– Gostei muito dessa ideia.

– Mas você vai ter que viver para sempre e me acompanhar – Radu falou.

– Vou ver o que posso fazer.

Cipriano colou os lábios ao pescoço de Radu, que estremeceu. Ele nunca se acostumaria àquela sensação. Cada momento passado com Cipriano sempre pareceria um milagre. Havia algo puro e sagrado em seu sentimento por aquele homem. Sem motivos para vergonha ou angústia. Sem nada do sofrimento de que seus sentimentos vieram acompanhados por tanto tempo.

– No que você está pensando? – sussurrou Cipriano.

– Em Deus – respondeu Radu.

Cipriano riu.

– Não sabia que eu beijava tão bem.

Radu riu também, e os lábios dos dois voltaram a se encontrar.



Eles se lembraram de soltar as mãos quando desceram da torre. Radu estava como que flutuando, incapaz de esconder o sorriso no rosto ao largar os dedos de Cipriano. Ele não entendia como ninguém conseguia ver o que sentiam um pelo outro. Mas Nazira e Fatima viviam assim havia anos. As pessoas só viam o que queriam, como Nazira lhe dissera.

– Radu Bei!

Radu se virou e viu um janízaro correndo em sua direção, pálido e com os olhos arregalados. Seu estômago se revirou de medo.

– Que foi? Encontraram minha irmã?

O janízaro fez que não com a cabeça.

– O príncipe.

Radu vinha adiando o encontro, mas estava na hora de comunicar a Aron que pretendia ir embora. Ele se perguntou se isso ajudaria ou prejudicaria sua relação com os Danesti. Porém, isso não fazia mais diferença.

– Ele quer me ver?

– Não. Ele está morto.

Radu sentiu aquelas palavras como se tivesse sido atingido fisicamente por elas.

– Aron está *morto*?

– Andrei também.

Atordoados, Radu passou pelo janízaro e se dirigiu aos aposentos reais. O castelo estava despertando com a movimentação de vários criados que não sabiam que, mais uma vez, não tinham um príncipe. Vários janízaros guardavam a entrada dos cômodos privativos de Aron e Andrei. Kiril abriu caminho para Radu passar. O cadáver do príncipe estava sobre a cama. Radu se moveu fazendo o mínimo ruído possível, como se passos mais pesados fossem incomodar o príncipe. Antes fosse assim.

Aron estava deitado de lado, com um pequeno ferimento na nuca, onde alguém tinha cravado uma adaga e cortado sua espinha na base do crânio. Era um jeito rápido de morrer. Pela posição em que estava, Aron não havia nem ao menos acordado.

– Andrei também? – ele perguntou baixinho.

Kiril respondeu no mesmo tom:

– Da mesma maneira. Ambos dormindo. Os corpos estão frios, mas não muito. Pode ter sido há uma ou duas horas.

– E ninguém viu nada?

Kiril negou com a cabeça.

Radu olhou para o cadáver de Aron. Lamentava o destino do homem, mas havia também uma sensação de contrariedade vindo à tona. Com Aron assassinado na própria cama em pleno castelo, em plena capital, como ele poderia convencer os boiardos de que estariam em segurança?

E quem seria o príncipe a partir de então?



Radu estava atordoado demais para preservar algum senso de decoro e tradição. Ao redor da mesa, estavam Kiril, Cipriano e Nazira.

– Foi ela, não? – Kiril perguntou.

Radu arrancou o turbante. Estava se sentindo acossado, pressionado.

– Só pode ter sido. Aron e Andrei não tinham inimigos. Não tiveram tempo suficiente para isso. Bulgária, Moldávia, Hungria, Transilvânia... é do interesse de todos que a Valáquia esteja estável e sob controle. Ninguém teria mandado um assassino para eliminar os dois.

– Mas por que agora? Por que ela esperou tanto tempo sem fazer nada? – Nazira questionou.

Radu sacudiu a cabeça.

– Não faço ideia. Alguma notícia dos batedores?

– Alguns já voltaram – Kiril falou. – O restante talvez nunca volte. Os homens de Simion encontraram corpos numa vala. Não identificaram ninguém, mas, pelas vestimentas, pareciam boiardos. Foram encontrados vestígios de um acampamento grande, mas não a tempo de rastrear para onde teriam seguido depois.

– Os Basarab – Radu comentou. – Meu palpite é que Lada os encontrou.

– Então, o que fazemos agora?

Radu esfregou a nuca, sentindo uma dor de cabeça provocada pela tensão ganhar força. Ele imaginou uma adaga fina deslizando para dentro de sua pele. Um corte preciso, cirúrgico e minúsculo que poderia encerrar uma vida.

– Precisamos de um príncipe. Não acredito que entre os Basarab restantes haja alguém com idade suficiente, mas vou examinar os registros. Os poucos Danesti que restaram não vão querer voltar ao país. Fugiram para se abrigar com parentes distantes. Talvez haja um bom candidato entre os...

– Por que você está procurando um príncipe? – Nazira questionou.

– Precisamos pôr alguém no trono.

Nazira lançou um olhar que conseguia parecer severo e piedoso ao

mesmo tempo.

– Radu, meu marido, nós já temos um herdeiro. E sabemos que ele não tem medo de vir a Tirgoviste nem de enfrentar Lada.

Radu perdeu todo o ânimo. Ainda estava tentando fingir que havia uma opção.

– Eu não quero esse trono.

– Eu sei. Já conversamos sobre isso. Mas, às vezes, pelo bem do povo, precisamos fazer coisas que não queremos.

– Este não é o meu povo! – Radu ficou de pé, surpreso com a força da própria afirmação. Ele começou a andar de um lado para outro pela sala. – Não quero isso. Nada disso. Fiquei aqui como um favor para o império. Não posso ser o príncipe.

– Você viu o estado em que o país se encontra.

Radu deu risada.

– Exatamente! Recolocar tudo no lugar é trabalho para uma vida toda.

– Um trabalho pesado – Cipriano comentou, abrindo um sorriso tristonho. – É importante.

Radu olhou para os rostos ao redor da mesa e desabou de novo em sua cadeira.

– Quero ir para casa – ele falou, sabendo que estava parecendo uma criança, mas sem se importar.

Nazira colocou a mão sobre a dele.

– Nós temos nossa família. Qualquer lugar pode ser nossa casa. Mas acho que nós, você e eu, carregamos um tremendo peso na alma por causa do que vimos e fizemos. Participamos de um processo de destruição. Vai fazer bem para nossa alma cultivar e reconstruir em vez disso.

Cipriano se inclinou para mais perto.

– Sei que você quer se afastar, viver em paz e se esquecer de tudo o que aconteceu antes. Mas não conseguiu virar as costas para os meus primos. E, com certeza, não vai virar as costas para um país inteiro que precisa tão desesperadamente de você.

Eles tinham razão. Radu sabia que carregaria consigo os fantasmas de Constantinopla para sempre. Talvez fosse seu castigo por tudo o que fizera. Mas, talvez, pudesse ser sua chance de redenção.

– Muito bem. – As palavras contraíram sua garganta como uma coleira. – Eu vou ser o príncipe.

Seus amigos assentiram de forma solene, cientes de que não era uma ocasião para alegria e celebração. Não havia nenhum triunfo envolvido na ascensão de Radu.

– Quer dar uma festa? – Nazira perguntou, numa tentativa

generosa de aliviar a tensão. – Essa foi a primeira providência de Aron.

– Não – Radu falou. – Vamos fazer a coroação imediatamente e espalhar a notícia de que o príncipe agora sou eu. E espalhar soldados pela cidade para garantir uma defesa impecável. E, depois, vamos para a montanha.

Todas as partes de sua vida se encaixaram para formar uma trilha cruel de pedras afiadas. Tudo o que acontecera até então levava àquilo. Todos os caminhos conduziam a Lada. E ele sabia o que faria. O que Mehmed faria. O que a própria Lada faria.

Era preciso pôr um fim naquilo de uma vez por todas.

*Fortaleza de Poenari*

APESAR DE MANTER o disfarce imundo o tempo todo para evitar ser reconhecida, ela não aguentava mais se esconder. Não queria subir para sua fortaleza parecendo tão fraca e sentindo-se como tal. Já estava no vilarejo mais próximo de Poenari. Era minúsculo, ocupava uma parcela de terra plana entre o rio e as montanhas. Lada já o visitara muitas vezes, e mantinha seus cavalos por lá. As pessoas a conheciam. Quando desceu da montaria, ela arrancou o xale e olhou ao redor, torcendo para que pelo menos naquela região remota o território ainda fosse seu. Se não fosse, estaria morta de qualquer jeito.

– Príncipe – uma mulher idosa falou, ofegante, largando as roupas que lavava à beira do rio. Depois de dar uma olhada no vestido ensanguentado de Lada, ela se levantou. – Venha comigo.

A mulher limpou as mãos no avental. Lada seguiu-a até uma casa humilde numa extremidade do vilarejo, onde a mulher pegou uma tina de madeira e pôs um caldeirão de água para esquentar nas brasas, que abanou enquanto cantarolava consigo mesma.

– Me desculpe – a mulher falou. – Eu não esperava uma visita tão ilustre. Mas você é uma príncipe do povo.

A mulher abriu um sorriso mais caloroso que as brasas do fogão, e Lada sentiu alguma coisa se romper dentro de si. Sentiu vontade de chorar. Não era capaz de se lembrar nem da última vez que *quisera* chorar, e muito menos de quando tinha conseguido. Em vez disso, sentou-se e aceitou o pão e a carne-seca oferecidos.

– Como andam as coisas por aqui? – Lada quis saber, sem entrar no assunto do motivo de sua ausência.

Se Matyas mantivera seu cativeiro em segredo, não seria ela quem revelaria o fato.

– Tranquilas. Pacíficas. Um homem passou aqui um mês atrás procurando notícias suas. – A mulher sorriu. – E não voltou para contar a história. – Ela despejou a água quente na tina e pediu licença

para se retirar. Em seguida, voltou com dois baldes de água fria, que jogou lá dentro também. – Seria a maior honra da minha vida dar banho na minha príncipe. – A mulher baixou a cabeça.

Lada tirou as roupas e as jogou no fogo. Com cuidado, pôs o pingente sobre uma cadeira e entrou na tina, com os joelhos junto ao peito. Ela afundou o quanto pôde no espaço apertado. A mulher cantarolava uma música suave para si mesma enquanto pegou um pedaço de sabão, uma escova e começou a esfregá-la.

Apesar de se lavar sozinha desde criança, ela aceitou a gentileza oferecida pela mulher. Meses de medo, sujeira e sangue coagulado saíram na água. Lada gostaria de poder remover a pele para revelar algo novo e mais forte por baixo. Escamas, ou cota de malha. Mas sob a imundice havia apenas pele macia e rosada. Seu corpo não lhe parecia familiar. Os seios ainda eram grandes, mas a barriga estava inchada em razão de meses de má nutrição. Seus braços e suas pernas estavam finos, e os calos causados pelo manejo das armas em sua mão haviam sumido.

Quando a água esfriou, Lada saiu da tina. A mulher envolveu-a num cobertor amaciado por anos de uso. Lada sentou-se junto do fogo e – em mais uma traição imperdoável a Oana – permitiu que a mulher penteasse seus cabelos.

– Por que tanta gentileza comigo? – Lada perguntou. Uma coisa era servir à pessoa que ocupava o cargo de príncipe. Mas Lada não pedira nada daquilo e, claramente, não tinha nada com que retribuir.

A mulher se interrompeu por um tempo, mas, em seguida, voltou a penteá-la, ainda que com mais cuidado.

– Porque você é a única príncipe que já visitou nosso vilarejo. – Lada detectou um tom sorridente na voz da mulher. – Porque você é a única príncipe que sabe o que significa ser mulher neste mundo. E porque tenho um pouco de medo de que, se não for gentil, você queira me matar.

Lada deu risada.

– Eu não mato minha gente. Só aqueles que roubam do meu povo.

A mulher riu também, um som suave e gasto como o cobertor que a enrolava.

– Tem outra razão para você merecer minha gentileza. Nunca me importei muito com príncipes. Nenhum deles nunca me fez nada de bom. Mas o povo daqui te conhece e te ama. Por sua causa, conseguimos plantar mais e ganhar mais com nosso trabalho. E meu neto, um menino inteligente e forte, nunca vai ser vendido para aqueles infiéis, para lutar nas batalhas deles. – Ela terminou de penteá-la e bateu em seu ombro. – Espere um pouco aqui. Sei que

você não usa saias. Vou procurar umas roupas para você.

Lada sabia o sacrifício que isso implicava. Num vilarejo daquele tamanho, cada pessoa devia ter uma troca de roupa. A calça e a túnica que a mulher trouxe estavam limpas e bem remendadas.

Ela se vestiu. Quando terminou, um garotinho – provavelmente, o neto da mulher – apareceu. Estava com os olhos arregalados de admiração, ou de medo. Lada o encarou, mas, depois, deu uma piscadinha. Ele continuava apavorado do mesmo jeito, e se afastou e fechou a porta. A mulher voltou com um sorriso tímido e estendeu um pedaço de tecido vermelho.

– Minha mãe me deu isto quando me casei.

Não era um tecido dos mais elaborados, mas o corante de tingimento vermelho era caro. Provavelmente, era o maior tesouro da casa. Lada se virou de costas e permitiu que a mulher amarrasse o pano em sua cabeça, para segurar os cabelos molhados.

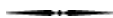
Com uma postura mais ereta do que quando entrara, Lada seguiu-a em direção ao vilarejo. De todas as partes, os aldeões tinham saído de casa, da beira do rio e dos campos. O neto da mulher corria de porta em porta, cochichando e apontando para alertá-los sobre a presença de Lada. Eles se postaram à beira do caminho, observando. Alguns sorriam, mas a maioria a olhava com orgulho convicto. A maior parte das mulheres estava com a mão sobre os ombros dos meninos, que jamais lhe seriam tirados, que serviriam ao próprio país quando crescessem.

Lada ergueu o queixo.

– Pela gentileza com que fui tratada aqui hoje, este vilarejo nunca mais vai pagar impostos para príncipe nenhum.

As pessoas vibravam, e as meninas sacudiam flores – uma delas, inclusive, brandindo um graveto como uma espada – enquanto Lada passava. Um homem lhe entregou as próprias botas com um gesto solene, apesar de saber que conseguir uma nova custaria muito caro. Lada aceitou o presente e montou no cavalo. Ela assentiu, orgulhosa e poderosa, antes de se virar e partir para sua fortaleza.

Não havia preço que fosse alto demais a pagar pelo bem da Valáquia, e seu país – a *verdadeira* Valáquia – sabia disso e a amava por seus sacrifícios.



Ela encontrou diversos soldados no pé do morro onde Poenari se erguia como uma sentinela sobre o rio. Eles pareceram surpresos com sua aparência, mas ela não deu margem a perguntas nem ofereceu explicações. Lada entregou as rédeas dos cavalos e passou por eles rumo à trilha serpenteante. Quando chegou ao topo, estava sem fôlego

e exausta, mas fez o possível para não demonstrar. Era preciso projetar apenas força.

Bogdan correu até o portão para recebê-la. Dava para ver na postura de seu amigo que ele queria abraçá-la, mas conseguiu se conter. Pelo menos fora bem treinado nesse sentido. Ele olhou por cima de seu ombro.

Estava à procura da mãe.

– Ela não está comigo.

Lada fez um gesto para que Bogdan a seguisse, ciente de que talvez fosse a última vez que ele se mostraria disposto a segui-la para algum lugar. Ela conseguiu caminhar até sua sala particular nos fundos da fortaleza ignorando os homens por que passavam, como um legítimo membro da realeza. E, então, por fim, com a porta fechada, despencou sobre uma cadeira.

– O que aconteceu? – Bogdan perguntou. – Por onde você andou? Falei para todo mundo que estava caçando espiões dos otomanos, mas não sabia por quanto tempo ia conseguir continuar controlando os homens na sua ausência. Queria ir procurar você, mas sabia que me queria aqui.

– Ainda bem que não foi. Teria sido assassinado. Matyas me traiu. Me jogou na prisão.

Bogdan ajoelhou diante dela e observou bem seu rosto.

– Você não está bem.

– Acho que ele estava me envenenando.

– E a minha mãe?

Lada sabia que precisava se desculpar. Sabia que era isso que Radu faria em seu lugar. Mas não conseguia. Caso fizesse isso, admitiria que estava errada, e, se confessasse em voz alta que tinha abandonado Oana, jamais perdoaria a si mesma.

– Quando cheguei lá, Matyas matou todos os meus soldados. Fiquei numa cela menor que esta sala durante meses. Sua mãe foi colocada para trabalhar nas cozinhas, sã e salva. Eu fugi com a ajuda de Stefan. Tivemos que matar todos os guardas. Era para sua mãe ter ido nos encontrar, mas ela estava no castelo quando tudo aconteceu. Não consegui ir atrás dela.

As feições rústicas de Bogdan se contorceram, revelando uma ampla variedade de emoções. Por fim, engolindo em seco, ele assentiu.

– Ela iria querer que você fugisse.

Lada tentou não demonstrar seu alívio, mas sentiu as mesmas lágrimas traidoras de antes se acumularem em seus olhos. Só o que tinha agora era Bogdan. Se ele a odiasse por aquilo, se a deixasse... era melhor nem pensar a respeito. E não era necessário. Ela estendeu a

mão e apertou uma das orelhas de abano ridículas dele, pigarreando para se livrar das emoções inconvenientes presas na garganta, doloridas como uma ferida antiga.

– Me diz o que aconteceu na minha ausência.

Bogdan relatou que Tirgoviste estava fortificada, mas que nenhuma ofensiva importante chegara às montanhas. Ele encontrara e matara os boiardos Basarab. Os homens sob o comando deles se dispersaram para se esconder dos batedores otomanos que os procuravam, mas estavam todos a menos de um dia de cavalgada e podiam ser reunidos assim que ela desse o chamado.

– Eles continuam leais?

– A maioria. Os húngaros já tinham ido embora fazia tempo.

Era o máximo que Lada poderia esperar, de qualquer forma.

– Com quantos podemos contar no momento?

– Contando as mulheres? Dois mil, talvez três mil. É difícil saber quanta gente ainda está esperando e quantos fugiram. Nós vamos matar Matyas? – As palavras de Bogdan eram ásperas e fortes como seus punhos. Ele queria aquilo tanto quanto Lada.

Ela recostou a cabeça no espaldar da cadeira e fechou os olhos.

– Vamos matar todo mundo.

– Ótimo.

Lada sorriu, estendendo a mão. Bogdan segurou-a com um gesto hesitante.

– Nunca me abandone – ela pediu.

– Jamais.

Sonolenta, Lada enfim voltou a sentir-se segura. Não saberia o que fazer sem Bogdan. Sabia que deveria contar para ele como se sentia – e que valorizaria aquela confissão mais do que a mulher do vilarejo apreciava o tecido vermelho em seus cabelos –, mas não seria capaz de proferir aquelas palavras. Ele não era como Mehmed. Mas talvez fosse algo melhor. Jamais a desafiaria, nem a obrigaria a se dobrar à vontade dele. Bogdan era seu.

Em vez de agradecer, decidiu que se casaria com ele. Isso não significaria nada para ela, mas seria uma recompensa pela lealdade de Bogdan. E, ainda, serviria para eliminar de toda e qualquer máquina política alheia a possibilidade de casá-la.

Ela comunicaria a decisão na manhã seguinte. Os dois se casariam e, depois, começariam sua missão de destruição.

*Montes Cárpatos*

RADU NÃO QUERIA saber de rituais, de tradições, de comemorações. Então, sua coroação se deu entre as vinte mil covas que marcavam o reinado de sua irmã.

Em meio à terra recém-assentada e às mudas de árvores que cresciam ao redor, Radu se ajoelhou. Ele baixou a cabeça, e uma coroa simples de ferro foi colocada pelo único sacerdote que retornara à capital. Era muito mais pesada e restringia muito mais seus movimentos que os turbantes que costumava usar.

Ele pensou na coroação de Mehmed. Nas semanas de celebrações. Teve a sensação de que era o início de algo grandioso, de uma história de escala inimaginável. Radu se perguntou o que Mehmed estaria achando de seu novo papel. Não houvera tempo para seu amigo ter recebido a notícia e mandado uma resposta. Radu sentia a distância entre os dois de forma aguda. Mas também era algo que apreciava. Porque, se era para ser forçado a fazer coisas que não gostaria, era melhor que fosse à sua maneira.

Radu teve apenas cinco testemunhas: o sacerdote, Nazira, Fatima, Cipriano e Kiril. Alguns cidadãos se mantiveram a uma distância respeitosa, mais por curiosidade do que por senso de dever ou empolgação.

Quando o sacerdote terminou, Radu ficou de pé. Agora era príncipe, como sua irmã e seu pai haviam sido antes dele. A terra das covas grudou em seus joelhos. Ele não fez nenhuma questão de limpar.



Uma semana depois da coroação, após se certificar de que as defesas da cidade estavam em dia, assim como os campos nos arredores, cultivados, Radu e Cipriano tomaram o caminho das montanhas com Kiril e um grupo seletivo de janízaros. Quanto antes tudo estivesse terminado, mais cedo Radu conseguiria atrair os boiardos de volta, inclusive alguém – qualquer um – que pudesse assumir o posto de

voivoda. Ele só era príncipe por causa da violência de Lada, e considerava seu único objetivo no cargo pôr fim àquela brutalidade. Depois disso, sua obrigação teria sido cumprida.

Após dois dias de viagem marcados pela cautela, eles pararam para se abastecer. As manhãs e noites estavam cada vez mais frias, porém, as tardes ainda mantinham o calor forte e insistente do fim do verão. Radu e Cipriano estavam sentados à sombra de uma enorme árvore com Kiril, repassando tudo o que descobriram.

Kiril franziu a testa, olhando para as montanhas inclinadas ao redor.

– Precisamos encontrar os homens da reserva dela. Devem estar aqui em algum lugar.

Eles poderiam vagar por semanas sem encontrar uma única alma, e muito menos pessoas escondidas que conheciam aquele lugar como a palma da mão. Radu sacudiu negativamente a cabeça.

– Não precisamos encontrá-los. Não se acharmos Lada. Tudo depende dela. As forças e as esperanças de todos estão depositadas nela. Com sua queda pessoal, sua liderança e seu sistema de governo caem junto. Os homens vão se desmobilizar e voltar à vida de sempre.

Kiril coçou o queixo barbeado. Radu não se incomodaria se o homem quisesse usar barba, mas os janízaros não abandonavam a disciplina por nada.

– Ainda não sabemos onde ela está escondida, nem se está mesmo nessas montanhas. Existem boatos de uma fortaleza secreta, mas nenhum registro da construção de uma, e ninguém sabe dizer onde é.

– Fica no alto de um pico? – Radu perguntou, desconfiado de que talvez conhecesse a localização exata da irmã. Como não pensara nisso antes?

Kiril ergueu as sobrancelhas, surpreso com a pergunta.

– Ouvi dizer que a fortaleza dela era a *própria* montanha. Por isso, não fez nenhum sentido.

Radu foi dominado por uma sensação que era mais desolamento que triunfo. Uma parte sua ainda desejava jamais encontrá-la. Torcia para que ela tivesse simplesmente desaparecido. *Ah, Lada.*

– Reúna os homens e os canhões. Os mais leves que tivermos. Não vai ser uma escalada fácil.

– Você sabe onde ela está?

– Nós dois crescemos juntos. Ela se esqueceu disso, acho.

Radu se lembrou do saquinho que sua irmã carregara no pescoço por tantos anos. Tinha sido enchido ali e mantido como um talismã contra o sofrimento e o distanciamento que ambos suportaram. E, quando o sangue estragou o saquinho, Radu recolheu seu conteúdo

reduzido a pó e pôs num pingente de prata, que ela nunca tirava.

O coração de Lada estivera sempre ali.

E era onde pararia de bater.



Radu aprendera bem a lição. Deixara Nazira e Fatima em Tirgoviste, numa casa pequena de uma rua secundária, sem que nada assinalasse que o lugar abrigava alguém especial. Ele não sabia se Lada tentaria matar sua mulher, mas seu cunhado já havia sido assassinado. A vida de Nazira jamais seria colocada em risco.

O que quer que acontecesse nas montanhas, Nazira e Fatima estariam a salvo. E, caso Radu não voltasse, sabia que Mehmed cuidaria delas, para honrar tanto a memória dele como a de Kumal. Todas as partes de sua vida tinham entrado nos eixos. Sua amizade com Mehmed finalmente perdera a carga habitual de sofrimento e tensão. Seu dever para com Nazira e Fatima estava cumprido. Com exceção da presença de Cipriano, que era um motivo para querer desesperadamente continuar vivo, Radu estava mais pronto do que nunca para encarar sua irmã.

Enquanto os cavaleiros se aprofundavam na paisagem verdejante e cinzenta dos Cárpatos, Radu sentiu o peso da morte pairando de forma mais presente que o alto dos picos ao redor.

Todos que o apoiavam o consideravam o melhor dos Draculesti. O mais nobre. Mas ele não teria tanto a pagar quanto Lada? Todas as vidas com que entraram em contato acabaram, de uma forma ou de outra, manchadas. Tornadas violentas. Ou encerradas. E, agora, ambos estavam em lados opostos, com muito mais vidas em jogo. Pelo bem de seu país e de todos os países vizinhos, pela estabilidade e pela segurança – não só de Mehmed, mas de todas as pessoas protegidas pelo império e que só progrediriam se os otomanos prosperassem –, Radu *precisava* sair vencedor.

E sabia disso.

Só não sabia se merecia.

– Em que você está pensando? – Cipriano perguntou, aproximando seu cavalo a ponto de os dois roçarem as pernas.

– Em todo o sangue que foi derramado para eu chegar até aqui.

Cipriano fez uma careta exagerada.

– Eu estava pensando no que vamos comer no jantar.

Radu tentou sorrir, mas, com Cipriano, isso não era necessário. Ele não precisava fingir nem tinha a obrigação de ser agradável. Cipriano jamais exigiu nada do tipo. Radu o olhou com toda a ternura que sentia. E uma parte dele o aconselhava a aproveitar cada olhar, cada momento, porque o fim estava próximo.

Ele fez um gesto com a mão, apontando para as montanhas antiquíssimas que os cercavam. Os cavalos se mantinham na trilha ao lado do rio. O vale era tão estreito que, em certos trechos, o sol só brilhava por lá algumas horas por dia. Era possível escalar uma face das montanhas ao norte e atingir alguém nos picos ao sul com uma flecha, ou, talvez, até com uma pedra bem arremessada.

– Esses são os caminhos da minha infância, mas o menino da época não reconheceria o homem que sou hoje. E imagino, e temo, que este é o último passo para eu me tornar o que quer que venha a ser. No momento, não quero nem descobrir o que é.

Cipriano também não forçou um sorriso, apenas assentiu de forma resoluta.

– Nós vamos descobrir juntos.



Radu se esgueirava pela face da montanha oposta à fortaleza de Lada. O Arges era só uma linha preta lá embaixo, separando os dois picos. E os dois irmãos. A noite estava escura e espessa como petróleo, com nuvens carregadas que escondiam até as estrelas. Parecia que até a natureza sabia o que o futuro lhe reservava.

Radu passara um verão ali. Uma temporada feliz, uma das melhores de sua infância. E, não muito tempo depois, seu pai o vendera junto com Lada em troca do trono da Valáquia.

Lada trocara uma vida ao lado de Radu e Mehmed – uma vida segura, e que Radu ainda achava que seria feliz de alguma forma, pelo menos para ela – pelo sangue, pelo sofrimento e pela violência. Vendera a si mesma mais uma vez, só que por iniciativa própria, pelo trono da Valáquia.

Radu, ao que parecia, estava destinado a se sacrificar pela mesma coisa. Nenhum Dracul por acaso escaparia daquele maldito trono e de tudo o que isso exigia deles? Pelo menos, Lada e seu pai eram vítimas voluntárias. Radu não queria oferecer o que seria necessário para manter o trono.

Mas não tinha escolha.

Eles tentavam fazer o mínimo ruído possível, o que não era fácil enquanto cem homens escalavam a face de uma montanha com dez canhões sem nenhuma trilha para servir de guia. No entanto, Radu estava certo sobre o local. O brilho do fogo no alto do pico de Lada os guiava. Do lado em que estavam, havia um planalto pedregoso cerca de cinco metros acima da fortaleza, no alto do pico oposto. Dali, eles teriam um ponto de observação perfeito. Um ponto de ataque.

Armar um cerco contra a fortaleza seria quase impossível. Lada se certificara disso. Era como se a fortificação brotasse das rochas do alto

do pico, crescendo ao redor.

Talvez tivesse sido assim mesmo. Talvez a Valáquia retribuísse todo o amor de sua irmã.

Porém, ela cometera o mesmo erro de todos os que afrontavam Mehmed. Por mais ardilosos que fossem os adversários, Mehmed tinha recursos, soldados e armas para superá-los. Eles só precisavam se posicionar em segurança atrás da cobertura proporcionada pelas rochas e pelas árvores e disparar tiro após tiro de canhão contra a fortaleza de sua irmã. Dez anos antes, aquele tipo de ataque seria impensável. Mas Lada não estivera em Constantinopla. Não vira o tipo de artilharia criado pela genialidade mortal de Urbana.

Uma dúzia de homens estava fazendo a viagem de volta para baixo a fim de buscar mais balas de canhão e pólvora. Radu contava com mais algumas centenas, que se posicionariam na base da montanha quando o bombardeio começasse e o fator surpresa deixasse de fazer efeito.

Em algum momento, a fortaleza cairia. Os homens de Lada não teriam como fugir sem ser pegos, assim como os soldados de Radu não tinham como atacar a pé sem ser vistos e neutralizados. Os pontos fortes da fortaleza eram também suas maiores fraquezas.

E o mesmo valia para a garota que a construía.

– Vamos vigiar e esperar. Precisamos ter certeza de que ela está lá – murmurou Radu.

Mas ele sabia. Assim como tinha certeza de que ela não estava morta, conseguia sentir a presença dela, pesada e sombria como a noite. Lada estava lá.

Seus homens se dispersaram em silêncio por entre as árvores, escondendo os canhões entre as folhagens para que nada pudesse ser visto. Radu se deitou de bruços, deixando apenas a cabeça à vista por trás de uma enorme pedra na beirada da montanha. Mais abaixo, só havia a escuridão.

Cipriano se juntou a ele, e os dois esperaram para ver o que o amanhecer revelaria.

– Se ela estiver lá – Cipriano começou, mas se interrompeu, virando-se para ficar de barriga para cima e olhar para o céu.

Radu fez a mesma coisa. No silêncio da noite, era mais fácil fingir que estavam a sós, que não estavam cercados de soldados e maquinários feitos para matar, que sua irmã não estava dormindo a apenas um abismo de distância.

O último fator era o mais difícil de ignorar. Lada era realmente teimosa, sempre reivindicando um espaço que não era seu, fosse na realidade, fosse na mente de Radu.

- Se ela estiver lá – Cipriano começou –, o que você vai fazer?
- O que eu preciso fazer.
- E o que você precisa fazer?

Radu fechou os olhos, e a escuridão atrás de suas pálpebras não era nem um pouco mais consoladora que a da noite.

– O que ela faria. O que Mehmed faria. Tentei com todas as forças fugir, mas meu caminho sempre apontou para cá. Fiz todos os desvios de rota que consegui. Descobri a fé e encontrei Deus. Fiz um novo lar num outro país, aprendi novas línguas, ganhei um nome novo. Mas não tenho como escapar de me tornar um Dracul. Escapar dessa crueldade, dessa disposição para destruir tudo na busca por um objetivo. Eu sei o que ela faria. E o que preciso fazer. Mas não quero.

Radu percebeu os dedos compridos de Cipriano procurando os seus, e sentiu quando se entrelaçaram, quando se encaixaram de uma forma que fazia parecer que os dois ficariam juntos para sempre.

Cipriano ergueu o rosto de Radu e o beijou nos lábios.

– Lada e Mehmed só pensam em avançar. Traçaram um caminho e não vão se desviar dele. Mas você está se subestimando. Você não é sua irmã, nem deveria ser. Sempre mostrou forças que ela nunca teve. Se quiser descer esta montanha hoje mesmo e sair da Valáquia para sempre, vou estar do seu lado. E se decidir que matar sua irmã é a melhor decisão, vou estar do seu lado. Mas não faça nada só porque ela faria, ou porque Mehmed faria.

– Mas eles são capazes de coisas grandiosas. Parecem destinados a isso, até.

– Então não busque coisas grandiosas. Busque a bondade. E o que quer que o leve para lá vai ser o caminho certo para você, meu doce Radu.

Radu sentiu as lágrimas quentes escorrerem pelo rosto. Como encontrar a bondade em meio a tudo aquilo?

– Ela nunca vai parar. Não consegue. Não sou capaz de imaginar uma forma de salvar Lada e a Valáquia ao mesmo tempo.

– Você sobreviveu a uma infância cruel. E encontrou um lugar seguro para seu coração e sua alma. Foi jogado na corte do inimigo e arrumou um jeito de ser aceito e fazer parte dela. Conquistou poder num lugar onde chegou como prisioneiro. Fez amizade com o homem mais poderoso do nosso tempo. Se infiltrou numa cidade rival e ajudou o destino da batalha a virar a favor do seu povo, e, ainda, demonstrando uma tremenda compaixão enquanto isso. Se existe alguém capaz de arrumar uma forma de fazer isso, é você, Radu.



Ao amanhecer, Radu fez suas orações.

Havia homens na fortaleza. Pareciam minúsculos e insignificantes à distância, passeando preguiçosamente pelo local. Não faziam ideia de que estavam sendo observados.

Radu estava certo, sabia o que iam encontrar lá em cima. Lada apareceu na muralha e se debruçou sobre a beirada. Ao lado dela, estava Bogdan. Apesar da enorme distância, Radu reconheceria aquele grandalhão em qualquer lugar. Porém, não conhecia nenhum dos outros que os acompanhavam.

Bogdan tentou segurar a mão de Lada, que o afastou.

Radu se agachou para pegar um arco. Posicionando uma flecha na corda, soltou o ar com força e mirou em sua irmã. Sempre fora um atirador melhor que ela. Era a única atividade marcial em que era capaz de batê-la.

Todo o resto nela era mais forte, inclusive o coração, mas Radu estava determinado a parti-lo.

Ele respirou fundo e fez pontaria.

*Fortaleza de Poenari*

LADA DEU UM tapa na mão de Bogdan quando ele tentou segurar a sua novamente.

– A gente vai se casar. Você não é uma criança andando perto demais da beira do rio. Não precisa de eu segure sua mão.

Bogdan sorriu, e a alegria amenizou suas feições rústicas, transformando-o de volta no menino com quem ela passara a infância.

– Lembra quando você disse para a minha mãe que eu era seu irmão e Radu, um verme? Agora vou ser seu marido. Foi aqui que casamos da primeira vez também.

Lada revirou os olhos, mas se lembrava, sim. E, embora não estivesse tão contente quanto ele, aquilo lhe parecia certo. Ela sempre quis Bogdan ao seu lado. Era uma renovação de um vínculo selado com sangue na infância.

Uma renovação de seu vínculo tanto com Bogdan quanto com seu país. Ela não havia terminado o que começara. Ainda não tinha levado as coisas ao limite. Mas faria isso. E Bogdan a apoiaria em todos os momentos, como sempre.

O sacerdote grisalho e encurvado do vilarejo continuou fazendo seu papel, como se alguém estivesse prestando atenção. Lada vestia cota de malha e uma túnica bordada no peito. Ela mantivera o pano vermelho no cabelo. A mulher idosa que lhe dera também o usara no casamento dela. Era bom poder homenageá-la. Mas também parecia uma deslealdade, porque a mulher que de fato merecia uma homenagem de sua parte tinha sido deixada em Hunedoara. Oana ficaria feliz com a oficialização da união? Lada torcia para que sim.

O sacerdote fez uma pergunta a Bogdan. Lada não estava prestando muita atenção, mas sentiu um frio na barriga. Não fazia sentido. Ela não podia estar nervosa. Não se importava com aquela cerimônia a ponto de ficar preocupada ou temerosa.

O frio na barriga se repetiu. Era uma novidade. Uma coisa diferente.

Lada pôs a mão na barriga e olhou horrorizada para Bogdan. Ele encarava o sacerdote com uma expressão solene.

– Bogdan – ela cochichou.

Ele se virou, estendendo as mãos outra vez. Lada fez menção de segurá-las, pois precisava de um esteio, de alguma coisa para se segurar para resistir ao medo doentio que abriu um vazio dentro de seu corpo. Ela precisava de sua ama. De Daciana.

Mas só podia contar com Bogdan.

A preocupação obscureceu a felicidade dele como uma nuvem passando diante do sol.

– Oh – ele falou, franzindo a testa ao olhar para a flecha que aparecera cravada na lateral do próprio corpo.

Bogdan olhou de novo para Lada e, em seguida, debruçou-se pesadamente sobre a muralha. Lada estendeu os braços para segurá-lo, mas era tarde demais. O peso e o impulso o fizeram cair pela beirada.

Lada observou enquanto Bogdan girava pelos ares até finalmente atingir a rocha, quicando com um estalo profundo e rolando pela encosta inclinada da montanha em direção ao rio mais abaixo. Os membros dele se moviam sem esboçar resistência. Ele já se resumia a um corpo inanimado.

Bogdan se fora. E, dessa vez, não haveria um reencontro milagroso depois de anos de separação. Bogdan se fora. Mas Bogdan não tinha sua permissão. Bogdan não poderia ter morrido. Ele era seu.

Lada olhou para o lugar onde ele caíra. Os homens ao seu redor gritavam, e alguém puxou-a pelo braço. Se uma flecha atingira Bogdan, outra poderia acertá-la também. Ela ergueu os olhos, esquadrinhando a montanha do lado oposto.

Lá estava.

Uma figura solitária, de pé, segurando um arco ao lado do corpo.

Radu ergueu uma das mãos e acenou. Chocada e perplexa, Lada retribuiu o aceno.

Uma primeira bala de canhão atingiu a fortaleza. O impacto ressonante de pedra contra pedra arrancou-a de seu atordoamento. Ele não estava acenando. Estava sinalizando para seus homens.

– Ali. – Apontou Lada. – Mirem tudo o que tivermos lá para cima! – Ela se agachou, saltando da muralha para o chão. A aterrissagem reverberou por todo o seu corpo. Aquilo era necessário. Era preciso se concentrar.

Bogdan saía de sua vida para sempre.

– Canhões! Flechas! Balestras! E vasculhem as trilhas para ver se eles não estão vindo pelos flancos também! – Lada começou a gritar ordens para seus soldados, homens que ela não sabia quem eram,

cujos rostos mal reconhecia.

Eles logo entraram em ação, correndo ao seu redor, enquanto ela permanecia parada.

Sozinha.

Bogdan, o primeiro homem que escolhera. O último a abandoná-la.

Um soldado gritou quando uma explosão lançou fragmentos de pedra e entulho nos ares, fazendo Lada cair de joelhos. Ela limpou o sangue que escorria sobre seus olhos e viu metade da muralha externa se desfazer, a parte onde ficavam armazenados seus canhões e sua pólvora.

– Pelas chagas divinas.

Ela sempre imaginou que um casamento seria sua morte. Só não esperava que seu medo se concretizasse de forma tão literal.

Uma das torres rangeu, e uma chuva de pedras começou a cair. A fortaleza fora erguida depressa, pois a velocidade e o sigilo eram os principais objetivos de Lada. Não fora projetada para suportar fogo de artilharia, pois ela supunha que ninguém seria capaz de carregar canhões grandes e pesados montanha acima sem ser visto. Tinha sido uma tremenda falta de visão de sua parte.

Radu não sofrera do mesmo mal.

Os homens de Lada procuravam aberturas para disparar flechas e setas de balestras. Ela agarrou seu pingente com a sensação de que estava se esquecendo de alguma coisa, algo vital. Mas, na verdade, sabia do que sentia falta, e ele jamais voltaria. Em seguida, mais um calafrio se instalou em seu estômago. Era como se ela estivesse despencando montanha abaixo.

Era preciso se concentrar. Ela correu para o outro lado da fortaleza e subiu na muralha, olhando por cima do portão para a trilha traiçoeira que levava lá para baixo.

– *Você!* – Lada puxou um homem que corria junto à muralha e à pouca proteção que esta oferecia. Era Grigore. – Você vai buscar ajuda. Eles não chegaram a este lado da montanha ainda.

Lada arremessou uma corda por cima da muralha, amarrou-a e apontou para baixo.

– Mas... – O homem olhou ao redor, hesitante, desesperado.

– Você prefere encontrar com eles lá fora ou ficar aqui comigo depois de desobedecer a uma ordem minha?

Grigore se jogou por cima da muralha, descendo pela corda. Estava quase chegando ao chão quando uma seta de balestra se alojou em sua barriga e o derrubou, aos berros.

– Queimem a ponte! – Lada gritou enquanto se abaixava.

A fortaleza fora construída numa protuberância no alto do pico, e

uma ponte de madeira interligava o cume ao restante da formação montanhosa. Era mais uma defesa natural, embora não proporcionasse muita proteção sob aquele fogo cerrado.

Lada voltou ao pátio da fortaleza enquanto os homens jogavam piche da muralha sobre a ponte, e, em seguida, lançaram flechas acesas sobre a superfície.

Ela só tinha visto um janízaro em sua montanha. Caso todos corressem naquela direção, talvez pudessem superar quem encontrassem no caminho. Muitos de seus homens sobreviveriam. Mas Radu dispunha de mais recursos que ela. Poderia haver até dez mil homens à espera no meio das árvores.

Ele não seria capaz de derrubar a fortaleza inteira num único dia. Era capaz de provocar grandes estragos, mas levaria no mínimo uma semana para derrubar a estrutura inteira com os canhões pequenos que conseguira levar montanha acima. Radu tivera sorte ao atingir seus depósitos de pólvora. O restante do processo seria mais lento.

Numa estimativa generosa, Lada achava que conseguiriam se defender por uma semana. Poderiam descer lutando montanha abaixo, mas era uma coisa impossível de fazer em sigilo. Mesmo que Radu não tivesse posicionado janízaros à espera deles, veria quando fugissem e teria tempo suficiente para deslocar tropas lá para baixo e esperar.

Se Lada ficasse esperando pela longa morte da fortaleza a tiros de canhão, os habitantes do vilarejo em algum momento perceberiam o que estava acontecendo. Mas não teriam ideia do que fazer para ajudar. Além disso, ela ainda não havia mandado nenhuma instrução para seus homens. Seus soldados na montanha estavam fazendo exatamente o que havia sido ordenado: ficar esperando.

Milhares de combatentes dispostos a lutar, e ninguém para ajudar.

Bogdan estava morto. Lada precisava continuar a lembrar a si mesma disso. Mas o fato de ter abandonado Oana foi encarado, dessa vez, com uma onda de alívio. Ela não tinha visto aquilo. Foi um ato de misericórdia deixá-la para trás, no fim das contas. Uma coisa boa ocasionada pela traição de Lada.

Ela estava no pequeno pátio da fortaleza, ouvindo os homens gritar e correr ao seu redor.

Revendo a queda de Bogdan de novo, de novo e de novo.

Estava sozinha. Pela primeira vez desde que conseguia se lembrar, estava verdadeiramente sozinha. Acreditava que tinha forças para se valer por si mesma, mas isso era uma mentira.

Quando criança, teve sua ama. Seu Bogdan. Sua idolatria pelo pai. E Radu.

Depois, teve Radu e Mehmed.

Depois, teve Nicolae e seus homens, e, em sua cabeça, Radu e Mehmed ainda eram seus, apesar de agora saber que isso era uma ilusão e sempre havia sido.

Teve inclusive seu Bogdan e sua ama de volta, e construiu um pequeno exército ao seu redor. Mas, uma a uma, as pessoas foram indo embora, ou sendo tiradas dela.

O frio na barriga voltou a se instalar, e ela não conseguia controlar a respiração ou acalmar as batidas do coração em disparada. Ela não estava sozinha.

Mas, ao mesmo tempo, estava.

– Disparem tudo o que tivermos e, depois, abandonem a fortaleza!
– ela gritou.

Os homens ficaram paralisados, incrédulos. Mas, logo em seguida, trataram de cumprir a ordem, num ritmo frenético.

Atordoada e indiferente ao caos em sua volta, ela caminhou até a porta mais próxima. Dentro do cômodo, havia um velho poço coberto com tábuas de madeira. Lada pegou um pedaço de corda pendurado na parede e amarrou a ponta a uma argola de metal fixada na estrutura de pedra. Em seguida, puxou de lado as tábuas, jogou a corda lá dentro e desceu para o poço.

A corda queimava suas mãos, e seus braços tremiam, ainda enfraquecidos pelo período de cárcere. Ela seguiu descendo o mais devagar que conseguia, deslizando os últimos metros apenas roçando os degraus improvisados que levavam ao fundo do poço.

No ano anterior, ela descobrira a caverna no fundo do pico. Durante a construção da fortaleza, descobriu o poço quando um bando de morcegos saiu voando de lá. Só podia ser a saída superior da passagem secreta da montanha. Mas ela não fazia ideia se os degraus continuavam até o fundo ou se, com o tempo, tinham se desgastado e ruído.

Se o poço tivesse sido descoberto naquele mesmo verão em que ficou sabendo da existência da montanha, ela poderia tê-lo explorado. Teria forçado Bogdan a descer. Ou, mais provavelmente, Radu. Assim, saberia com certeza se era possível descer pela passagem secreta até o fim. Sua expedição inicial tinha sido um fracasso, assim como tudo em sua infância. Sua mãe. Seu pai. Bogdan. Radu. De que adiantavam todas aquelas lembranças num momento como aquele?

Ela se viu atormentada por seus pensamentos, que se voltavam para Bogdan, para Radu. Para o tempo que os três passaram juntos por lá. Um verão de gargalhadas, joelhos ralados e banhos de sol, lembranças que pareciam zombar de Lada enquanto tateava às cegas as pedras frias e molhadas.

Radu lhe tirara Bogdan.

Radu.

O que restava para ela agora? Onde estavam a força e a confiança que a empurravam sempre adiante? Lada depositara sua confiança em sua verdadeira mãe, a Valáquia, mas continuava vendo Bogdan cair, quicar nas pedras de sua montanha. Como isso também poderia ser tomado dela?

As pedras eram escorregadias por causa da umidade, e algumas partes estavam impregnadas de fezes de morcego e musgo. Ela sentia tudo isso sob os dedos, agradecida por não conseguir ver aquele negrume a impregnando. Ficara tudo completamente às escuras, a abertura mais acima já estava tão distante que não era mais possível enxergar a luz. Abaixo de seus pés, seu objetivo ainda se encontrava distante demais para revelar algum brilho de esperança.

Sozinha, pressionada pelas paredes de pedra, ela soube: não havia coração naquela montanha.

A Valáquia não era sua mãe. A Valáquia não se importava com o que acontecia com ela. E todas as pessoas que poderiam se importar estavam mortas ou tentando matá-la.

Seus pés escorregaram, e ela ficou pendurada pelas pontas dos dedos, que começaram a queimar de dor.

– Eu sou um dragão – Lada murmurou. Sua voz ecoou ao redor, e suas palavras voltaram para atormentá-la, esvaziadas de sentido e de força.

Ela caiu.

*Fortaleza de Poenari*

RADU ESTAVA SENTADO sob a luz fraca do lampião, com a cabeça apoiada à pedra fria, segurando uma das facas de Lada. Pulso, pulso, cintura, tornozelo, tornozelo. Ele tomara todas.

A cabeça de Lada estava apoiada em seu colo, e os olhos dela estavam fechados. A respiração permanecia constante. Um dos braços estava dobrado num ângulo impossível quando ele a encontrou caída no fundo de um túnel longo e escuro que levava à fortaleza. Não sangrava em nenhuma parte visível, mas permanecia inconsciente já havia algumas horas.

Ele se movimentou, para reativar a circulação das pernas.

As pálpebras de Lada começaram a se mover rapidamente. Radu acariciou a cabeça dela, afastando uma das mechas embaraçadas. Ela sentou-se com um sobressalto, e, em seguida, soltou um grito de dor, levando a mão ao ombro e se afastando. Depois, tentou se levantar, mas um de seus tornozelos não suportou o peso do corpo. Arrastando-se para longe, deu com as costas na parede mais distante, a alguns passos de Radu, e parou, recostando-se e respirando pesadamente.

– Olá, Lada – Radu falou.

Com a mão que permanecia boa, Lada apalpou o outro pulso.

Radu mostrou a faca. Sob o brilho dourado do lampião, os olhos de Lada pareciam sem vida, não refletiam absolutamente nada. Era como se sugassem a luz e a devorassem, sem deixar sobrar nada.

– Como você descobriu este lugar? – Lada levou a mão às costelas e fez uma careta.

– Você acha que só o que fiz naquele verão foi chorar porque não podia brincar com você e Bogdan?

Lada piscou algumas vezes, ainda atordoada.

– Na verdade, sim.

Radu deu risada, um som bem mais vibrante que a luz que clareava o ambiente.

– Fiz muito disso, sim. Mas também saí explorando os arredores.

Descobri esta caverna, e subi até a fortaleza. Assim que cheguei lá em cima, percebi que era este o segredo que você vinha guardando. Mas não ousei descer pelo mesmo caminho. Só consegui terminar a caminhada de volta quando já era noite. Você nem se importou com o fato de eu ter passado o dia todo longe das vistas de todos. – Radu sorriu.

– O nosso pai não se importou quando eu encontrei as ruínas da fortaleza também. Eu estava animadíssima para contar a ele. Mas ele só queria se livrar de nós.

– Isso nunca mudou. – Radu suspirou, emitindo um ruído suave que se perdeu na brisa que conseguia chegar àquela parte da caverna.

– Quando ouvi boatos sobre uma fortaleza nas montanhas, sabia que era aqui que ia encontrar você.

Lada fechou os olhos, e uma breve careta contraiu de novo seu rosto antes de ser resolutamente desfeita.

– Então, você veio para cá depois de errar?

– Depois de errar?

– O seu tiro. Com a flecha.

– Eu não errei.

Lada abriu os olhos e os estreitou em direção a ele.

– Mas eu estou aqui, sem nenhum buraco de flecha no corpo.

– Eu atingi meu alvo.

Lada não sabia o que dizer.

– Você... sua intenção era matar Bogdan?

Não tinha sido uma decisão fácil. Radu viu Lada primeiro. Mas a fé que Cipriano depositava nele o fez pensar duas vezes. Se estivesse com Cipriano ao seu lado, seria capaz de fazer qualquer coisa. Da mesma forma, se Lada estivesse com Bogdan, jamais desistiria. Ela teria que perder tudo o que conquistara ao longo dos anos. Por isso, Radu matou o amigo mais antigo de Lada. O filho de sua queridíssima ama. Não que fosse um homem inocente, de forma nenhuma, mas, mesmo assim, Radu carregaria a culpa por aquele assassinato até o fim de seus dias.

Ele precisava quebrar a determinação de Lada para que tudo chegasse ao fim. E por isso Bogdan morreu.

– Queria que você entendesse o custo de tudo isso. Que sentisse a dimensão de uma perda.

– Ou, então, você simplesmente detestava Bogdan.

Radu esfregou a orelha no ombro, envergonhado. Era verdade. Ele detestava Bogdan. Mas não agiu motivado pela raiva.

– Você precisa perder.

– Você tirou Bogdan de mim.

A raiva de Radu se acendeu diante da acusação.

– Você matou meu cunhado!

– Foi ele que tirou você de mim! – Lada se inclinou para a frente e tentou avançar, mas bufou de dor e se jogou para trás de novo. – E eu não me arrependo.

Radu controlou a raiva. Ela estava tentando provocá-lo.

– Eu sei.

– Pode dizer isso para Mehmed. Que eu não me arrependi. Que a única coisa que eu lamento é que ele não tenha morrido na ponta da minha faca.

Radu levantou a mão e fingiu que estava escrevendo uma carta.

– Caro Mehmed – ele falou com um tom irônico. – Minha irmã manda lembranças, e quer que você saiba que gosta de seu sangue, e que gostaria de tê-lo arrancado mais vezes. Até não sobrar nada, na verdade.

Lada soltou uma gargalhada, segurando as costelas e se dobrando de dor. Com a respiração ofegante, ela corrigiu de novo a postura.

– Termine o seu serviço. Eu sempre disse que ia matar você. Nunca imaginei que você me mataria.

Radu mantinha os olhos fixos na irmã.

– Então, você entende qual foi o resultado de toda essa sua luta. Está aqui sozinha, no escuro, sem aliados, sem amigos, sem armas.

A expressão de Lada se mantinha feroz e orgulhosa, como se ela tirasse forças da dor.

– Valeu a pena? – Radu murmurou.

Lada levantou o queixo.

– Sim.

Radu raspou com a faca a pedra úmida sob seu corpo.

– Você se lembra da história de Shirin e Ferhat?

– Estamos no centro da minha montanha, Radu, e não estou vendo nenhum coração.

Radu sorriu.

– Você está enganada. Tem dois. O seu e o meu.

Lada soltou um suspiro longo e trêmulo, e uma parte do orgulho desmoronou junto com os ombros dela. No rosto, uma expressão que Radu nunca tinha visto antes.

Tristeza.

– Eu queria que não fosse você – ela falou. – Aceitaria a lâmina de qualquer um, menos a sua.

– Mas você nunca vai parar. Nem agora. Se existisse uma forma de continuar, sozinha e sem nenhum recurso, era o que você faria.

Lada assentiu, levando a mão ao pingente que Radu lhe dera.

– Enquanto eu estiver respirando, vou lutar. Mesmo quando parecer que meu próprio país não quer mais, vou lutar. Não posso parar.

– Foi o que eu pensei. – Radu ficou de pé, sacudindo as pernas doloridas e formigando depois de tanto tempo de inatividade. – Você e Mehmed. Sempre tentei proteger os dois, mudar seus rumos na vida. Queria ter conseguido. Mas, se tivesse, vocês não seriam quem são, então, não tenho do que me arrepender. – Radu diminuiu a distância entre eles. Lada o encarou com uma expressão desafiadora.

Ele guardou a faca na cintura da calça.

– Você realmente tentou me proteger durante a nossa infância, me fortalecer. Todas as vezes em que me deixava apanhar. Todas as vezes em que me batia. Era porque você não via outra forma de me proteger.

Lada ergueu uma sobrancelha, parecendo confusa.

– Isso mesmo.

– Então me deixe proteger você da maneira como sei. Não vou ficar ao seu lado para sempre. Não posso, e nem quero. Mas posso ajudar por um tempo, para você poder continuar a libertar a Valáquia. Acho que vocês se merecem.

Lada franziu a testa.

– Isso foi um insulto.

Radu deu risada.

– Sei lá. Mas você viu o que os seus métodos causaram. Me deixe ajudar pelo menos a ficar de pé de novo. Posso lhe transmitir o trono sem turbulências ou ameaças, para você transformar seu país num lugar saudável.

– E depois?

– Depois vou embora.

– E Mehmed?

– Deixe que cuide dele. Por favor. Deixe que eu me preocupe com todos os outros governantes, nobres e boiardos. Faço questão.

– Eu não preciso... – Lada se interrompeu, sacudindo a cabeça. – Preciso da sua ajuda, sim. Sempre precisei. Mas você não estava aqui. Não me escolheu.

Radu se ajoelhou diante dela e estendeu a faca. Mesmo sabendo que tinha acabado de matar o melhor amigo dela. Mesmo sabendo que havia lhe tirado tudo. Mesmo sabendo que uma criatura ferida e encurralada era do tipo mais perigoso que existia.

Mas sabendo que aquela era sua escolha. Não a de Lada, nem de Mehmed. E, por isso mesmo, era a mais certa.

Lada estendeu a mão e fechou os dedos em torno da faca. Ela

ergueu a arma, brincando com os reflexos da luz na lâmina.

– Você é meu outra vez?

– Por um tempo.

– E depois?

– E depois vou me afastar para viver feliz e em paz, longe de tronos, governantes e decisões impossíveis. – Ele fez uma pausa. – Ou podemos pular direto para essa parte. Vamos comigo. Deixe tudo isso para trás.

Por reflexo, os dedos de Lada apertaram a faca com mais força.

– Eu não achava possível mesmo, mas não custava tentar. – Radu estendeu a mão. Lada guardou a faca na bainha e aceitou a ajuda.

– Sabe de uma coisa, isso vai ser sua morte – Radu falou com uma voz suave, amparando-a pela cintura. – Não hoje. Nem amanhã, com um pouco de sorte. Mas, no fim, vão acabar com você por ousar querer tanto poder.

– Eu sei. Mas a Valáquia faz valer a pena.

Na voz da irmã, Radu conseguiu ouvir que ela aceitava o próprio fim. Não havia tom de desafio. Foram palavras ditas de forma quase carinhosa, como se fossem direcionadas a um amante.

Juntos, saíram da caverna escura para a luz.

– Aliás – Lada falou, piscando enquanto seus olhos se ajustavam à luminosidade –, você, por acaso, quer um bebê?

*Tirgoviste*

LADA ESTAVA DEITADA de barriga para cima, observando os galhos da árvore. Estavam entrelaçados como dedos, dificultando a visão do céu azul. O fim do outono os deixara sem folhas, a não ser por algumas tristes retardatárias que demoraram a cair. Estava frio o suficiente para que todos ali estivessem vestidos com peles pesadas, mas ninguém fez objeções quando ela sugeriu que conversassem na floresta. Nazira a evitava, sempre arrumando um jeito de estar em outro lugar quando Lada estava presente numa reunião. Fatima, a criada silenciosa, estava lá, junto com Radu e Cipriano.

Em algum lugar ali perto, os homens de Radu vigiavam o grupo de forma silenciosa e invisível. Lada, muitas vezes, desconfiava que as atenções deles estavam mais voltadas para ela do que para qualquer outra ameaça, o que mostrava que eram bons soldados. Quando Radu apareceu com Lada e anunciou que um tratado havia sido acordado, os janízaros ficaram desconfiados. Radu, porém, ainda era um especialista em usar sua lábia para convencer as pessoas de que sua solução era sempre a melhor.

Ele escrevera para Mehmed também. Lada não quis saber qual foi o conteúdo da carta, nem a resposta de Mehmed. Só sabia que Radu estava ao seu lado, o que tinha muito mais valor do que ela imaginara, e não colocaria isso em risco.

– E o rei Estêvão? – Lada questionou, continuando a conversa sobre ameaças e aliados. – Ele ainda está com as cidades que me tomou quando deveria estar me ajudando. Eu quero matá-lo.

Radu suspirou, esfregando a lateral do nariz, deixando uma mancha de tinta. Cipriano, o jovem grego que vivia ao lado do seu irmão, deu risada e limpou a sujeira. Cipriano não era nem um pouco parecido com Mehmed. Era alegre e expansivo, deixando seus sentimentos tão às claras que até Lada conseguia decifrá-los. Mehmed sempre fora cuidadoso com o que revelava ao mundo. E, enquanto Mehmed nunca se mostrava satisfeito com nada, querendo sempre

mais conhecimento, mais poder, mais controle, Cipriano parecia a imagem do contentamento, desde que estivesse ao lado de Radu.

Lada, certa vez, questionou se algum dia alguém conseguiria roubar o coração de Radu das mãos de Mehmed. Jamais imaginara que uma pessoa tão diferente do sultão seria capaz. Ela sabia que deveria estar feliz pelo irmão, mas ele estava sendo muito irritante.

– Você não pode matar o rei da Moldávia – Radu falou.

– Eu não estava pensando em fazer isso pessoalmente. – Lada apontou para a barriga, cada vez maior. – Obviamente, eu ia mandar outra pessoa.

– Não, o que eu quis dizer foi que nós não podemos matar Estêvão. Ele ainda é um aliado nosso. Tive respostas positivas dos enviados que mandei para lá. Além disso, pensei que você gostasse dele.

– Eu gosto. Mas isso não significa que ele tenha que continuar vivo depois do que fez. Que tipo de exemplo vamos dar aceitando que ele fique com as terras que tomou?

– Não vamos deixar que ele fique com as terras. Vamos concedê-las a ele como um presente de agradecimento por ser nosso aliado, e com um gesto de boa vontade e cooperação futura.

Lada sentou-se com um grunhido.

– Isso é péssimo.

– Isso é diplomacia. Não tenho como fazer muita coisa no momento em relação à Transilvânia e à Bulgária, mas nós não vamos causar perturbação em nossa única fronteira pacífica.

Lada fez uma careta, levando a mão à coluna lombar.

– Deixe comigo.

Fatima se ajeitou no cobertor ao lado de Lada e massageou seus músculos doloridos. No castelo, nas reuniões com enviados estrangeiros ou para tratar de distribuição de terras, Nazira usava um vestido com enchimento, para simular estar na mesma condição de Lada.

– Você só é gentil comigo porque quer o bebê – Lada comentou.

Fatima não se deteve nem respondeu. Como sempre. Ela a tratava com uma gentileza precavida que Lada sabia não merecer, e isso a incomodava. Fatima deveria odiá-la, assim como Nazira, e com toda a razão.

Às vezes, Lada pensava em se desculpar com Nazira por ter matado o irmão dela. Por outro lado, iria *ceder* um bebê que, aparentemente, Nazira queria muito. Além disso, Lada não conseguiria encontrar palavras – nem o arrependimento necessário – para pedir perdão. Mesmo assim, gostava de Nazira. Por mais que tivesse desconfiado do casamento dela com Radu, era possível ver que Nazira era dona de

uma determinação feroz à sua própria maneira, uma mente afiada sempre à procura de uma oportunidade.

Parecia um desperdício para Lada não poder ser amiga de Nazira. Mas não havia nada que pudesse fazer para remediar seu ato. E ela não perderia tempo tentando. Nazira ainda tinha muito mais do que Lada. Radu conseguira formar uma bela família ao redor de si. E, ao contrário da irmã, conseguira mantê-la.

Um graveto se partiu, e ela estendeu a mão para pegar uma pedra, antes de parar para pensar que não era Bogdan que estava tentando espí-la na floresta.

Era Oana, que vinha em direção a eles trazendo um cesto enorme.

– Mas vamos matar Matyas – Lada falou. Suas palavras saíram numa nuvem condensada de vapor. Ela gostaria de transformá-las numa realidade mais sólida. – Ele me traiu. Me deixou trancafiada na cadeia por três meses. E também traiu o papa e seus aliados na Europa, de quem pegou ouro para fazer uma cruzada contra Mehmed, mas usou para comprar uma porcaria de coroa de volta. Ele não é de confiança. Além disso, não temos como saber se não vai tentar me prejudicar de novo.

– Nós não vamos matar Matyas – respondeu Radu.

– Ele mandou me prender!

– Mas não matou você. Nem Oana. Inclusive, mandou-a de volta como um presente.

Oana soltou um resmungo enquanto desembalava o lanche da tarde que trouxera.

– Ele poderia ter mandado um presente mais valioso.

– Não existe nada mais valioso – disse Radu, sem conseguir olhar nos olhos da ama.

Apenas ele e Lada sabiam o motivo daquele sentimento de culpa. O mais próximo que Lada conseguiu chegar de um pedido de desculpas por deixá-la para trás foi não revelar quem matou Bogdan. Pelo que Oana sabia, e continuaria sendo assim, Bogdan fora buscar ajuda nas montanhas e jamais voltara.

Oana não merecia conviver com aquela verdade. Já bastava que Lada e Radu fizessem isso.

O olhar de Oana se voltou para a barriga crescida de Lada, e os olhos dela se encheram de lágrimas. Lada teve que segurar a si mesma para não rosar de raiva. Se pudesse arrancar aquela coisa de dentro de si, faria isso. Era como um parasita, um elemento alheio e intrusivo. E Lada sabia que, quando as pessoas olhavam para sua barriga, viam exatamente o que queriam.

Nazira e Fatima viam um futuro como mães. Radu, um segredo a

esconder para proteger Lada. Oana, o sangue de seu sangue misturado com o daquela que considerava uma filha.

– É dele? – Radu perguntou certa noite enquanto ajudava Lada a exercitar o braço ferido para recuperar a plenitude dos movimentos.

– De Bogdan? – ela retrucou.

– Nós dois sabemos de quem estou falando.

Lada não respondeu. Nem nunca responderia. Ela sabia que a criança poderia ser considerada uma herdeira legítima e que, pela lei otomana e aos olhos de Mehmed, o lugar de Lada seria no harém do sultão. Ele jamais voltaria a ter nada seu. E, com certeza, não ficaria com a criatura que naquele momento morava em cima de sua bexiga.

Radu ainda estava falando:

– ... como sabemos o que ele quer, é fácil lidar com Matyas. E ele é nosso elo com o papa e o restante da Europa. É uma relação delicada, mas acho que vamos conseguir mantê-lo do nosso lado, ou, pelo menos, evitar que se volte contra nós.

– Ajudaria se tivéssemos dinheiro para mandar – Lada comentou. – Matyas é extremamente fiel ao dinheiro.

– Muitas coisas poderiam ser resolvidas se tivéssemos dinheiro. Primeiro, precisamos arrumar um jeito de sobreviver ao inverno.

Lada sabia que isso aconteceria, mas apenas por causa da iniciativa visionária de Radu de colocar seus janízaros para trabalhar como agricultores. Ela destruíra suas próprias terras. Ele as salvara.

Mais uma vez, ele estava sendo irritante.

– Se não vai me deixar matar Estêvão nem Matyas, quem vamos poder matar?

– Eu fiz uma lista bem abrangente.

Radu remexeu sua pilha de folhas de pergaminhos. A maior parte tratava de verbas, onde estavam, para onde poderiam ir. Ou de recursos, como comida e matérias-primas, além de listas de soldados com suas localizações ou listas de pessoas que poderiam ser de confiança ou que poderiam ser subornadas. Em resumo, todos os detalhes com que Lada nunca quisera lidar, mas que eram necessários para o governo de um país.

Radu era um príncipe excelente. E isso não a surpreendia. Nem a irritava muito. Ela sempre o quisera ao seu lado. Sempre soube que, juntos, eles seriam capazes de realizar o que nenhum dos dois conseguiria separadamente.

Talvez, se ela não tivesse causado tanta destruição para chegar até lá, ele aceitasse ficar.

– Ah! Aqui está.

Radu estendeu um pedaço de pergaminho para ela.

Os olhos de Lada se voltaram para as linhas finíssimas.

– Está em branco.

– Exatamente! Estamos construindo, não destruindo.

– Ainda acho que seria mais fácil recomeçar. Destruir tudo o que existia e deixar apodrecer.

Radu cerrou os dentes por reflexo.

– Eu vi o quanto custa pegar uma coisa bem antiga e renovar. Ruas inundadas de sangue para eliminar um império em queda e abrir caminho para o futuro. Crianças...

Cipriano estendeu o braço e pôs a mão sobre a de Radu, que tremia tanto que o pergaminho farfalhava.

Radu respirou fundo.

– Você não vai querer pagar esse preço. Eu garanto. Até você construiu a Fortaleza de Poenari com as pedras do passado, com a força que já tinham. Estamos fazendo a mesma coisa.

Lada ergueu uma sobrancelha.

– Você derrubou a fortaleza.

Uma risadinha de Fatima atraiu todos os olhares para onde ela estava sentada, encolhida sob um casaco de pele grossa.

– Bom, provavelmente não foi o melhor exemplo – ela disse baixinho.

Lada se recostou e deixou que eles falassem, ficou ouvindo Cipriano e Radu discutirem estratégias e planos. Radu estava tentando lhe proporcionar o trono mais estável possível, e ela não tinha dúvidas de que ele faria um ótimo trabalho. Mas ainda faltava discutir o problema maior, com o qual eles compartilhavam todo um histórico. Nenhum dos dois estava disposto a abordar esse tema ainda. As mãos de Lada descansaram sobre a barriga.

Ela as moveu.

Fatima massageou cuidadosamente sua testa e seu pescoço, onde a tensão costumava se acumular. Na floresta, em meio às suas árvores, em seu país, Lada ouvia a família que seu irmão formara e morria de saudade da sua.



– Ele quer um encontro – Radu falou, olhando para fora da torre.

Lada não queria estar lá em cima. Nenhum dos dois gostava do castelo, mas ele parecia ter um apreço pela torre. Para Lada, era um lugar assombrado por fantasmas. Outra noite, outra época, outros homens que amara. Ela observava a cidade de Tirgoviste, tentando esquecer. Estava tudo congelado. Tranquilo. A guerra hibernava durante o inverno, como um urso numa caverna.

Tirgoviste estava se enchendo de gente de novo. Com os estoques

de comida de Radu e a presença de Lada, o povo da Valáquia, aos poucos, ia voltando. E, também graças a Radu, várias das grandes residências abrigavam boiardos. Radu os visitava todos os dias, comparecendo aos encontros com sua charmosa esposa. Mas também falava com as pessoas indicadas por Lada, aquelas a quem ela concedera terras. Pelas atitudes dele, dava para ver que respeitava o que Lada tentara fazer e ainda esperava concluir. Ele só procurava fazer tudo com mais gentileza, o que era típico dele.

– Nós trabalhamos bem juntos – ele falou, como se estivesse lendo a mente dela.

– Ou seja, eu faço todo o trabalho e depois você aparece com seus sorrisos e conquista todo mundo?

Radu riu.

– Isso mesmo. – Em seguida ele suspirou, ficando sério de novo. – Mehmed quer um encontro. Está mandando enviados, e vão todos sobreviver e ir embora daqui são e salvos. Estou trabalhando em novos termos que acho que ele vai aceitar, ou, pelo menos, espero que aceite. Ele me deve uma, e nunca pedi nada em troca. Acho que ele vai permitir sua permanência no trono. Mas quer um encontro em segredo.

– Entre vocês dois?

– Entre nós três.

A coisa dentro dela cutucou suas costelas, ainda doloridas pela queda mesmo depois de tantos meses. Ela ajeitou-a com a mão. Ainda ostentava sua habitual cota de malha, mas com túnicas estranhas e volumosas a meio caminho entre um vestido e o entari usado no Império Otomano. Seu corpo era naturalmente robusto e escondera sua condição por um tempo, porém, nessa fase, aquelas roupas eram sua única opção. Mas não seria por muito tempo.

Lada sacudiu a cabeça.

– Não tenho nada a dizer a ele.

– Mesmo depois de tudo?

– Principalmente depois de tudo. Eu contei que vi nossa mãe?

Radu inclinou a cabeça, franzindo a testa por causa da mudança de assunto.

– Quando?

– Quando você estava em Constantinopla. Eu estava em busca de apoio. Pensei que ela poderia me apresentar ao pai.

Radu ergueu as sobrancelhas, em uma expressão que parecia a do garotinho que ela salvara tantas vezes na infância. Mas, daquilo, ela não era capaz de salvá-lo.

– Ela não deu a mínima – Lada contou. – Para nós. Para o que foi

feito de nós. Nem ao menos perguntou sobre você.

Radu piscou algumas vezes e, em seguida, tentou esboçar um sorriso enquanto encolhia os ombros.

– Eu não tenho nenhuma lembrança dela.

– Ela não merece um lugar nas suas lembranças. Deixou que o mundo e o nosso pai acabassem com ela. E foi embora para que o mesmo acontecesse com os filhos. Eu não vou me deixar abalar. E não vou perdoar nem esquecer aqueles que não ficaram do meu lado.

– Mehmed era nosso amigo, Lada. Mais que isso. Pelo menos para você. – O sorriso de Radu era melancólico, mas não amargurado.

– Mehmed tinha todo o poder do mundo e não moveu uma palha para me ajudar. Não queria que eu conseguisse o que desejava. Só tinha interesse em mim para coisas relacionadas a ele mesmo.

Ela sabia que era verdade porque tratava Bogdan da mesma forma. Lada detestava Mehmed por isso e fazia o máximo possível para não pensar em Bogdan, para não ficar com raiva de si mesma.

Radu suspirou, balançando a cabeça.

– Eu também não quero me encontrar com ele.

– O que aconteceu entre vocês dois? – Lada sentira ciúme por tempo demais, sempre preocupada com os afetos de Mehmed. Deveria ter prestado mais atenção em Radu. Mas nenhum dos dois conseguiu evitar que Mehmed se transformasse no astro em torno do qual os irmãos orbitavam.

– Não aconteceu nada. Ele me pediu para ficar, e eu decidi ir embora. Ele ficou sozinho.

Lada soltou um risinho de deboche.

– Ele tem um império.

– E precisa pairar acima de tudo e de todos. Mehmed nos amava e precisava de nós porque éramos as únicas pessoas com quem ele poderia ser *humano*. As únicas pessoas para quem ele era só Mehmed, não o sultão.

– Esse é o preço do poder. – Lada não olhou para Radu, ciente de que ele a abandonaria também. Ela ficaria sozinha, assim como Mehmed. Só Radu escolhera pessoas em vez de poder. Lada olhou para o céu, onde uma lua crescente começava a surgir. – Lembra a noite em que a lua ficou vermelha como sangue?

Radu assentiu:

– Eu estava em Constantinopla com Cipriano.

Lada estava bem ali com Bogdan. Com Nicolae. Com Stefan. Com Petru. Ela já estava sozinha. Só não tinha se dado conta.

– Mehmed que viva no inferno que ele mesmo criou – Lada falou. – Prometa um dinheiro que nunca vou mandar. Não concorde em

conceder nenhum valáquio. Enquanto eu for príncipe, os janízaros não vão ter sangue valáquio em suas fileiras. – Se os príncipes anteriores a ela tivessem essa mesma força de caráter, ela jamais conheceria seus amigos.

E desejava que tivesse sido assim. Se não fossem janízaros, não teriam virado seus homens. Estariam todos vivos. E ela não os teria conhecido, o que significava que não haveria motivo para sentir saudade deles.

– Mehmed foi humilhado pelo fracasso da ofensiva – Radu falou. – Acho que vai concordar, desde que a paz seja mantida. E porque sou eu que estou pedindo.

– Mas *eu* vou tomar o Danúbio de volta.

– No momento, você vai descer para a sala do trono e resolver algumas disputas de terras. E se, em dez anos, o seu povo não estiver correndo o risco de morrer de fome e você tiver um exército e o apoio dos seus vizinhos conquistados depois de anos de paz, fique à vontade para tomar o Danúbio de volta.

Lada fingiu um ar casual que era bem diferente de como sentia-se de fato.

– Nós podemos fazer isso juntos.

– Você vai estar sozinha – Radu falou com uma voz triste, mas firme.

– Eu sei – respondeu Lada.



Mosteiro da ilha de Snagov

A EXPRESSÃO PREOCUPADA de Radu se desfez quando o monge informou que sua irmã tinha dado à luz uma menina. O inverno foi tão frio que eles quase não chegaram ao mosteiro a tempo, já que a travessia por terra e pelo lago foi difícil. Mas estavam todos lá. E, agora, havia uma bebê também.

Oana saiu do quarto carregando uma trouxa de lençóis sujos.

– Ela se saiu bem. – A voz da mulher estava embargada de emoção.

Radu abriu a porta com um gesto hesitante e encontrou Nazira sentada numa cadeira segurando um pacotinho enrolado num pano, sorrindo para ele com lágrimas nos olhos. Fatima estava junto à cama, enrolando Lada em cobertores e limpando o suor da testa dela.

Ele ouviu um guincho agudo e estranho, e percebeu que era a bebê. Radu foi até Nazira e olhou para baixo. A criança tinha cabelos grossos e escuros, e o rosto estava vermelho e inchado em razão da recém-entrada no mundo. Radu precisou de apenas uma breve olhada para ver que a menina era uma mistura de duas pessoas que ele reconheceria em qualquer lugar.

Aquela criança não era de Bogdan.

– Que nome vamos dar para ela? – Nazira perguntou, levantando os olhos.

– Theodora – Lada disse com a voz rouca. – Que nasceu sem nada e comandou um império.

– Ela não nasceu sem nada. – Radu sorriu para a bebê.

Fatima se aproximou e pegou a criança de Nazira, aproximando o nariz da cabeça da bebê e respirando fundo.

– É um nome forte e bonito. Assim como ela vai ser.

– Espero para o bem dela que seja uma menina feia. Agora saiam daqui e me deixem descansar – esbravejou Lada.

Nazira e Fatima se apressaram para fora do quarto com a bebê. Lada se moveu na cama, dando as costas para Radu.

Ele pôs uma mão no ombro da irmã, sentindo o corpo de Lada se contrair num choro silencioso.

– Sai daqui – ela repetiu.

Ele subiu na cama estreita e se encolheu ao lado dela, abraçando-a até que dormisse.



– Como você está se sentindo? – Radu perguntou.

– Com vontade de esfaquear o próximo que perguntar como estou me sentindo – Lada falou com os dentes cerrados enquanto cavalgava junto dele.

Fazia apenas algumas semanas que a bebê chegara. Nazira e Fatima ainda estavam hospedadas em Snagov, depois de encontrar uma ama de leite disposta a ficar com elas o quanto fosse necessário. Estava inclusive disposta a se mudar para Edirne. Radu achava que tanta solicitude era fruto do belo pagamento que estavam oferecendo, além do fato de Nazira precisar da ama apenas para alimentar a criança, não exigindo da mulher nada além.

– Então, você vai embora viver feliz numa casa de campo? – Lada quis saber.

– Sim, Cipriano vai se casar com Fatima para tornar as coisas mais fáceis de explicar.

Lada fez um ruído mostrando que estava pensativa.

– Acho que os casamentos sempre foram uma transação de negócios para tornar a vida mais fácil. O seu só é mais estranho que os outros.

Radu deu risada.

– Eu ainda não consigo acreditar que nós todos nos encontramos.

– Eu consigo. Você sempre foi implacável na busca de pessoas que o amem.

Radu abriu a boca para retrucar, chateado. Mas Lada estava certa. Ele sempre foi tão focado e determinado quanto ela. Apenas os objetivos eram diferentes.

– Você ainda pode vir conosco.

– Você ainda pode ficar e me ajudar a governar – ela falou como se estivesse brincando, mas com uma certa tensão que fez Radu desconfiar de que poderia estar falando mais sério do que queria demonstrar.

– Não.

Radu amava Mehmed e também sua irmã, mas não tinha nenhum desejo de servi-los. Não mais. Não queria pagar o preço pelas ambições dele, nem vê-los sofrer por isso.

Lada fez um aceno rápido.

– Quando, então?

– Em três meses. Queremos esperar até a bebê ser um pouco maior

para poder viajar.

– Bom, então, acelera a cavalgada. Tenho muito trabalho para você antes de ir embora.

Mas ela mesma não apertou o passo. Parecia contente, ao menos uma vez na vida, em fazer as coisas sem pressa.

– Vou mandar Oana com você – ela falou, encolhendo-se sob o casaco forrado de pele.

– Ela quer ir? – Radu perguntou, mesmo sabendo que a vontade de Lada prevaleceria.

– Não interessa o que ela quer. Eu não a quero aqui. E ela pode ajudar com a bebê.

Radu desconfiava que, na verdade, Lada queria que Oana ficasse. A maneira deliberada e teimosa com que Lada vinha evitando a ajuda da ama desde o nascimento de Theodora deixava isso óbvio. Se Lada não se importasse nem um pouco, não seria tão grosseira.

– Ela vai ficar em Tirgoviste, se você quiser.

– Não quero mais nenhuma morte nas minhas costas – Lada falou. Aquelas palavras foram ditas tão depressa que Radu se perguntou se sua irmã de fato queria tê-las dito em voz alta. – Você quer a bebê? – ela perguntou, mudando rapidamente de assunto.

Radu franziu a testa.

– Por que está me perguntando isso?

– Sei que Nazira quer a criança. Ela a arrancaria do meu ventre com as próprias mãos se fosse necessário. Mas *você* quer?

– Acho que nunca quis um filho – Radu falou, analisando os próprios sentimentos. Ele quase nunca tinha a oportunidade de ver a bebê, e só a pegara no colo poucas vezes. Fatima se revelara extremamente possessiva. – Não sei se você se lembra, mas nossa infância não foi nada agradável.

– Está me dizendo que ainda não pensou em como pode usar a criança para o seu próprio benefício?

Radu fez uma careta.

– Eu jamais faria isso.

Lada olhou para ele, assumindo um ar mais sério.

– Eu sei. Foi por isso que dei a criança para você. Mehmed iria usá-la. – Ela fez uma pausa. – Eu também, no fim das contas. Ou acabaria causando a morte dela. Não é o que eu quero para a menina. Confio em Nazira e Fatima para isso. E em você.

Radu assentiu, e seu peito se encheu de emoções que ele vinha se esforçando para não deixar vir à tona.

– Ela vai ser criada com amor.

– E força.

– E força. Mas, com certeza, nós não conseguiríamos impedir a menina de ser forte, nem se quiséssemos.

Lada levantou os braços, tirou o colar e segurou-o na mão. Em seguida, sacou uma das facas, enrolou o colar no cabo e estendeu ambos os objetos para Radu.

– A herança dela. Não precisa contar para ela a verdade sobre sua origem. Mas quero que ela fique com isso.

Radu pegou-os com reverência, sentindo o peso da alma de Lada na mão.

– Acho que vou esperar alguns anos para dar a faca.

Lada fez um aceno de desprezo.

– Eu tinha uma aos três anos de idade.

– E veja só o que você virou.

Ela deu uma risada e o encarou com um sorriso que transmitia uma sensação de destruição ou de fogo, ou as duas coisas.

– O primeiro a chegar a Tirgoviste decide se vamos ou não matar Matyas.

Lada esporeou o cavalo e, rapidamente, o ultrapassou. Radu a viu se afastar em direção ao seu destino, sabendo que ela sempre seria mais rápida, que chegaria primeiro qualquer que fosse o destino. Ele não queria mais tentar acompanhá-la. Seu sentimento de resignação era ao mesmo tempo melancólico e pacífico.

*Tirgoviste*

LADA CONTINUOU OBSERVANDO durante um bom tempo depois que Radu e sua comitiva desapareceram na estrada. A primavera começava a tomar conta da paisagem, tornando tudo mais suave e verdejante com a nova vegetação. Era uma época de renovação, reconstrução. E eles estavam indo embora.

Era bom que ele estava partindo. Não seria mais necessário fingir felicidade ou tranquilidade quando não sentia nenhuma das duas coisas. E seria bom não tê-lo mais espiando por cima de seu ombro, dizendo quem ela poderia e quem não poderia matar.

Mas Radu fizera um bom trabalho. Melhor do que ela teria feito. Havia tratados assinados com todas as fronteiras que importavam. Os boiardos com quem Radu colaborou pareciam confiáveis, embora fosse preciso vigiá-los de perto. Seu país estava sendo administrado do jeito que ela queria. Com ordem. Com mão firme. Com justiça. O ritmo da mudança era mais lento que o ideal, mas ela torcia para que a promessa de Radu se concretizasse, de que era como uma árvore criando raízes profundas.

Lada foi até a sala do trono e sentou-se, olhando para o local que seu pai ocupara antes dela. E também os príncipes Danesti.

O trono era uma sentença de morte. Lada não era boba. Em algum momento, ele a mataria, como fizera com todos os anteriores a ela. Todos, menos Radu cel Frumos, o príncipe que abdicara. Que escolhera a vida e o amor em vez do país.

Lada não abdicaria.

Houve um tempo em que sentara-se ali com amigos ao seu redor. Agora, mais do que nunca, estava sozinha.

Ela escavara a montanha para descobrir o desejo do próprio coração e descobriu que o local também tinha um, no fim das contas: um pulsar que atraía aqueles que não sabiam parar, que não aceitavam o que o mundo oferecia, que não se curvavam.

Lada batucou com os dedos nos braços do trono, olhando para a

sala vazia. Ela não era idiota a ponto de achar que os homens iam parar de tentar tomá-lo. Eles sempre estariam lá, à espera de uma fraqueza, à espera de um fracasso. Queriam o que era seu exatamente por ser *seu*. E, um dia, alguém acabaria derrotando-a. Mas, até isso acontecer, ela lutaria com unhas e dentes, com o fogo e o sangue que a tornaram quem era.

Ela era dragão.

Ela era príncipe.

Ela era mulher.

E o último era o que causava mais medo. Ela sorriu, batucando com os dedos no trono, seguindo a batida de seu coração.

– Meu – ela disse.

Seu. E apenas seu.



Três anos depois, nos arredores de Amásia

RADU TERMINOU DE rezar e sentou-se sobre os calcanhares, apreciando a tranquilidade toda peculiar do local. Um baque e uma risada lhe provocaram um sobressalto. Ele se alongou, olhando para as cartas que o esperavam sobre a escrivaninha. Em sua maior parte, assuntos regionais – disputas menores, questões tributárias e as coisinhas do cotidiano que lhe possibilitavam exercer seu cargo de beicomo com tranquilidade.

Mas havia uma de Mara Brankovic. Ele a carregou consigo para seu jardim deslumbrantemente colorido, onde Oana estava servindo um piquenique da tarde, enquanto Fatima costurava à sombra. Nazira estava sentada no velho balanço que antes ficava pendurado na propriedade de Kumal. Eles o haviam trazido consigo. E mantinham Kumal consigo em espírito, de todas as formas possíveis.

– É de Mara – Radu falou, entregando a carta a Nazira.

Nazira leu, sacudindo a cabeça com um sorriso.

– Mara diz que Urbana está com saudades.

– Ela deve saber que só pode ser mentira.

– Acho que ela só faz isso para se divertir. E agradece por termos mandado os pêsames quando a mãe dela morreu. As fronteiras orientais de Mehmed estão dando trabalho, por isso, ela não tem passado muito tempo na capital ultimamente. Ah, sim, e aqui está o verdadeiro motivo para a carta, e ela só levou três páginas para chegar ao assunto: Mara quer saber se você se incomodaria em cobrar os pagamentos de impostos de Lada. “Essas coisas são bem menos desagradáveis quando vêm de alguém da família.” – Nazira deu risada.

– Ela está tentando delegar suas funções.

Radu sentou-se no chão, espiando por cima do ombro de Fatima a túnica que ela costurava.

– Que linda.

Ela sorriu, satisfeita.

– É para Theodora.

- Então vai continuar linda por três minutos depois que ela vestir.
- O sorriso de Fatima se alargou de orgulho. Ela acariciou o tecido.
- Pois é.

Com um rugido, Cipriano apareceu no jardim, com Theodora nos ombros. Ele circulou a árvore três vezes e desabou sobre a grama. Theodora pulou na barriga dele, aos risos, mas Cipriano se fingiu de morto.

Fechando a cara, a menina voltou para dentro de casa, com os cabelos pretos e compridos já libertos das tranças que Fatima fizera com tanto cuidado naquela mesma manhã.

Radu se deitou, apoiando a cabeça no peito de Cipriano. O dia estava quente e bonito. Era a melhor estação do ano. À noite, ele responderia para Mara e escreveria seu relatório para Mehmed tratando da região da qual era bei. Mas aquela tarde?

Aquela tarde era para ser feliz.

Oana serviu a comida, resmungando que não conseguia encontrar os ingredientes certos por lá. Ela se adaptara bem à nova vida, mas se recusava a aprender a falar turco. E, em todo caso, era bom para Theodora aprender valáquio. Parecia correto.

– Theodora! – Oana gritou. – Hora de comer.

Radu sentou-se, passando a comida para os demais e ouvindo Nazira fazer planos de visitarem Bursa para ver o mar. Algum dia eles fariam a peregrinação a Meca, mas isso poderia esperar até que Theodora tivesse idade. Também visitariam o Chipre para conhecer a terra de onde vinha a mãe de Cipriano. Mas Bursa era o suficiente por ora.

– Desde que eu não tenha que viajar em barcos – Radu comentou.

– Por coincidência, Cipriano e eu já tivemos nossa cota de viagens de barco pela vida inteira – Nazira respondeu.

– E de ilhas desertas – Cipriano complementou aos risos, entrelaçando os dedos com os de Radu.

Era uma coisa que nunca deixava de lhe parecer um milagre.

– Eu tive que lutar contra uma montanha – Theodora falou, jogando-se no meio da toalha e derrubando várias tigelas de comida. – Foi uma loucura. Eu gritei com ela, que tinha fogo nos olhos. Mas, aí, saquei a minha faca. – Ela brandiu uma faca na mãozinha ainda de bebê.

Radu tirou-a da menina.

– Como é que ela sempre consegue encontrar as facas? – Nazira perguntou, franzindo a testa, colocando Theodora no colo e mexendo nos cabelos da menina, que esfregou o rosto em Nazira, estendeu a mão e deu um tapinha no rosto dela.

Radu sabia que deveria ficar irritado, mas não conseguiu segurar o riso.



Mais tarde, naquele mesmo dia, enquanto punha Theodora na cama, Radu enfiou a mão debaixo do travesseiro dela e pegou a faca escondida lá.

Ela fez beicinho. Ele a beijou na testa.

– Vou guardar para quando você for mais velha. E, se tiver que enfrentar uma montanha, vá me chamar. Eu posso lutar ao seu lado.

O corpinho de três anos de idade da menina não era capaz de segurar a raiva nem o sono por muito tempo. Radu continuou lá por horas depois de ela ter adormecido, acariciando aquele rostinho. A combinação entre Lada e Mehmed amenizara as feições dos dois. Os lábios cheios de Mehmed e os olhos grandes de Lada. Os cílios escuros de Mehmed e o nariz curvado de Lada.

Radu amava muito os dois, mas isso não bastara para mantê-los consigo. Mas uma coisa ele poderia garantir: aquela criaturinha que os dois fizeram teria todo o amor do mundo.

– Seja forte – ele murmurou. – Seja gentil. Seja otimista. – Ele se inclinou e a beijou na testa. – E seja feroz.

EPÍLOGO



Mosteiro da ilha de Snagov, dezessete anos depois

RADU VIU O barco que se aproximava ficar cada vez maior. Sentiu-se grato por ter chegado primeiro, para não pisar na costa vomitando em um reencontro após dez anos.

Theodora se remexia ao seu lado, ansiosa. Usava roupas apropriadas para viagem, mas com a costura de excelência de Fatima e o bom gosto para as cores de Nazira. Como sempre, levava suas facas. A favorita era a que herdara de Lada.

Theodora não era elegante, mas era forte e inegavelmente charmosa. Tinha absorvido o otimismo inteligente de Nazira, a gentileza de Fatima e, infelizmente, o senso de humor de Cipriano. Aos vinte anos de idade, continuava a ser o centro da vida de todos, irradiando luz própria. Radu sentia-se grato por ela ter feito questão de acompanhá-lo. Fazer aquela viagem sozinho despertaria muitos fantasmas. Theodora era tão impetuosa e agradável que não deixava espaço para a melancolia.

E também era impaciente. Eles estavam esperando fazia quase uma hora. Quando Mehmed desembarcou, acompanhado de toda uma comitiva, Theodora pôs no rosto uma expressão mais aceitável. Não de recato, de forma nenhuma, mas, pelo menos, era respeitável.

Mehmed não parecia nem um pouco abalado pela viagem. Radu sorriu, mas não correu para cumprimentar o velho amigo como faria tempos antes. Os anos passados tinham maltratado Mehmed. Ele estava pesado, e caminhava com um manquejar pronunciado. Uma barba cheia escondia as rugas do rosto, mas o olhar continuava agudo e inteligente como sempre.

Mehmed fez um gesto para afastar os guardas.

– E o carregador de banquinho? – Radu perguntou com um sorriso, incapaz de se segurar.

Mehmed emitiu um ruído que poderia se passar por uma risada.

– Ele participou de um complô de assassinato. Tive que mandar executá-lo.

– Sêrio? – Radu perguntou, horrorizado.

A expressão de Mehmed se abriu num sorriso malicioso, que o fez parecer ter quinze anos de novo, não quarenta.

– Não.

Radu deu uma risada, sacudindo a cabeça.

– Você se lembra da minha filha, Theodora?

Mehmed abriu um sorriso afetuoso para ela.

– As conversas sobre sua beleza já chegaram até Constantinopla. Fico feliz em revê-la. Da última vez, você era bem menor que eu.

Radu sentiu uma preocupação repentina. Era impossível olhar para ela sem ver Lada e Mehmed estampados. Mas, se seu amigo desconfiava de alguma coisa, não disse nada. Deu um tapinha na mão de Theodora e lhe passou um saquinho de pano que parecia conter moedas pesadas.

– Por todos os aniversários que eu perdi, pequenina – ele falou.

Os olhos de Theodora se estreitaram.

– Obrigada.

– Gostaria que o nosso reencontro acontecesse em circunstâncias mais felizes – Mehmed comentou. – Mas Lada não era muito boa em criar circunstâncias felizes.

Theodora olhou para Radu.

– Eu queria tê-la conhecido pessoalmente, não só por histórias. – Em seguida, ela abriu um sorriso, com um toque de crueldade. – Apesar de que as histórias são muito boas. Lada Tepes, a Dama Empaladora. Ninguém que eu conheço tem uma tia tão incrível.

Mehmed e Radu riram, mas com certo constrangimento. As piores histórias, Theodora não conhecia. Inclusive a de como sua tia matara o tio que ela também não conhecera.

– Vou deixar vocês a sós um pouco, antes de ir prestar meu respeito. – Ela baixou a cabeça. O pingente de prata que ela sempre usava no pescoço se projetou para a frente. Mehmed olhou para o objeto como se estivesse vendo um fantasma. Ele se virou para Radu, que não esboçou nenhuma reação.

– Obrigado – disse Radu. – Não vamos demorar.

– Claro. – Ela se virou, abriu os braços e respirou fundo. – Podem demorar o quanto quiserem. Tem um ar especial aqui. Gosto da sensação de estar na Valáquia, uma coisa afetuosa e acolhedora. Como uma mãe, sabe? – Theodora foi se afastando pelo caminho com passos firmes e confiantes. Não pisava duro e de forma ameaçadora como Lada, mas se comportava como se fosse dona de todo lugar a que ia.

Radu encarou o motivo de sua viagem até lá com uma pontada de dor mais forte do que antes. Eles foram caminhando lentamente para a

igreja.

Mehmed ainda estava com a testa franzida.

– Theodora não é filha de Nazira, né?

Radu se limitou a soltar um suspiro.

– Eu bem que desconfiei. Por anos. Mas, agora, vendo o jeito como ela estreitou os olhos de irritação ao receber meu presente paternalista! Eu mal conseguia respirar. Foi como olhar para o passado. Entendi por que vem evitando a capital por todos esses anos. Para mantê-la longe.

Radu deteve o passo, levando a mão à porta.

– Ela é minha filha.

O sorriso de Mehmed era ao mesmo tempo gentil e triste.

– Fico feliz por isso. Seria bom se todo mundo pudesse ter um pai como você.

A vida adulta de Mehmed tinha sido tumultuada, repleta de tragédias e violência, inclusive dentro de sua própria família. Ele se virou a fim de olhar para os jardins, aparentemente indisposto a entrar. Radu compreendia o motivo.

– E Nazira, como vai?

– Está bem. Não anda com a visão muito boa, mas lida com o problema com elegância.

Eles passavam a maior parte do tempo em casa agora, mas Fatima não se importava. Afinal de contas, o único lugar que gostariam de estar era onde todos estivessem.

– E Cipriano?

Radu sentiu um aperto no coração. Detestava ficar longe dele, mesmo depois de tantos anos.

– Finalmente, fizemos a viagem para o Chipre, dois anos atrás. Foi ótimo. Mas acho que nosso tempo de viajar já passou. Ele tem problemas nos tornozelos, por causa dos ferimentos antigos.

– Eu pensei em mandar prendê-lo, sabia?

– Quê?

Mehmed se recostou na porta, passando a mão pelas pedras como se admirasse o trabalho de construção. Radu percebeu que os dedos dele tracejavam o nome entalhado ali. Lada Dracul, a patrona daquela igreja.

Mehmed sorriu, e o amigo de infância de Radu mais uma vez apareceu em meio à barba e às rugas.

– Ah, muitos anos atrás. Mas eu só ia manter Cipriano como prisioneiro político. Só para ele ficar na capital e obrigar você a voltar.

– Você e a minha irmã sempre tiveram um jeito estranho de mostrar seu afeto. Ela costumava me bater e me deixar apanhar dos

outros. Você pensou em sequestrar meus entes queridos para passar mais tempo comigo.

Mehmed sorriu, mas, dessa vez, com uma expressão tensa.

– Não é mais a mesma coisa desde que foi embora. Nunca existiu ninguém como você.

– Ou como ela.

O sofrimento ficou estampado no rosto de Mehmed.

– Ou como ela. O que, provavelmente, é melhor. – O olhar dele se tornou mais distante e melancólico. – Ela teria sido minha imperatriz. Imagina, uma mulher com a ambição dela...

– Ela conseguiu exatamente o que queria.

Mehmed puxou a barba grossa.

– Conseguiu mesmo.

E, no fim, aconteceu exatamente o que Radu previa.

– De quem era a cabeça? – Radu quis saber. – A que você levou para a capital e exibiu na muralha? Eu fiquei pensando.

– Não faço ideia. Mas não importa. Uma cabeça decepada é uma cabeça decepada.

Mehmed lutava em campos de batalha desde os doze anos de idade. Radu não pensava a mesma coisa sobre cabeças decepadas, mas os dois tinham levado vidas bem diferentes nos vinte anos anteriores.

Por fim, sem mais motivos para adiar o motivo da visita, eles entraram na capela, em meio a sentinelas de estátuas de santos e pinturas elaboradas narrando histórias da Bíblia. Radu notou que as cenas retratadas eram especialmente violentas, o que fazia sentido, por se tratar de uma capela paga por Lada.

Um monge apareceu, inclinando a cabeça. Ele os conduziu para um local onde havia pedras mais novas no piso. Uma pequena marcação no alto de uma delas dizia apenas “príncipe”.

– Sem nome? – questionou Mehmed.

– Fiquei com medo de que alguém quisesse profaná-la – Radu falou. Mesmo depois de morta, Lada tinha muitos inimigos. Os dois observaram em silêncio o local onde sua irmã repousava, sepultada para sempre.

– Foram seus homens? – Radu perguntou.

Não havia tom de acusação em sua voz, apenas curiosidade. Lada fora morta enquanto estava à espera de Mehmed e de seu exército em campo aberto, no primeiro conflito direto entre os dois desde aqueles dias terríveis nos arredores de Tirgoviste.

Mehmed sacudiu negativamente a cabeça.

– Tentei descobrir quem foi. Alguns acham que foi Matyas que mandou um assassino. A maioria acha que foi um dos próprios

soldados dela. Ninguém sabe ao certo.

– E o golpe fatal?

– Uma facada nas costas. Trouxeram o corpo para mim no campo de batalha. Acho que esperavam uma recompensa. – Mehmed se remexeu, com uma expressão envergonhada. – Matei os pobres-diabos no ato. Foi uma bobagem, considerando que eu também estava lá para acabar com ela.

Radu pôs a mão no ombro de Mehmed.

– Obrigado por mandar o corpo dela para cá.

Mehmed assentiu e se colocou de joelhos, apoiando a mão sobre as pedras que cobriam o corpo de Lada.

– Mesmo depois de tantos anos, não consigo acreditar que ela se foi.

– Já eu não consigo acreditar que ela continuou viva por tanto tempo. – Radu ajoelhou-se ao lado de Mehmed. – Mas você tem razão. Não me parece certo estar na Valáquia agora que ela não está mais aqui.

– Ela foi uma príncipe forte.

Forte, terrível e justa.

– Acho que o nome Dracul não vai ser esquecido tão cedo.

– Lamento muito pela forma como as coisas terminaram entre nós. Entre nós três. Gostaria que as coisas tivessem sido diferentes. Que tivéssemos continuado juntos.

Houve um tempo em que Radu não desejava nada além disso. Porém, sua vida feliz já tinha amenizado as dores do passado. Em vez de sofridas, suas lembranças eram um pouco como o pingente de prata de Lada: sob uma superfície sólida, eram preenchidas com a poeira de uma história cheia de amor.

– Vocês dois nunca tiveram outra escolha que não fosse liderar e conquistar.

– E você?

Radu sorriu, beijando a mão dele e pousando os dedos sobre as pedras. Ele desejava muito menos que os dois, porém, ao mesmo tempo, muito mais. Eles escolheram caminhos difíceis e solitários, cheios de sangue e de luta.

– Eu vou voltar para casa, para minha família.

Radu fez questão de se levantar, mas, pensando melhor, sacou uma faca e, caprichosamente, fez duas adições à pedra que marcava o túmulo de Lada.

dragão

Não era preciso mais nada.

DRAMATIS PERSONAE



Família Draculesti, da nobreza valáquia

Lada Dracul: príncipe da Valáquia

Radu Bei: também conhecido como Radu Dracul e Radu cel Frumos, conselheiro do sultão Mehmed

Vlad Dracul: falecido pai de Lada, Radu e Mircea

Vassilissa: mãe de Lada e Radu, princesa da Moldávia

Mircea: filho mais velho de Vlad Dracul com sua primeira esposa, já falecida

Figuras locais e da corte da Valáquia

Oana: mãe de Bogdan, ama de Lada e Radu na infância destes e, mais tarde, ajudante de Lada

Bogdan: melhor amigo de Lada na infância

Andrei: boiardo da família rival Danesti, filho do príncipe anterior

Aron: irmão de Andrei, reclamante do trono da Valáquia

Danesti: família rival pelo trono da Valáquia

Daciana: esposa de Stefan, amiga e colaboradora de Lada

Lucien Basarab: boiardo da família Basarab

Galesh Basarab: aliado de Lada, encarregado de um contingente de soldados

Figuras da corte otomana

Mehmed: o sultão otomano

Murad: o falecido pai de Mehmed

Mara Brankovic: viúva de Murad, membro da realeza sérvia e conselheira de Mehmed

Halil Vizir: antes, Halil Paxá, executado por traição

Kumal: um paxá devoto do círculo mais próximo de Mehmed, irmão de Nazira, cunhado e amigo de Radu

Nazira: esposa de Radu apenas nas aparências, irmã de Kumal

Fatima: aia de Nazira apenas nas aparências

Cipriano: sobrinho do imperador Constantino, desaparecido depois de fugir de Constantinopla

Valentim: criado de Cipriano, desaparecido depois de fugir de Constantinopla

Mesih: sobrinho e herdeiro do imperador Constantino, rebatizado

e incorporado à corte otomana

Murad: sobrinho e herdeiro do imperador Constantino, rebatizado em homenagem ao pai de Mehmed e incorporado à corte otomana

Ishak Paxá: um poderoso paxá em posição de comando militar

Mahmoud Paxá: um poderoso paxá em posição de comando militar

Ali Bei: líder das tropas dos janízaros

Kiril: janízaro sob as ordens de Radu, comandante de quatro mil soldados de cavalaria

Urbana da Transilvânia: especialista em canhões e peças de artilharia

Círculo militar mais próximo de Lada Dracul

Matei: morto

Nicolae: o amigo mais próximo de Lada

Petru: morto

Stefan: o melhor espião de Lada

Grigore: soldado valáquio sob o comando de Lada

Doru: soldado valáquio sob o comando de Lada

Aliados de Lada

Matyas Corvino: rei da Hungria

Estêvão: rei da Moldávia, primo de Lada

GLOSSÁRIO



bei: governante de uma província otomana

boiardo: membro da nobreza valáquia

concubina: mulher que pertence ao sultão e que pode produzir herdeiros legítimos, mas não é sua esposa

dracul: dragão, demônio

Estado vassalo: país com permissão para se autogovernar, mas sujeito ao Império Otomano, a quem paga tributos em forma de dinheiro e escravos para o exército

Hagia Sophia: basílica em homenagem a Santa Sofia construída no auge do período bizantino; a joia do mundo cristão

harém: grupo de esposas, concubinas e criadas que pertencem ao sultão

infiel: termo usado para designar qualquer um que não pratica a religião de quem usa a palavra

janízaro: membro de uma força de elite de paramilitares profissionais, retirado quando menino de outro país, convertido ao islã, educado e treinado para ser leal ao sultão

Moldávia: país vizinho à Valáquia e aliado a ela

Ordem do Dragão: ordem de cruzados nomeada pelo papa

paxá: nobre do Império Otomano nomeado pelo sultão

sipahi: comandante militar de soldados otomanos locais convocados durante as guerras

Transilvânia: pequeno país na fronteira da Valáquia e da Hungria, onde ficam as cidades de Brasov e Sibiu

voivoda: príncipe guerreiro

Valáquia: Estado vassalo do Império Otomano, fronteiro com a Transilvânia, a Hungria e a Moldávia

NOTA DA AUTORA



Favor consultar a Nota da Autora de *Filha das trevas* para mais informações sobre fontes para estudos aprofundados sobre as vidas fascinantes de Vlad Tepes, Mehmed II e Radu cel Frumos. Ao fim e ao cabo, esta série é uma obra de ficção. Tentei incorporar o máximo de fatos históricos da forma mais respeitosa possível, e recomendo a qualquer um que teve sua curiosidade instigada que pesquise mais sobre essa época e essa região.

Os personagens desta série lidam com a religião, mais especificamente com o islamismo, de formas variadas. Tenho absoluto respeito pela riquíssima história e pelo belo legado dessa doutrina de paz. As opiniões dos personagens sobre as complexidades da fé, seja muçulmana ou cristã, não refletem necessariamente as minhas.

As grafias das palavras em diferentes línguas foram se transformando com o tempo, assim como os nomes de pessoas e lugares. Quaisquer erros ou inconsistências são de responsabilidade minha.

AGRADECIMENTOS



Normalmente, guardo o melhor para o final, mas aqui, no último livro, vou agradecer ao melhor primeiro: Noah, você é a melhor pessoa que conheço, e tenho muita sorte por compartilharmos uma vida juntos. Estes livros não existiriam sem você.

Obrigada a Michelle Wolfson, minha agente sabida e cheia de ideias. Nunca quero fazer esse trabalho sem você. Pode parecer ameaçador, já que passamos centenas de páginas acompanhando Lada... mas é para ser *muito* ameaçador. Nunca deixe de ser minha agente.

Meu agradecimento a Wendy Loggia, minha incrível editora, que cuidou desta trilogia desde o início. Seu entusiasmo a cada etapa me ajudou demais. É uma alegria trabalhar com você, e espero que façamos muitos livros juntas.

Obrigada a Beverly Horowitz e a Audrey Ingerson da Delacorte Press pelas orientações sobre o mercado editorial e sobre a carreira de escritora. A minhas valentes copidesques, Colleen Fellingham e Heather Lockwood Hughes. Tivemos nossas dificuldades, eu sei, mas vou cometer os mesmos erros no próximo livro, e fico contente por contar com vocês para corrigi-los. Para as equipes da First In Line e da Get Underlined, agradeço por encontrar novas e animadoras maneiras de atrair leitores para que eu, em vez de fazer isso, possa ficar sentada no meu sofá pesquisando sobre o século XV. A Aisha Cloud, prometo nunca mais comer na IHOP enquanto você continuar sendo minha queridíssima assessora de imprensa. Agradeço a John Adamo, a Adrienne Waintraub e a todo mundo do marketing por executar planos tão brilhantes e mandar nossos dragões para tantos leitores. E a Felicia Frazier e à equipe de vendas pelo apoio tão apaixonado e inabalável.

As incríveis capas da série foram pintadas por Sam Weber e superaram meus sonhos mais delirantes. Isaac Stewart, obrigada pelos ótimos mapas, e Alison Impey, pelo belo trabalho de design.

Barbara Marcus e todo o pessoal da Delacorte Press e da Random House Children's Book, existe uma razão para vocês serem a editora dos meus sonhos. É um tremendo privilégio fazer livros com vocês.

Agradeço à divisão internacional da Penguin Random House e a Ruth Knowles por cuidar de Lada no Reino Unido e na Austrália. Gostaria de poder visitá-la algum dia.

Como sempre, a seção de agradecimentos não estaria completa sem as minhas duas melhores amigas escritoras. Natalie Whipple, você sempre está disponível para me ajudar, mesmo quando está atolada até o pescoço com seus próprios problemas. Se eu fosse Lada, com certeza escolheria você para o meu círculo mais próximo. (Mas isso provavelmente significaria a sua morte; então, vamos fingir que sou Radu.) Stephanie Perkins, você torna tudo melhor – meus livros e minha vida. Tenho muita sorte por você ser minha amiga.

Agradeço aos meus três lindos filhos pela paciência e pelo incentivo. A pergunta diária “Você já está toda enrolada?” realmente ajudou muito. (Mas, falando sério, vocês são ótimos, incríveis e criativamente inspiradores.)

Por fim, os meus leitores. Vocês percorreram um longo caminho com Lada e Radu. Obrigada por abraçarem essa minha família ficcional, por provar que, para os leitores de literatura para jovens adultos, não existe ideia esquisita demais, nem menina bruta demais, nem menino delicado demais. Vocês vão mudar o mundo, e estou ansiosa para ver como vão se sair.

Sua opinião é muito importante

Mande um e-mail para opinioao@vreditoras.com.br
com o título deste livro no campo “Assunto”.

1ª edição, fev. 2019

FONTE Centaur MT Regular 13,5/17pt

PAPEL Polen Bold 70g/m²

IMPRESSÃO Gráfica Santa Marta

LOTE SM309694

FERNANDA NIA

MENSAGEIRA

da



Sorte

PLATA
FORMA 3

Mensageira da sorte

Nia, Fernanda

9788592783839

426 páginas

[Compre agora e leia](#)

A SORTE É IMPREVISÍVEL ♦ Em pleno Carnaval carioca, durante uma confusão em um protesto contra a AlCorp, Sam passa a ser uma mensageira temporária no Departamento de Correção de Sorte, uma organização extranatural secreta incumbida de nivelar o azar na vida das pessoas. Para manter esse equilíbrio, os mensageiros devem distribuir presságios de sorte para alguns escolhidos. E o primeiro "cliente" de Sam é justamente o seu novo vizinho e colega de classe, Leandro. O garoto é um youtuber em ascensão e a ajuda dela, na forma de uma mensagem sobre nada menos que paçoca, o impulsiona a fazer um vídeo que o levará para o auge da fama. O que Sam não sabe é que Leandro também é engajado nos protestos contra a corrupção da AlCorp, sem se preocupar com os riscos que possa correr ou com as chances que tem dado ao azar, e a garota se vê obrigada a usar a sorte do Destino para protegê-lo. Perdida entre seus sentimentos por Leandro e a culpa pela morte de seu pai, Sam começa a compreender a linha tênue entre o livre-arbítrio e o acaso. Com uma boa dose de sarcasmo, ela embarca na dura jornada para desmascarar o que está deteriorando o sistema da Justiça, tanto a natural quanto a extranatural. Em meio a uma rede de intriga, corrupção e poder, a mensageira da sorte precisará fazer as pazes com o passado e lutar até o fim para que a balança do Destino se equilibre outra vez. ♦ "Em Mensageira da sorte, Fernanda Nia mescla seu senso de humor característico com uma sensibilidade ímpar, criando uma história maravilhosa sobre a busca do equilíbrio em meio ao caos." – Bárbara Morais, autora da trilogia Anômalos "Ação e suspense habilmente costurados no humor que flutua entre o leve, o firme e o crítico, resultado de toda a experiência da autora com quadrinhos e outras narrativas. Na sua estreia como autora de romances, Fernanda Nia se torna a mensageira necessária de um excelente presságio, e chega para somar na fantástica cena brasileira que não se esquece de suas raízes e do momento em que vivemos." – Felipe Castilho, autor de Ordem Vermelha e da série O Legado Folclórico

[Compre agora e leia](#)

GAROTAS DE NEVE E VIDRO



MELISSA BASHARDOUST

PLATA
FORMA 3

Garotas de neve e vidro

Bashardoust, Melissa

9788592783655

424 páginas

[Compre agora e leia](#)

Mina é filha de um mago cruel e sua mãe está morta. Aos dezesseis anos, seu coração nunca bateu apaixonado por ninguém – na verdade, ele jamais bateu de forma alguma, e Mina sempre achou esse silêncio normal. Ela nunca suspeitou que o pai arrancara seu coração e, no lugar, colocara um coração de vidro. Então, quando Mina chega ao castelo de Primavera Branca e vê o rei pela primeira vez, ela cria um plano: ganhar o coração dele, tornar-se rainha e finalmente conhecer o amor. A única desvantagem desse plano, ao que tudo indica, é que ela se tornará madrasta. Lynet tem quinze anos e é a imagem de sua falecida mãe. Um dia, ela descobre a verdadeira razão disso: a partir da neve, um mago a criou à semelhança da rainha morta. Mas, apesar de ser a projeção visual perfeita da falecida rainha, Lynet preferiria ser forte e majestosa como sua madrasta, Mina. E Lynet realiza seu desejo quando o pai a torna rainha dos territórios do sul, tomando assim o lugar de Mina. A madrasta, então, começa a olhar para a enteada com algo que se assemelha ao ódio, e Lynet precisa decidir o que fazer – e quem quer ser – para ter de volta a única mãe que de fato conheceu... ou simplesmente vencer Mina de uma vez por todas. Garotas de neve e vidro traça a relação de duas mulheres fadadas a serem rivais desde o princípio – a não ser que redescubram a si mesmas e deem novo significado à história que lhes foi imposta. Este aclamado conto feminista do clássico Branca de Neve nos leva a um mundo singelo e, ao mesmo tempo, maravilhoso – como nos contos de fadas. Uma releitura contemporânea para mantê-lo sempre atual e presente. "Esplêndido." – AMERICAN LIBRARY ASSOCIATION – Starred Review "Arrebatadora adaptação feminista do clássico Branca de Neve num tratamento sombrio e fantástico." – KIRKUS – Starred Review "Reconto empoderador com protagonistas complexas. Inovador e atual – altamente recomendado." – SCHOOL LIBRARY JOURNAL – Starred Review "A autora reflete sobre instituições estabelecidas, identidades, individualidades, amor e livre arbítrio." – PUBLISHERS WEEKLY "Uma narrativa sofisticada que une magia, relações entre mãe e filha, além de mulheres gloriosamente poderosas buscando triunfo num mundo estritamente patriarcal." — TRACI CHEE, best-seller do New York Times e autora da série Mar de Tinta e Ouro.

[Compre agora e leia](#)

*O cara
dos meus sonhos*
(OU QUASE)

Jenn Bennett

PLATA 2
FORMA 3

O cara dos meus sonhos (ou quase)

Bennett, Jenn

9788592783464

464 páginas

[Compre agora e leia](#)

E se você tivesse que atravessar o país para descobrir um grande amor? A cinéfila Bailey "Zibelina" Rydell troca mensagens com um nerd carismático igualmente apaixonado por filmes – Alex, seu crush virtual. Eles viviam separados por mais de mil quilômetros, até Bailey se mudar para a casa do pai na Califórnia – mais precisamente, para a mesma cidade de Alex. Insegura e temendo que o Alex da vida real seja muito diferente de suas idealizações, Bailey não conta a ele que estão na mesma cidade. Ou que conseguiu um trabalho num museu "caçatouristas" local. Ou que ela está, pouco a pouco, sendo fisgada por um rapaz irritantemente atraente que trabalha no lugar – Porter Roth, cujo berço é uma lendária família de surfistas. Só que a vida é muito mais complicada que qualquer filme, principalmente quando Bailey percebe a estreita fronteira entre ódio, amor ou seja lá o que está sentindo por Porter. Além disso, descobrir a verdadeira identidade de Alex mostra-se uma tarefa mais difícil do que ela imaginava. Assim, conforme o verão passa, Bailey precisa decidir se permanece apegada a suas projeções de um Alex que ela nem sabe se existe ou se arrisca uma relação com Porter. Afinal, o cara dos seus sonhos não pode ficar só no mundo virtual.

[Compre agora e leia](#)

BRIGID KEMMERER

A stylized flower made of newspaper clippings, with the petals and leaves formed by folded and layered pieces of old newspaper. The text on the newspaper is visible and includes phrases like "Há sangue por", "para dela por", "que não me sei", "vestido floral", "estando no ca", "no meio da", "no estado", "para que", "que não me sei", "vestido floral", "estando no ca", "no meio da", "no estado", "para que".

AOS
PERDIDOS,
COM
AMOR

CARTAS,
SEGREDOS E UM ENCONTRO
ARREBATADOR

PLATA
FORMA 3

Aos perdidos, com amor

Kemmerer, Brigid

9788592783372

452 páginas

[Compre agora e leia](#)

Juliet Young sempre escreveu cartas para sua mãe. Mesmo depois da morte dela, continua escrevendo – e as deixa no cemitério. É a única coisa que tem ajudado a jovem a não se perder de si mesma. Já Declan Murphy é o típico rebelde. O cara da escola de quem sempre desconfiam que fará algo errado, ou até ilegal. O que poucos sabem é que, apesar da aparência durona, ele se sente perdido. Enquanto cumpre pena prestando serviço comunitário no cemitério local, vive assombrado por fantasmas do passado. Um dia, Declan encontra uma carta anônima em um túmulo e reconhece a dor presente nela. Assim, começa a se corresponder com uma desconhecida... exceto por um detalhe: Juliet e Declan não são completos desconhecidos um do outro. Eles estudam na mesma escola, porém são tão diferentes que sempre se repeliram. E agora, sem saber, trocam os segredos mais íntimos. Mas, aos poucos, a vida real começa a interferir no universo particular das confidências. E isso pode separá-los ou uni-los para sempre. Entre cartas, e-mails e relatos, Brigid Kemmerer constrói uma trama intensa, repleta de descobertas e narrada sob o ponto de vista dos dois personagens. Uma história de amor moderna de arrebatá-lo o coração.

[Compre agora e leia](#)

NEVERNIGHT

A SOMBRA DO CORVO

V.1 DAS CRÔNICAS DA QUASINOITE

JAY KRISTOFF

AUTOR BEST-SELLER DO NEW YORK TIMES

PLATA
FORMA 3

Nevernight

Kristoff, Jay

9788592783259

608 páginas

[Compre agora e leia](#)

Há histórias sobre Mia Corvere, nem todas verdadeiras. Alguns a chamam de Moça Branca. Ou a Faz-Rei. Ou o Corvo. A matadora de matadores. Mas, uma coisa é certa, você deveria temê-la. Quando ela era criança, Darius Corvere – seu pai – foi acusado de insurreição contra a República de Itreya. Mia estava presente quando o carrasco puxou a alavanca, viu o rosto do pai se arroxendo e seus pés dançando à procura do chão, enquanto os cidadãos de Godsgrave gritavam "traidor, traidor, traidor"... No mesmo dia, viu a mãe e o irmão caçula serem presos em nome de Aa, o Deus da Luz. E, embora os três sóis daquela terra não permitam que anoiteça por completo, uma escuridão digna de trevas tomou conta da menina. As sombras nunca mais a largaram. Mia, agora com dezesseis anos, não se esqueceu daqueles que destruíram sua família. Deseja tirar a vida de todos eles. É por isso que ela quer se tornar uma serva da Igreja Vermelha – o mais mortal rebanho de assassinos de toda a República. O treinamento será árduo. Os professores não terão misericórdia. Não há espaço para amor ou amizade. Seus colegas e as provas poderão matá-la. Mas, se sobreviver até a iniciação, se for escolhida por Nossa Senhora do Bendito Assassinato... O maior massacre do qual se terá notícia poderá acontecer. Mia vai se vingar.

[Compre agora e leia](#)